

HERVACY BRITO

**BALÃO MÁGICO: MOVIMENTO ESTUDANTIL E A FORMAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
SOCIAL NA UFES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação na área de concentração História, Cultura, Sociedade e Políticas Educacionais.

Orientadora: Profª Drª Maria Elizabeth Barros de Barros

**VITÓRIA
2013**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

HERVACY BRITO

**"BALÃO MÁGICO: MOVIMENTO ESTUDANTIL E A
FORMAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL NA UFES."**

Dissertação apresentada ao Curso
de Mestrado em Educação da
Universidade Federal do Espírito
Santo como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre em
Educação.

Aprovada em 26 de julho de 2013.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo

M. da Conceição da Silva Soares
Professora Doutora Maria Conceição da Silva Soares
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Professor Doutor Carlos Eduardo Ferraço
Universidade Federal do Espírito Santo

Erly Milton Vieira Junior
Professor Doutor Erly Milton Vieira Junior.
Universidade Federal do Espírito Santo

A Maria Luísa, Maria Vitória e João Fábio,

porque fazem meu dia ficar melhor.

A Eliane e Fabiano, pelo incentivo incondicional.

Aos meus amigos do NEPESP, que fazem parte

da jornada de modo intenso;

Aos amigos e família, pelo apoio e confiança.

A Bete Barros, por me conduzir de forma tão gentil e encantadora

pelo mundo de descobertas e reinvenção.

AGRADECIMENTO

Cláudio Rocha, Ernandes Zanon e Ismael, obrigada por ceder de forma tão gentil e sincera seu tempo e também por partilhar memórias de uma época tão preciosa. Reviver com vocês estes tempos felizes me fez muito feliz também. Carminati, além das incontáveis horas conversando, contando, dividindo documentos, reportagens, bebendo café, rindo, pela amizade e carinho... Esta pesquisa é obra coletiva e vocês são autores dela. Meus sinceros agradecimentos. Também aos amigos e profissionais do PPGE, agradeço o empenho, gentileza e o apoio. Em especial, agradeço a Bete Barros, mais que uma orientadora, um atrator caótico.

“Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.

Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.

Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.

- Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.

Ele fez um limpamento em meus receios.

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada...

E se riu.

Você não é de bugre? – ele continuou.

Que sim, eu respondi.

Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas -

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os arituncuns maduros.

Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de gramática.”

Manoel de Barros

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a formação propiciada pela participação no movimento estudantil Balão Mágico da UFES. Por meio de entrevistas, análises de documentos e partindo do conceito de aprendizagem como processo contínuo de invenção de problemas, é possível apontar que o Balão Mágico foi um espaço para o exercício de resistência à modelização homogeneizante imposta pelo Capitalismo Mundial Integrado. Através das pichações, produções de vídeo, dança, teatro, performances e outras intervenções nas instituições da universidade e na cidade de Vitória, o grupo usa ironia como arma de subversão para afirmar outro modo de existência que bifurcava da serialização capitalística. O processo de aprendizagem, que também é processo de produção de subjetividade, constitui-se então em reinvenção de si e de mundo para os sujeitos que participaram do movimento.

Palavras-chave: Movimento estudantil. Ironia. Resistência. Desejo. Aprendizagem inventiva.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the formation provided by the participation in the student movement Balão Mágico – UFES. Through interviews, document reviews and based the concept of learning as a continuous process of invention of problems, you can point the Balão Mágico was a space for resistance homogenizing modeling imposed by Integrated World Capitalism. Through graffiti, video productions, dance, theater, performances and other interventions in the university and in the city of Vitória - ES, the group uses irony as a weapon of subversion to state another way of existence that forked serialization capitalistic. The learning process, which is also the production process of subjectivity, is made up then in reinventing themselves and the world for the subjects who participated in the movement.

Key words: Student movement. Irony. Resistance. Desire. Inventive learning

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Questionário Manifesto (frente).....	95
Figura 2 – Questionário Manifesto (verso).....	96
Figura 3 - Projeto Manifestos.....	139
Figura 4 – Mosquitinho frente.....	143
Figura 5 – Mosquitinho verso.....	144
Figura 6 – Projeto Vitória Cidade Utópica.....	148
Figura 7 – Alto de Natal.....	149
Figura 8 - Manifesto contra a desinformação e a contrainformação (frente) ..	158
Figura 9 - Manifesto contra a desinformação e a contrainformação (verso)...	159
Figura 10 - Carta Aberta DCE e ADUFES	160

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O BALÃO POR ELES	16
2.1 O BALÃO POR CARMINATI	16
2.2 O BALÃO POR CLAUDIO ROCHA	47
2.3 O BALÃO POR ERNANDES	73
2.4 O BALÃO POR ISMAEL	82
3 IRONIA COMO AÇÃO FORMATIVA	95
3.1 O INSTRUMENTO QUESTIONÁRIO MANIFESTO	97
3.2 O MAIS MAL COMPORTADO DOS TROPOS	107
3.3 O MOVIMENTO CONTRA O MOVIMENTO	113
3.4 O ESTIGMA E A TÁTICA DE BUFÃO	117
3.5 AS BORDAS QUE NÃO ENCAIXAM	122
3.6 ARMA DE GUERRA NA SALA DE AULA	124
3.7 IRONIA, RESISTÊNCIA E FORMAÇÃO	128
4 RESISTÊNCIA, DESEJO E REVOLUÇÃO	130
4.1 VOAR, VOAR... RESISTÊNCIA	130
4.2 MICROFACISMO E RESISTÊNCIA	134
4.3 PROJETO MANIFESTOS – DESEJO DE MUDANÇA	140
4.4 DEUS NOS ACUDA	145
4.5 TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA: A CEIA DA FOME E DA REPRESSÃO	150
4.6 UTOPIA NO BALÃO DE VITÓRIA	153
4.7 REVOLUÇÃO PARA ALÉM DO BALÃO	161
4.8 UNIDADE SUBVERSIVA DESEJANTE	165
5 FORMAÇÃO VIA BALÃO	172
5.1 DE FELISDÔNIO: AS COISAS QUE NÃO EXISTEM SÃO MAIS BONITAS	172
5.2 APRENDIZAGEM INVENTIVA E AUTOPOIESE	173
5.3 TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA: DONO DA USINA IMPEDE PICHAÇÃO	179
5.4 PAREDES BRANCAS	182

5.5 TELMA, ATRATOR CAÓTICO.....	186
5.6 BALÃO EM PRODUÇÃO	191
5.7 O ABRAÇO	198
5.8 A EXPERIÊNCIA	201
5.9 CONEXÃO BALÃO	207
6 1994.....	213
7 REFERÊNCIAS	215

1. Introdução

Perigo iminente. Atenção, a menor linha de fuga pode fazer explodir tudo. Vigilância especial aos pequenos grupos perversos propulsando palavras, inventando frases, atitudes suscetíveis de contaminar populações inteiras. Neutralizar, prioritariamente, todos aqueles que poderiam ter acesso a uma antena. Guetos por toda parte – autogeridos, se possível – microgulags por toda parte, até mesmo na família, no casal e inclusive na cabeça, de modo a segurar cada indivíduo, dia e noite. (GUATTARI, p. 56, 1987)

20 de junho de 2013. Pegar o 121 – Linha Jardim Camburi para UFES estava impossível. Mas precisava chegar lá. Tomando outro ônibus que ia pela praia, tive de saltar na orla e caminhar cerca de dois quilômetros até chegar a universidade. Pelo caminho, o cheiro do desejo de mudança, a decisão e a alegria de tê-la tomado no rosto das pessoas. Jovens mães e pais com seus pequenos filhos pela mão, jovens universitários e adolescentes com bandeiras, cara pintada, sorriso no rosto. Senhoras que já tinham ultrapassado os cinqüenta, mas sorriam muito jovens em suas roupas de caminhada e camisa branca acompanhando os outros. Atravessar Jardim da Penha em direção à UFES estava sendo um caminho mágico, sentia que algo especial estava acontecendo. No ar, a vontade de mudar. Pessoas reinventando-se.

Em frente à universidade, vendedores de latas de cerveja, bandeira do Brasil. Parecia até Copa do Mundo. Lembrei do tempo em que freqüentava a Lama, a rua que fica próxima à universidade. Era encontro de malucos, de playboys, de surfistas e também de meninas do interior querendo desbravar o mundo. Lembrava tudo isso, mas estava diferente. As pessoas estavam alegres não só porque era festa (e porque não poderia ser?), mas também porque sentiam que estavam produzindo algo para viver. Sentiam que não estavam sozinhas, mas que havia um coletivo poderoso, desejo potente de mudar e o sentimento de que a hora era agora.

Atravessando os portões e adentrando no campus, gente colorida, festiva e feliz produzindo cartazes, cantando em rodas, fumando “uns” pelos cantos. Palavras de ordem aqui e ali, o clima carregado, plano de afetos de alta densidade se constituindo e emergindo no campus como flores: diversas, múltiplas, singulares.

Policiais tentavam ordenar e restabelecer o fluxo de carros na Av. Fernando Ferrari, mas as pessoas não deixavam. Recusavam se comportar como pelotão em marcha

de 07 de setembro. Desordenadas, rindo, brincando; não paravam de atravessar a pista, ficar para lá e para cá. Nenhum manifestante líder ordenando a interrupção: as pessoas pararam a Avenida porque quiseram; era gente demais para conter. Os carros tiveram de esperar.

Alice, figli di puttana. Todos estes pequeno-burgueses safados, nojentos, todos estes drogados, essas bichas, esses depravados, esses vagabundos, pirados, que querem sujar o coração de nossa bela Emília. (GUATTARI, p. 59, 1987)

Quando entro no CEMUNI V, os alunos do curso de Comunicação em festa. O CEMUNI muito, muito cheio, como ainda não tinha visto. Cantando com violão, fazendo cartazes, uma massa de felicidade. Uma aluna vem correndo: “Professora, a aula hoje é na rua!”.

E quando a multidão começa a deslocar, era como se uma força magnética estivesse em ação: sem ensaio, em desordem-sintonia, foram movendo, tomando a avenida como a onda toma a areia da praia; arrastando, cobrindo, levando. Risos, canto, fala. Gente jovem beijando na boca. Pais com filhos nos ombros, senhoras e jovens rindo e conversando. Nos cartazes, os vários fluxos que compunham o movimento: tinha cartaz ironizando a cura gay e cartaz pedindo a redução da maioria penal. Esta diversidade de ideias, tão criticada pela mídia e pelos especialistas em “como fazer movimento”, era prova que talvez, a maior força deste movimento fosse justamente a falta de liderança, o acentramento: as pessoas estavam ali porque partilhavam desejo de mudança, mas não significa que a mudança que almejavam fosse a mesma para todo mundo. Apesar disso, o sentimento coletivo de que, do jeito que está, não está bom.

- Eu estava deitado na cama.
- Tudo bem, camarada, você estava cansado e tem o direito de descansar...
- Nada disso, eu estava lendo!
- Você tem razão, camarada, você estava lendo para elevar seu nível teórico e para se preparar para novos combates...
- Não sei. Talvez! Eu estava lendo Diabolik... (GUATTARI, p. 58, 1987)

Revolução molecular, acentramento, resistência, micropolítica, formação por meio de movimento social. Concluir esta jornada em meio a um momento histórico, no qual eclodem protestos e passeatas por todos os lados é pura casualidade. Feliz casualidade. A viagem no mundo Balão também provoca intervenção na

pesquisadora e produz novos olhares para estes acontecimentos: não podemos nos divertir no manifesto? O povo do Brasil inteiro saindo para a rua só será válido se as pessoas hierarquizarem o desejo, produzirem burocracia para ter uma pauta única, assim fica mais fácil de atender? Para produzir mudanças o movimento tem, necessariamente, de ter uma voz centralizada, um comando geral? Manifestante tem de ter *modus operandi* padrão para ser ouvido? Rir e ser feliz no protesto vai desvalorizar a pauta?

Ouvir as histórias do Balão, ler nos jornais da época e ter acesso a alguns documentos foram ações tomadas para compor um plano de experiência onde nada e ninguém está dado previamente: os entrevistados, ao revisar suas memórias, compô-las com suas lembranças e com o que a memória coletiva produz formam novas composições, levam a outras paisagens, produzem novos sujeitos (RODRIGUES, acesso 27 de março de 2012). Por outro lado, o exercício de lateralizar, de co-engendrar um plano para estas memórias também produz intervenção em quem as ouve: “Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho.” (PASSOS, BARROS, p. 31, 2010)

As histórias do Balão Mágico tem uma trajetória forte dentro do curso de Comunicação Social da UFES, compõem um *ethos*, um jeito de ser estudante de Comunicação nessa universidade. Nos anos 90, nos divertíamos e até buscávamos, em nossos protestos, uma raiz, um jeito de ser, de chocar, de divertir, de ser irreverente e irônico que também era composto por estas histórias. Fazer enterro da máquina de escrever como protesto pelo atraso tecnológico dos laboratórios, deitar no chão da reitoria reivindicando mudança do CCJE para o CEMUNI... Queríamos mudanças, mas não estávamos dispostos a abrir mão do riso, do humor e de ser feliz no processo para obtê-las.

Talvez venha daí uma vontade também de inventar, de criar na dissertação. Talvez seja um investimento deste *ethos* que recusa o que já está pronto, o que alguém já fez. Em publicidade, uma gíria que deixa entrever o horror de repetir modelo: chupiar. Chupiar é pior do que copiar; é a completa falta de investimento afetivo, de envolvimento amoroso com o que se cria. Chupiar é feio, distante, não aproxima e não deixa se tocar.

Então, é tomando esta via de que o envolvimento produz e é criador que aposto na política da narratividade de acordo com Passos e Barros: “[...] uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece.” (PASSOS, BARROS, p. 151, 2010).

Desta maneira, na primeira parte vem a história do Balão, narrada por eles. Sem cortes. Ninguém melhor do que as pessoas que viveram aquele movimento para contar como era, o que os movia, os acontecimentos importantes para eles e seus efeitos. Não seria suficiente recortar os pedaços que sentia mais intensos para determinados tópicos e usá-los somente ali. As histórias são belas, divertidas, impressionantes. Editar seria empobrecer, tirar o brilho. É lendo os relatos deles, na íntegra, que você vai formar sua ideia do que aconteceu.

Na segunda parte, a análise do Questionário Manifesto, da tática bufona de assumir o apelido como nome e de outras situações vivenciadas articulam a ideia da ironia como arma subversiva e produtora de subjetividade, portanto, produtora de aprendizagem. Neste capítulo, Linda Hutcheon, Beth Brait e DC Mueck foram fundamentais para pensar a ironia como arma política e instrumento de aprendizagem, para dar uma nova visada em sua força e pensar também, com Virgínia Kastrup, que ao subverter, produzimos subjetividade e também nos reinventamos.

Na terceira parte, as ideias de Suely Rolnik, Tatiana Roque, Virgínia Kastrup e Félix Guattari articulam-se com os relatos, com produções do Balão como o Projeto Manifestos, o Mosquitinho, o Projeto Vitória Cidade Utópica e transcrições de reportagens do jornal A Gazeta. Eles compõem paisagens para pensar sobre resistência, desejo, revolução molecular e microfacismo. Aqui, a discussão gira em torno do processo micropolítico da aprendizagem via Balão Mágico.

Por fim, na última e quarta parte Maturana, Varela, Kastrup, Rolnik e Guattari são os autores que atraem para pensar o processo de aprendizado como o processo de produção de subjetividade, processo de construção de si e do mundo. São esses os autores que forçam deslocamento para pensar a experiência do Balão e seus efeitos.

Como você pode ter observado, a ideia de processos formativos que atravessa este trabalho é a ideia de formação como aprendizagem inventiva, ou cognição inventiva elaborada por Virgínia Kastrup (2007). É a partir do pensamento de que aprendemos na vida, que aprendemos quando inventamos continuamente. A investigação deste processo não está nas causas nem nos mecanismos, mas nos efeitos ao final dele. Assim, o foco deste trabalho foi pensar a formação proporcionada pelo movimento social Balão Mágico por meio dos efeitos no Carminati, no Cláudio, no Ernandes e no Ismael.

Desta maneira, é tentando diferenciar também no modo de produzir e dar forma, que este trabalho tenta responder à seguinte pergunta: que formação a participação no Movimento Balão Mágico propiciou?

2. O BALÃO POR ELES

2.1 O Balão por Carminati

No primeiro contato telefônico já me atendeu com riso na voz, alegre, sincero, de pessoa aberta ao diálogo e à conversa. Combinamos nosso encontro no café em frente à UFES. Fui para a entrevista com boas perspectivas graças à simpatia e bom humor que marcaram nossa conversa por telefone.

Sentamos, pedimos capuccino e expliquei do que tratava meu projeto de pesquisa, falei sobre minha formação também em Comunicação na UFES e qual o período que estudei, com quem estudei. Nisso percebi que já estávamos produzindo um plano, pois além de termos tido vários professores em comum (“ah, você sabe do que eu tô falando!”), na mesma universidade; estávamos nos reunindo para falar de um tema que era importante para mim e que fazia parte de um momento feliz da vida do Carminati. Ele queria falar, eu queria ouvir. Ele falava de pessoas e modos de conduzir processos dentro do curso que também estavam em mim.

[...] O curso de comunicação sempre teve muita movimentação política, o pessoal sempre muito engajado.

A história do Balão começou dentro de sala de aula... A nomeação, o estigma, foi colocado como estigma... A geração Balão Mágico, alienados... Totalmente formados pela televisão... Era a grande crítica, que a nossa geração era formada pela televisão... Que a gente era um bando de criança grande.

... Foi no movimento estudantil... Eu entrei em 80 na Engenharia... No final do ano começa uma greve e eu me envolvi com o diretório acadêmico da Engenharia. Nesse movimento estudantil a gente acaba conhecendo várias pessoas e a formação da gente amplia, começa por aí...

80 ainda era ditadura. E os espaços de resistência, de discussão eram ligados à universidade. O movimento estudantil estava se reconstruindo, tinha a briga pelo retorno da UNE, o congresso da UNE. Então era nos espaços do movimento estudantil que a sociedade civil se organizava, discutia, tinha um pouco mais de liberdade. Quer dizer, menos repressão. Mais liberdade não, menos repressão.

E com isso a gente começa a ler (faz gesto indicando muitos livros)... Uma formação mais marxista, a que eu tive. “A história da riqueza do homem”, “O socialismo científico utópico”... Uma série de livros que vem da tradição da formação estudantil, uma formação mais marxista. Com isso, comecei a pensar em fazer outro curso. Eu queria fazer Filosofia, mas não tinha Filosofia na época, nem Ciências Sociais. Então o curso que mais me pareceu ter uma formação humana e política era o curso de Comunicação, que tinha uma base boa de Ciências Sociais, de Filosofia... Pelo menos era o que eles passavam.

Com isso, eu também conheci gente das artes, de outros cursos. Teve um grupo, eu o Ernandes Zanon, uma menina que fazia Odontologia na época, não vou lembrar o nome dela... Dida... Maria Aparecida... Era isso? Dida Vasques! Ela fazia Odonto. Bem, a gente se conheceu no movimento estudantil, na Arquitetura, a irmã dela fazia Arquitetura... Nós todos resolvemos fazer vestibular para Comunicação... Todo mundo já tinha um curso, mas resolveu fazer vestibular para Comunicação... E nós passamos. (Risos). E ao passar, a gente começou a questionar algumas coisas em sala de aula.

No primeiro período foi tudo bem. No segundo, a gente começou a ter Teoria da Comunicação com o Domingo de Freitas, o famoso professor Domingos de Freitas. Ele dava Teoria I, II e III. Em Teoria I a gente já começou a ter um certo problema porque ele era... Naquela época os professores eram muito autoritários em sala de aula. Eles tinham uma postura bastante... (levanta os ombros, sua expressão indicava insatisfação ao relembrar)... Relação professor aluno distanciada... Era bem “eu sei e vocês não sabem nada”. Tinha um ressentimento com a nossa geração, que era jovem, tava crescendo, aproveitando um pouco mais a liberdade. Eles tinham um certo... Como é que eu vou dizer... Olhavam para a gente com desconfiança... Nós não éramos para ser a geração que deveria ter sido se não fosse a ditadura... Nós éramos alienados (porque)... Nós gostávamos de televisão. (Risadas)... E não podia. Impressionante.

E a gente tinha também uma discussão no grupo mais próximo, eu, Ernandes e a Dida... E depois foi aproximando também o Mauro Paste, o menino da medicina, Antônio Mineiro. A gente se encontrava fora da sala de aula porque já tinha nesse período, 80 até 83, quando o Balão começa, é nomeado Balão Mágico. Teve nesse

meio a Turma do Ócio, que foi uma turma que eu também participei pelas bordas. Mas era uma turma que questionava o movimento estudantil, a partidarização e pregava a autogestão... Era mais anárquico mesmo, no sentido de nenhuma pretensão de produzir uma influência política.

O Balão tinha. O Balão tinha mais essa intenção. A Turma do Ócio era mais se encontrar nas pedrinhas do RU, no ócio, fazer umas performances, fumar um baseado, relacionar a arte à vida, filosofar nas pedras. A Turma do Ócio agregou pessoas que eram muito mais ligadas ao movimento estudantil, que eram lideranças mesmo: Cláudio Zanotelli, que hoje é professor, Gleciara Ramos, que era do PCB, que era uma liderança da Engenharia... Várias pessoas deixaram suas carreiras no movimento estudantil, seus partidos, clandestinos ou não, e começaram a questionar esta estrutura política. Era um período de grande questionamento, estávamos vivendo o período de transição da ditadura para abertura. Em 85 que termina oficialmente a ditadura.

H: eu sempre achei que o pessoal da Turma do Ócio era o mesmo pessoal da turma do Balão...

Não. Eu participava e outros colegas do Balão também participavam, mas a Turma do Ócio era bem mais ampla, ela tinha já este caráter de vários cursos, mas era uma maioria que fazia parte do movimento estudantil de uma maneira bem séria, sendo lideranças, presidentes de CA's, coordenadores de Diretório Acadêmico e começou a abandonar essa estrutura, começou a questionar essa estrutura muito em função também de algumas leituras que a gente vai receber de influência do... Hoje ele é professor da Universidade Federal do Ceará, Daniel Lins. Ele veio em 82 para o Espírito Santo com uma francesa e ele veio trazendo uma discussão sobre Reich, quem trouxe ele na época... Bete vai lembrar, era o pessoal que fazia arteterapia, a mulher dele era uma especialista em Reich e agente acabou indo também por esta experiência de terapia reichiana, e aí montamos um grupo de estudos sobre Reich com ele e um grupo de estudos sobre Nietzsche e outro sobre Artaud. Olha bem a trilogia que a gente resolveu pegar. Todos juvenzinhos de 18, 19 e 20 anos, né.

Num momento cultural de muita descoberta. De tudo. Sexualidade, os questionamentos dos padrões héteros, enfim, tudo isso foi envolvendo a gente.

E aí, em 83... Tudo isso foi uma grande formação, estes estudos paralelos. Que eram sérios! A gente não tinha acesso a muitos livros, então ele (Daniel Lins) propiciou o material, algumas traduções... Então a gente estudou mesmo. Tentamos até montar uma peça, o Teatro da Crueldade¹.

H: ainda era Turma do Ócio?

É, era a Turma do Ócio. Com o Artaud, fizemos alguns ensaios no antigo Teatro Scav, na Beira Mar. Mas não deu muito certo porque a imprensa detonou, alguns (veículos de comunicação) inclusive a terapia, falando que a terapia era quase sexo grupal. E nas entrelinhas, falava que a terapia virava sexo em grupo... (risadas). A Gazeta detonou com a Turma do Ócio. Isso foi em 82... 83...

A mídia começou a criar um olhar esquisito para essa turma, porque muita liderança tinha mudado de perspectiva. Então começou a ficar meio estranho.

E esta terapia, algumas pessoas deram depoimento que sim, que tiravam a roupa... É na terapia reichiana misturavam alguns elementos de água, terra... Era uma terapia diferente. Ainda acho que é, até hoje. E claro que tinha o corpo ali, os namoros, encontros, claro que havia... Mas a imprensa deturpou muito.

Mas enfim, aí o Daniel Lins acabou sendo perseguido. De certa forma ficou mal aqui e acabou voltando para a França. E nós continuamos com os nossos estudos assim, meio em paralelo. Essa formação foi muito importante para eu largar a Engenharia. Deixei o curso de Engenharia e fui fazer vestibular para o curso de Comunicação.

H: então você já tinha começado a fazer parte da Turma do Ócio, tinha feito esta peça de teatro antes de largar a Engenharia e ir para a Comunicação?

Humhum (balança a cabeça concordando, lábios franzidos)... Antes de largar a Engenharia. Eu era representante, era membro do Diretório Acadêmico da Engenharia. Eu entrei em 81 já no Diretório. Era diretor... Em... Enfim, aquela coisa. Teve eleição, vi que não era em mim esse negócio de ficar resolvendo problema (risos) num grupo com uma estrutura super burocrática e fui para a cultura.

¹ O Teatro da Crueldade não é uma peça, mas uma forma de fazer teatro que critica a supremacia da palavra e coloca em evidência a expressão corporal do ator, além de criticar também a distância entre plateia e ator. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Antonin_Artaud>. Acesso em 07 de julho de 2013.

Achei muito mais interessante a atuação na cultura. Fiquei conhecendo Artaud, Ramboldt, Nietzsche, Reich... E aí esta formação foi quebrando um pouco daquela formação que eu tava recebendo, mais marxista, clássica, mais no sentido de projeto revolucionário, da ditadura do proletariado, mais no sentido do socialismo, do comunismo... Então esta formação começou a ser quebrada com essa formação que colocava o humano, combatia o racionalismo, o strictu sensu, colocava os afetos como grandes transformadores ou como grandes entraves. E aí agente vai descobrindo que o mundo não muda só por nossa vontade. (Risos)

Enfim, foi uma descoberta muito interessante e foi aí que fui fazer o vestibular para Comunicação. Passei. E a turma toda, quatro pessoas da Turma do Ócio passaram e este grupinho acabou contaminando o resto da turma.

E na disciplina da Teoria da Comunicação com o Domingos, mesmo com ele, a gente questionava o método dele, com o Roberto Behling, a gente questionava o Beto Bheling... Que, convenhamos, né? Não dava aula. Pra gente, ele tinha preguiça. Eram sete horas da manhã e ele chegava sempre de mau humor. (Risos e muita, muita cumplicidade)

Ficamos reprovados com ele, ele abandonou nossa turma. E nós ficamos reprovados. Ele falou que não dava mais aula pra gente. Segundo período. Aí nós abrimos um processo contra ele por abandono. (Ele falava entre risadas e eu escutava da mesma forma, rindo). Mas enrolaram a gente. O departamento enrolou a gente e acabou não dando em nada, porque era um processo sério, a gente ia pra aula 7 horas e fazia chamada, nós, alunos. A gente se autogeriu, auto organizou. A gente ia mesmo.

A gente conheceu uma outra pessoa que era a Ruth, não era a Ruth Reis, era uma outra menina, casada com o João Pedro. Era uma professora de Filosofia, ela era também muito atuante, tinha feito curso superior, era um pouco mais velha. Aí a gente acabou organizando um grupo forte. Em TG II, quando você fazia o projeto para executar... Porque Domingos era o seguinte: em Teoria I era teoria crítica, porque ele detonava com autores que não fossem do pensamento da Escola de Frankfurt. Claro, uma visão ainda muito dogmática da escola de Frankfurt, hoje eu sei.

Mas ele detonava muito, por exemplo, ele falava que o McLuhan... A gente queria saber porque queria informações... Ele falava que não dava o McLuhan porque ele era agente da Cia. (Nessa hora quase explodimos de tanto gargalhar) Então tinha umas coisas tão malucas que... Enfim, não fazia parte do programa. E tinha umas coisas tipo a comunicação como extensão do homem... Coisas que tem uma visão otimista do mundo... Mas era importante saber...

A semiótica, que era conteúdo que a gente estava começando a descobrir, muito em função do pessoal da Letras, do professor... Que era da Letras, que junto com a Bernadete Lyra introduziu a semiótica... (fiz um esforço, mas também não conseguia lembrar)... Então era muito bom, a gente começou a conhecer a semiótica também.

E a gente construiu o projeto de Teoria da Comunicação II, porque Teoria I era teoria mesmo, Teoria II você fazia o projeto de pesquisa para desenvolver em Teoria III. Os projetos de pesquisa que o Domingos sempre orientava a gente a fazer eram assim: (com voz de professor, em monocórdia) “fazer levantamento dos jornais do interior no município de... Linhares”. Então o grupo ia pra lá, mapeava e depois trazia tudo da pesquisa pra ele. Então a gente fazia o projeto em Teoria II para executar em Teoria III. Tudo bem, era até um método interessante de fazer pesquisa, mas tinha de ser a pesquisa dele. A gente propôs um outro método de pesquisa. A gente propôs uma pesquisa-ação, que é um método do Michel Thiollent, que era um livro bom pra gente, que a gente amou quando leu, porque não separava esta relação da pesquisa e a ação. E para ele as duas coisas estão ligadas, as orientações acadêmicas são fundamentais para sua atuação no mundo, não dá pra separar... E nós adoramos ele.

A gente andava com o livrinho debaixo do braço... a gente era dos tipinhos que aprontava muito, mas a gente andava com os livrinhos e lia. E aí a gente apresentou um projeto para o Domingos, o projeto Manifesto, que era de atuação na Universidade porque a gente não tinha grana para viajar. Então para fazer Teoria III tinha de bancar do seu bolso e Domingos ficava com os resultados. Usava a pesquisa dos meninos e como era obrigatório, você tinha de bancar. E muita gente tinha problema de dinheiro. Então a gente pensou em um trabalho para fazer dentro da Universidade, um projeto de pesquisa-ação e era um projeto de intervenção contra a caretice (rimos muito) o autoritarismo... Eu não lembro dos detalhes... Mas

era nesta linha... Ser revolucionário dentro da Universidade, usar a arte por expressão, o grafite em particular, que a gente fazia muito. Não é como o grafite é hoje, uma arte. Era quase pichação, “porque a gente não era artista” (em tom de ironia, imitando talvez o tom de voz dos críticos da época) então era pichação mesmo. A gente usava muito, nos muros todos. O spray era uma arma e a gente fez este projeto.

(Suspirando) ficamos todos reprovados em Teoria da Comunicação II porque aí que ele denominou a gente de Balão Mágico. Falou que o projeto era ridículo, que não tinha fundamentação e era um projeto realmente típico da Turma do Balão Mágico, que era aquele grupo do Mike, do Tob e da Simony. (Risos)

Tá vendo, você é a prova viva de que ninguém fica burro porque viu TV, né?

E ele falava isso, na nossa frente. Ele deu 3,0 no projeto e era a grande nota, ele já tinha dado a nota da prova, então ficamos todos reprovados. Só que este grupo que ficou foi um grupo grande, não foram só 5 alunos, foram 15, 17 alunos. A turma rachou, a turma tinha 40 e rachou. 17 ficaram reprovados em Teoria II.

Criamos um problema para o departamento de Ciências Sociais, porque o professor não queria dar aula pra gente e nem nós queríamos ele mais. A gente solicitou uma turma 2 em Teoria II. Nunca tinha havido uma turma 2, desde muito tempo. E para você fazer o profissional (referindo-se às disciplinas técnicas) tinha de fazer o básico (disciplinas teóricas), dois anos de básico para depois chegar no profissional. Tinha mais 7 pessoas emperradas no curso porque não conseguia fazer Teoria, por causa daquela rigidez de Domingos.

E agente conseguiu a turma 2. E o departamento de Ciências Sociais não queria dar outro professor, achava a gente irresponsável porque em Teoria II a gente fez o primeiro grafite contra o Domingos no corredor do IC II. Grafitamos enormemente, recebemos um processo administrativo por depredação do patrimônio público e fomos obrigados a pintar, comprar tinta e pintar o grafite. Fizemos isso, a turma fez, fomos lá e pintamos a parede

Aí, depois que ele detonou a gente, assumimos. A gente sentava e conversava muito depois do que a gente fazia. Outro livro importante nessa formação foi o livro do Erich Fromm sobre estigma. E nesse livro que a gente já estava estudando, ele

falava que o estigma era usado para desqualificar a pessoa, para diminuir qualquer possibilidade de algum mérito, era usado para destruir o outro. E o Domingos fez isso com a gente. Criou um estigma em cima da nossa turma chamando a gente de Balão Mágico, porque para ele nós éramos alienados, frutos da Rede Globo, porque eles é que eram da geração que sofreu, né? (Um certo deboche, ironia). Risos

(Suspiros) Eu sei que eles sofreram pra caramba por causa da ditadura, mas a gente era tudo... Jovem, 18, 20 anos. Então tinha de dar um desconto. Ele não estabeleceu nenhuma conversa, o diálogo foi muito interrompido, era muito autoritário. E nós não aceitávamos mesmo, a gente tava a fim do confronto e às vezes a gente ia para o confronto e a gente argumentava de igual para igual. A gente não respeitava a hierarquia e isso matava os caras. E o Erich Fromm nos ensinou a usar o estigma a nosso favor. Transformamos ele em algo positivo, e a gente assumiu. Ótimo, é o lúdico, é produto para criança, para o universo da imaginação. É isso mesmo, nos somos a turma do Balão Mágico (risos). Aí criou o nome.

Isso foi proposital, nós assumimos o estigma como identidade. A gente já estava acostumado a ser chamado de maconheiro, de bicha... (mais risos) de novo a musica do poeta... (rindo e cantando) “me chamam de ladrão, bicha, maconheiro, transformam o país num grande puteiro”... Já estávamos um pouquinho acostumados. A gente só pegou os princípios e começou e aí nós começamos a desenvolver um projeto.

O professor que resolveu assumir a turma 2 de Teoria da Comunicação II foi o James Doxsey, que hoje é Jaime. Ele era das Ciências Sociais, era antropólogo, de origem americana, mas era brasileiro há muito tempo. Tanto que até mudou o nome dele para Jaime, e ele era da linha de terapia rogeriana. Então ao contrário do Domingos que impunha a sua cruz, ele esperava que a gente trouxesse coisas, ele era o oposto, totalmente o oposto... Então ele ficava esperando nas aulas dele (que os alunos sugerissem, opinassem propusessem). Tanto que ficou uma turma inteira com ele, a turma 2 de Teoria da Comunicação II. O que teve de estudante de Comunicação nos agradecendo depois: “não conseguia fazer Teoria da Comunicação com o Domingos”... E o Jaime era totalmente diferente, ele fazia auto-avaliação. A gente era quem levava os temas para sala de aula então a

responsabilidade das aulas era mais nossa que dele, porque ele ficava lá esperando que as coisas acontecessem, já que a gente era tão propositivo... Ele colocou a gente em cheque. E foi ótimo. Eu lembro que fiz uma pesquisa sobre publicidade na televisão. Nós fomos os únicos que fizemos o trabalho, a maioria passou sem fazer nada (risos).

Então me pergunta se já ouvi esta história. Conto que sim, que li no livro “Balzaquiano”, mas que queria a fala deles. Também menciono que achava que a Turma do Ócio era o pessoal do Balão, que era a mesma turma que depois vira Turma do Ócio. (tá, sou repetitiva, já sei. Mas quem sabe dessa querela não sai mais alguma história?)

Nem de longe os materiais e o que tinha ouvido até agora me forneciam a riqueza que é esta conversa com o Carminati. Estava absorvendo cada gota das suas palavras.

Não... Algumas pessoas da Turma do Ócio que foram parar no Balão. A Turma do Ócio não era do pessoal dali de dentro, era mais o pessoal de fora, era do movimento estudantil que tava ali realmente como uma ruptura com a forma tradicional de se fazer movimento. As chapas... A forma de organização, a partidarização que já começa em 80... Já tinha os partidos comunistas e tudo mais... O PT foi formado em 80, então começa a ter um braço do PT. O pessoal do Ócio queria fazer um discurso mais libertário, muitos deles também fizeram o curso com o Daniel Lins de Reich, de Antonin Artauld. A Turma do Ócio fez parte deste curso, desta terapia... E as liberdades individuais, principalmente do corpo... A pedrinha (fala das pedras em frente ao RU) vivia com performance, todo dia tinha uma performance lá... Era alguém tirando um som, fazendo uma dança... Nessa parte confesso que ainda era muito travado, muito engenheiro ainda... (Risos) mas foi legal, foi um bom período.

Nesse ponto, faço um pequeno intervalo para ele comer, porque o encontro foi em uma cafeteria e ele tentava tomar seu *capuccino* e comer o pão de queijo, mas não conseguia parar de contar essas histórias, nem eu conseguia parar de ouvir... Comentei que dos nomes que ele citou, o Beto Behling foi meu professor. Então ele complementa.

Mas hoje ele mudou, estes dias encontrou comigo na UFES e falou que tinha um manifesto meu da época do Balão, falou que ia escanear e mandar para mim. A gente fez muito manifesto na aula dele e ele abandonou nossa turma, falava que a gente não tinha nada na cabeça. Nos seminários, ele pegava o jornal, não sei se ele fazia isto com vocês, era tão desrespeitoso... Nos seminários que a gente tinha que preparar, ele pegava o jornal e ficava lendo o jornal e às vezes ele cochilava, às vezes não, várias vezes ele cochilava na cadeira. Se estendia e cochilava. Isto era muito desrespeitoso, você ficar duas horas em sala de aula com um professor que não tá nem aí para você... É estranho. Depois não, ele até me chamou para fazer pesquisa com ele, uma leitura das revistas "Isto é"... Mas acabei indo pro Balão.

Mais uma vez tento "desacelerar" para que ele termine o café da manhã. A esta altura, o pão de queijo devia estar uma borracha e o capuccino frio, mas a conversa tava muito boa. Comento que ouvir estas histórias era muito legal. Ainda tentando tomar seu café, ele responde:

Eu gosto muito, foi uma grande aprendizagem. (pausa) Eu mudei. Mesmo. Da perspectiva de ser o engenheiro da família e virar um balonete... Pai nenhum gosta, mas... Eu precisei sair de casa. Meu pai ficou preocupado.

Tinha relação também com uma certa liberdade, com experimentação de drogas, o mundo das festas, isto foi entrando com muita força no dionisíaco, vou chamar de dionisíaco que fica mais fácil, mais interessante. Mais conceitual (risos).

Este mundo do dionisíaco começou a aparecer muito forte, e a gente usava estes conceitos, o apolíneo... A gente entendia a necessidade da forma, era fundamental. E claro, o dionisíaco... Muitos se derramaram tanto, se dissolveram tanto no orgiástico que até hoje não voltaram...

Porque tem isso, perceber o lado de uma certa desconstrução, de uma certa percepção de mundo... E os estados alterados de consciência ajudam muito... A desconstruir isso... O pessoal experimentou muito, eu fui mais careta... Sempre fui mais devagar, nunca me de muito bem com bebida... Mas isso ajudou. Então fui fazer teatro. Depois agente montou um grupo que não dentro do balão, mas era um projeto paralelo que era o "Éden Dionisíaco", com o Celso Adolfo, a Saskia, o Edu Pazolini, a Rosana Paste depois.

H: Como era o nome?

Celso Adolfo...?

H: Não, do grupo de teatro?

Éden Dionisíaco do Brasil. Olha a redundância (gargalhadas)

Era uma afirmação da nossa brasilidade... E a gente fez durante uns 4 anos, fizemos umas 4 peças... Mas aí era um projeto paralelo.

H: Onde vocês apresentavam estas peças?

No Centro de Artes, no Circo da Cultura, que fazia circuito e a UFES entrou nele. No Carlos Gomes. Mas era mais aqui. Metrópolis, que ainda não era cinema, era na salinha no CEMUNI IV e no Centro de Artes. Era um período bacana, gostava muito, era muito disciplinado. Ensaio três vezes por semana... A gente ia e montava as peças. Esta parte me realizou bastante. Não era necessariamente ligado ao Balão, uns faziam parte e os outros não.

O objetivo era ter um grupo de teatro, a gente era formalizado, registrado... Concorria a alguns prêmios para ganhar grana e montar peça... Então foram quatro anos de belas idéias. Tem imagens, tem tudo.

Outra coisa que a gente aprontou muito foi com o Balão, a turma foi andando. Passamos em Teoria II com o James e fomos fazer Teoria III com ele também, que aí o Domingos saiu e foi fazer o doutorado dele em outro lugar, São Paulo. Então ele ficou quatro anos afastado. Porque houve um confronto muito grande com ele e com os outros professores das Ciências Sociais.

Com outros professores também a gente teve vários conflitos. Um deles foi o Dilvo Peruzzo, marido da Cecilia Krholling Peruzzo, que é famosa, hoje publica na área de Comunicação Comunitária e trabalha na (faculdade) Metodista de São Paulo. Eles eram daqui.

O Dilvo era professor de... Depois do Beto, não sei se era Sociologia, mas era também ligada à política... Era Teoria Política. Chegava na aula e o primeiro livro que a gente abria era “O Capital”, de Marx. E ele parecia um pastor, né. Ele pregava mesmo “O Capital” pra todo mundo, era pregação.

Aí teve um dia que a gente resolveu fazer uma performance com a turma inteira. Isto foi antes da turma se dividir ainda. Todos nos sentamos de costas pra ele, as cadeiras viradas de costas e todos de máscara, que a gente fazia muita máscara de papel, e começamos a cantar a música “Tim Tones, Glória a Tim Tones...”, porque na época tinha um personagem de Chico Anísio e Tim Tones estava em alta... (Gargalhadas)... Ele ficou tão puto, saiu da sala tão indignado, e a gente cantando “Tim Tones, Glória a Tim Tones”... (Gargalhadas)... Ele ficou tão indignado... (Gargalhadas)... Mas ele era um pastor, né? Comunista cristão. Ele pregava “O Capital”, dava só “O Capital” pra gente. A gente começou a confrontar os professores com este tipo de performance... Ou seja, fomos odiados por todos até hoje.

Mas foi muito legal, a performance foi boa. Tim Tones Glória. Imagina, quarenta alunos todos virados de costas para o professor cantando a musiquinha... (Gargalhadas). A gente não foi fácil não, vamos reconhecer que a gente não facilitou a vida de ninguém. Ficamos reprovados com ele também.

Tudo foi caminhando, foi uma mudança. Eu fui fazer Publicidade à noite, outros colegas foram fazer Jornalismo, no período que eu fui fazer Publicidade noturno foi onde fiz mais teatro, mais intervenções durante o dia na UFES.

Nós organizamos uma greve em função dos equipamentos. E foi uma das greves mais significativas da Comunicação porque a gente reivindicava novas máquinas de escrever... Isso foi em 85, já tinha dois anos de curso e nós já estamos indo para o profissional aparentemente e as aulas de texto, de redação jornalística e publicitária eram todas na maquina de escrever. Eram aquelas máquinas de fita... Tão jurássico. Aquelas fitas vermelhas e pretas eram tão gastas, mas tão gastas que não tinham tinta, todas com defeito. Então nós fizemos uma greve e levamos todas as máquinas para a reitoria.

Aí foi o curso todo que incorporou. A gente tinha esta relação com os alunos, às vezes os alunos não nos entendiam, achavam que a gente era baderneiro, e de fato a gente aprontava em sala de aula. E às vezes tinha uma dimensão política, então a gente não ficou afastado da política. Fazia parte do CA, ia pras reuniões de Departamento, só que dentro de uma proposta de intervenção mesmo, que o manifesto tinha nos pautado e a gente tinha aquelas orientações. Era arte, então a

gente fazia figurino para ir às reuniões. A gente se grafitava todo, a roupa era toda grafitada, fizemos várias coisas deste gênero.

E a gente fez esta paralisação em 85 na Comunicação porque a gente não tinha espaço físico, a gente não tinha equipamento. Naquela época a gente já tinha reivindicado vir para o Centro de Artes, porque o curso de Publicidade era no CEMUNI I porque era à noite e não tinha espaço no CCJE à noite. Então tínhamos aula no CEMUNI I.

Hoje nós estamos aqui no CEMUNI, na Artes. Depois de 30 anos a Comunicação veio, por outras questões, mas a Comunicação veio. Na época fiquei muito contente porque eu tava chegando e disse: “nossa! Demorou, mas veio”... Risos.

A gente fez greve para conseguir aquele prediozinho onde era Direção Central do CCJE, aquele era nosso, tinha a parte de Publicidade e Jornalismo, onde hoje é a Direção Central, a Direção de Centro do CCJE. Porque tem o prédio de 2 andares que ficou só na promessa na nossa greve, porque comprometeu-se em fazer um prédio para laboratório, que foi feito depois de uns 3 anos. Mas a gente conseguiu de imediato um espaço de redação e um espaço de criação publicitária. E no meio tinha uma salinha de vídeo, que era toda acarpetada, e aí a gente tomou conta dessa salinha de vídeo.

A gente passava os sábados e os domingos aqui, assistindo filmes. E conseguimos nesta primeira greve a primeira câmera de vídeo que era uma Betamax, não era nem uma VHS. O sistema ainda era Betamax naquela época, que era o que nos permitiu fazer aula de televisão, porque a Silvia Chiabai, que era nossa professora de televisão dava aula no quadro. (imitando Silvia) “vou mostrar um plano” e desenhava o plano.

Não tinha um aparelho de televisão, não tinha um videocassete, que era tudo tecnologia nova o videocassete. O videocassete começa no Brasil nos anos 80, mas popularizou-se em 84... A gente montou uma sala de vídeo na Biblioteca, tudo com projetinho, tudo registrado. A gente era muito organizado nesse sentido: fazia o projetinho, passava em reunião de Departamento onde vinculava à disciplina e ia nos órgãos. Por exemplo, este projeto do videoclube na Biblioteca, é nesse setor que hoje é o audiovisual. Então tinha uma salinha onde a gente fazia exposições de

filmes e vídeos que eu alugava na locadora Espírito Santo, a primeira locadora da Praia do Canto. Pegava a fita e tinha as sessões. A gente assistiu muita coisa; Cakoff, John Waters, Pink Floyd; só filmes esquisitos que a gente assistia. Mas a gente tinha sessão duas vezes por semana 1 hora da tarde. E era um projetinho que a gente apresentou para a direção da Biblioteca com o apoio do Departamento de Comunicação, o Ismael sempre nos apoiava. Por isso ele contava muita história. E ele era chefe de Departamento e ele sempre tinha que resolver os pepinos, mediar os conflitos.

H: esta história destes vídeos que vocês faziam projeto e exibiam, era tudo do Balão? Partia do Balão?

Partia do Balão. Na nossa situação regular ou a gente fazia parceria com a disciplina, ou a gente fazia projeto e ia direto na Direção. E a gente tinha resposta positiva. Na Biblioteca a gente teve. A Biblioteca nos apoiou na nossa sala de vídeo e no projeto da Rádio Livre TX, 107.3 que foi em 86. Em 85 nós fizemos a greve e montamos a sala de vídeo na Biblioteca, que arrumou o videocassete. E em 86 montamos o projeto da rádio vinculada à disciplina de Radiojornalismo da Glecy Coutinho. Apresentamos o projetinho para a Glecy, que achou ótimo. Você teve aula com a Glecy?

Respondo que não e ele continua.

Pois é, Glecy era daquelas professoras que não tinha uma formação de professor, ela era do mercado, do jornalismo mesmo. Todos eles eram formados em letras, ou artes, não tinha formação específica, em jornalismo e publicidade mesmo. E ela incorporou o projeto. Na época ela era diretora do DEC, Departamento Estadual de Cultura. Então ela nos apoiou de que forma: a gente fez um ano (1986) de oficina de vídeo em São Pedro, ganhamos uma grana com o projeto de oficinas de vídeo comunitário que fizemos lá, com equipamento da universidade... (risos)... A gente pegava no final de semana para fazer vídeo comunitário lá. Não editava, só registrava porque não tinha ilha de edição. Registrava e exibia. Registrava e na reunião de comunidade na semana a gente exibia. Eles arranjavam uma televisão e a gente levava o vídeo e as fitas já pré-editadas durante a gravação porque não tinha como editar.

Quando eu olho hoje e vejo que a gente tem uma ilha... (Risos)... Naquela época só tinha a ilha do Centro Pedagógico que nos emprestava ou então a gente tinha que buscar a TV Educativa. Não ter ilha de edição era um motivo da greve também. Não tinha equipamento de televisão nem rádio. De televisão tinha de fazer no Centro Pedagógico. Lá eles tinham um pequeno laboratório e a gente gravava as fitinhas lá. E a televisão lá era um estudioso em Ulmatic, para você ter uma ideia. Aquelas câmeras trombolhudas, era tudo muito antigo e a gente tava vivendo a época do VHS, a mobilidade, as câmeras com CCD, que era tudo fácil, portátil. Com isso nós fizemos o vídeo comunitário lá. E o vídeo comunitário lá foi um ano de atuação em São Pedro, até hoje tenho imagens disso. A gente acompanhou um pouco a urbanização de São Pedro III, na época do Hermes Laranja fazendo a urbanização... Asfaltou tudo e esqueceu de colocar rede de esgoto... (Risos)... Depois tiveram que quebrar tudo para colocar...(Risos).

E com este dinheiro nós pagamos o técnico para montar o transmissor da rádio, que nós depois inauguramos na cabine 8 da Biblioteca. E de novo a Biblioteca nos deu apoio. Instalamos a antena lá porque a cabine 8 era a que ficava no canto do RU (mostra com as mãos a posição da cabine e a posição do RU). Então ocupamos uma cabine e instalamos a antena. Ocupamos a cabine por 30 dias e de lá fazíamos as transmissões direto, de 7 às 10 da noite. E foi um projeto de sala de aula: eu, o Ernandes, o Mauro e a professora Glecy incorporando. Baixou Polícia Federal depois de 10 dias e a Glecy foi lá e nos defendeu para o Reitor, não deixou lacrar o transmissor.

O que nós queríamos? Queríamos uma rádio. A Universidade tem que ter uma rádio. Foi como surgiu depois a Rádio Universitária. Depois de 30 dias eles iam lá lacrar e o reitor disse “não posso mais segurar a onda”. Eles editaram uma fita com a gente falando palavrões. O Dentel ficava monitorando e editou uma fita com coisas que não podiam ir ao ar... (Risos).

Aí a gente falou “a gente tira se vocês se comprometerem a abrir um processo de concessão da rádio. Eles se comprometeram. Era o Penina, ele já tinha vindo (na reitoria) antes e era mais democrático. Não era igual o Abi-Zaid, que era representante da ditadura. O Penina era mais compreensivo e aí ele se comprometeu a abrir um pedido de concessão. E nós acompanhamos, nós fizemos

o projeto pedagógico do pedido de concessão, porque tinha ter um projeto de grade, uma justificativa, e nós fizemos junto com o professor Mauricio Nogueira que depois foi para a Bahia. Ele dava aula de rádio e nós fizemos um grupo de trabalho junto com o Departamento. Pegamos a programação da Rádio (TX) como modelo para a Rádio Universitária.

E aí foram dois anos e eu me formei. Eu vi a rádio sendo implantada, mas eu não acompanhei porque já estava institucionalizada, tinha a mantenedora que era a Fundação Ceciliano. Tinha um corpo de alunos, também coordenador, professor... E tinha também o Hélio Pessali que coordenava, depois veio a Conceição.

Não me contive: sou dessa época (da Conceição). Estagiei dois anos lá.

Pois é, foi uma época muito legal, mas eu saí. Eu formo logo no iníciozinho dos anos 90. Então eu entrei na Universidade em 80 na Engenharia e saí em 90 na Comunicação. Uma década... (Risos). Aí eu transitei... Mas eu fiz Jornalismo e Publicidade. Fiz Publicidade primeiro e depois Jornalismo. No final fiz as duas habilitações.

H: depois que teve esta briga com o Domingos então a atuação de vocês foi mais de projetos?

Foi mais de projetos. Isto institucionalmente. E tinha as manifestações culturais que a gente ia. Por exemplo, exposições. Adorava ir a exposições de arte. (Risos). Pra provocar, né? (Mais risos).

Então o nosso circuito era Homero Massena, Espaço Itaú Cultural, que ainda tinha lá no centro. Nós participamos de um evento muito grande que foi a abertura da Usina, que é uma galeria de um dos playboys da cidade que era o... Atílio Viváqua? Atílio Colnago... Não, não era... Esqueci o nome dele. Ele abriu a Usina, que era uma galeria muito importante com uma exposição do Jorginho Guinle Filho, que era aquele cara, um artista que morreu de AIDS e fazia umas telas enormes, neo-expressionistas, que lembrava muito os grafites, a nossa maneira de fazer. Ficamos animados, fomos lá para conhecer ele antes da exposição. À noite, quando voltamos para a exposição, a Sáschia, uma das integrantes do grupo que fazia artes pegou o spray e foi grafitar a parede da galeria... (Risos)... Baixou um monte de segurança porque as telas do cara eram avaliadas em uma fortuna... Caiu um monte de

segurança em cima, nos expulsaram da galeria... (Risos)... A Sáskia não conseguiu fazer um ponto... O pessoal ficou com medo que a gente fosse grafitar o quadro, a gente tinha uma fama de terrorista...

Ela ia grafitar do lado, na parede, porque a gente já tinha tido contato com ele antes, era super gente boa. A gente fazia este tipo de intervenção. (Risos).

A gente provocava muito o universo das artes porque com o Balão teve uma situação com uma professora das Artes, que era a Telma Guimarães, que nos acompanhou e foi uma espécie de mentora mesmo, no sentido de que ela tinha muitos livros de artes. Na época, o salário de professor era muito bom, então ela comprava muitos livros. E ela se envolveu, em 82, paralelo ao que estava acontecendo no nosso (movimento) teve aqui um congresso de Arte e Educação. E foi um congresso muito importante, porque tinha os pensamentos da Ana Mae Barbosa, uma série de pensadores importantes que viam educação na arte como elemento fundamental na educação... Enfim, e a Telma, como professora de Artes Plásticas se encantou com a ideia porque isto estava confluindo com a ideia que a gente foi trazendo no Balão. E isto fortalecia... E tinha um dos integrantes que era o Ernandes, que também era aluno de Artes. Eu também freqüentava muito o Centro de Artes, que era tudo limpinho, tudo bonitinho... Aliás, as donas, as madames do Centro de Artes faziam as moças da limpeza encerar aquele CEMUNI com enceradeira, para você ter uma ideia de como era naquele fim dos anos 70, início dos anos 80.

H: as madames eram quem?

As professoras que eram das elites, as Marias Linderbergs, as Fredas Cavalcantis, as Lurdinhas Raizems... As Gracinhas... Uma série de professoras que eram da elite cultural capixaba... De família. Por que na Universidade só foi ter concurso em meados dos anos 80, por causa da ditadura. O Centro de Artes era o cartão postal da Universidade, tudo muito bonitinho. E a Telma quebrou isso, literalmente. Ela quebrou até parede, aquela divisória assim (mostra com as mãos)... E ela acabou sofrendo um processo muito forte, ela foi demitida e depois readmitida num processo muito complicado juridicamente. Quem a defendeu foi o João Batista Herkenhof. Ela foi demitida sem defesa nenhuma porque os professores do Centro de Artes, colegas dela, fizeram todo um movimento contra, ainda era ditadura. Eles

justificavam que ela estava enlouquecendo, que estava enlouquecida e fizeram todo o processo assim, coisa de Kafka. Aquilo daria uma tese do poder da tradição de massacrar um indivíduo.

É claro que nesse tempo foi além, mas ela mesma não fez muita coisa, ela dava liberdade para os alunos, era um grupo, um coletivo e ela tomou a defesa e acabou recebendo todas as cacetadas e ela foi demitida e depois readmitida. Um processo muito autoritário ainda, realmente ainda no fim da ditadura. E a Universidade fez isso.

A nossa Universidade é muito conservadora, acho que é bom pautar isso. Muito pequena, provinciana e aqui Artes ainda era a Belas Artes dos liceus franceses. E a gente lia muito sobre os vanguardas. A Telma nos trazia muita informação sobre os vanguardas. Claro que houve uma identificação imediata com Dadaísmo. O movimento na História da Arte que destruiu o conceito de Arte. Tá certo que hoje eles estão fazendo uma fortuna. A fonte do Duchamps vale uma fortuna, mas foi um movimento que nos pautou. Toda a vanguarda a gente estudou muito, o Surrealismo... Mas foi o Dadaísmo que onde conceitualmente a gente buscou como fonte mesmo. O formalismo russo, a parte do audiovisual, do cinema, graças ao Cineclube Claudio Bueno Rocha a gente teve uma boa formação, porque a gente vivia no Cineclube, assistindo a todos os filmes na hora do almoço. De graça?! (faz gesto indicando: “quem é louco de perder?”)

Então a Universidade era todo um centro de vivência. A gente ficava praticamente de segunda a segunda, sábados e domingos. A gente vinha ou ia para São Pedro fazer uma atuação lá, fizemos uma também em Joana D’Arc com um jornalzinho comunitário. Então achávamos a extensão o máximo. Ainda com Thiollent, não separávamos muito a pesquisa, a extensão e a sala de aula. A gente achava que era interessante ter essas vivências, só que não tínhamos professores que nos acompanhassem... Tinham as exceções. Isto era um saco, não tínhamos orientação, isso não era reconhecido enquanto projeto. Ficava formalizado, mas isso não nos dava crédito como atividade complementar porque o currículo era muito engessado, não levava isso em consideração. Mas foi fundamental para minha formação. Tanto o Cineclube quanto no campo das artes, de você vivenciar os conhecimentos que você lê nos livros, ver ali.

A nossa grande crítica era à reprodução do conhecimento. Era você reproduzir, reproduzir, reproduzir... Na visão de autores distantes da nossa realidade. A ditadura foi muito cruel. Ela não permitiu produzir um pensamento que vinha lá dos anos 60 de uma intelectualidade brasileira, um pensamento mais nosso. Ela criou este hiato muito grande. Foram 25 anos sem pensar nas nossas questões, sem outros instrumentos. Mesmo marxistas ainda vinha de fora. Com algumas exceções, a gente via o Paulo Freire que era também uma grande influência por causa das Comunidades Eclesiais de Base, da alfabetização, da atuação junto aos povos mais simples.

H: vocês participaram das comunidades eclesiais de base?

Eu não participei diretamente, mas no movimento junto às comunidades tinha este contato. Em São Pedro tinha grande influência, por causa também da Graça Andreatta que era liderança lá, era líder comunitária em São Pedro, que ainda era época de grandes brigas pelos terrenos lá. Era uma briga forte porque a prefeitura queria desocupar, ainda tinha a imagem do lixão. Eles queriam mudar a imagem de ser do lixão, tinham este estigma também. O filme do Amylton de Almeida marcou fortemente São Pedro como lugar do lixão. E não era toda São Pedro. O lixão tinha de acabar. Nós ajudamos a criar outras possibilidades.

Então a gente combatia muito este estudo bancário que o Paulo Freire falava de você chegar, sentar e ouvir o professor. Aquela educação bancária que era a grande crítica dele, de você chegar e não levar consideração a realidade do educando, não interagir com ela, sem considerar o saber dele. Então a gente, na nossa arrogância juvenil, a gente perguntava: “e os nossos saberes?” (com ar de ultraje disfarçado, mais gargalhadas).

Claro que o grupo era grande, tinha gente que não lia nada, mas fazia muita arte, o que a gente queria. Eu gostava muito de leitura. E a gente sentava sempre à noite, à tarde nas pedrinhas para conversar e “fumar um”... (Risos)... E as ideias vinham daí. Nós trouxemos o Circo da Cultura em 86...

H: como era este circo?

Era um projeto do DEC, eles compraram este circo que era itinerante. Ele ficava 15 dias em cada lugar e os grupos de artistas, músicos, de teatro faziam suas

atividades, seus trabalhos ali, recebiam cachê do DEC. Era um circo itinerante pelo estado todo. E nós conseguimos trazer o circo para ficar 15 dias na Universidade naquela área em frente à Biblioteca. E virou um palco de experimentação onde os grupos teatrais, as bandas faziam sua agenda. A grande proposta era a autogestão, a rádio também foi assim. As pessoas iam chegando, produzindo seus programas e ficavam responsáveis por determinado horário. No circo as pessoas tinham seus horários, chegavam lá, montavam seus aparelhos de música, tocavam, depois davam seu espaço para outro.

Ficamos 15 dias com este projeto. Isto foi uma parceria com o projeto Cidade Utópica do Antonio Chailub, que hoje é arquiteto, renomado, responsável pela orla da Praia da Costa.

H: pensei que o Cidade Utópica era um projeto do Balão...

Era do Balão, mas também era projeto de graduação dele, que ele buscou do Balão. Ele já fazia parte antes e então no trabalho de graduação ele apresentava este princípio utópico de cidade calcado em premissas utópicas de liberdade, autogestão... E ele experimentou isso com a gente. Tanto que nós tivemos uma sala na arquitetura onde nós ficamos um semestre produzindo projetos, em função do trabalho dele.

Deu um monte de confusão também, como sempre no final, tem aquela coisa forte que era outra referência nossa que era a Semana de Arte Moderna de 22. A Antropofagia, Oswald de Andrade, também não podia deixar de fora. Era um movimento brasileiro com que a gente se identificava, a Antropofagia. E que os estrangeiros adoram! Então a gente lia nos livros dos pensadores estrangeiros sobre a nossa própria história que a gente conhecia pouco. Como é que é isso? A gente não estuda a Semana de 22 no Centro de Artes?

O conceito de Antropofagia do Oswald de Andrade era muito importante para a gente, casado com o Dadaísmo era um conceito que nos fundamentava. Experimentações estéticas, literárias... Claro que nós não éramos, não somos gênios e tão talentosos quanto eles, mas num nível micro a gente buscava estas experiências e as leituras disso ajudavam bastante.

Então, isso tudo veio numa profusão, uma vontade de saber muito grande. A sua geração não cresceu na ditadura, mas a minha que cresceu, a gente não tinha acesso a nada. Ainda mais eu, que vim do interior: Rio Bananal – Linhares- Vitória.

H: eu vim de Linhares também... Quando você falou que veio do interior, ficava em república?

Não. À medida que a gente foi estudando, meus pais iam mudando. Eles adoravam mudar (Risos). Eu acho que eles achavam desculpa na gente (Risos). Tradicional, não é? Êxodo do êxodo... Pequenos proprietários de terra, vai se desfazendo, viram comerciantes. Depois vem pra cá e trabalha com comércio. Eu vim para fazer escola técnica, por isso que eu fui para a Engenharia. Escola técnica e Engenharia, filho garantido. Emprego garantido na CST. Isso é o que construíram para mim. Eu rompo isso e foi muito bom, mas a família não aceitou muito bem não. Eu e minha irmã éramos a primeira geração a chegar na Universidade. Só que minha irmã foi fazer Artes, que não era um curso muito conhecido e eu fui fazer Engenharia. O pai era só orgulho. E aí eu largo a Engenharia para fazer Comunicação?! Nem sabia o que era isso...

H: e vira maconheiro... (Risos)

*Maconheiro, bicha... (Risos) aí pronto, foi uma ruptura em casa também. Acho que isso é que foi tão intenso, minha (ênfase nesta palavra) **mudança** foi muito grande. E eu só agradeço ao Balão. Por que eu acho que seria muito infeliz sendo Engenheiro na CST. Às vezes encontro meus ex-colegas da Escola Técnica. Eles estão bem e tudo, mas você vê que agora que os filhos estão grandes... E agora? Quê que eu vou fazer? Há uma busca... O quê que eu faço da minha vida, todos nos seus cinquenta anos... Ah, eu tô tão bem! Tenho tanta coisa para descobrir, para conhecer que eu não conheço.*

H: esta sua experiência com o Balão...

Foi muito importante em relação à paciência, para descobrir que a paciência não é só paciência racionalista. As Artes foram fundamentais, as Artes e a Literatura. Esse mundo racional da ciência racionalista não dá conta do que é a humanidade, do que é o homem, daquilo que a gente é... Ela não dá conta. Até te dá condições de existência, mas não te dá possibilidade de pensar outras coisas. Não te responde ou

não te deixa indagar certas questões que são mais profundas, que são da existência.

Naquele momento, acho que a gente estava aprendendo a ser jovem e aprendendo a romper com tudo aquilo que nos colocaram, quer seja tradicionalmente com o projeto de país que foi interrompido pela ditadura, que colocou a ordem dos militares dos setores conservadores, quer seja pela Universidade numa formação muito fechada, mesmo que vindo da esquerda, uma formação muito fechada, muito ressentida. Pouco tolerante com as diferenças ou então muito ciente do seu papel, da sua importância na sociedade e ao mesmo tempo muito frustrada de ser tão negada. A ditadura foi muito maléfica mesmo, eu acho que a gente vive as consequências até hoje dessa despolitização.

E ao mesmo tempo a politização no processo de reconstrução da democracia, os partidos políticos vão tomando esse lugar, o movimento estudantil que era a sociedade se organizando... Então a Universidade vai perdendo o lugar dela que era com o movimento estudantil, uma referência nesse universo político. Os sindicatos vão se construindo, os partidos políticos, o PT vai aparecendo... Outros partidos vão saindo da clandestinidade, o PC do B, PCB... Então a Universidade começa a se voltar para si. O que eu estou produzindo? Não sou mais a ponta da sociedade. Que conhecimento estou produzindo? A quem interessa este conhecimento? Para quem se dirige? Como que funciona essa relação professor aluno? Como é que se aprende? Eu tenho que ser tão obediente a estes preceitos de esquerda e direita? Tenho que estar de acordo, que me enquadrar dentro de um destes dois modelos?

E isso ficou muito marcado. A gente era atacado dos dois lados. (Risos). O pessoal do movimento estudantil organizado e dos partidos achava a gente totalmente anarquista, portanto ajudava a direita a consolidar seu modelo. A direita nos odiava, porque nós éramos loucos. (Gargalhadas). A gente tinha inimigo de tudo quanto é lado. (Gargalhadas).

H: então essa história de separar e formar o Balão foi por causa do que aconteceu na aula do Domingos? Porque todo mundo fala que não era só da Comunicação...

É, mas a Comunicação tinha uma influência muito forte. E surgiu nesta relação: alunos do curso com o professor. E aí esta turma de 17 que ficou reprovado recebeu

o título de Balão Mágico. Claro que tinham os outros que foram se identificando, que viram no Balão um espaço de liberdade.

Um movimento maior. Porque não tinha direção central. Não era assim: “vamos organizar um evento, então você fulano vai fazer isso”. Não. Quem teve a ideia que a organize (Risos). Era autogestão mesmo. Então se as coisas saíam, era porque o grupo tomou conta. Muitas e muitas vezes ficava só na fumaça.

Carminati interrompe por alguns minutos a entrevista e volta falando da Rádio Universitária.

Então agora a Rádio está voltando mais para o curso, para a Universidade, né? Não aguentava mais a Rádio ser tocada pelo pessoal do PC do B e sendo usada pela reitoria como moeda de troca. A gente fica muito triste (com estes usos) porque a gente construiu o projeto. E ela funcionou até certo momento como uma rádio-escola e depois ela perdeu este caráter. Então os novos coordenadores, o Vitor Lopes e o Rogerio Borges, que estão na direção da Rádio, estão dando espaço e estão suscitando programas aos alunos. Então eles (os alunos) montaram um programa que é mais humor, estilo CQC... Esta geração gosta de humor, né? A nossa geração era mais irônica (risos), era mais contundente. Eles são mais leves, acho a geração que vem depois mais leve...

H: como é esta questão da ironia? Ela é política também?

Claro, era nossa grande força, porque joga para o outro interpretar. Dependendo do contexto, ela tem todo jogo, uma situação que precisa ser localizada. Confesso que adquiri esta ironia com o tempo, mais vaidade. A gente era muito contundente. Sabe mais ferro e fogo? Se vinham com ferro a gente vinha com mais. Era um período de muito conflito. Acho a geração dos anos 90 para cá mais... Acho que ela tem mais jogo, mais molejo. Negociam mais aqui e ali, não vêem o sistema como inimigo. Vai pelas brechas, tenta colocar seus valores, mas quer também ter uma vida digna, não é de fazer sacrifício no sentido que a esquerda queria, que a gente fosse “os heróis da revolução”, se sacrificar em nome do partido. Isso a gente rompeu desde o Ócio, esta idéia do sacrifício. Porque é um investimento muito cristão. Você não politizar isso, faz a coisa porque eu sou bom? Não, tem interesse político por trás. Todo ser humano é interesseiro e a gente achava que a única possibilidade de quebrar isso

era com a arte. Aí que vem o pensamento do Nietzsche, da arte como instância superior à ciência, onde ela balizaria a ciência. Ele combatia o racionalismo, tanto que ele era um irracionalista na filosofia. E isto era muito forte para a gente. A origem da tragédia grega do Nietzsche era um livro que a gente, eu pelo menos, usei muito. Era um livro de base, de formação mesmo. E a gente não vê isso nas disciplinas. Talvez agora na filosofia, nas letras, enquanto peça literária, as tragédias. Mas a gente não via isso em sala de aula.

Nós não tínhamos disciplina de arte. Talvez essa ausência tenha nos feito aproximar tanto aqui. E hoje nós temos História da Arte, é até o Erly que dá e com certeza ele leva muita coisa. Mas a gente tem pouca coisa, mesmo a gente estando aqui (no CEMUNI). É uma briga que eu travo. Hoje eu dou aula de Estética. Estética e Linguagem do Audiovisual. Então eu vejo que muito da construção de uma sensibilidade passou por este caminho do Balão. E de uma possibilidade de ver beleza onde no conceito tradicional você não vê, no feio. Ver o belo no feio ou naquilo que não é proporcional, não tem aspecto e formas proporcionais. Então isso é um aprendizado. Eu tenho certeza que a gente aprende, desenvolve uma sensibilidade, não é dada. Acho que o papel da universidade é esse.

Acho que a nossa formação continua tão racionalista, quando vejo as Engenharias... Porque a minha ruptura com a Engenharia foi radical. Não tinha nada, mas nada, nada... Não tinha uma disciplina. A única disciplina que a gente tinha um pouco mais das humanas era Língua Portuguesa, no primeiro semestre; e uma espécie de herança da ditadura que era OSPB, Organização Social Política Brasileira, que era uma disciplina que a ditadura exigiu colocar em todos os cursos e que era para combater o comunismo. Falar dos valores da nossa história e dos nossos heróis. Então era uma disciplina que a gente via coisas absurdas. E não tem até hoje. A gente tá formando engenheiros, administradores, médicos com uma formação humana mínima, quase nula. Eu acho que é um problema.

H: essa formação, essa experiência com o balão foi mais uma formação para a vida, não é?

Foi. Pra mim foi uma grande mudança.

H: não foi formação para fazer anúncio ou fazer release, matérias...

Não... A gente até fez (risos) você pensa diferente, você vê outras possibilidades. A maioria dos meus amigos de Engenharia ficava assim: “Carminati, você vai deixar?”. Porque eu era um bom aluno. Assim “você tem futuro! Você vai largar isso para algo incerto?” Porque é uma preocupação forte dos jovens hoje, sempre foi. Mas talvez agora seja até mais. Mas ao mesmo tempo, a gente vê cada vez mais o mercado pedindo um profissional criativo, que consiga se reinventar, que seja comunicativo. Como é que você forma um profissional criativo, comunicativo com educação bancária? Chega lá e fala “é assim, resolvam isso e pronto”? Como é que você forma? Eu vejo que não possibilita que veja outros mundos, que inclusive você tenha uma vida digna com estas outras escolhas. Então parece que o dinheiro é tudo, a posição social, o lugar de destaque é tudo. Acho que foi uma formação para vida mesmo, outras formas.

Talvez eu me ressinta da universidade, que acho que hoje tem, de uma maior instrumentalização, de um maior retorno. Muitas greves e nós estamos de greve de novo. Comparativamente, o volume de investimento com aquela época, nossa, aumentou significativamente, sem comparação. Mas a gente não tinha nada, nada, era tudo muito precário. Você pegou ainda uma fase muito precária, não é?

H: é quando eu entrei, estavam inaugurando aquele prédio com laboratório de áudio e de vídeo...

Estavam todos bem animados, não é?

H: Nossa... Júlio era só alegria. Risos.

Júlio, como aluno, fez algumas disciplinas com a gente. A gente era calouro e ele estava quase formando. Logo depois ele virou professor. Até hoje ele fica animado com os laboratórios que a gente tem. Ele adora estes equipamentos. Você vê, eu descobri, ele é importante para o curso. Ele se reinventou.

Nesse momento, lembramos do Lordose e sua música. Mais risos.

H: tem essa coisa da ironia, não é?

Conseguir dar sua mensagem sem ofender, machucar. O humor tem isso. Acho que é uma arte. Saber falar uma coisa, mas sem enfiar de vez... Risos... Saber fazer.

H: O Ismael tem o monstro Thompson da Lagoa Paula.

Ele adora. Ele é demais. O Ismael, dos professores, era o que sempre dava apoio pra gente. Ele ficava puto quando a gente fazia alguma coisa, como por exemplo, grafitar uma sala de aula, ou quando um professor saía desesperado e ia encher o saco dele lá. Mas quando pedia equipamento, ele liberava tudo, deixava com a gente final de semana... Era um diálogo muito legal. Até hoje. Hoje ele é meu colega. A gente tem um diálogo muito interessante. E o Ismael é de uma ironia total. Às vezes chega a ser um cinismo que quase beira o niilismo. Risos.

A gente teve uma repercussão forte nos meios de comunicação, com o Amylton de Almeida, a Sandra Aguiar e outros repórteres. A gente teve um diálogo muito grande. De crítica e de apoio. Teve uma série que o Amylton fez de cultura capixaba no jornal mesmo, dia de domingo, página dupla, às vezes tripla, só discutindo a cultura capixaba. “Broa de Milho” era o nome da série. E ele entrevistou vários artistas e um dos entrevistados foi o Balão. Saía tudo na entrevista, foram dois repórteres, depois eles transcreveram o diálogo, os bate-bocas, uma entrevista muito rica. Você não vê mais isso.

H: você lembra em que ano foi isso? (ansiosa para ter acesso a este material)

Acho que foi em 85 ou 86. Broa de Milho, uma série feita pelo Amylton de Almeida e Sandra Aguiar (dando o serviço completo quando percebeu minha intenção). A Sandra não está mais aqui. Este material é bem interessante porque ele era um crítico diferenciado, brigava pela pauta, não consumia só o que vinha de fora. E havia a discussão da cultura local, havia uma efervescência e via universidade o Balão aparecia. Havia o clube de teatro, mas o Balão ganhou destaque mesmo. E a gente era contundente, nem lembro o que falávamos, mas éramos contundentes. A gente gostava de ser contundente. Isso era fato, o gosto pela polêmica fazia parte.

H; você falou do gosto pela polêmica e eu lembrei do livro do Martinuzzo. Como foi para vocês ter isso publicado?

Quando eu li o material eu achei que foi superlegal porque foi um dos primeiros materiais, senão primeiro, que sistematizou... Porque os meninos não são historiadores, estavam fazendo uma disciplina, são jornalistas. Mesmo com algumas lacunas, o limite do espaço, é o primeiro trabalho que faz uma cronologia dos acontecimentos publicados por terceiros que não no jornal, que não no calor da

época, com um olhar um pouco mais distanciado. Para mim é o primeiro material. Eu tenho ele e uso quando alguém quer conhecer um pouco: “gente, tem esse material aqui que tem algumas pessoas, algumas informações”. Acho um material importante. Não é um material histórico. Assim, o movimento foi muito mais complexo. Na nossa conversa aqui trouxe tantos elementos a mais, acredito. Mas se você for pegar outras pessoas que participaram, com a Telma, o Mauro Paste, o Ernandes Zanon, pessoas mais próximas... A Sáskia Sá, hoje tá na ABB, cineasta, fez Artes na época. Você vai ver que foi muito significativo para a vida das pessoas e havia uma intensidade muito grande de envolvimento. Contavam muitas histórias. Tinham coisas que aconteciam e falavam que a gente tinha feito e a gente ficava assim “Como? Quem fez?” Não tinha controle. Não era uma organização centralizada onde você tem uma direção, como os partidos, o diretório, os CA’s. A partir daí você tem a plataforma, o grupo e as ações. Então as coisas aconteciam, falavam que você fez alguma coisa que você nem sabia. “Como? Eu nem tava lá naquele dia”. Mas tinha alguém do grupo e às vezes tinha uma pessoa só, mas tava com a roupa rasgada, grafitada, que a gente fazia também muita customização do figurino. Risos. O figurino era sempre trabalhado. Risos. As camisetas eram tiradas as golas, marcas, eram grafitadas.

Quando tinha alguém (assim) “era Balão!” quando alguém fazia alguma coisa assim, contestava um professor ou falava numa palestra e fazia uma pergunta meio fora de sentido: “era do Balão!”. Risos. Isso virou um movimento mesmo. Não tinha a pretensão, a intenção de ser um movimento e ao mesmo tempo a gente não tinha o menor talento para controlar nada, porque a gente já tinha vindo de um movimento estudantil que tinha esta hierarquia, e a gente não queria. E a expressão artística ganhou destaque, mesmo que ela não fosse como os críticos de arte diziam, não fosse arte. Mas era manifestação artística e era manifestação artística política. Tinha uma perspectiva mais política, da política, das relações da vida. Tudo está em relação, você pode chamar de relação política. Pegando a frase do Leminski “tudo que respira conspira”. Então é ato político. E nessa perspectiva a gente achava que tava mesmo fazendo política.

Nós participamos da Estatuínte, que foi um movimento que teve em 88 na universidade, discutiu o estatuto da universidade, meio que pegando o movimento da Constituinte de 88, que foi um período bacana, meio que definidor dali pra frente

as coisas ficaram muito institucionalizadas. A sociedade civil até 88 estava se organizando e foi um momento bonito. E nós participamos. A gente não se negava a participar de certas coisas, a gente só não reconhecia determinados espaços como legítimos e únicos: “isto vocês tem de discutir lá no conselho-não-sei-onde”, “isto vocês tem de reivindicar...” a gente ia logo para o grafite e discutia diretamente com o professor. Alguns aceitavam as nossas considerações, outros não.

Inclinando-se para frente, em tom de confidência: a gente gostava até de dar bibliografia para o professor. Risos. Abusados. Neste contexto, eu agora pensando como professor, pensando talvez na posição deles, “abusados, quem são estes meninos para dizer o que é melhor para a disciplina?” Nós fizemos uma sugestão de disciplina para o Renato Soares. Você teve aula com o Renato Soares? É outro né, convenhamos. Na nossa época ele era candidato a senador ou governador... Era professor de Deontologia da Comunicação. E ele estava candidato naquela época. Então ele faltaaaaava... Foi uma confusão lá porque ele não deu aula e nós criamos uma turma, sugerimos a disciplina, Ismael assinou e nós mesmos dávamos as aulas. Não tinha professor, só tinha o Ismael assinando. E funcionou. Todo mundo ia às aulas, ninguém faltava. Discutíamos textos dentro da disciplina Deontologia. Ética, Legislação... Autogestão. Acho que é colocar também o aluno como responsável pela sua formação. Não só a instituição, o professor, mas o indivíduo. A gente trazia muito isso também, o indivíduo também é responsável por alguma coisa na sua vida, não é aquela visão totalmente marxista de que o contexto é tudo, as máquinas oprimem. Nós também podemos, na medida do possível, fazer alguma coisa. E isto pensando a universidade como espaço de debate aberto livre, espaço livre, achava que podia falar tudo. E isso acho que marcou um pouco a geração.

Pausa para atender ao telefone.

Não é tão fácil, o Balão terminou meio que... As pessoas meio que... Não podia ser diferente também né? Você já percebeu a gente não era fácil. E a gente teve umas divergências internas mais no final... Como não tinha centralização, cada um foi para um caminho. Então chegou em meados de 88, 89, as pessoas foram se formando, foi diluindo, né? E o grupo mais coeso, por algumas questões de tempo de casa... Vamos dizer que a gente não terminou de uma maneira muito amigável. Você vai

ver, todos os movimentos terminaram assim, é meio antropofágico, a gente acabou se devorando um ao outro.

Eu fui embora, fui viajar, fiquei viajando e fui estudar. Outros foram ser profissionais como o Chailub, que virou um “puta” (no sentido de grande) arquiteto, (baixando tom de voz) trabalhou para a prefeitura de Vila Velha, foi responsável por aquela orla horrorosa. Risos.

Ficou rico, ele ficou rico com o escritório de arquitetura dele. O Ernandes Zanon é Diretor de Cultura da Serra, já foi Diretor de Cultura da prefeitura de Vitória, sempre ligado à burocracia, virou um tecnocrata ligado à cultura. A Telma se aposentou. Hoje é avó. Até entrei em contato com ela, vai me passar material (para o documentário que ele está organizando). Depois eu passo para você, ela está querendo me doar o material que ela guardou. E ela guardou muita coisa do Balão. O Mauro Paste, que é também um integrante forte. Mauro era um pouco mais velho, ele era da turma do jornalismo. Ele não era daquela turma que o Domingos nomeou, mas ele estava sempre periférico, ali, ele se integrou mesmo. (em tom de quem recita...) Hoje ele mora em Piúma, trabalha com comida natural, construiu a vida. Outros casaram, estão em Cachoeiro...

H: esta coisa da agregação com o movimento...

Era fluído. Uma hora tinha um grupo, de repente tinham outras pessoas. Agora, tinha um grupo mais próximo que se encontrava sempre, que era eu, Ernandes, Paulo Sérgio Socó, que depois teve todo aquele processo também de enlouquecimento, hoje ele tá ótimo. O Mauro Paste, o Mineiro que hoje tá em Nova York, a Telma, Tuniquinho. Depois, saindo um pouco mais, vai chegar a Sáskia Sá, que é das artes, o Alexandre Krouzemark, aquele fotógrafo que fez Comunicação e foi companheiro de Telma por um bom tempo, Sueli Carvalho da História.

Em meados de 85, 86, começa a ser menos comunicação e mais geral, pegando gente que era de outros cursos e gente que nem era da universidade. Aí também incorporava tudo, até os doidos. Como “Benjite”. Não sei se você lembra de um que era mendigo, vivia na universidade catando bituca. Risos. Ele ficava vivia em torno. Ele também incorporava. Risos. Havia muito isso, não havia discriminação. Só que algumas pessoas se encontravam mais, se viam mais e estas mesmas pessoas com

o tempo vai havendo uma série de desgastes, relações afetivas, não é? Um vira caso do outro, que depois namora com o outro... Estas coisas, quando começam a ir para o lado mais instintivo do ser humano, que é irracional, que envolve paixões... Aí tem hora que a coisa degrading mesmo e tava já na hora de... A coisa foi se diluindo mesmo. E acho também que a sociedade já estava transformada, já havia um processo de consolidação da democracia, final dos anos 80, passagem da Constituinte. Então já havia um novo momento histórico se iniciando, o neoliberalismo entrando com muita força, a universidade se reestruturando, mas ainda muito... O movimento estudantil também desgastado, muito partidário, tudo isso vai... (faz gesto com as mãos, indicando fim)

E aí nos anos 90 já não estava mais aqui, nos anos 90 fiquei fora. Voltei em 99 como professor. Eu saí daqui em 90 e volto em 99. Fui viajar, estudar, fiz concurso... Eu nunca imaginei que eles fossem me aceitar como professor. Risos. Isto para mim foi uma novidade, eu também nunca pensei em ser professor universitário. Só depois que eu fui fazer mestrado que eu vi que era realmente a minha praia. Comecei a dar aulas, a trabalhar em São Paulo e quando tive a oportunidade vim. Passei em segundo lugar e me chamaram, por isso que falei “nossa se fosse em primeiro”, mas passei em segundo. Mas me chamaram... Risos... Que bom.

Mas aí o departamento já tinha mudado também. Já tinham entrado Ruth Reis, Alexandre Curtiss, já tinha dado uma modificada no perfil, os mais velhos já tinham aposentado.

H: dos que você falou, só peguei o Beto Behling, Renato Soares e Ismael. Depois foram os mais novos, Alexandre Curtiss, Júlio....

Júlio, Júlio também se modificou... Mas ainda dependia (o curso) muito das Ciências Sociais, tinha muita disciplina das Ciências Sociais. Hoje está com menos, o departamento oferece mais disciplinas...

H: tinha o Arlindo

Arlindo também foi meu professor. Ele tinha uma relação de amor e ódio com a gente. Ele adorava nossas performances. Ele apresentou para mim, na aula dele, os videoartes do Allen Ginsberg. Foi o primeiro contato com a videoarte, nós fazíamos

muita coisa de vídeoarte, mas não tínhamos vídeo (a disciplina). Ele foi o primeiro a nos apresentar a videoarte. O cara tinha uma formação muito boa, né?

Mas era um... Esquisito. Tinha dia que acordava de mau humor e xingava todo mundo em sala de aula: “seus cabeças de camarão, vocês não tem nada”. E eu pensava assim “gente, ontem ele tava tão bem...” Risos... “O que aconteceu?”. Risos. Era surto. Mas era um cara que tinha um diálogo, podia discordar, mas ele tinha referências, boas referências das coisas que ele trazia.

H: acho que era um das poucas disciplinas que a gente via arte...

É, era uma das poucas. Estética e História da Arte. Cheguei dando esta disciplina no lugar de Silvia...

H: Silvia Chiabai?

É, ela estava doente e... Você lembra o histórico dela, não é? Estava doente e acabei pegando as disciplinas dela. Foi minha professora também, foi sua?

Quando peguei ela, estava voltando do mestrado dela em semiótica. Então, estava assim na soberba, porque era o curso da moda. Nossa, uma arrogância. Ia dar as aulas pra gente e não tinha uma televisão. Tivemos de fazer uma greve porque não tinha um equipamento.

Sou interrompida pelo meu telefone. Quando desligo, Carminati diz que acha que já falou tudo, se há algo mais.

Lembrei a ele de uma “herança do Balão”

H: André Hees até fala no livro do Martinuzzo que herdamos do Balão “gosto pela polêmica e amor à arte”...

É tinha muito isso mesmo, acho que formou...

2.1 O Balão por Cláudio Rocha

Início a entrevista contando minha saga no mestrado para explicar o meu tema, falando dos movimentos e como refinei a pesquisa até chegar no Balão. Cito vários movimentos e ele completa:

Claudio: Turma do Ócio, também, que foi anterior à nossa...

H: você participou da Turma do Ócio?

Não, na verdade eu entrei na turma que vai ser apelidada Balão Mágico. Mas quando a gente entra existia um grupo que vivia ali na pedrinha perto do RU, que ficava deitada ali a maior parte do dia e não sei se foi apelidada assim ou se auto-apelidou. Turma do Ócio era uma turma muito interessante também. Embora aparentemente fosse um movimento, para quem tá de fora, de pessoas que não querem nada. Eram pessoas muito inteligentes, muito interessantes. E acho que estes movimentos dizem alguma coisa mesmo quando a gente não quer dizer. Então, a gente uma universidade que era muito... Muito fragilizada... Uma coisa de professor ser servidor público, funcionário público. Acho que o nome inclusive é esta tentativa de chamar servidor público, o funcionário público, certamente é uma tentativa de sair do estereótipo do funcionário público. Mas acho que as universidades federais ainda tem muitos professores que vestem esta coisa do funcionário público que não tá nem aí para porra nenhuma. Acho que a gente entrou numa universidade que era muito sem identidade, porque era final da ditadura militar. Isto porque eu sou da turma 83/1, da turma do Carminatti, o Zocrinha. Então eu entro nesta turma e faltavam 2 anos, 1 ano e pouco para que os militares deixassem o poder. Então tinha. O Ócio (turma) tinha um simbolismo que... Nós não brigamos, não vamos para o enfrentamento que aconteceu no passado com pessoas que foram importantes para a nossa história, pessoas que se dispuseram a morrer, matar para tentar ter um mínimo de liberdade ou a volta de um dos traços daquilo que nós chamamos de democracia. Porque democracia tem que ser mais do que isso. Porque se for só o direito de falar o que você acha e acredita, é muito pouco, né?

H: muito pouco

Os sociólogos que estudam isso vão dizer que na ausência da democracia plena temos uma democracia parcial. Mas era importante naquele momento e as pessoas

se dividiam, ou falavam muitas coisas através desses apelidos, mas não era uma coisa... Pelo menos no nosso tempo... Não era uma coisa orquestrada, uma coisa muito pensada, o que você quer fazer como movimento, virava um movimento. A turma do Balão Mágico tem muito disso. Risos.

A turma do Balão Mágico tem mesmo esse traço, ela surge do nada, a gente não tinha uma proposta fechada, a coisa vai acontecendo. É um movimento anárquico, obviamente, embora boa parte da turma nem soubesse, nem tinha a consciência disso. Nós éramos todos muito meninos, mas era um movimento anárquico, né.

É muito interessante ser estudado dentro da educação, porque sem querer a gente começou a propor uma outra relação em sala de aula. Talvez não sem querer. Uma relação muito madura para a sala de aula... Depois eu vou dar aulas, você dá aulas, é uma coisa muito difícil quando não tem um grupo disposto a amadurecer, professor e alunos. Quando você não consegue enxergar no grupo todo, do qual o professor deveria fazer parte, e esta era nossa reivindicação, que o professor fosse parte do grupo, não o professor e o grupo separado. Mas quando o professor não se dispõe a fazer parte do grupo, e quando o grupo não se dispõe a ser adulto ou a ser gente, é muito complicado. O que a gente tinha naquele tempo era uma parte do grupo que estava muito disposta a fazer coisas, a propor, a discutir, querer viver coisas. Nós éramos um movimento muito alegre, muito divertido. Acho que para todos nós que vivemos aquilo, acho que todos nós falamos com muito saudosismo daquela época porque talvez tenha sido a época mais feliz da vida de todos nós. Porque nós nos divertimos muito, fizemos muita coisa engraçada dentro da UFES que tinha um... Que era muito bacana porque quebramos com coisas assim... Que era a idéia de que tudo devia ser tratado com muita seriedade. E era tratado com seriedade, a gente se divertia, nós fizemos coisas muito engraçadas na UFES.

Tem um professor que eu sempre achei muito chato, chamado Dilvo Peruzzo. Não sei se você ouviu falar nele. A gente chamava de peruzão e a mulher dele de peruzona, que era a Cecília Peruzzo. Que são dois professores com os quais jamais tive identificação como ser humano. Aqueles professores da esquerda, aquela esquerda fechada, marxista, leninista, não sei o que... Que era um traço muito forte, ainda é, mas era um traço muito forte na universidade naquele tempo, os professores todos muito marxistas. E aí a gente dá de cara com aquela figura muito

chata, começam a tratar a gente ou como menino demais ou... Não querem se arriscar numa outra relação. Eram meninos quase todos muito inteligentes, alguns deles com nível intelectual maior do que o dos professores que nós tivemos. Então os professores tinham um certo receio da turma. Esta era a minha impressão.

E aí, a gente faz coisas do tipo, quando nós propomos “vamos acabar com esse negocio de chamada” e o Dilvo responde: “não, eu preciso saber o nome de vocês”. Então tá bom. Fomos com uns crachás deste tamanho (faz gesto abrindo bastante os braços) para a sala de aula com nome escrito. Sentávamos na sala de aula com crachás deste tamanho na aula dele. E aí, a universidade ia pra lá... Risos. Tinha um vidrinho na porta, na janela, e a universidade estava ali olhando. Todo mundo queria ver, porque era muito engraçado. E aí tinha um negócio genial, de um menino que não é originalmente da turma do Balão Mágico, mas fazia a disciplina... EBR... Um negócio assim, a educação moral e cívica da universidade. Lembra da Moral e Cívica do... Colegial, na nossa época era colegial. Então tem uma cena de uma prova, que a gente se recusa a fazer. Aí entra o Flávio Sarlo, que era um menino que fazia esta disciplina com a gente, mas não era da turma original, ele vai lá disputar as provas com o professor, arranca as provas das mãos do professor e era muito engraçado, porque a gente se recusa a fazer a prova, e ele puxa as provas pra lá, o professor puxa para cá. Aí ele ganha a disputa, bota embaixo do braço e diz “vou levar para rascunho”.

Então nós fizemos coisas muito doidas. Não sei se estou entrando nos temas que te interessam, mas acho que há uma distinção muito importante a ser feita. Isto sempre me incomodou, muito. É distinguir a turma do Balão Mágico do movimento Balão Mágico que foi muito mais careta que a turma. O movimento é muito bobo, em algum momento ele cai na bobagem, na bobice. É aquela coisa do menino que vai para lá porque a gente ficou muito famoso na UFES. Então era mais fácil comer as meninas se você fosse da turma do Balão Mágico. Embora metade da turma do Balão Mágico fosse gay. Por outro lado, as meninas iam pra lá para comer os meninos. Então começou a ficar um negócio meio assim que é muito normal para esta idade. 18, 19 anos, os hormônios todos... As meninas, na universidade em 83, as meninas davam, os meninos trepavam, era uma coisa muito diferente na nossa época. Não é como hoje que o menino de 15, 16 anos transa na esquina, vai embora e nunca mais olha para a cara da menina, ela também não olha mais para a cara dele. É muito

impessoal. A gente tinha uma vida muito mais pessoal, muito mais afetiva, acho eu. E ao mesmo tempo, éramos meninos, os hormônios estavam acelerados. E se você conseguia interagir melhor com o outro era melhor, chamava mais atenção. E os porraloucas vão ganhar mais simpatia, alguns oportunistas que vão para lá tentar namorar e tal. E aí o movimento começa a sair de sala de aula. Eu não sei se o Zocrinha te contou como surge o movimento, de onde vem o apelido...

H: contou, mas eu gostaria de ouvir de você...

É a briga com o professor Domingos. A turma era uma turma de umas 40 pessoas. Mas 15 pessoas resolveram na turma, acho que era Teoria de Comunicação II, resolvem fazer um trabalho sem orientação dele. E o Domingos era muito vaidoso, como é a academia. Eu diria que a academia contribui muito pouco para a sociedade, embora ela tenha obrigação de contribuir muito mais. Ela contribui muito pouco porque tá todo mundo focado no próprio umbigo na academia. Há uma coisa de vaidade, até pessoas que eu gosto... Sabe, assim tão deslumbrados com o pouco que sabem. E o Domingos era um professor deste tipo. Com muito conhecimento específico da área dele, talvez até com muito conhecimento geral, que eu não consigo avaliar mais e talvez eu não tivesse naquela época condição de avaliar. Mas uma pessoa centrada nele mesmo e achando que o mundo tinha de achar ele lindo, maravilhoso, inteligente... E aí, quando nós rompemos com a orientação dele, é como se estivéssemos dizendo para ele que nós não achamos ele tão genial assim.

E aí ele ficou muito irritado com a gente. E a gente já vinha discutindo com ele um processo de uma outra relação em sala de aula... Esta coisa de chamada, prova, não-sei-o-quê, blá, blá, blá...

E aí a gente boicota uma prova com a prova em andamento. A gente vai pra prova e faz um monte de proposta no papel da prova. Ele apelida a gente de Balão Mágico antes disso, a gente assume o apelido e vai pra prova fazer um monte de proposta na prova. E depois, no final do período, a gente rompe com ele quando não aceita a orientação dele.

A gente vai fazer um trabalho, com todas aquelas coisas de menino, uns mais interessados outros muito menos, alguns levando a sério outros brincando, tudo isso. Mas ele pega esses quinze alunos e bota de prova final. Ele dá 2 no trabalho.

Obviamente o trabalho podia não valer 10, que era uma coisa que a gente também discutia, como que se avaliava este tipo de coisa tão subjetiva, mas tampouco valeria 2. Até pelo esforço, até porque a gente... Você que dá aula, eu que já dei aula também... A gente valoriza o esforço do aluno, esta tentativa de fazer algo diferente. Mas com 2 todo mundo ficaria de prova final. E aí nós tínhamos 15 alunos envolvidos neste processo, que para mim é a turma do Balão Mágico, para mim é este momento que se identifica como Balão Mágico, porque aí é que a gente vai para o enfrentamento. E a gente decide como grupo não fazer a prova, porque tinha alunos que precisariam de 4, de 5 e tinham alunos que precisariam de 9. E aí nós agimos como grupo e como movimento, movimento razoavelmente organizado, coisa que a gente não era – decidimos não fazer a prova para que a turma não se separasse.

Acho que há um entendimento neste momento também de que o nosso brilho era coletivo, nós só éramos o que éramos coletivamente. Individualmente... (faz gesto com as mãos indicando que pouco importava...)

Tudo aquilo que discutíamos, as essências estão mantidas. Eu sou muito parecido com aquele menino lá, eu me acho muito parecido, adotando estratégias talvez muito mais maduras para sobreviver e viver, mas eu acho que perderíamos muito o brilho. Acho que houve um entendimento rápido e silencioso de que a gente morreria separado. Então decidimos enfrentar e ficamos todos reprovados na disciplina dele. E aí ameaçamos brecar o curso. Porque na época, eu não lembro por qual motivo... Talvez o Zocrinha tenha te dito ou lembre disso, mas na época você não podia... A turma que vinha atrás tinha de ter tantas vagas, e aí complicava, não tinha vagas para a turma que vinha de baixo... E aí nós brecamos o curso. Falamos “nós só aceitamos pegar a disciplina com outro professor”.

E foi aí que entrou no Jaime Doxsey na parada para nos pegar e nos surpreende. O Jaime faz parte de um processo reflexivo importante para a gente. Não sei você já ouviu falar do Jaime Doxsey. Jaime era do departamento de Sociologia. Era do departamento, porque já deve estar aposentado. Um americano que morava no Brasil já há 14 anos, tinha feito todo um trabalho de educação, vindo dos EUA, passando pela América Latina toda até chegar ao Brasil. Um cara muito envolvido com o processo de educação e com um processo de educação diferente. Eu não

lembro mais a corrente pedagógica que ele defendia ou representava, mas ele chega na nossa sala e... Talvez você se lembre disso, você faz mestrado em educação (faço que não com a cabeça). O movimento eu não lembro mais.

Mas ele chega em sala de aula, senta e fica quieto. E aí nós todos ficávamos assim “e agora?”. Ele não se manifestava, a gente não se manifestava e nós passamos algumas aulas assim. E foi de um incomodo profundo. E ele estava dizendo pra gente “bom, vocês não querem aquilo, o que vocês querem?”. Era o que eu entendia: “to aqui, me proponham”. E nós ficávamos lá, parados no tempo. E foi um negócio bacana porque faz a gente começar a refletir outras coisas, lógico num processo extremamente anárquico como foi este início da turma do Balão Mágico. É lógico que a gente sabia muito pouco o que queria. A gente sabia muito que aquela estrutura não era agradável, a gente não entendia que aquele processo pudesse nos levar a um processo de aprendizado saudável, bacana. Mas ao mesmo tempo, é claro, éramos todos muito meninos e não sabíamos exatamente como conduzir aquele processo quando entrasse em sala de aula se não tivesse uma interferência do professor. É lógico que o professor tinha grande importância no processo.

Mas tinha gente que achava assim: “ah, mas vocês não querem ter professor”. Não era nada disso, em momento algum a gente propôs uma universidade que chegasse a este nível, completamente laissez-faire, cada um por si, não. Não era... O que a gente queria era alguma condição em sala de aula. Este momento foi muito engraçado.

Daí, nesse momento, quando a gente começa a chamar muita atenção dentro da universidade, quando nossas brigas ficam muito patentes contra o Dilvo Peruzzo, o Domingos... As pessoas começam a se aproximar da gente. E aí tem um episódio no CEG, que a gente picha o CEG, fomos suspensos por um ano. Estes 15 alunos são suspensos por um ano com o soucier. O soucier, não sei se você lembra juridicamente, você sabe o que significa? No soucier você tá penalizado, mas não cumpre os efeitos da pena. Você é punido, mas não cumpre a punição.

E aí neste período a gente se lixa para o troço, porque a gente também entendia que era proforme. Eles tinham de nos punir porque nós pichamos o CEG. É claro, aquele monte de parede branca, para que serve isso?

E chega o Zocrinha e o Ernandes, que foram alunos ou eram alunos ainda da artes. Então a gente acabava tendo uma identificação com o pessoal e com coisas que aconteciam nas artes, no departamento de artes. Inclusive com a tentativa de expulsão da professora Telma. A gente acaba se envolvendo nesta discussão e aí o movimento extrapola muito a sala de aula e começa esta coisa dos meninos que vem. Eu lembro de pessoas por quem eu não tinha o menor apreço pelo caráter, se aproximando da gente. E aí a turma original meio que se fragmenta um pouco.

A gente continua rindo, se divertindo. Fizemos muitos vídeos na universidade. Me lembro que eu faço um vídeo nu na universidade. Eu fiquei nu (um certo espanto e muitos risos). Tinha assistido uma aula do Arlindo Castro, de Estética, e ele passou Greystocke a "Lenda do Tarzan". E um dos colegas dessa turma do Balão traz uma peruca, tipo Greystocke mesmo. E eu pego esta peruca, visto esta peruca e saio pela universidade. Nós éramos muito populares, conhecidos, e as pessoas não conseguem me reconhecer, boa parte não me reconhecia. A gente brincou muito, depois a gente foi para a caixa d'água... Nós estávamos experimentando de tudo, experimentando drogas, sexo e rock n' roll. E nós fomos para a caixa d'água fazer umas imagens e fomos brincar. Então "você entra na matinha e sai nu" (imitando a forma como alguém disse isso para ele). "Não, não, de jeito nenhum. Cueca tudo bem gente, pelado de jeito nenhum". Eu desci para a matinha já na cabeça que eu ia vir nu, mas brincando. E aí eu saio e um colega me entrega um papel. Eu pelado e um colega me distribui um papel de política estudantil, que era uma das coisas que a gente sacaneava muito na época.

É bom você falar de movimento estudantil porque a gente sacaneava o movimento estudantil que existia na época. O movimento formal, o movimento estudantil dos CA's, DCE e tudo o mais. Aí eu saio da matinha, já saio nu e o cara fica me entregando papel, eu me lixo para os papéis que o cara tá entregando e a menina que estava filmando... Nas primeiras imagens eu apareço em chicotadas, porque a menina que estava filmando ria, ria... Porque eu tinha saído todo nu. Era uma coisa assim, a gente se divertia muito com o que estava fazendo. No meio do caminho, quando o processo começa a extrapolar a sala de aula e a gente percebe que a gente cria, tem alguma força dentro da universidade, pelo menos de contagiar colegas e tal, a gente começa a se envolver com as instituições, uma delas o movimento estudantil, que a gente sacaneava muito. Achava careta, achava

conservador, a discussão sempre por uma ótica muito marxista de mundo, também oportunista. Quando eu entrei na UFES o presidente do DCE foi o... Que foi procurador do município de Vitória... Muito aliado com Paulo e Stein ... Arimateia.

H: que eram do movimento estudantil...

Eram os caras que dominaram o DCE nesta época. Por nenhum deles nós tínhamos apreço pelo político, ou que viraram depois políticos e principalmente pelo caráter. Todos três para mim são pessoas que considero desprezíveis até hoje como ser humano. E que traçaram uma carreira política, alguns com cargos eletivos, outros não, traçaram uma carreira política que eu imaginava, acho que parte desta turma também imaginava que seriam: políticos oportunistas, aquela coisa toda.

Então esse movimento estudantil a gente ridicularizava. A gente entrava nas discussões ridicularizando o movimento e fazíamos coisas engraçadas, lançamos a candidatura de um cara folclórico que tinha na UFES à presidência do DCE, um desses malucos, cara louco, alucinado, que não tinha noção de porra nenhuma, e ele se achava. Eram três doidos que tinham na época: Décio, Jardel e Fernando Cocô. E eles discutiam tudo, com um envolvimento... A quantidade de besteira! Nenhum deles tinha... Todos eles pareciam ter problemas de saúde mental, eu não tinha nenhuma dúvida. E a gente lança a candidatura do Décio, faz um folclore para lançar a candidatura do Décio... Ou Délcio... Não lembro mais, não importa o nome. Importa que ele pergunta: “é sério mesmo?”. E a gente faz um discurso; “quem entre nós merece mais?”. Porque a história que rolava na UFES era que ele abriu mão de uma herança que tinha para continuar a ser do proletariado. E a gente cita esta história, ele acha que é verdade... Risos. Muito engraçado. E ele passou muito tempo achando que a gente tava apoiando a candidatura dele.

H: mas ele estudava aqui?

Estudava, nem lembro o que ele estudava... Não sei se era Direito, sei que ele não regulava porra nenhuma, mas era muito engraçado. Sei que a gente faz isso tudo e aí, quando o Balão vira movimento, uma parte do grupo se afasta um pouco, começa a se divertir um pouco menos, porque embora a gente também gostasse de namorar, de não-sei-o-quê... A gente também achava chato o oportunismo. E aí o movimento... As matérias, os jornais daqui, não recentemente, tratam o Balão Mágico muito relacionado a esta parte final, que é quando este povo todo se

envolve, especialmente o povo de Artes se envolve com o movimento, mas não tinha a menor interação, o menor entrosamento, gente com quem a gente não tinha afinidade, afinidade intelectual... Nada. São pessoas que vieram no meio do caminho, acharam bonitinho ser Balão Mágico. As duas pessoas que aparecem mais no final, quando este grupo de desintegra um pouco são o Ernandes e o Zocrinha, porque faziam mesmo esta transição entre Comunicação e Artes com mais força. Este é o resumo da história do Balão Mágico. Eu gosto de fazer esta comparação porque a turma é muito mais importante que o movimento. Não existiria movimento sem a turma. Se a turma não tivesse brigado pelo que brigou, do jeito que brigou, com um pouco de imaturidade mesmo, um pouco de jeito de menino mesmo. Tá ótimo, não tinha nada demais nisso. As pessoas que tentaram polemizar com a gente, que trataram a gente desta forma, não podem nem ser professor. Um professor que tira de você, que quer tirar de você as coisas bacanas da sua juventude... O processo de amadurecimento natural que vem disso tudo. Pô, este professor não consegue dar gás para você virar um bom aluno, para você participar do processo de aprendizagem de uma forma saudável, para você discutir a sua vida, a vida dos outros, para você se inserir coletivamente na vida da sociedade... Eu acho que estas pessoas não estavam preparadas para uma turma diferente. A turma era uma turma muito diferente do padrão, se a gente for para a universidade hoje, nós seríamos ainda mais diferentes, ainda mais porra loucas, porque a universidade ficou muito careta, os meninos estão muito caretas. E a gente não tinha nada de careta. Era uma turma que conseguia discutir liberdade com muita alegria e que era muito séria ao mesmo tempo. E a gente falava sério “por que o professor ali e o grupo aqui?”, “por que não pode ser mais igual?”, “por que a avaliação tinha de ser tão careta?”, por que a gente tinha de ser submetido a esta avaliação que vai me medir pela sua idéia subjetiva do que eu consigo produzir?” “por que a gente não pode ter uma outra forma de crescimento dentro desta estrutura?”

É óbvio, parece extremamente utópico, era bonitinho, era sonhador, era talvez a universidade ideal. Quando você entrasse, logo que você entrasse fizesse um processo mais livre de aprendizagem, porque era um processo de aprendizagem. Mas você tem de estar preparado para este processo, pelo menos para querer este processo. Que é o que a gente não vê hoje nos alunos. Falta brilho, ele não quer conhecimento, ele não quer nada. Ele quer sair daquela porra, ele entra para sair. É

muito esquisito, ele não quer nem namorar, o divertido destas coisas, que é o coletivo da universidade. Que é muito divertido, muito bacana. A gente ia para todas as palestras, todos os filmes... Tudo que a universidade produzia a gente ia, discutia, participava, brigava. E às vezes falava besteira, se eu me lembrar de algumas coisas que disse e fiz, fico com vergonha, mas naquela idade era um barato, era essencial que a gente passasse por isso. E acho que a universidade precisava incentivar as pessoas a se movimentarem ali dentro, a fazer escolhas, a querer discutir uma vida conjunta, a discutir o sentido de universidade que se quer ter. Nisso a turma do Balão Mágico era ótima, porque ela ultrapassou a sala de aula e ela era muito disposta a ultrapassar a sala de aula também no processo de aprendizagem, não só na discussão, mas interagir com a universidade como um todo, estar nos outros cursos, ouvir os outros cursos, falar com as pessoas também. Acho que foi muito saudável, não tive notícia de outro movimento que tenha sido tão bacana na UFES.

É claro que falo isso com muito orgulho de ter participado deste processo que é da década de 80 para cá o mais importante movimento... Está me faltando a palavra... Não proposital da universidade...

H: espontâneo?

É espontâneo. Movimento espontâneo da universidade. Acho que isso talvez tenha sido o mais bacana. Porque foi absurdamente espontâneo. Nós não criamos uma turma, na verdade quem criou a turma foi o professor. É o professor Domingos que cria a turma. É muito engraçado, né? E ele acaba nos dando força, não nos queria, mas acaba nos dando força. Ele dá um passe errado, a gente aproveita do passe dele, briga. É maduro suficiente (o grupo) para nos entendermos como movimento e aí a gente vira uma coisa importante dentro da universidade. O que, é óbvio, o professor Domingos odiou. Risos.

Tô falando, demais, qualquer coisa me interrompe.

H: eu tô achando ótimo. Cláudio, uma das coisas que eu queria saber é que experiência isso proporciona para você, que formação, partindo da idéia de que tudo forma, não só na sala de aula, tudo serve para “educar” a gente. Que formação, que experiência que o Balão propicia?

Na verdade, eu acho que eu entro na universidade com uma essência muito própria do que aquele grupo discutia, sem querer começou a discutir. O meu pai e a minha mãe... Eles não tiveram uma formação muito alta, mas meu pai era uma pessoa muito culta. Papai estudou até o colegial, o antigo ensino médio... No primeiro ano ele largou, enganou a família e foi jogar futebol. Mas meu pai lia Shakespeare, Victor Hugo na adolescência e tal. E ele era muito inadaptado ao mundo, o mundo era muito agressivo para ele. Essa coisa da rigidez do horário de trabalho, de ter de sustentar as coisas, de ter de fazer isso, fazer aquilo... Isso para ele era muito complicado. Ele tinha uma porralouquice intrínseca que ele nunca percebeu. Ele tinha um anarquismo que nunca percebeu. E eu acho que isso me contaminou, embora essas relações vão de 0 a 100 num segundo. É muito bonitinho você ter um pai capaz de discutir tudo. Você falar de Nietzsche, ele vir para conversar de Nietzsche e você pensar assim “como é que este coroa sabe disso”. E você ir lá e olhar no livro e o que ele está falando corresponde, ele não inventou nada. E você “pô, de onde ele tirou isso?”. Então eu acho que meu pai é a força que me contamina primeiro. Eu chego com o contágio dele, e eu falo de 0 a 100 porque ele precisava suprir a casa, aquela coisa de pai e ele não era uma pessoa bem preparada para isso, entendeu? Com o amadurecimento, a gente vai entendendo a loucura de cada um. Ele era muito doido, mas ele me contaminou um pouco.

Então eu chego com uma essência mais anárquica e encontro com este grupo que para mim foi muito mais importante que qualquer professor que tive. Eu aprendi mais com estas pessoas, com as experiências com estas pessoas viveram, muito maiores que as minhas. Eu vim de Guarapari... Eu tinha estudado em Guarapari o ensino médio e eu não tinha dinheiro, era muito pobre, então o ensino médio que eu estudei era aquele de mentira... Era daqueles cursos técnicos que não tinham nada, nada, nada... Não tinha Português, não tinha Matemática, era tudo de mentirinha, como são hoje muitas faculdades, só para você ter diploma, não cumpre o papel de escola. E aquela não cumpria. Então eu cheguei aqui muito deficiente, com uma base muito ruim. E eu tenho que correr atrás desse grupo. Esse grupo me motiva demais a estudar, porque era um grupo muito forte, de pessoas muito cultas. Zocrinha, Ernandes, Guilherme, Mariozinho... Eram pessoas muito cultas. Décio, tinha um Décio na turma também.

H: Décio...? (fazendo menção ao louco candidato do DCE) Risos...

É, mas não era esse não. Então a gente cruza também. Como a turma começou a ficar muito interessante, a gente cruza também com pessoas mais interessantes no curso de Comunicação Social, a gente cruza com as pessoas mais inteligentes. E eu vou absorvendo um pouco do que aquelas pessoas falavam, vou procurar do que eles estavam falando quando não entendia... Ficava com vergonha, o que eu acho muito bacana no aprendizado. Que você fica com vergonha do que não sabe desde que isto te motive a correr atrás. Porque tem aquele que se envergonha e fica lá quietinho. Eu tinha vergonha de não saber, então corria atrás para saber. Essa turma me incentivou muito mais a correr atrás do auto-aprendizado, aquilo que é... Não acho a palavra... O seu esforço como aluno para ter conhecimento. E como na área nossa de Comunicação, e eu acho que em todas as áreas humanas, minimamente as áreas humanas, o mais importante é o conhecimento geral, eu corri muito atrás deste conhecimento geral. Sei muito pouco perto do que eu gostaria e sei muito mais do que provavelmente saberia se não tivesse encontrado essas pessoas. A grande motivação para ter o conhecimento que tenho, embora seja muito defasado em relação ao que eu gostaria, mas muito maior do que a média, é, realmente, a turma do Balão Mágico.

São as discussões que essas pessoas propõem, é entender que eu precisava sair em alguns momentos que eu era muito panfletário dentro da turma. Eu não tinha muita base para discutir o que eles estavam discutindo... E perceber isso e correr atrás. E essas pessoas, esse grupo era muito generoso. Primeiro porque dentro desse grupo nos apaixonamos uns pelos outros. Nós vivemos uma relação muito apaixonada mesmo. A gente gostava de ficar perto um do outro, a gente gostava de estudar junto. E era bacana porque quem sabia mais gostava muito de perceber que quem não sabia tanto estava aprendendo. Isto era bacana. E acho que este processo também nos incentivou a extrapolar a sala de aula, a ir nas palestras, a ouvir outras pessoas, a ouvir professores de outros cursos, a interagir com pessoas que a gente achava bacana de outros cursos. E isso também ajuda na formação, no aprendizado daquilo que eu acho importante no aprendizado. A sala de aula me deu pouca coisa. Infelizmente, a sala de aula me deu pouca coisa. Eu tive muitos professores “funcionários públicos”, muitos, muitos. E tive alguns professores surpreendentes.

Eu tive uma professora muito “careta”, de texto chamada Sybila. A pessoa que eu acho que mais me ensinou a escrever na vida foi a Sybila. A Sybila foi uma professora maravilhosa de texto. E é uma coisa bacana que no processo, no início, no nosso início, quando viramos um movimento, era impossível imaginar que eu aceitaria uma professora como a Sybila. E aí a gente vai amadurecendo no processo também, vai percebendo o que as pessoas podem dar pra gente. E a Sybila, dentro de uma visão muito careta, aparentemente muito careta, dentro daquilo que era muito anarquista, muito avançadinho nosso. Esta percepção muito sua, né? Eu sou avançadinho, você é careta, então também é preciso entender isso, eu posso ser o careta e você o avançadinho, sei lá... Mas a Sybila aparece e vira um marco para mim porque ela foi uma pessoa super importante para que eu aprendesse a escrever tecnicamente. E aquilo é uma coisa que em determinado momento a gente desprezava, este conhecimento técnico demais. Mas ela é muito importante e eu percebo que eu cresço com ela. Então são coisas bacanas quando você começa a perceber que você pode ter professores muito bacanas e muito diferentes. E eu tento levar isso quando eu viro professor. Eu dei aulas 7 anos em faculdade particular, quando eu levo pra sala de aula e eu percebo uma turma muito careta, queria ter uma interação diferente... As turmas não liam, né? Até gostavam de mim, do meu jeito doidinho, mas não liam. As turmas gostam mais de você porque você é doido do que pelo que você sabe ou pelo que você pode dar para eles. Isto é engraçado também (sem rir). O professor doidinho faz sucesso, o professor engraçado faz sucesso. A gente virou professor de cursinho...

H: aula show...

É, aula show... É quando eu começo a perceber que levo para faculdade, para os colegiados inclusive, que é muito bacana que os alunos tenham culturas diferentes, que se comportem de forma diferente, que vejam o mundo de forma diferente, porque isso é muito bacana para sua construção. Ninguém precisa ser um porralouca completo para que seja um bom professor, embora eu sempre tenha gostado mais dos doidos, os doidos sempre me encantaram mais. Mas não só os professores, os seres humanos que eu considero mais doidinhos me encantam mais. Ponto. Mas eu cruzei com pessoas muito formais na época do Direito, eu fiz metade de um curso de Direito e larguei por causa da suspensão com soucier, porque eu ia quebrar uma cadeira na cabeça de um professor de Direito muito

careta, que falava coisas absurdas, eu não podia aceitar aquilo, ia cair na porrada com um cara daquele.

No máximo do meu radicalismo naquele tempo eu ia dar porrada num cara daquele mesmo, ia quebrar uma cadeira na cabeça dele. Aí resolvi sair porque pensei “vou ser expulso da UFES, não podia reincidir”. O soucier suspende o efeito da pena, mas se você reincidir está expulso. Então não podia reincidir, larguei o curso. Mas era um curso de Direito selvagem. O curso de Direito era naquele tempo a representação das patricinhas e mauricinhos que a gente condenava, das pessoas que desprezavam o outro que a gente condenava, das pessoas que tratavam quem era diferente como merda, como cocô. Era tudo que eu desprezava no ser humano. E eu tive lá um professor chamado João Batista Herkenhof que é um humanista, uma pessoa completamente diferente do padrão. Conservador no jeito de ser, de falar... Conservador entre aspas, mas que... Assim, aquela pessoa que se arruma, que fala pausadamente, que é super educado... Mas com coisas que eu tenho uma profunda admiração. Adoro pessoas educadas, que te tratam com respeito, que diz para você, por exemplo, “olha, esta é a minha posição, não é a verdade”... Então, o professor João Batista Herkenhof é muito mais importante que alguns doidinhos para mim, que eu aprecio, que eu acho bacana.

H: deixa eu entender. Você entrou no curso de Direito no mestrado?

Não, eu passei em Jornalismo na UFES e Direito na UVV. Depois eu transferi para o curso de Direito da UFES. Eu largo na metade do curso. Porque foi pouco tempo depois da suspensão no curso de Comunicação. Esta suspensão acontece no curso de Comunicação depois de um ano, um ano e meio. No terceiro período. Então eu já estava no segundo período de Direito na UFES, segundo ou terceiro na UFES, mas eu já tinha cumprido dois períodos na UVV, tava na metade do curso. Aí eu larguei. Fiquei só com o Jornalismo, larguei por causa disso, por causa desse negócio. Respondido o que você queria?

Ele olha minha cara de cachorro pidão e responde gargalhando:

Não, né?!!!!

H: acho que você podia falar muito mais. Essas histórias são muito legais. As pessoas... Ainda tem uma coisa...

Claro, tem resistência demais. Muita gente trabalhou a ideia de que era um movimento de meninos bobinhos, não-sei-o-quê... Não atribuíram seriedade, que é outro erro acadêmico. É você não atribuir seriedade ao que um grupo está te dizendo. Não é possível que um grupo reunido te diga alguma coisa e você não reflita sobre o que ele tá te dizendo. Você pode considerar uma bobagem ou não. Mas na Academia... A Academia tem a obrigação de estudar o que acontece. Não de tratar como bobagem e botar de canto. Não é esse o processo acadêmico. O processo acadêmico é tentar entender isso ali, não tem um ambiente mais próprio para isso do que a universidade. A universidade é um processo permanente de estudo. De busca científica de respostas para o que acontece ali dentro, para o que acontece no mundo. Essa universidade tem preguiça de existir, essa universidade tem preguiça de se envolver com o mundo, de se envolver com a vida em sociedade. Ela prefere ficar nos seus estudinhos do próprio umbigo. Por isso eu sou... Bato muito radicalmente nesse movimento vaidoso, voltado para o próprio umbigo, porque eu acho que nada é mais próximo de corromper o caráter do ser humano do que o excesso de vaidade. Quando o cara começa a achar que “eu sou o máximo, blá-blá-blá... não-sei-o-quê...”, você pode ter certeza, o caráter dessa figura é uma bosta. E eu acho que a universidade está contaminada por estes personagens, que estão ali se masturbando, dizendo como eles são lindos e maravilhosos e se lixando para o outro. Isto é muito ruim, muito ruim. Então acho que esta universidade existia lá atrás, talvez de uma forma um pouco mais radical, porque o cara era um funcionário público daqueles que não ligava para nada, nem para ele mesmo. E hoje você tem uma universidade ainda por essa coisa do “aqui não dou satisfação a ninguém e a nada”, sabe? “Vou trabalhar para meu umbigo”. A universidade reflete uma sociedade absolutamente corrompida, aquela “vou tratar da minha vida”. Esse é o máximo da corrupção, gente. Se eu vou tratar da minha vida, eu transformo tudo isso que devia ser uma discussão ética de mundo em uma discussão moral. A minha moral é relativa, eu vou relativizar o meu comportamento, mas como eu não devo satisfação disso a você, ou eu não tenho que discutir coletivamente, é puramente moral, não é ética, então que se dane. Então a universidade estava contaminada por isto. Ela estava e ainda está contaminada por isso. E o povo mais jovem, que está ingressando na universidade, que devia levar para universidade vida, vontade, garra para um outro mundo...

H: estranheza também...

Também... Esse povo tá lá, cumprindo o mesmo papel. São professores muito jovens, com formação razoável, mas que essencialmente não conseguem levar para a universidade um... Eu tô dizendo num geral, não estou falando de um particular, existem pessoas ótimas, superlegais, mas que não conseguem ir para lá preocupadas com uma discussão de sociedade, da contribuição da universidade para a sociedade, não existe esta preocupação nem na formação do seu próprio trabalho de pesquisa. Se você pensar nos trabalhos de pesquisa que estão sendo feitos na universidade... É lógico que a gente pauta muito os trabalhos pelas vivências da gente, pelas coisas que nos machucaram, pelas coisas que nos fizeram felizes, mas de verdade não me parece que haja uma preocupação do que aquele seu trabalho contribui para a sociedade. Sabe, para o mundo, para o outro... E aí deixa de ser universidade.

H: deixa perguntar uma coisa que me deixou muito curiosa. Isso está na sua fala, estava na fala do Carminatti... Como este grupo estuda! Achei isto muito legal. E também como, apesar de ter referências artísticas raras, preciosas, elitistas até... Nas ironias, nas brincadeiras, nas performances vocês usam coisas muito populares, televisivas até... Tim Tones...

Na verdade, é... Eu acho que... A ironia é o que a gente podia fazer dentro daquele momento para conseguir conviver com os vários grupos que existiam ali. O risco da ironia, que certamente em algum momento nos atropelamos, é que, quase sempre quando você é irônico, você está se tratando como o fodão do bairro Peixoto e tratando o outro como uma pessoa muito pequena, não é? Então a ironia é muito bacana para muita coisa, mas é preciso ter este cuidado. E aí eu tô falando hoje com 48 anos, não com 18, 19. É preciso ter cuidado e eu acho que é preciso aprender a ter cuidado com o outro. Eu conheço muita gente bacana, pessoas que eu gosto muito que se acham tão fantásticas e maravilhosas que o outro perde completamente o sentido. Então eu posso sacanear este cara, eu posso ser irônico com ele porque ele é suficientemente burro e idiota para não entender o que eu tô fazendo ou para entender passivamente o que eu tô fazendo. É lógico que a ironia provoca uma coisa muito bacana que é o entendimento meio pelo avesso do que você quer dizer e de uma forma bem humorada. Ter humor é sempre uma coisa

muito boa num processo de construção de qualquer coisa... As pessoas, os doidos são muito bacanas. É muito difícil você ver um doido mal humorado, existe um certo humor naquela maluquice toda, existe uma certa... Porque sai do padrão. Sair do padrão já torna o processo um pouco mais engraçado, um pouco mais diferente. Então acho que tem isso sim, mas acho que em alguns momentos a gente extrapolou as coisas, a gente fez coisas que de alguma forma tentava ridicularizar o outro, por falta de maturidade, não por ser tão... Ou às vezes por se sentir muito bom “ah, nós somos bons pra caramba, os outros não são bons para caramba...” que é um pouco da história que eu falei da Sybilla em sala de aula, que é uma pessoa que provavelmente eu trataria com muito preconceito e que ela vai me seduzindo pela sua capacidade de passar o conhecimento dela, de conduzir em sala de aula e tudo o mais. Acho que é absolutamente natural que num movimento anarquista que você se utilize de ironia, especialmente para discutir coisas de uma sociedade que você julga conservadora, careta, que é a maioria, não é? Então a ironia é um instrumento muito bacana da minoria, é uma possibilidade que uma minoria tem de conversar socialmente, de discutir coisas socialmente. Por que se eu chegar aqui e tentar colocar para você, por exemplo, a forma como eu enxergo o mundo, e disser para você assim “olha, eu acho que você deveria refletir...”. Eu sou ateu, sou ateu mesmo. Mas eu acho que você deveria refletir... Cara, de onde vem essa... . Por que você acredita em Deus? Vamos discutir isso a partir de Nietzsche? Aí vamos discutir a história da religião... Tudo bem. Deus é um negócio culturalmente tão forte, a idéia de Deus é um negócio culturalmente tão forte, que eu não vou conseguir discutir isso com você nesse nível. Se eu quiser fazer você refletir, como eu sou minoria e você é maioria e quiser fazer refletir sobre isso posso recorrer a algumas metáforas, recorrer a alguma ironia: “bacana, quando eu vejo aqueles atletas: ganhei, Deus! Ganhei porque Deus me ajudou”... Deus não existe para o outro, não é?

Quer dizer, eu to brincando com um negócio que pode te fazer refletir. Bom, mas como é que o cara tem a cara de pau de tratar Deus como um Deus exclusivo dele - e o outro ali? Não tem sentido para o outro? Deus não tem quem se preocupar com o outro?

H: o outro acreditou menos... (com ironia)

Mas Deus não tá acima disso tudo? Não é a minha crença ou a sua crença que faz com que Deus seja bom com você. Deus tem de ser bom pra todo mundo, em tese. Não é isso?

Então quer dizer, na verdade você adota estratégias. A ironia é uma estratégia, é uma estratégia especial para uma minoria que quer discutir com um grupo majoritário que você julga conservador, ultrapassado, careta, preconceituoso, entendeu como você vai jogar? Agora, é importante entender que quando você utiliza a ironia, você tá levando a coisa na medida ali, naquela linha da porrada, entendeu? Você tá indo para porrada. A ironia é extremamente agressiva porque quase sempre você está chamando o outro de idiota, quase sempre você está dando porrada, mas porrada assim; bem um pontapé bem no saco da pessoa, então é preciso entender isso, e é preciso entender quando a gente vai, e quando a gente vai é nesse nível de enfrentamento. É muito divertido ser inteligente e perceber a ironia, mas é preciso também se colocar no lugar do outro. E isto é muito complicado. Isso é meio cristão, né? Para um ateu...

Risos

Mas tomar porrada não é ruim sempre não, acho que tomar porrada de vez em quando é legal, ajuda você a refletir... Me preocupa um processo que nos últimos anos, especialmente na academia como professor eu percebo mais como uma certa arrogância... “Eu sou o bam-bam-bam, você não é nada”...

H: ironizar o aluno...

Exatamente, especialmente a ironia é perigosa quando ela é exercida com poder. A ironia é um barato quando você se utiliza dela num processo que de certa forma você é inferiorizado ou de uma forma mais igual, quando você usa como instrumento de poder, e sempre se usa como instrumento de poder, mas com esse instrumento de poder que é teu, que você está acima dos outros hierarquicamente, aí eu acho muito mais perigoso. Mas existe ironia e ironia, tá, é preciso também entender isso.

H: Existe uma arte...

É existe, ironia e ironia. Existem pessoas que brincam, que fazem ironia com coisas que são muito leves... É ironia, não é? Lógico que é, mas são muito leves. E

conheço pessoas que se utilizam disso batendo profundamente. Eu não acho que tem de ter essa medida. Lógico que é um movimento, é uma grande estratégia e ela vem num processo de aprendizagem muito bacana, porque imediatamente você reflete (estalando os dedos): a ironia... Tudo aquilo que tem algum humor, ele tem um tempo diferente, um tempo que exige uma certa rapidez de quem faz e de quem consegue entender, não é? Isso, lógico contribui em qualquer processo de aprendizagem, desde que se tome o cuidado de não humilhar o outro, não passar por cima do outro, não exercer poder de cima para baixo, não ser você fazendo com quem não tem poder ou tem muito menos poder que você para não ser também... O tiro pode sair pela culatra, esta pessoa pode se negar a este processo para sempre. Se fechar ou negar o processo.

H; magoar, não é?

É. Eu não sei te ajudo, porque (a nossa conversa) vai lá vem cá... (rindo)

H: Eu tô achando ótimo falar dessas coisas. Você chegou a ler o livro do Martinuzzo?

Não, eu sei que ele cita, mas eu não li.

H: Lá fala... A questão do grupo, mesmo na fala do Zocra, como você chama o Carminatti, ele e você falam o tempo todo no grupo, o “a gente”, o nós...

É mais forte. Essa é uma percepção muito forte, não seríamos nada individualmente. Engraçado como um grupo tão pequeno, que depois vai crescendo, um movimento de adesão, as pessoas vão simpatizando com aquilo ou não...

H: deixa eu te interromper com uma curiosidade. Tá, no início eram uns 15 que vão protestar contra o Domingos e aí você fala que isso depois vira um movimento. Porque que estas pessoas se unem? O que elas querem?

Na verdade... Eu vou ser muito honesto. Eu acho que as pessoas se unem pela diversão. Era divertido, era um movimento muito divertido, a gente fazia muita coisa, a gente filmava, a gente fazia muito coisa. Aí as pessoas vão por adesão, se juntando aquele grupo engraçado de pessoas, engraçado divertido, alegre... E, claro, acabam refletindo sobre coisas que a gente refletia e tal. Mas acho infinitamente menor o movimento da adesão do que o grupo, o grupo original. Eu

acho o grupo original muito mais bacana do que o movimento de adesão, por conta disso que eu te falo: do oportunismo que vira a adesão a um grupo que é tão divertido. Depois a gente se envolve em questões de discussões políticas dentro da universidade, como o caso da professora Telma, a discussão e a reversão da demissão dela, é lógico que tem sentido que outras pessoas se agreguem aquela discussão. Mas lógico que num movimento deste tipo, você vê de tudo, você vê uma agregação que não é puramente por... Hoje as palavras estão muito difíceis, eu tô muito cansado.

Mas não é por afinidade política, necessariamente. Isto é que... Realmente fragmenta o grupo. Como outras coisas, você vai envelhecendo, você antes não tinha que trabalhar e você tem que trabalhar, a universidade vai acabando, você precisa ganhar dinheiro, precisa sobreviver, comer, aquelas coisas, não é? Então isso também compromete.

O que acontece, com a adesão dessas pessoas, especificamente dessas pessoas de Comunicação e Artes, surge um movimento que vira meio cultural também, que não era o princípio dele. E aí, essas coisas que você fala, por exemplo, do Tim Tones já é um movimento cultural artístico entre aspas com performance, não é a essência do movimento nem é o Balão Mágico. É preciso que as pessoas entendam isso. O Balão Mágico empurra isso, starta isso, dá ajuda, contribui, mas o Balão Mágico é uma coisa diferente (batendo as palmas da mão, em sinal de luta), o Balão Mágico é um movimento de pessoas que brigavam por uma relação diferente em sala de aula. Ponto. Extrapola a sala de aula e vai discutir política dentro da universidade. Legal. E aí as pessoas vão aderindo e vão brincando com outras coisas. Perfeito. Sem problema nenhum. Mas não é a origem. Não é a origem e nem a essência do grupo, porque muita gente confundiu isso com o tempo. E isso transforma o Balão Mágico num movimento menor, não num movimento maior na minha visão, porque o movimento é muito mais interessante que isso, não há nenhum problema que ele extrapole, não há problema nenhum nisso. Mas não enxergar sua origem, não enxergar todas as discussões criadas, toda a postura política, sabe, transformá-lo apenas em um movimento cultural e entenda o apenas aí: não é que o movimento cultural seja ruim, nada disso. Mas é que aí você deixa de mostrar o que levou a esta extrapolação, extrapolação... Que para quem estuda

educação é muito bacana, né? Ele vai extrapolando, extrapolando... Não enxergar o início do movimento é meio que não contar a nossa história.

H: você diz assim, que tem uma... É... Bandeira política...

Você quer água, café? (ele oferece preocupado, mas também de olho no relógio. Fazemos uma pausa para tomar água, lembrando que ele tem um compromisso e precisa sair)

Voltamos da cozinha falando da fase sacrificante do mestrado, mas que também é bacana.

C: mas vamos lá. Me diz, você queria saber... Eu acho que tem algumas coisas bobinhas no caminho...

H: você fala num primeiro momento da questão relação professor aluno e num outro momento isso vai para a questão política dentro da universidade. Como assim? O que vocês fizeram?

Na verdade, não era... Desde o início nunca foi um movimento político intencional, mas à medida que a gente percebe que vai ganhando alguma força, que a gente ganha alguma popularidade dentro da UFES, e que as relações que existiam e que nos incomodavam em sala de aula, elas não eram em sala de aula, elas eram um reflexo de um todo, nós vamos começar a brincar, e aí com muita ironia, com o movimento político estudantil que era o que se fazia dentro da UFES, entendeu? Que era, para a gente, pautado num marxismo muito radical, muito primário, não parecia que você tinha estudado Marx num tempo e que você fazia, como tudo que se faz na vida, busca algumas essências, algumas coisas ali e discute num mundo um pouquinho mais próximo. Era uma coisa muito contaminada pelos professores de uma esquerda mais radical. Tinha dentro da UFES muito marxista, no início, e ao mesmo tempo os movimentos estudantis contaminados pelo oportunismo político e era possível perceber. Teve três presidentes seguidos no DCE: Paulo Hartung, Stan Stein e Arimatéia. Tinha que sacar que aquilo era um movimento político oportunista se você fosse razoavelmente inteligente. E aquelas pessoas queriam fazer política e não era exatamente a política que a gente achava bacana. Então por isso acho que a gente começa a se envolver nas discussões políticas dentro da universidade de uma forma muito irônica, brincando, brincando com estes grupos e de alguma forma

ridicularizando estes grupos porque era também a única alternativa que a gente tinha. A gente era a minoria da minoria, a gente não era nada. Do ponto de vista da ideia a gente era alguma coisa, mas do ponto de vista da quantidade de pessoas que aderiam aquilo que a gente falava, era muito pequeno. A gente nem queria que as pessoas aderissem, não. Sabe, não era nada disso. (risos)

A gente queria que as pessoas refletissem sobre aquele processo que nos parecia antiquado, careta e oportunista principalmente. Isso nos incomodava. A gente sabia que uma parte daquele movimento era contra aquilo que a gente propunha. Uma parte daquele movimento nos achava uns doidinhos, inconsequentes, bobinhos, infantis. E a gente achava que existia um certo mau caráterismo naquele movimento estudantil que se propunha e que dominava a universidade naquele tempo. Existia muita gente bacana, muita gente legal, pessoas com quem a gente tinha uma interlocução fantástica que eram ligadas ao movimento estudantil da forma careta que a gente achava que era. Por exemplo, o Marcelo Siano, no Direito. Marcelo Siano do Direito era um cara com quem a gente conversava extremamente bem, Marcelo é um encanto de pessoa até hoje. Caráter, amor, é caráter. Mau caráter é mau caráter, independente do que acreditam. Acho que o mundo, esta experiência petista de poder no Governo Federal, do jeito que foi, mais fez com que algumas pessoas que ainda tinham uma forma meio inocente de ver o mundo; “a esquerda é boa, a direita é má”, comesse a ver que você é filho da puta na direita ou na esquerda se você quiser ser. Você pode ter caráter na direita ou na esquerda se você for bom caráter. Você só acredita ideologicamente, se é que a gente pode dizer isso ainda, em coisas diferentes. Eu não sou melhor do que você porque sou ateu, não sou mais bacana do que você porque sou ateu, nem você é mais bacana do que eu porque crê em Deus. Entendeu? Aí eu posso discutir, se as coisas chegarem nesse nível posso discutir em outro nível. Eu nunca vi, nunca vi um assassino em série que fosse ateu, nunca vi um estuprador que fosse ateu, eu nunca vi uma pessoa que molestasse crianças que fosse ateu, entendeu? Aí tô radicalizando na discussão, aí vou para o enfrentamento. Mas no princípio, é obvio que você pode acreditar em alguma coisa que eu não acredito e ter mais caráter do que eu.

H: tem uma coisa... É uma pergunta... Não tô afirmando não...

C: claro (rindo, afinal era uma entrevista, estava ali para perguntar e ele topou responder)

H: mas essa coisa de... Assim... “ah, tá tendo mau caratismo lá... Somos poucos então vamos usar esta estratégia das brincadeiras, das performances”... Isso tinha algo de quixotesco?

Eu acho que sim, a gente era tão pequeno, dentro daquele processo tão suicida... (risos) Era um processo suicida (ele fala devagar, não impondo, mas parece processar isso também). Lógico que a universidade era careta demais para entender, mas era principalmente por isso quixotesco, principalmente muito... Muito divertido, muito sonhador, sabe? A gente não tinha um compromisso que aquilo virasse a verdade das coisas ou que aquilo contaminasse a universidade, nós só tínhamos o compromisso de nos divertir naquele processo... De ir para aquele processo com divertimento, com alegria, sabe? Por isso, se você pegar todo mundo que participou de fato deste grupo, eu diria para você: 95 % das pessoas vão dizer que foi o momento mais feliz da vida deles, porque foi muito divertido. Foi essencialmente divertido. E por isto talvez tenha sido tão importante para a formação nossa como ser humano, para formação de caráter, para uma idéia de vida que eu acho que ainda é da maioria das pessoas, diferente do mais tradicional. Eu acho que isso, por ter sido tão bem humorado, tão divertido, e por a gente ter sido tão feliz nesse processo...

H: foi prazeroso...

Quantas pessoas no mundo tiveram chance de viver dois, três anos num processo de relação coletiva tão feliz... (mesmo cansado, tem um ar mais feliz, os olhos brilham e ele até fala mais rápido, como se as lembranças o energizassem)

Sabe, as lembranças... É tão bobinha esta discussão da felicidade, que parece tão irreal. Mas eu acho que pouca gente conseguiu viver com uma intensidade e por tanto tempo. Entendeu? A gente torcia muito para o outro dia vir. Para você ver novamente o grupo. “o quê que a gente vai inventar hoje?” “Com quem que nos vamos brincar hoje?” Isto era, isto foi muito bacana. O Balão Mágico é uma coisa que eu vou lembrar a minha vida inteira. E vou me divertir nas lembranças, porque foi muito divertido. É uma pena que a universidade seja tão curta.

H: pois é, eu ia te perguntar se você leu o livro do Martinuzzo, mas tá disponível para download também...

É eu sei, na verdade assim... É... Eu não... Eu sei o que o livro fala, mas às vezes eu me poupo um pouco de ler sobre o Balão Mágico porque me irrita um pouco às vezes com o que se escreve do Balão Mágico, pessoalmente, com esta ausência da identificação da essência do grupo, entendeu? Para a maioria, o grupo é o final não o início. E o início é muito mais importante do que o final.

H: esta experiência com o Domingos, eles contam.

Sim? (leve curiosidade, mas um toque de “e daí?”)

H: uma coisa que para mim não tinha ficado clara, mas na sua fala e na do Carminati ficou um pouco mais... Esta questão que a Turma do Ócio era uma turma diferente da turma do Balão e para mim, a Turma do Ócio virava depois a turma do Balão.

Não...

H: que no início tinha gente de vários cursos junto, não é? A turma do Ócio foi uma coisa e a turma do Balão outra...

Outra (junto com minha fala)... Completamente diferente, com discussões diferentes, comportamentos diferentes... A gente era inquieto demais (risos, inquieto era um eufemismo)

(ainda rindo) A Turma do Ócio era quieta demais perto da gente... Acho assim, havia uma proximidade na estratégia da ironia, do brincar com o outro e tal e a turma do Ócio fazia isso muito bem também... Mas era muito diferente. Não era uma turma muito disposta a enfrentamentos, a discussões e tudo o mais. Existia alguma coisa, mas a gente era mais punk.

H: mais inquieto, né?

Muito mais inquieto (estalando os dedos, gesticulando sobre a distância entre Balão e Ócio). A gente era mais jovem, a turma do Ócio era um pouquinho mais velha que a gente. Velha mesmo, em anos. A gente era mais jovem. Na nossa turma quem era um pouco mais velho era o Zocrinha e o Ernandes que já tinham experiência dentro

da UFES, já tinham circulado por outros cursos e tal. O resto era todo mundo com uns 18 anos... 18, 19 anos. Então a gente era mesmo mais jovem. Acho que a gente se contaminou um com o outro, se encontrou aquele povo assim “opa, acho que vai ser divertido isso”. Não tem quando você vai para um lugar dançar, a boate é chata e quando você chega num bar, tem espaço, as pessoas começam a dançar, pessoas que você gosta e todos os seus amigos vão começando aos poucos e quando você vê ta todo mundo na pista dançando...? Acho que é um pouco disso. Acho que a gente se tirou para dançar. E se divertiu muito. Você não tem idéia das discussões na sala, como foi divertido. Os meninos me sacaneavam muito na época. Eles certamente não lembram disso, mas diziam que eu repetia um discurso, porque toda vez que eu tinha de falar, eu falava em ambientes diferentes e lembrava das mesmas coisas. Aí tinha o Marquinho Igreja que ficava me sacaneando. O Marquinho... Também era um processo muito legal porque o Marquinho começa na turma como um machista, conservador, não-sei-o-quê, blá-blá-blá e no meio do curso tinha virado gay... (risos...) isto é ótimo

Eu lembro do Marquinho discutindo na primeira aula...

(O barulho da furadeira no apartamento ao lado é intenso, então ele levanta e fecha a porta da varanda, mostrando um cuidado com a entrevista, com o momento de reviver suas lembranças.)

Vou fechar senão você tá ferrada.

O Marquinho discutiu na primeira aula com uma menina, a menina reclamava ainda o estranhamento de uma menina entrando na escola técnica... Aí o Marquinho discutia com ela “porque também vocês querem fazer coisa de homem?” (gargalhamos ao monte)

Muito boa... (ainda rindo) quatro minutos depois era gay e um dos mais porraloucas da turma e vivia me sacaneando, era um dos que me sacaneavam direto, a gente sacaneava muito, brincava muito um com o outro. Se divertia muito com aquilo que a gente achava engraçado no outro. E entre a gente brigava também. Uma das pessoas mais velhas no grupo que era a Ruth, que era uma pessoa mais experiente, acho até que ela já tinha feito Direito, ela também não ia muito com a minha cara não, tinha uma coisa muito engraçada, acho que ela me achava muito criancinha perto do resto do grupo. Então tinha umas discussões exemplares e uma briguinha.

Tinha pessoas que você gostava mais ou menos, era natural, mas, de verdade, acho que o Ernandes e o Zocrinha viraram um pouco o símbolo do movimento tanto porque eles transitaram do grupo para um movimento com uma cara mais clara, entendeu? As pessoas os identificavam mais até porque eles tinham um comportamento mais esculhambado, se vestiam de uma forma mais esculhambada. E a gente era porralouca, mas ninguém se vestia... Sabe aquela coisa... Eu até hoje brinco... “adoro menininha vestida de bichinho grilo, acho tão bonitinho e tal”. Eu tenho uma filha de 18 anos, eu falo “pô filha, que frustração, você não bota roupa de bichinho grilo, gosto tanto, acho tão bonitinho”. Ela fala “pô pai”... Mas nós não nos vestíamos assim, éramos anarquistas que não nos vestíamos assim. As pessoas que vão aderir ao movimento mais tarde é que tem mais essa estética e também por isso se confunde o grupo original com esta estética do final. Eu acho que é uma confusão estética também. E essas pessoas, embora tenham toda uma importância no processo, elas não tem o processo todo, elas não participam do processo todo e contribuem muito menos com todo o processo, uma contribuição muito menor. E aí, esta é a parte que me chateia no negócio, o não reconhecimento da gente não, mas a transformação do que foi, que era deste tamanho para este daqui (faz gestos primeiro abrindo os braços, indicando o início do Balão como algo maior e depois reduzindo, fechando os braços e aproximando as mãos, indicando que ficou pequeno, que houve redução, perda). Localizar isso como movimento cultural, como manifestação cultural dentro da UFES. Não foi apenas uma manifestação cultural dentro da UFES. Foi uma manifestação política, embora a gente não tenha se dado conta disso por muito tempo. Era uma manifestação política, ela tinha um peso. E aí, tem manifestações culturais que se envolvem a toda uma cultura de agregação, uma agregação de pessoas que querem fazer outro movimento, outras coisas ali dentro e percebem a possibilidade dentro deste grupo. Mas não se pode tirar dali o movimento político que foi, não se pode deixar de dar a medida de um movimento político. E a forma como se retrata o Balão Mágico não dá isso, não... Destoa do verdadeiro movimento como foi. E ele era um movimento bacana, não era um movimento dogmático, a gente não tinha certeza de nada, mas a gente sabia com muito, muito mais clareza que a forma como a universidade estava estruturada, a forma como a gente lidava com a sala de aula... Ela não nos satisfazia. Isso para a educação, para quem estuda a educação é bacanérrimo. As salas de aula ainda não

encantam as pessoas, pelo menos na maioria das vezes. Agora eu tenho que ir, desculpa.

2.3 O Balão por Ernandes

Apesar das inúmeras ocupações que um cargo público demanda, Ernandes, em todas as conversas telefônicas anteriores, demonstrou boa vontade em falar do Balão. A entrevista aconteceu numa tarde quente e nublada. O prédio da prefeitura da Serra estava apinhado de gente, elevadores para cima e para baixo. A sala da Secretaria de Cultura também estava cheia, muita gente esperando para falar com ele. A secretária, ainda sob orientação de dois outros funcionários, foi simpática e assim que terminou a reunião me colocou pra dentro da sala dele (antes que outra pessoa entrasse).

Ele me cumprimenta e pergunto, dada a agitação do local, se preferia falar em outro momento, em outro lugar. Aí ele me diz: “é assim o tempo todo”.

Falo sobre minha dissertação e ele começa contextualizando, numa fala rápida, objetiva:

Tem a passagem da década de 70 para 80. Quando você tem a passagem de uma década como a de 70 para 80 são contextos bem diferenciados, porém, a década de 80 ancorou muitos movimentos da década de 70, um deles, por exemplo, é a Tropicália, outro deles é o punk rock da década de 70 também. Todos estes movimentos, na verdade prosseguiram, prosseguem até hoje diluídos de diversas maneiras, mas prosseguem né? E na verdade o contexto que nós tínhamos naquele momento era um contexto assim, digamos assim, de uma postura mundial contra os movimentos opressivos da década de 70, no nosso caso a ditadura militar, e em vários países sul americanos.

Então muitas pessoas se viam no movimento estudantil, que eram potenciais militantes de causas estudantis e até causas educacionais. Eu por exemplo, sou uma pessoa que viveu o movimento estudantil. Fui presidente de diretório, fui militante. A gente militava por melhores condições de ensino, contra o ensino pago,

moradia estudantil... Enfim, por uma série de representações naquela época que eram bandeiras do movimento. Até pelo próprio reconhecimento dos Centros Acadêmicos. Enfim, eram muitas bandeiras de luta que a gente tinha e todas estas bandeiras de luta foram absorvidas na década de 80.

Só que teve um momento na década de 80, principalmente a partir de 82, 83 por aí, que o movimento estudantil começa a estagnar, ele começa a perder a vitalidade. Porque a distensão política no Brasil começou, a fase de liberalização política, social... Tem naquele momento a volta de Gabeira e ela traz todo um contexto novo para os movimentos de esquerda, os movimentos políticos, sociais. Então tudo isso provoca uma mudança... Em termos de referências literárias, de referências cinematográficas, de referências filosóficas... Então entra, por exemplo, Guattari com a Revolução Molecular que foi uma base para dar consistência a estes movimentos.

Então nesse momento o que é interessante é que há uma sintonia na Universidade... Aí você vai contextualizar na Universidade Federal do Espírito Santo... (risos) a UFES era no ES, Vitória... Que lugar do mundo é esse? Então há um momento em que toda esta efervescência mundial, esta brisa, também acaba batendo aqui. Então ela bate num primeiro momento na verdade, entre 81 e 82, que é um movimento que precede tudo aquilo que aconteceu na universidade, que na época a gente chamava de Ócio, que era um movimento que questionava, por exemplo, as imposições acadêmicas ao livre pensar, a busca pela autonomia do pensamento, a busca pela necessidade da pesquisa... Era um movimento extremamente intelectualizado, por isso que ele causava algum estranhismo naquele momento.

Nós tínhamos uma universidade que era destituída da vivacidade de um processo de pesquisa, destituída de uma renovação, de uma inovação. Era uma universidade estagnada, era uma universidade reprimida, recalcada. Nós tínhamos, por exemplo, todo um corpo docente e discente recalcado, reprimido, resguardado no seu medo natural de afrontar qualquer tipo de pensamento vigente.

Então houve um processo de confronto com estes movimentos altamente intelectualizados... Isso provoca num primeiro momento um embate, uma reação negativa muito forte, que é uma reação repressiva.

A partir disso, este pensamento que influencia se solidifica na universidade... Aí se traz, por exemplo, todo pensamento da nova filosofia francesa, os novos pensadores franceses... Traz, por exemplo, a teoria do Marshall McLuhan, traz os pensamentos da Fanny Abromovitch, que era uma das novas pensadoras brasileiras da educação, o Gianotti... Traz assim uma série de informações para a universidade e você começa a debater isso e a confrontar isso com o pensamento arraigado, com aquele pensamento estagnado. Então isso vai provocando todo um processo de confronto e todo um processo de conflito, que era uma coisa extremamente conflitante.

Nesse processo todo nasce uma proposta renovadora também no Centro de Artes, que foi até uma professora que foi penalizada por isso que foi a Telma Guimarães, não sei se você tem esta informação?

Balanço a cabeça que sim, não querendo interromper sua fala.

Ela foi simplesmente penalizada porque ela introduz uma metodologia nova no ensino de Arte. Ela pega, por exemplo, todo o trabalho que a Faiga Ostrov faz, na releitura da obra de arte que a Ana Mae faz e ela faz uma inovação no ensino da Arte, ela começa a ensinar diferente.

É a partir de uma disciplina que ela ministrava que era Plástica, e a Plástica era a que conceituava toda a linha de visual das Artes Plásticas, era uma matéria do ciclo básico. Então ela começa a introduzir nesta matéria uma série de pensamentos, uma série de procedimentos no ensino da Arte. Então isso, no Centro de Artes, provoca também uma reação muito forte, que também era um ensino tradicional, né? Era a forma tradicional de ensino. Eu fazia, Artes, inclusive. Eu não cheguei a ser aluno dela, eu fui monitor dela. Aí ela implanta uma metodologia que era revolucionária, que acaba contagiando outros setores da universidade, outros cursos, principalmente cursos da área de humanas, como Psicologia, Comunicação...

E ela começa a atrair alunos para a disciplina de Artes em busca desta metodologia inovadora. Porque não era só ensinar Educação Artística, era todo um processo de debate, ela tinha uma biblioteca pessoal muito grande, ela adquiria muitos livros, ela emprestava para todo mundo. Acaba criando um círculo de amizade dentro da universidade muito grande e isto foi espalhando, espalhando...

Posteriormente, com este processo já bem implantado no Centro de Artes, e já provocando conflito com os professores tradicionalistas... Isto vai se espalhando e vai para outros cursos, e chega no curso de Comunicação. A Comunicação foi a grande, digamos assim, implantadora deste processo dentro da universidade. Foi na Comunicação que este processo foi acolhido e ele pode ser levado adiante e dispersado por toda a universidade.

Na Comunicação... Eu largo um pouco o Centro de Artes e vou fazer Comunicação nesta época. Então, quando eu chego na Comunicação com algumas outras pessoas a gente começa a debater este processo... Mas, nós éramos alunos... E alunos com um nível de informação para ser democratizado... Para todo mundo... E isto provoca num primeiro momento também uma estranheza...

Mas as pessoas acabam querendo também. Porque se não quisessem, não se debateria nada, não é?

Nesse processo todo, na nossa turma de 83/1, parte da turma gosta disso e absorve isso. Outra parte não. O que é normal, nem toda unanimidade é possível. A parte da turma que absorve isso era uma turma que começa a querer esta informação e a querer mudar. Então nós tínhamos uns processos de ensino muito repressores em algumas disciplinas. E eram processos muito pesados, que você não tinha condição de debater, você não tinha condição de criticar, você não tinha condição de fazer nada. Era impositivo, você tinha que assimilar e aceitar. Principalmente em Teoria da Comunicação. Era uma matéria muito difícil também, os professores muito pesados. Então esse processo todo começa a provocar nas pessoas uma necessidade de reagir. E isto vai se construindo ao longo do ano de 83.

O grupo é um grupo muito unido, porque é um grupo... Bastante estudioso. As pessoas estudavam muito, era um grupo muito pesquisador, era um grupo muito bem avaliado pelos professores. Não era um grupo de pessoas que... Digamos assim... Era disperso. Não, era um grupo muito bem avaliado, era um grupo que produzia, e isto empolgava os professores que se envolviam nas disciplinas.

Aí, quando chegou em 84, que era quando você estava no básico e vai para Teoria da Comunicação IV, eram quatro períodos, era um professor que dava as quatro disciplinas. Então isso provoca um conflito muito grande, porque o grupo quer, na

verdade, que tenha diversificação de professores, que outros professores dêem (a disciplina) também. Se você não gostar, que tenha pelo menos uma. Então isso provoca conflito e tal... A maneira como ele dava aula também era conflitante... Enfim, isso vai se acirrando, acirrando, acirrando... Até um ponto de confronto mesmo.

Então, neste ano de 84, que eu me lembre bem, foi mais pelo segundo período de 84... Acho que em Teoria da Comunicação III... Não me lembro direito... Mas este professor tem um embate pesado com a turma... Então ele, num determinado momento... E é isso que as pessoas tem de entender. Porque antes era um movimento espontâneo de pensamentos, de idéias, de tudo.

Quando vira Balão Mágico era porque na época estava no ar na TV Globo “A Turma do Balão Mágico” e aí, como na época estas coisas eram consideradas alienantes, burrinhas, eram coisas bobinhas e tal... Era coisa para criança, é obvio... Mas a ignorância era tão grande que chega a este nível. Ele faz um discurso num determinado dia na aula, para todo mundo, de que aquela turma era uma turma tão idiota que parecia a Turma do Balão Mágico da televisão. Então aquilo ali provoca gargalhadas, as pessoas morrem de rir, cai no deboche... Aí aquilo ali começa a virar uma coisa de sacanagem, de brincadeira. Então, na verdade... E ele começou a repetir isso de que aquilo ali, aquela turma parecia a turma do Balão Mágico, de idiotas... Então, na verdade era um estigma. Estigmatizou a turma. Então não é um movimento que se auto apelidou. Ele foi apelidado a partir de um estigma.

E as pessoas que eram contra começaram a apontar aquelas pessoas como Balão Mágico. Então nasce daí. Então era um processo estigmatizante. Então as pessoas começaram a ser rechaçadas, aquelas pessoas começaram a ser maltratadas, em determinado momento aquelas pessoas começaram a ser ridicularizadas... Enfim, aquelas pessoas começaram a ser vistas de forma diferente. Ou seja, é o estigma.

Então perdurava a questão do estigma. Toda vez que você queria desqualificar alguma coisa falava “parece aquela turma do Balão Mágico”. Então era o estigma puro. Porque o que estava por trás disso na verdade era uma desqualificação, não era uma pretensão de uma auto denominação de um grupo que resolveu acolher o nome de “não-sei-o-quê”. Depois vai mudar para turma da Xuxa, virava uma

palhaçada, então era uma coisa meio idiota. Aquilo ali prosseguiu e a imprensa assimilou também, então foi embora. Até...

Este movimento foi se diluindo também, depois em cinema, em rádio pirata, em artes plásticas... Porque deixou de ser um movimento da universidade e passou a ser um movimento cultural quando, por exemplo, a imprensa começa a cobrir, a fazer cobertura das ações que eram realizadas pelas pessoas. Então isso começa a ter uma repercussão na cidade, uma repercussão grande... E isso começa também a causar na cidade um certo desconforto. Porque a cidade também era uma cidade reacionária, uma cidade provinciana, provinciana, atrasada... E principalmente quando o Amylton de Almeida, que era um crítico poderoso da época, de cinema, mas um comentarista cultural forte da Gazeta, ele começa a assimilar o movimento, começa a gostar e a participar do movimento. Então ele começa a dar uma credibilidade que a cidade ficou chocada. Porque ele era uma pessoa... Que de certa maneira vivia em cima do muro, era meio termo, para lá e para cá... Mas dava umas espezinhadas também.

Quando a Telma foi demitida sem justa causa porque em um determinado momento ela faz um trabalho... Em 84, 85... Ela faz um trabalho na sala de aula de grafite. A sala tinha divisórias de Eucatex, e elas estavam todas carcomidas, iam ser trocadas, iam ser reformadas. Então ela aproveita este processo e ela faz um trabalho na sala de aula de grafite. Nesse momento o conselho e a chefia, as pessoas do departamento (de Artes) reagem contra e falam que ela estava depredando a universidade. Então tem um processo administrativo contra ela pedindo a demissão dela, que já era perseguição. Eles precisavam de um motivo para banir ela da universidade. E, no meio deste confronto todo, ela acaba sendo demitida sem justa causa em 85. E aquilo foi um marco divisor do processo, causou uma ruptura fortíssima.

Mas o movimento prosseguiu e ele foi se desdobrando... As pessoas tinham compromisso acadêmico, elas tinham compromisso social. Então, ao contrário do que muita gente diz, que as pessoas eram... Tinham alguns movimentos isolados, igual ao Rodrigo² que disse “mas vocês cagavam na universidade”. Aí, estava

² Ex-aluno do curso de Comunicação dos anos 90. Estava na Secretaria em reunião com Ernandes pouco antes que eu entrasse.

explicando para ele que este fato da cagada, que ficou muito famoso foi o seguinte: os banheiros do CCJE... É porque vocês não conhecem a história, os banheiros do CCJE eram impossíveis de ser utilizados porque eles eram imundos. Eles eram abertos e aquilo ali era isolado, ficava no canto da universidade. Eles eram imundos e não tinha papel higiênico, não tinha nada. Eles eram imundos, nojentos. Então um aluno foi lá no departamento pedir papel higiênico que ele queria defecar no banheiro e não tinha papel higiênico. E o chefe do departamento, o Zanata, não quis dar. Aí eles estavam em reunião no departamento de Comunicação. O quê que ele fez? “Ah, vocês não vão me dar não?”. Foi lá na porta e defecou. E a gente começou a sentir um fedor lá dentro. Eu era representante estudantil e quando a gente começou a sentir um fedor lá dentro, ele (o Zanata) abriu a porta e pisou no cocô. (risos)

Aquilo virou um folclore que foi a cagada. Virou o maior folclore.

Então houveram milhões de situações, milhões de atos que foram... Teve o baile de máscaras, que também foi legal. Teve a passeata nazista. Porque eles acusavam a gente de ser um grupo... Porque a gente fazia tudo junto, então parecia uma tropa de choque nazista. Então nós fizemos uma passeata nazista uma vez para mostrar o quê que era um grupo nazista. Todo mundo fantasiado... Então era assim, era um deboche, tinha um processo que também era muito aliado ao escárnio, ao deboche, à ironia. Porque era a época também disso, então se debochava muito... Em determinados momentos nós fizemos... Enterros, a gente fazia um atrás do outro. Enterrava, enterrava...

Mas as evoluções que vieram com isso também foram muitas. A gente pregava a união da Comunicação com Artes, mudança naquela parte instrumental do curso de Comunicação que era tudo muito velho... Nós pegamos, levamos tudo para a reitoria e jogamos tudo lá... A parte bibliográfica... A mudança, esta mudança de mentalidade e ter mais professores disponíveis para os alunos...

Enfim, a própria concepção de ensino foi mudando... Toda a parte de áudio visual do curso de comunicação foi uma conquista nossa, porque não tinha. Eles davam aula de televisão, de audiovisual, com giz. Desenhava a câmera, a tela... Então a gente batalhou para conseguir os audiovisuais. Tudo isso foi com processo de pressão e de movimento.

Então era um movimento na verdade extremamente acadêmico na universidade, que provocou na universidade mudanças... A Rádio Universitária é um resultado desse processo, aquele próprio centro cultural que tem lá, o teatro... A gente reivindicava tudo isso, a gente falava disso, a gente buscava isso... Então foram coisas que foram entrando no planejamento da universidade, então acabou sendo feito. O centro de vivências... A gente falava muito disso... A gente queria criar um cardápio alternativo para o RU, com alimentos mais naturais, na época até mais orgânicos... O paisagismo da universidade com árvores frutíferas era outra reivindicação que a gente tinha... Tinha muita coisa, muita coisa mesmo.

E na vida cultural de Vitória foi um movimento de antes de depois. Foi um movimento que redefiniu um monte de coisas, porque havia exposições, havia lançamentos de... Na época a gente retomou toda a produção de audiovisual do estado, que estava parada, com vídeo.

Quando a gente retoma com vídeo na década de 80, a produção de áudio visual do estado estava parada desde a década de 60 para 70. Nós retomamos na década de 80 a produção com vídeo como referencia, não película que era muito caro, mas voltamos a produzir longa metragem. Fizemos um monte de coisas: Refluxo, Fuga de Canaã, Diga Adeus a Lorna Love... Foram vários filmes de longa metragem feitos em vídeo. Muita coisa, muita coisa mesmo.

Dentro de um contexto, foi um movimento grandioso para uma década, mais de uma década... Você vê que nós estamos falando de coisas que aconteceram quase 30 anos atrás, eu acho, mais ou menos isso, não é? Então as pessoas falam como se fosse a coisa mais atual do mundo. E na verdade a atualidade está porque toda a base de todo o trabalho é filosófica, então ela não perde a força, porque ela repercute, ela continua repercutindo. Você vê, por exemplo, como que a gente trabalhava a questão de Nietzsche nisso tudo, a necessidade da vontade, de querer mudar, de querer revolucionar, de querer trazer coisas novas, então isso tudo era em função da filosofia, literaturas, do pensamento... Então tudo isso era uma coisa que perdura, que você não perde de jeito nenhum.

H: E para você Ernandes, como que participar deste movimento formou?

Na verdade, eu participei do movimento porque eu já fazia militância tanto cultural quanto estudantil, então na verdade foi uma coisa que passou na vida da gente. Eu colaborei com a minha experiência e a importância que você tem do movimento é justamente a experiência que você tem, que você coloca à disposição e também ajuda a cercar o processo todo porque muita gente era muito novinha, não tinha muita noção. Então isso daí, por exemplo, na época eu era uma pessoa com experiência de vida mais assimilada e as pessoas eram muito novinhas, então elas tinham uma dificuldade muitas vezes de encarar e de assimilar. Então você fazia aquele trabalho até paternal de dar uma segurada, de dar uma cercada, de passar experiência, mas nunca de manipular, tá. Manipular não, porque na verdade a gente fazia questão de desenvolver um trabalho de bastante debate, de bastante discussão.

Então na verdade este foi também um dos motivos que provocou muita reação, porque era muito debate. E as pessoas... Na verdade, todo o processo de reação eu compreendo porque a sociedade brasileira viveu um processo muito forte de repressão para uma distensão. Então as pessoas não estavam preparadas para discutir determinadas coisas, para encarar determinadas coisas. Então você passa no processo com uma experiência limpa, com condição de disponibilizar isso da maneira mais sadia, da maneira mais fraternal para as pessoas que compõem aquilo ali, que eram pessoas que vinham de um processo... De estudo, de segundo grau que, por exemplo, era destituído de qualquer tipo de crítica, de estudo filosófico, não tinham nem filosofia porque era proibido, né? Agora que voltou, há pouco tempo.

Então elas chegam na universidade e entram em confronto. Se elas não tivessem passado por isso, provavelmente seriam pessoas que teriam passado batido na universidade, como tem gente que passou naquela época, provavelmente. Quem passou por aquele processo todo, e tem muita gente que tá aí, que trabalha, muita gente que trabalha, se você for procurar, você vai encontrar muita gente que passou por aquilo. São pessoas que alguma coisa elas guardaram com elas. Então, quer dizer, é uma universidade diferente do que seria para muitas pessoas que passaram naquela época. Que foi uma fase que realmente tem muitas pessoas que tem muita saudade... Era tão bom naquela época...

Mas era muito perigoso também, porque nós fomos presos várias vezes, sofremos violência várias vezes... Pesadas, entendeu? E a gente não... Não chegou a ser morto... Por pouco. Porque nós tivemos determinados momentos em que nós fomos quase assassinados dentro da universidade. Nós já fomos retirados da universidade pela Polícia Federal. Não foi uma vez não, foram várias vezes. Então a gente sofreu uma repressão física muito grande, muito pesada... Então também tinha esta parte, era ditadura, né? Você não vai dizer que não é porque era... A nova república veio em 85, mas até então era. Tinha um processo assim, muito pesado de repressão, de tentativas de nos ligar a tráfico de drogas, depredação do patrimônio público. Qualquer tipo de roubo que tinha dentro da universidade... E naquela época a universidade tinha um esquema de segurança muito fraquinho, ela era toda aberta, então qualquer um entrava ali. Então por exemplo, eu lembro uma vez que roubaram 12 aparelhos de ar condicionado dentro da universidade... Eles acusaram a gente, que nós tínhamos feito isso... Então era um processo pesado que também tinha esse lado obscuro.

Então é isso.

2.4 O Balão por Ismael

Ismael me recebe na sala dele e pergunta como estão indo as entrevistas, quem já entrevistei. Respondo a ele sobre as entrevistas de Carminati e de Claudio, algumas vivencias em comum... Ele lembra:

Mario Sergio hoje é policial federal... Risos... Mário Sérgio Moreira... É policial federal... (ainda rindo)

H: foi do Balão também?

Foi e não foi... Aí é que está... Ninguém pode pensar assim... Que havia uma turma com 30 e poucos ou 40 e poucos alunos que todos eram Balão. Mas havia o núcleo do Balão que estava dentro daquela turma e a turma acompanhava, a turma seguia. Às vezes, do Balão, você pensava assim: “esse cara tá ferrado”, mas na hora a turma fica do lado do aluno e não do fato ocorrido. Então se você olhar dentro da

turma mesmo que aqui seria o núcleo desta turma do Balão, eles eram uma meia dúzia. Aí você fala assim: o Mário Sérgio era da turma, mas não aprontava... Risos... Quem aprontava era o Carminati, era o Ernandes, era a Ruth... Ruth Noemy era o nome dela, se não me engano... Souza... Ela não se formou em Comunicação... Que eu me lembre ela não se formou, se formou em Direito depois.

Lembro a fala do Carminati contando sobre vários alunos da Turma do Ócio que depois fazem vestibular para Comunicação

É. Antes do Balão Mágico houve este movimento chamado Ócio, eles gostavam muito de ficar nas pedrinhas... Era aquele pessoal que estava cansado já de esquerda, eu acredito. Mas também não eram hippies não. Um negócio assim diferente era o Ócio. Que eu lembro eles liam aqueles poetas tipo Antonin Artaud... Liam também... Eu lembro que tinha gente lendo aquele famoso, cunhado do Marx que era anarquista, eu não lembro agora... Antigamente eu lembrava, há uns 20 anos atrás. Então é assim: eles liam alguma coisa de anarquismo, poetas ditos malditos e aí aconteceu isso, esse pessoal entra no curso de Comunicação. A gente já ouvia aqui os ecos do que estava acontecendo lá no CEG, que hoje é CCHN, era Centro de Estudos Gerais. Porque no curso de Comunicação, no currículo, eles iam ter a primeira disciplina de fato de Jornalismo no quarto período. O primeiro, segundo e terceiro períodos eram compostos de Filosofia, Sociologia, Antropologia... Eu acho que no terceiro período havia uma disciplina de Comunicação, que até fui eu que passei a lecionar, mas ainda teórica... Mas a primeira disciplina prática começava no quarto período: Redação de Comunicação.

H: As disciplinas de Teoria da Comunicação, quando acontece o episódio do Domingos...

Eram de lá. O código delas era de Ciências Sociais. Elas só passam para nós aqui em 87/1. Por acaso, eu sou o primeiro professor que vai lecionar Teoria da Comunicação aqui, depois que o departamento de Ciências Sociais, sob protestos, aprovou a transferência das três disciplinas para cá, que nós transformamos em dois. E o período de 87/1 marca a introdução deste novo currículo. O professor José Irmo Goring é o coordenador que faz esta transição. Aí eu vou ser o primeiro professor. A primeira turma que eu vou lecionar Teoria da Comunicação é a turma

do Edgar, daqui, o Rebouças, da Maria Lucia da Silva, é a turma que fez Teoria da Comunicação comigo. Eu me lembro dos dois. Não lembro o ano da turma.

Então a briga de fato se dá lá, com o professor Domingos, que na realidade apelidou a turma. Que havia o quarteto na turma, era o Cleber, o Ernandes, a Ruth e um quarto... Que é o Cláudio mesmo, é o Cláudio sim. Em cima dos quatro que o professor Domingos num encontro falou “esta é a turma do Balão Mágico”.

Risos

Agora, neste momento, eles são os primeiros que vão batalhar pela ideia do curso de Comunicação sair do CCJE e vir para cá (CEMUNI). Eu tenho ainda guardado, possível de ser encontrada, uma portaria do reitor que nomeia uma comissão para estudar a questão do espaço físico da Comunicação Social. Nessa comissão estava o Kleber Frizzera, que era professor do Centro de Artes, ele não era diretor não, era professor aqui, tá o Ernandes e tem mais uma menina e outros alunos da Comunicação. Há pouco tempo eu encontrei um documentinho amarelinho... Risos... Ele existe.

H: esta briga (transferência de lugar do curso) tem muito tempo

Tem... Nós usávamos aqui (CEMUNI), já na gestão do Abi-Zaid, duas salas e o laboratório de fotografia. Você se formou no CCJE ainda, não é?

Confirmo balançando a cabeça.

Aí o reitor Abi-Zaid criou esta comissão e o diretor de lá, chamado Edvar Costa, concordou em ceder espaço para nós lá. Aí, aquele edifício onde você tinha o EA 1 e o EA 2, Edifício de Administração. O EA2 era administração de centro e o EA1, era o laboratório de fotografia na cabeceira dele, entrando por fora. O EA1 tinha... A não ser que quando você estudou já tinha o prédio novo?

H: Quando eu cheguei já tinha o prédio novo, tinha laboratório de áudio, de fotografia...

Então não, não... A situação foi muito pior ainda antes disso. Aquele prédio novo já era resultado do trabalho do professor Penedo, em 93. Mas antes disso, o período que vai de 86, quando fui chefe pela primeira vez até a gestão do Penedo, nós

ficávamos ali no EA1, onde era, não sei se mudaram, o laboratório de informática da Contabilidade, laboratório de informática de outros cursos. Nós tínhamos uma sala de redação, um estúdio razoavelzinho de televisão e tínhamos umas duas salas de pranchetas. Na época se usava pranchetas. E todo este espaço foi do trabalho desta comissão com o reitor Abi-Zaid, que deu uma “acomodadazinha” à Comunicação. Então ficamos assim: três salas no ED4, uma sala no ED2, três salas ali no EA1, e o Departamento de Comunicação funcionava já ali, só que com a construção daquele prédio dos professores, o departamento foi para lá, departamento de Biblioteconomia foi para lá. Sala dos professores que era no EA1, e eram poucos os privilegiados que tinham sala, que eram os professores da Administração, foram também para o prédio novo e ali ficou tudo da Comunicação. E isso foi um trabalho depois de toda esta revolta que o Balão armou, várias as ocupações... Risos.

E isto foi uma compensação para não transferir para cá (CEMUNI) porque nós éramos indesejados aqui... Risos.

A gente acabou vindo para cá na década de 2000, acho que começamos a ocupar aqui em 2004... E por acaso eu que vou dar as primeiras aulas também porque as aulas teóricas vieram para cá no primeiro período. E depois fomos transferidos para cá aos poucos, foi ajeitando aqui neste prédio, CEMUNI V, que nós dividimos com a Música hoje. Nós temos três salas de aula e as instalações administrativas, salas dos professores também, todas aqui. Mas foi uma história longa... Risos.

Quando transferimos para cá, ainda ficamos usando aquele prediozinho, que a gente apelidou de “Olimpo”, que nunca teve nome. Naquele edificiozinho, onde você fez suas matérias práticas. Ainda continuamos usando, depois se tornou o prédio da Gemologia, onde é o curso de Gemologia hoje. Ele foi adaptado, modificado...

H: antes você falou que ouvia sobre o acontecia no CEG, mas você não conhecia esses alunos, não tinha contato com esse pessoal?

Eu dava aula para uma turma, que é a turma daquela menina que foi professora substituta aqui no passado, Andrea Carneiro, e eles já falavam “é, vocês se preparem que a turma que vem aí é barra pesada”... Risos... Que é a turma do Balão. Aí eu dei a matéria de... Se não me engano a matéria chamava Sistemas de Comunicação...

No início tivemos algumas desavenças, mas depois houve uma aproximação. Não era que fosse tão importante para eles não, eles gostavam muito do Professor Boguea, já falecido. Porque o professor trabalhava com Semiótica, e algo que eu percebi e de certa forma, por ser novo também, estava com 29 anos, fui também cedendo... Eles reivindicavam muito a questão da imagem. Eles queriam exibição de filmes. Hoje a coisa mais difícil é exibir um filme, porque toma toda aula. A gente fala “você podem assistir o filme tal”, porque é uma coisa muito comum. Mas na época não era algo tão comum assim, e eles gostavam. Nossa, falou “filme”, era com eles, mesmo que o filme fugisse um pouco. Então tinha professores passando filme apenas por passar filme. Se você fosse olhar direitinho, não fazia muito sentido a exibição daquele filme. Mas na minha disciplina, que falava de Sistemas de Comunicação, quer dizer, isto envolve o aspecto político, então eu lembro que exibia um filme que falava da participação de um repórter na Guerra da África... Hoje não lembro nem mais o nome... E um outro sobre a Nicarágua.

Aí dia de filme era silêncio total. Sala lotada, pessoal sentado no chão... Então, eles estavam muito ligados a esta questão da imagem. Havia uma repulsa por aqueles métodos tradicionais. Aliás, eles estavam certos. Em relação a alguns professores eles estavam certíssimos. Um certo espírito de caserna que eles foram aos poucos derrubando. Eu me lembro de um episódio, de um professor que não é mais da UFES, ele é aposentado e era do departamento de Ciências Sociais. E ele lecionava uma disciplina que era do currículo antigo, que você não fez. Aliás, você fez?

Eu nego e ele continua

PSEC I e PSEC II, Problema Sócio Econômico Contemporâneo, que depois virou Realidade Brasileira e Realidade Regional. Isto é o que você fez?

H: foi isso.

Pois é, mas esta disciplina era assim Problema Sócio Econômico Contemporâneo I e Problema Sócio Econômico Contemporâneo II. Este professor fez doutorado na PUC, sei porque fiz uma matéria com ele, e lá ele estudou “O Capital”. Chegou aqui ele implantou a leitura do Capital... Olha, é um negócio meio... Risos...

A obra é interessante, se fizer um núcleo de estudos, como hoje tem aí, você pode estudar o que você quiser. Um grupo reúne-se em torno de um professor, monta um

grupo de estudo e vai embora. Mas transformar certas leituras como leitura de uma sala de aula... É assim... Pior do que pára-quebras, não é? E este professor implantou lá a leitura do Capital.

Eu passei lá um dia, seria na altura na décima segunda aula mais ou menos, e vi a sala toda enfeitada. Penduraram uns baldes, com vela acesa dentro... Risos... Eu não sei dar o nome... Eu não tive arte no meu currículo... Risos... Fizeram tipo um enfeite de carnaval, com papel higiênico pelo teto. E em cima do quadro fizeram um painel com papel e escreveram assim “os últimos dias de Pompéia”... Gargalhadas.

Eu passei lá e vi aquilo. Me parece que foi a última aula do professor, depois disso não teria quórum porque seria prova... Risos

Depois disso o Flavio Sarlo foi lá e pegou todas as provas... E sumiu... Gargalha novamente... Este aí já não deu aulas mais pra eles.

Então houve outros casos... A presença deles era comum assim: tinha um encontro, um debate em algum lugar, eles apareciam. E se inscreviam, faziam rodízio de inscrição... Risos... Eles eram uma pedra no sapato mesmo. Lembro de um seminário lá no então Centro Pedagógico, que agora é Centro de Educação, e o Professor Klinger era quem estava coordenando, e ele perdeu as estribeiras. Porque eles faziam a inscrição em rodízio e ele percebeu que não tinha inscrição para outras pessoas...

Eles tinham presença, estavam em todas. Tiveram uma atuação muito grande aqui no Centro de Artes, junto com professores daqui também... E aprontaram... Risos... Aprontaram...

E aí se torna um movimento muito maior, não é mais um movimento dentro de uma turma de Comunicação. Porque outros alunos, alunos de outras turmas de Comunicação também se juntaram ao movimento.

Eu me lembro que eles fizeram um seminário aqui nas Pedras... Eu participei do seminário! Uns dois dias ou três... Risos...

Seminário feito por eles. E eles traziam leituras... Lembro que por indicação deles fui ler um livro... “Porque os professores fracassam...” Algo assim, eu tenho quase certeza que o título é esse. “Porque os professores fracassam”. Eles podiam... Me

lembro de uma frase do Lima Barreto, falando sobre a luta contra os barões da imprensa no século XX, dizendo assim “você não podia ter muita certeza de que o que você estava fazendo era certo, mas tinha certeza de que o outro lado estava errado”... Tinha que mudar, tinha que fazer algo. Era por aí, eu tenho certeza de alguns deles devem pensar assim com relação àquilo, mas realmente, foi uma reação a um modelo que já estava esgotado na minha humilde opinião. Tinha mesmo que reagir, tinha muita chatice sim.

H: este seminário nas pedrinhas era sobre o quê?

A ideia deles era a relação professor-aluno... Eles reivindicavam muito a liberdade. E o que me fez aproximar deles, que de certa forma me fez dar mais atenção a eles... Eu fui muito inspirado por alguns professores em São Paulo, na PUC, que prezavam muito... Principalmente um professor argentino, que não sei se é vivo ainda, chamado León Pomer, um historiador. Eu fui fazer a matéria dele no mestrado de História. E ele colocava a liberdade acima de tudo. Ele achava que um clima de liberdade, mesmo com algumas falhas, era melhor do que as certezas de negócio autoritário... Risos... Assim, autoritário, fechado, travado... E eu me encantei muito com as aulas deste professor, com a metodologia dele, o jeito dele de trabalhar... Já era um senhor de mais de 60 anos... É provável que não esteja mais vivo. León Pomer era historiador, a área dele era História das Américas e eu fiz a disciplina com ele de... Teoria da História. E como este núcleo do Balão trazia estas questões, então eu me interessei e de certa forma dei corda também.

H: como é que era? Você também participava com eles? Como que era isso?

Assim, participar com eles, de estar junto com eles nestes atos não. Se eu passasse e encontrasse com o grupo eu era bem recebido. A gente tinha uma relação boa. Mas não era assim, que eu andasse com eles ou que fosse a algum local, não. Como se fosse parte da turma não. Isso aí acho que a professora Telma teve esse... Era mais chegada a eles. Na realidade, eu ia com cuidado... Risos... Eu ia com cuidado. Não fui assim de corpo e alma... Mas participei deste seminário e eles sentiam a honestidade da pessoa. E... É indubitável que na minha primeira eleição eles foram decisivos. Confiaram em mim.

Na realidade eu não tinha sido eleito chefe de departamento, eu tinha sido eleito vice-chefe de departamento. Aí o meu chefe, chamado Luiz Paulo... Luiz Paulo, isso. Ele passou num concurso no Paraná e aí ele falou “olha, eu tenho uma notícia para você: você vai ser chefe de departamento”... Aí... Nisso aí eles estavam surgindo quando o professor Arlindo Castro foi chefe e eu subchefe... Aí eu sucedi o Arlindo, eu e o Ruy... O Ruy chefe e eu subchefe na gestão seguinte... Aí o Ruy saiu para fazer mestrado e eu fiquei subchefe e o Balão bancou minha eleição para chefe, e eu fui eleito chefe... Aí vai ser, de fato, no ano de 86... Que eu vou ser chefe de departamento. E o apoio deles foi decisivo... Ninguém quis enfrentá-los... Risos e Gargalhadas... Foi graças ao Balão... E o curioso é que eu fiquei. Fui tantas vezes chefe de departamento...

Antes de entrar aqui em 2010, se eu não me engano, eu fiz oito gestões... Por aí... Fui chefe em várias gestões. Depois vem a Ruth...

H: e como era a convivência, a troca que você faz, de indicar um livro...

Eles liam sim, eles liam muito. O que pegava com eles é que eles não queriam prova, queriam fazer auto-avaliação. Hoje, eu duvido quem dentre eles que se tornou professor se abre geral para a auto-avaliação, porque é um método furado. Porque as pessoas que tem baixa auto estima vão atribuir notas baixas e os que se superestimam vão atribuir notas altíssimas...

Pausamos para Ismael atender ao telefone.

Ele volta e nós conversamos um pouco sobre a greve³ a as mudanças no calendário na UFES.

Ismael pergunta se peguei greve no meu tempo e confirmei que sim. A conversa se estende sobre estudar em janeiro em função da greve, com mosquitos, calor. É o próprio Ismael que volta para o assunto:

Estávamos falando desta relação, da auto-avaliação, não é? Pois então, eles tentavam derrubar o professor nisso aí até o professor ceder... E aí, era dez de cima abaixo que era um show... Mas nós estávamos numa fase de transição, não é...

³ Na data da entrevista, a UFES participava da greve nacional que ocorreu em 2012.

Sáímos daquele sistema de provas pesadas. Na minha época, você podia ter todas as notas dez que você fazia prova final. E dificilmente você segurava, porque como que ia conseguir tirar dez em tudo de novo? Era muito duro. Se você ouvir falar de alguém do passado que tinha coeficiente acima de oito pode se curvar, viu, porque estudou muito. Porque você repetia todas as provas.

H: Na fala deles, fica muito forte que começa antes de 86, quando era ditadura ainda, não é?

É, eles começaram na ditadura. Começaram lá com o professor Domingos e ainda era o Governo de Figueiredo. Ele (o movimento) é todo contextualizado no governo de Figueiredo.

É... Época de Abi-Zaid... Tá vivo ainda... Risos

Comigo, nunca houve maiores embates com eles. E nessa época era casado com uma professora de Psicologia e ela terapeuta reichiana... Então havia também um clima de abertura para estas idéias, né... E eu, influenciado por ela e pelas leituras que eu fazia também... Eu tinha um olhar diferente para este comportamento deles. Às vezes eu tinha uma recaída, ficava um pouco na defensiva, mas não havia tanta estranheza para mim. E isto de certa forma facilitou o relacionamento. O professor de Comunicação, no resultante, é um professor liberal. É muito difícil você falar aqui de um sujeito que seja uma cavalgada... Risos... Um osso duro de roer. Não tem isso na Comunicação, as pessoas são muito mais liberais, mente aberta. E isto foi num crescente inclusive. Então meu relacionamento com eles foi legal, não tinha grandes problemas não. Depois eu fui lecionar novamente para eles, não foi só no início não. Eu lecionei outras disciplinas para eles, fui chefe de departamento... Eles passavam o fim de semana dentro do laboratório de televisão... Risos... Mas nunca houve assim... Professores às vezes reclamavam um pouco de bagunça... O odor da erva que às vezes ficava impregnado... Risos... Mas assim, prejuízos, nunca aconteceu de quebrar as coisas. Pelo contrário, eles eram zelosos. A primeira câmera, eu tive participação junto com eles. Foi uma luta para que eu comprasse, foi uma Betamax. Eles apelidaram de Betinha, foi quando eles produziram os primeiros vídeos deles. O Cleber deve lembrar bem desta história. E eles dormiam com aquela câmera... Risos... O empréstimo era direto. Porque era uma coisa assim, era uma coisa mágica aquilo. As pessoas não tinham em casa. Não é como hoje que o aluno

pode ter um material melhor do que a universidade. A acessibilidade hoje é tranqüila. Na época não. Você ia para os veículos de comunicação e eram poucas as pessoas que tinham aparelho. Então para eles aquilo era um encanto. Aliás, até como forma de compreendê-los eu comecei a ler uma série chamada “Encanto Radical”. Não era da Ática não, era desses livrinhos pequenos de bolso. Encanto Radical, o nome da coleção. Assim, se a gente entrar no Google recupera ainda.

Eu não lembro direito, mas eu li, procurei ler. Moral da história: eles eram uma vanguarda. Na realidade, eles foram uma vanguarda. Tinham lá algumas posturas um tanto duvidosas, mas foram uma vanguarda. Apontando contra algo que de fato precisava ser mudado, não dava para segurar mais. Esta é minha visão.

H: E você acha que para esse pessoal que participou, como que forma? O que se aprende participando do Balão?

Eles experimentaram muito e eles não aceitavam, eu tenho certeza de que se eu perguntar ao Cleber e “e este vídeo aqui?”, ele vai rir daquilo, é risível. Mas eles não queriam ouvir isso... Risos... Eles achavam que estavam certos. Mas aprender, aprenderam sim, pelo menos saíram daquele comportamento bitolado, do aluno bonzinho, do aluno certinho... Acho que isto é positivo... Você vê: o Cláudio... Lá da Geografia... Claudio Zanotelli?... Se tornou professor, o Carminati; professor, o Chailhub, aqui da Arquitetura; arquiteto reconhecido... Eu não sei o nome destas pessoas de outros cursos, mas... Eu me lembro de uma menina, a Sáskia, ela não era da turma deles, é de uma turma que vai entrar depois. Sáskia foi nossa professora substituta aqui, desempenhou-se muito bem, bem na função dela... E eu acho que eles evoluíram sim. E há casos também, há casos também (ênfatisando)... Risíveis. Havia um, que eu não vou citar nomes, que a última informação que eu tive é que ele cuidava de uma lava jatos em Cachoeiro. Era uma figura folclórica aqui. Vivia com vídeo, vídeo, vídeo... Mas se você fosse olhar não tinha nada que prestava.

H: o evoluir que você fala...?

É abrir a mente. Porque às vezes o perigo de pessoas assim é se tornar conservadoras depois. Extremamente conservadoras, não é? Mas os poucos que eu conheço não foram para este lado não. O Cleber, por exemplo, é um cara de mente

aberta, convive muito bem com os alunos. Costuma ser radical... Risos... Cleber é radical ainda.

H: você participava das nossas festas. Com eles também era assim?

Eles fizeram muitas festas, mas na época a separação entre aluno e professor era maior, eu nunca tinha vindo em nenhuma. Mas a presença deles como movimento, assim, atuante, que vai participar, que vai a estes encontros que são marcados dentro da universidade é mais marcante do que festas, tá. Mas teve sim, teve grandes festas da Comunicação nos anos 80, mas estas festas começaram mais com a entrada da turma 87/2. Eu lembro que quando houve a proibição daquele juiz de Colatina dos menores na rua fizeram a festa “Vinde a mim as criancinhas”... Risos... E foi um festão. Depois do “Vinde a mim as criancinhas”, fizeram... Eu não lembro a ordem certa, mas era assim “Rolando na grama”, “Pilando na grama”... Risos... E teve uma terceira na grama que eu não lembro exatamente o nome, mas eram festas famosas.

H: eles também participaram das eleições do DCE, tinha uma briga, não é?

É, não fiquei tão atento, mas lançaram sim. E eles também tiveram uma grande participação no surgimento da Rádio Universitária. Eles montaram uma radiozinha lá no Centro mesmo e dali foram para uma sala da Biblioteca e praticamente esta emissora, que chamaram de TX, foi assim... Não é que ela vai se tornar a Rádio Universitária, ela tem uma história completamente diferente, mas era uma concessão quer seria dada à Faesa, mas a Faesa não poderia ter essa rádio, e a UFES também não poderia, só a Fundação podia ter essa emissora. Aí a emissora foi fundada... Onde hoje é a Biblioteca Central?... Não, onde hoje é a PROGRAD. Lá no fundo assim, foi onde foi o primeiro estúdio da Rádio Universitária. Depois ela foi transferida lá para o prédio da Fundação Ceciliano. E eles tiveram assim... Os pontos onde... Não foram poucos dias não, foram mais de meses... E eles bateram pesado. Risos.

Bateram pesado, citaram nomes de professor no ar. Eu lembro “desancando” com um professor do curso de Direito. Eles pegaram muito pesado, mas estavam certos. Aquilo ali era certo. Realmente, você não podia tolerar professor... Os alunos de Direito tinham feito um painel acusando as faltas destes professores. Professores

hipócritas, gente que faltava demais e depois reprovava aluno por falta. E eles pegaram pesado com essa gente também. E aí a coisa evoluiu para a Rádio Universitária. Tiveram uma participação muito forte também, com o surgimento daquela emissorinha lá, a TX.

Eles fizeram muita coisa. Era uma turma... Havia um núcleo duro, e que estava sempre junto, não tem como negar. Essa turma da Comunicação é que puxava mesmo. Eu me lembro de aluno da Medicina participando, pouco. O Mineiro, eu via ele sempre ali. O pessoal de Artes, mas tinha uma galerinha também do CEG... Um grupinho. Eles conseguiram formar um grupo num bom movimento. Aí, a partir de 87/2, vai surgir um aluno que não é passivo, mas que é diferente deles, que são esses que vão puxar estas grandes festas e vai incrementar também uma coisa de movimento musical no curso. Alunos ligados à música, sempre na sala tinha alguém que era de uma banda, ou começava uma banda. O Lordose pra Leão começou na turma de 89, mas tinha vários alunos ligados ao panorama musical.

H: Por causa da Rádio também...

Isso, porque a Rádio tinha um grande atrativo, abria espaço para exibição. Porque era uma música que não tinha espaço. A música local não tinha espaço nas emissoras comerciais, que por sinal eram poucas. Não é igual hoje que tem um panorama maior de rádios ligadas à universidade, como a Rádio Cidade.

É outra coisa. Quando começa os anos 90, os interesses estavam mais para o lado de informática. A época do vídeo já tinha assentado. Começa a era da informática em 93, vai surgir internet, aí vai surgir um outro núcleo de aluno... Aí começa surgir um outro tipo de aluno, em 95, 96...

H: em 96 também surge uma galera ligada ao vídeo...

É, mas com mais conhecimento, mais recurso, vão concorrer fora, ganhar prêmios. Na época do Balão não tinha estes prêmios... A produção no Brasil era muito... Tava começando, né? Depois, o que vai acontecer: alguns deles vão acompanhar estes diretores quando chegam por aqui. Lembro do João Carlos, que morava na Serra. Aquele filme Moças de Fino Trato, tanto ele quanto o Ernandes acompanharam... O tempo inteiro em cima, sugando, aprendendo.

Porque o curso, até nesta fase, não tinha ninguém para dar este suporte, só com a chegada do Arlindo Castro, que vai estudar nos EUA, aí eu lembro que era coordenador de curso e introduzimos a matéria Introdução ao Cinema, para que realmente tivesse conhecimento do cinema como linguagem. Então, antes do Arlindo, eu não me lembro de ninguém do curso que pudesse sustentar estes anseios aí. Não tinha, não tinha. E o curso tinha assim uma cara do jornalismo impresso, era impresso, só o impresso. Rádio e televisão eram bem deficientes. Só a partir de 95 em diante é que vai melhorar a qualidade de Rádio e TV.

H: a gente tinha a Rádio para estagiar.

Pelo menos estagiavam, treinavam. Eu lembro que, ainda com a emissora no prédio da PROGRAD, a Rádio ganhou um prêmio de melhor cobertura de FM na Assembléia. Até porque não precisa fazer muito para ganhar em FM porque a maioria é bobagem o tempo inteiro, é besteiro. Música sertaneja, breganeja, essas coisas assim. A Rádio já chegou até a ter um carro, uma Parati... Em 95, acho.

H: então tiraram logo, porque quando entrei em 96 já não tinha.

A Polícia Federal que acionou o Reitor aqui dizendo que o carro era visto em locais muito estranhos... Como Jesus de Nazaré... Risos... Pontos de venda de drogas... Aí o reitor aproveitou e cortou as asas.

É isso, se eu se lembrar de mais alguma coisa deles, eu te falo.

3 IRONIA COMO AÇÃO FORMATIVA

Figura 1- Questionário Manifesto Frente

QUESTIONÁRIO MANIFESTO

Sugestões do Balão Mágico UFES aos calouros 86/1.
Perguntas a serem feitas como tentativa de melhoria da relação professor/aluno

1- Qual é o papel do professor?

a- () de cem?
b- () de mil?
c- () higiênico?
d- () de seda?
e- () papelaço?
f- () tutor?
g- () proprietário?
h- () orientador?
i- () animador cultural?
j- () guardião dos bons-costumes?
l- () burocrata?
m- () tecnocrata?

2- Qual o papel do aluno?

a- () cego?
b- () surdo?
c- () mudo?
d- () paralítico?
e- () infantil?
f- () papelão?
g- () papelote?
h- () coadjuvante?
i- () figurante?
j- () participante?
l- () questionador do censo-comum?
m- () cientista?
n- () crítico?
o- () consciente?
p- () político?

3- Qual o papel da educação?

a- () formar os agentes da exploração?
b- () formar profissionais da ideologia?
c- () formar os agentes da repressão?
d- () condicionar?
e- () sacralizar verdades prontas?
f- () preparar o indivíduo para o mundo?
g- () aperfeiçoar o espírito humano?
h- () libertar o espírito universal?

4- O que é educar?

a- () compartilhar conhecimentos?
b- () despertar para o prazer?
 b₁- () de viver?
 b₂- () de amar?
 b₃- () de focar?
c- () tudo?

5- O que é educador?

a- () conservador do velho?
b- () aprendiz do novo?

6- O que é aprender?

a- () decoreba?
b- () colação?
 b₁- () plástica?
 b₂- () goma-arábica?
 b₃- () colorida?
 b₄- () de grau?
c- () geração de novos valores?
d- () repetição?
e- () adestramento?
f- () preparar seu próprio questionário?

7- O que é democratizar a universidade?

a- () paredes brancas para todos?
b- () paredes brancas para alguns?
c- () espaço para todos?
d- () espaço para alguns?
e- () fumar "uns" com o reitor?
f- () escolher quem vai nos mandar?
g- () enlouquecer total?
h- () trocar o "canudo" pelo diploma?
i- () trocar o diploma pelo "canudo"?

8- O que é dominação?

a- () Rede Globo?
b- () pixação?
c- () exoneração?
d- () moralismo?
e- () tautologia?
f- () cargos de chefia?
g- () propriedade privada?
h- () propriedade particular?
i- () religião?
j- () masoquismo?
l- () sadismo?

9- O que é comunicação?

a- () propaganda?
b- () paredes brancas?
c- () formalismo?
d- () "1984" do Orwell?

10- Existe liberdade de expressão na UFES?

a- () sim?
b- () não?
c- () porém?
d- () contudo?
e- () todavia?
f- () mas...

11- Qual o partido político detentor do poder na UFES?

a- () PDS?
b- ()pf?
c- ()pt?
d- ()pe?
e- ()do b?
f- () e o PV?

Figura 2 – Questionário Manifesto verso

12-O que é verde?

a- () partido?

b- () planta?

c- () clorofila?

d- () bandeira?

e- () filosofia de vida?

f- () cor?

13-O que é vermelho?

a- () comunismo?

b- () sangue?

c- () marte?

d- () violência?

e- () luta?

14-O que é preto?

a- () luto?

b- () sujo?

c- () sério?

d- () raça?

e- () erro?

f- () ausência de cor?

g- () mistura das cores?

15-O que é branco?

a- () brilho?

b- () pureza?

c- () virtude?

d- () vazio?

e- () ideal acético?

f- () ausência?

g- () NRA?

16-O que é cinza?

a- () preto no branco?

b- () branco no preto?

c- () neutralidade?

d- () apatia?

e- () timidez?

f- () só?

17-Utiliza ainda a pauta de chamada?

a- () sim?

b- () não?

18-Por quê?

a- () autoritarismo?

b- () cumprir o dever?

c- () comodismo?

d- () por falta de outras motivações?

e- () como forma de pressão?

f- () como forma de punir?

g- () burrice?

19-Quais os objetivos de sua disciplina?

a- () profissionalizar?

b- () conscientizar?

c- () capacitar?

d- () doutrinar?

e- () endireitar?

f- () entortar?

20-Quais os métodos adotados?

a- () lavagem cerebral?

b- () fazeção de cabeça?

c- () mecanização de cérebros?

d- () pau-de-arara?

e- () tapa na cara?

21-Qual a filosofia que direciona esses métodos?

a- () barata?

b- () de almanaque?

c- () de fundo de quintal?

d- () sabedoria popular?

e- () behaviorista?

f- () bagueista?

22-Qual a avaliação adotada em sua disciplina?

a- () provas parciais?

b- () provas finais?

c- () testes terminais?

d- () datas intransferíveis?

23-Você almoça no R.U.?

a- () sempre?

b- () às vezes?

c- () nunca?

d- () por castigo?

24-Quem educa quem?

a- () Fanny Abramovich?

b- () Sarney?

c- () Gedard?

d- () João Paulo II?

e- () Dom Ivo Lorscheisters?

f- () Baby-Doc?

g- () Reagan?

h- () Pinochet?

i- () Cristo?

j- () A ossada de Mengele?

l- () Sidi Vicious?

m- () "Balão UFES"?

25-Mestre, o que queres de mim?

R:

3.1 O instrumento questionário manifesto

Quando o questionário declara ser um manifesto, posiciona o mesmo declaradamente como instrumento de protesto, coloca, em cores e tintas, o tom do material.

A ideia de complicar o endereçamento não é sem objetivo; é um gatilho, um marcador que indica ao leitor o uso de ironia, diz sem dizer declaradamente que o manifesto não é contra os calouros, embora convoque os mesmos.

E quando prossegue dizendo que é “uma tentativa de melhoria da relação professor/aluno”, situa a quem dirige o manifesto, marca uma trilha, um caminho da direção para onde se dirige a conversa.

A ideia, até então, é destacar que o destinatário da ironia não é o calouro. Ele é convidado a fazer parte, a ser cúmplice de um jogo que diz ser endereçado a ele, mas pretende atingir a outros. Brincar com os calouros chamando-os, dizendo que a sugestão é para eles, quando não é, faz parte de um jogo semântico que quer seduzir o calouro, brincar com ele enquanto lança a ironia sobre outros.

Logo a seguir, pergunta, de chofre, enquanto esta cumplicidade ainda faz cócegas: “qual o papel do professor?”.

As alternativas de respostas, em todo questionário, abraçam a ideia de dizer sem dizer, responder indagando quando insere uma interrogação na frente de cada uma das alternativas. Responde piscando o olho, com um sorriso no canto dos lábios que desfaz o dito. A interrogação desfaz a limitação da resposta. Ao invés de fechar, abre. E ri como se dissesse: *é isso? Não sou eu quem disse, é você quem está pensando.*

As possíveis respostas à indagação jocosamente brincam com o que entendem que não deve ser a atribuição do professor, ao mesmo tempo em que criticam o que tem sido para os inventores do questionário. Provocam, levando o leitor a pensar o que não deveria ser, mas que é. “Proprietário? Guardião dos bons costumes?” ri o questionário. E ali está a interrogação provocando, perguntando sem afirmar, para que o leitor faça a ligação na apreensão da mensagem. *Quem está dizendo que o*

professor dever ser um animador cultural? Eu?! Não, eu não disse isso. Eu só perguntei, se você marcou esta opção, quem disse isso foi você.

A interrogação na resposta sugere duplicidade, ambigüidade, posição provisória que vislumbra e movimenta rapidamente para o lado oposto; a resposta é uma pergunta que desmonta a rigidez, vagueia, rodopia. Limites cambiantes, a interrogação funciona como um marcador da ironia:

[...] pode agir como um meio de neutralizar qualquer tendência de assumir uma posição rígida ou categórica da “verdade” por intermédio precisamente de um reconhecimento de um caráter provisório e de contingência. (HUTCHEON, 2000, p. 82)

E prosseguindo no jogo semântico, logo após perguntar afirmando, mas deixando a resposta da afirmação se construir na articulação do leitor /intérprete, vem a pergunta sobre o papel do aluno.

Nesse ponto, a aresta é mais cortante, corrosiva, quando sugere um papel de tutela ao pintar, com humor ácido, imagens mentais de um aluno submetido e, nas últimas alternativas, mudar bruscamente de direção. O tom jocoso e quente esfria abruptamente, deslocando o tom corrosivo para uma neutralidade insossa, mostrando sem desvendar.

E é de dentro do discurso que se tem como alvo que vem a artilharia que ataca, que hasteia a bandeira de guerra: qual o papel da educação? Do discurso que combate é que colhe as expressões recheadas de deboche: “formar os agentes da repressão?”

O jogo pergunta-que-se-responde-com-outra-pergunta joga dissimulação, desfaçatez caricaturada de ingenuidade: “preparar o indivíduo para o mundo?”, “aperfeiçoar o espírito humano?”

Clichês com as bordas escorrendo desdém, as respostas que perguntam transgridem de dentro para fora, usam como trampolim o que se quer atacar. “Qual o papel da educação”, brinca com o leitor, dissolve com ironia uma resposta pronta.

A sequência altamente cortante de “formar os agentes da exploração?”, “formar profissionais da ideologia?”, “formar os agentes da repressão?” marca também uma leitura irônica da crítica que a esquerda comunista da UFES fazia ao Balão.

Deste fragmento cortante para “libertar o espírito do universo?” das últimas respostas-perguntas sobre o papel da educação marca uma passagem do agressivo ao utópico e ingênuo, pinta um cenário onde o utopismo sonhador não cabe, fica sem lugar. O tom derrisório pinta uma amargura desenhada no desprezo do não pode ser. Distancia, mostra desinteresse para não comprometer.

Respostas-perguntas cortantes sucedidas por respostas-perguntas que distanciam travestidas de ingenuidade marcam a mudança de registro, “[...] que pode funcionar para estabelecer um enquadramento ironizante⁴ [...]” (HUTCHEON, 2000, p. 224), contribuindo para compor um contexto para a ironia.

A escolha do instrumento questionário manifesto também revela uma ironia sutil, que aponta na superfície e submerge rapidamente: a crítica a um cientificismo da realidade presente na universidade. Escolher um questionário como forma de manifesto ironiza de dentro para fora, uma forma de fazer e ser universidade lançando mão do que seria um instrumento científico do saber: um questionário aparentemente fechado, que possibilitaria a geração de números, a quantificação rigorosa, científica.

Partidários da pesquisa-ação, esta forma de apreensão do conhecimento também era alvo da crítica feita pelos integrantes do Balão, fazendo parte do cenário que compunha a história da briga entre o grupo e o Prof. Domingos.

Ao indagar “o que é educador” o tensionamento irônico atinge carga máxima. O ataque é cortante e intenso; mostra como resposta-pergunta apenas duas questões: “conservador do velho?” ou “aprendiz do novo?”. Ou um ou outro. O ataque não deixa opções.

Enquanto “o que é educar?” ganha tons doces, lúdicos até, sugerindo que o ato de educar é bom, “o que é educador?” não ganha os mesmos contornos. Aqui, os ingredientes pulam da doçura para a acidez total. A crosta cortante é afiada, sugere

⁴ Ironizante e ironista, tensionamento, distanciadora e autoprotetora são palavras que não constam no dicionário, mas estão presentes na escrita da Linda Hutcheon (2000) e da Beth Brait (1996). Então, tomei a liberdade de usá-las também.

que a crítica não é para o ato de educar, mas para o que não tem sido praticado pelos educadores. Pelas opções apresentadas, educar seria para o grupo “despertar para o prazer de viver”, “de amar”, “de fofocar”, “de compartilhar conhecimento” como sugere a opção “tudo?”. Entretanto, o educador somente ou conserva o velho ou aprende o novo.

Nesta parte, a ironia opera como instrumento de oposição, faz forte marcação para sinalizar a que estão se opondo, contra o quê querem manifestar-se.

De inocente instrumento científico à arma altamente destruidora, é ao longo do questionário que a ironia vai mostrando sua potência. À medida que o fogo é lançado e os estilhaços são vistos por toda parte é que o marcador sinalizado no início, a anunciada tentativa de melhoria da relação aluno-professor, localizada no cabeçalho do questionário mostra realmente sua intenção. O que parecia erro de pontaria era na verdade um tiro preciso, que só depois é que se mostra ser à queima-roupa.

Quando indaga o papel do professor e do aluno, inserindo na sequência o papel da educação e do que é o ato de educar, a sequência também se configura em um marcador, articula uma intenção de contextualizar e levar o leitor ao alvo do manifesto: o modo como os professores tem conduzido as aulas. Se o papel do professor não deve ser o de “tutor, proprietário, guardião dos bons costumes”, como sugerem as interrogações, certamente o papel do aluno e da educação também passam por redesenho do que “não é”, enquanto educar ganha os tons do que deveria ser na concepção do ironista, no caso o Balão Mágico.

A contradição presente no tom entre as questões sobre o papel da educação e o que é o ato de educar sinaliza, chama a atenção para este ponto, mostra, por incongruência, onde a ironia acontece.

O arranjo do que e de quando perguntar forma uma sequência que atribui sentido, intenção.

Na interação entre ironista e intérprete da ironia, a sequência e a escolha do quê perguntar são marcadores, pistas para sentir a intenção do ironista e atribuir a ironia em cumplicidade não combinada.

A forma de dispor e a escolha das perguntas é um modo de interagir com o leitor, são sinalizadores que ajudam o intérprete a compor mensagem, articula o que se pretende atacar: “[...] a suposição é que o interpretador intencione discernir (por meio de marcadores textuais e contextuais) a relação dito/não dito de modo consciente e proposital” (HUTCHEON, 2000, p. 176).

A sequência das questões não constitui a ironia em si, mas funciona como gatilho, um sinal para que a ironia ou a intenção irônica seja percebida. A virada do tom marcada na questão “o que é educar?” é vista na questão seguinte, quando o tom corrosivo permanece na questão “o que é aprender?”.

Entretanto, aqui a acidez está diluída no tom lúdico, que ganha força ao atribuir a uma das respostas a palavra colação, que como sinônimo de aprender, ganha novo significado: aprender é colação plástica ou de grau? Colação com goma arábica? Colorida? A brincadeira com a palavra colação desliza entre banalizante e redutora brincadeira até um tom mais provocador: nesta concepção de educação só é possível aprender colando? O ritmo do deslizamento nas alternativas é intenso: se ao mesmo tempo é provocação sem muitos danos, em suas próprias alternativas o tom jocoso ainda traz cores bélicas quando insere como alternativas “repetição?” e “adestramento?”.

O tom lúdico encerra a questão com a resposta-pergunta: “aprender é preparar seu próprio questionário?”. O tiro final é a ironia que aparentemente ataca o próprio Balão, mas na realidade exerce uma função autoprotetora. Será que aprendemos porque indagamos? Quem é que afirma isso? Quem pergunta ou quem escolhe esta alternativa? Nesta alternativa há uma postura distanciadora, sugestão de não comprometimento. Ao mesmo tempo em que se indaga, se coloca em questão, o interlocutor se afasta e se protege. A ironia construída desta maneira é uma arma com múltiplas funções, que podem atravessar uma a outra com maior ou menor intensidade e ritmo. Da mesma maneira ela também pode assumir estas funções de modos variados, dependendo de quem a “tomar” (HUTCHEON, 2000).

A distância desliza novamente na questão seguinte, que indaga “o que é democratizar a universidade?”. A questão escancara a ferida e traz os episódios de grafiteagem que se tornaram uma marca registrada das ações do grupo. As alternativas sobre paredes brancas para todos ou para alguns assume uma postura

de oposição, uma ataque ao conservadorismo que criticava esta forma de expressão dos integrantes do Balão. Subvertendo o canudo e o diploma, o ataque convoca até mesmo a presença do reitor. Imaginá-lo “fumando uns” é uma forma de minar seu poder, subverter. Usando de sátira, a intenção é ridicularizar. Assumindo função contradiscursiva, a ironia aqui é uma arma que não esconde posição, toma lugar para contestar. Entretanto, o manuseio desta arma nesta situação envolve cuidados, pois a distância entre transgressivo e insultante, entre subversivo e ofensivo pode variar conforme contexto e atores envolvidos: ironista, intérprete e alvo (HUTCHEON, 2000).

A partir deste trecho o questionário torna mais explícito o alvo do seu ataque, a arma torna-se mais cortante, suas arestas tornam-se mais afiadas; o ataque é direto nas questões 8, 9 e 10. As questões alusivas a um conceito sobre dominação, comunicação e liberdade de expressão na UFES estão entrelaçadas, formam uma mensagem composta.

Na questão oito o conceito de dominação traz entre as alternativas “pichação”, “exoneração”, “moralismo”, “cargos de chefia”, “propriedade particular”. Palavras que isoladas não constroem o mesmo sentido que tem quando juntas em uma questão: é uma referência ao caso da demissão da professora Telma, que fazia parte do movimento e foi exonerada em um processo contestado na época, acusada de pichar a propriedade pública. Percebe-se uma crítica exposta em outros documentos e também nos relatos ao estabelecimento de normas de conduta unilaterais, que em seus modos de constituição, na opinião do grupo, não convinham a uma instituição pública, mas sim a uma particular. A mensagem não dita protesta contra o uso dos cargos de chefia para moralizar e exonerar quem não se enquadrava, quem praticava o grafite. Na lógica do Balão, se a universidade é pública, então os modos de se expressar devem atender a todos, não somente a alguns, portadores de cargos de chefia. Novamente, o processo da Telma é evocado ao trazer as alternativas paredes brancas e formalismos na questão sobre o que é comunicação.

A sequência de perguntas encerra indagando se existe liberdade de expressão na UFES. Aqui, a artilharia é disparada de forma intensa, sob uma superfície aparentemente neutra: “sim?”, “não?”, “porém?”, “contudo?”, “todavia?”, “mas...”. As últimas alternativas são advérbios de negação, sugerem fato ou situação que

contraria qualquer resposta positiva. Sugerem que existe algum acontecimento que torna impossível pensar em liberdade de fato, que algo está acontecendo na UFES no sentido de minar esta liberdade, de práticas de repressão.

A oposição à existência de um poder que censura e que reprime também é disposta na questão 11 “qual o partido político detentor do poder na UFES?”, quando expõe nas alternativas de resposta apenas dois partidos próximos ao lugar de marcar, o PDS primeiro e o PV por último, grafados em letra maiúscula, sendo os partidos intermediários grafados em letra minúscula e com pontinhos distanciando dos parênteses. Estes partidos que compõem o miolo passariam uma leitura de simples ocaso de datilografia, se o contexto fornecido pelos diálogos não possibilitassem enxergar neles marcadores.

Aqui, a comunidade discursiva⁵ formada pelos habitantes do *demus* permite localizar estes partidos do miolo da questão, em minúsculo, como os partidos que movimentavam de forma bastante visível a vida universitária, que estavam presentes no DCE, na esfera da gestão da UFES e também na disputa partidária dentro do campus. E que se constituíam em alvo do Balão, que de acordo com os relatos, não concordavam com esta assunção de posições partidárias dentro da universidade.

A ironia, para acontecer neste caso, demanda aos leitores uma vivência em comum com as cenas que se desenrolavam na UFES em meados dos anos 80. Emerge em “zonas de contato”, que são os espaços onde várias culturas se encontram, criando contextos de relações (HUTCHEON, 2000). É nesta zona de contato que se forma um plano que possibilita que a mensagem exposta na questão aconteça em forma de ironia.

A vivência das assembléias constituintes e da emergência destes partidos compunha um cenário de intensos debates e de disputa por ocupação de espaços, dos quais a UFES não estava alheia.

As perguntas seguintes retornam para a questão da repressão ao grafite, indagando ao leitor o que significam as cores verde, vermelho, preto, branco e cinza. A mudança de tema é aparente, está na superfície. Entretanto, levando em

⁵ “A noção de comunidade discursiva (como sinalizado, espero, pelo eco foucaultiano de “formações discursivas”) não está de maneira alguma, livre de restrições, mas reconhece as restrições estranhamente habilitadoras de contextos discursivos [...]” (HUTCHEON, 2000, p.137)

consideração o contexto das cenas de repressão ao grafite e à demissão da Professora Telma, elas ganham outros contornos, ainda ligados ao alvo do manifesto.

A mudança de registro nestas questões cria uma camuflagem tênue, que desvanece progressivamente. Enquanto as respostas-perguntas da questão verde possuem apenas significados positivos, o tom vai endurecendo quando passa pelo vermelho e preto, até atingir a carga máxima de corrosão na cor branca. A mudança de registro nesta questão sugere que branco poderia significar brilho, pureza e virtude, mas ao pensar nas paredes brancas livres de grafite, estas simbolizariam “vazio”, “ideal acético”, “ausência”. Ou seja, representariam a repressão à forma de expressão bastante utilizada pelo Balão. Paredes brancas, que poderiam simbolizar limpeza, para o grupo era o estandarte da repressão ao Balão.

Prosseguindo a leitura do questionário manifesto, das perguntas 17 até 22, a artilharia aponta novamente para a relação professor aluno, para a forma de ensino também criticada em outros manifestos.

A pergunta 17 tem como alvo os professores, pergunta diretamente “utiliza ainda a pauta de chamada?”. O ainda sublinhado é marcador que não usa sutilezas, nem precisa pertencer à comunidade discursiva para que a ironia aconteça. As alternativas sim ou não levam diretamente para as respostas-perguntas da questão 18, que promovem um ataque frontal e com carga máxima: “autoritarismo?”, “como forma de pressão?”, “como forma de punir?”.

Embora a ironia também seja usada como forma de correção, satirizando para expor o erro e promover a correção (MUECKE, 1995); neste caso ela funciona de forma agressiva:

A retórica negativada de desaprovação que circula em torno dessa função ASSALTANTE da ironia é uma de ataque cortante, derrisório, destrutivo ou às vezes de uma amargura que pode sugerir não um desejo de corrigir, mas simplesmente uma necessidade de registrar desprezo e zombaria. (HUTCHEON, 2000, p. 85)

Ao indagar sobre os objetivos, os métodos e a filosofia que direciona ações como uso da pauta e aplicação de provas, as alternativas são arestas que objetivam ridicularizar, expõe ceticismo sobre a possibilidade de mudança uma vez que as

ações criticadas fazem parte de uma intrincada forma de pensar e conduzir a aula. A crítica mordaz tem como alvo toda uma forma de pensar o ato de educar, ridicularizando a mesma quando aponta que talvez esta forma de educar venha de uma filosofia “barata?”, ou “de almanaque?”... Ou seja, na intenção do ironista, da falta de uma filosofia.

A arte no uso da ironia, além da seleção dos marcadores e do causar mais dizendo menos, também requer o uso estratégico do seu tom corrosivo. O domínio do instrumento está em saber quando o ácido deve escorrer, atacando sem piedade; e quando o lúdico, a brincadeira deve ser empregada. Nas últimas questões, o questionário tempera corrosão com ludicidade de forma a aliviar, não sobrepor.

Ainda tendo como centro a vida da UFES, o próximo alvo é o Restaurante Universitário. Na época, já tendo sido alvo de vários protestos do Balão, o R.U volta a ser lembrado no questionário manifesto “você almoça no R.U?”. Da indagação até a terceira alternativa, a questão mostra aparente neutralidade: “sempre?”, “às vezes?”, “nunca?”. Entretanto, a aresta satírica volta a cortar quando encerra a questão indagando se o leitor almoçava lá “por castigo?”. Esta alternativa revela a crítica à comida, pois compara o ato de almoçar no R.U a um castigo, indicando que fazê-lo não gerava prazer, de fato, seria tanto desprazer que almoçar no R.U. constituiria um castigo. Fazendo uso do lúdico, ao mesmo tempo em que satiriza o R.U. objetivando ação corretiva, a pergunta visava arrancar sorrisos dos lábios do leitor. Aqui, o humor funciona pela quebra: vem da aparente neutralidade que afunila em uma sátira, em uma ridicularização da comida servida no restaurante.

A ironia que faz uso da função lúdica continua na pergunta “quem educa quem”, quando mistura figuras do universo infantil e televisivo “Fanny Abramovich?”⁶, o então presidente Sarney, figuras religiosas como o Papa e Dom Ivo Lorscheister⁷,

⁶ Fanny Abramovich é escritora de literatura infantil e juvenil, pedagoga e atriz. Também apresentou quadros sobre o assunto na televisão, no programa TV Mulher, da TV Globo, em 1980. Publicou livros na área de pedagogia, e em 1986 a obra “Deixa Isso pra Lá e Vamos Brincar”. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=5743. Acessado em 07 de janeiro de 2013.

⁷ José Ivo Lorscheister foi bispo da Igreja Católica e presidente da Conferencia Nacional dos Bispos no Brasil durante o regime militar. Ficou conhecido por repreender o regime militar durante do governo do General Médici. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u42760.shtml>>. Acessado em 07 de janeiro de 2013.

figuras da ditadura na América Latina como Pinochet e Baby-Doc⁸ e até mesmo de Sid Vicious⁹. A inserção do nome do grupo na última alternativa continua lúdica, mas também tem função de distanciar, de aparentemente se colocar em questão quando na realidade pretende se isentar. Ao se propor como alternativa, o grupo brinca consigo mesmo, não se exclui pretendendo se excluir, neutralizar. É uma artimanha para aparentar recusa ao seu próprio engajamento, como se dissesse: *não leve isso tão sério, nós não levamos*. O objetivo é amenizar, assoprar sobre os cortes até então produzidos pelas arestas cortantes.

O tom de galhofa, de pilhéria encerra o questionário quando diz de joelhos: “mestre, o que queres de mim?”. Aqui, não há mais alternativas, sendo a única pergunta aberta, dando a entender uma pretensa desorientação, uma sensação fugaz de não saber o que fazer, de faltar opções para responder à pergunta. Isso poderia ser considerado, não fossem o riso aberto e as sobranceiras arqueadas. A localização da pergunta, ao final de toda a artilharia lançada, serve como o marcador da ironia, sinaliza sua presença. Quebram o desespero da pergunta com a teatralidade da sua marcação. O exagero tem função humorística, não espera de fato uma resposta.

Na primeira leitura do questionário manifesto, vários foram os motivos de risada: o próprio manifesto em forma de questionário, as alternativas absurdas. Quando contextualizado com os relatos e outros manifestos foi constituído um terreno, um cenário para a ironia que aqui ganha refinamento: é arma usada com precisão cirúrgica.

O instrumento de protesto deixa expostos os alvos declarados do Balão, satiriza a forma de ensino considerada pelos integrantes como repressora e ultrapassada, assim como serve de instrumento também para criticar a repressão ao grafite, ao RU, ao papel da universidade e à liberdade de expressar que sentiam ameaçadas.

Aparentemente aleatórios, os temas das questões quando lidos com os devidos marcadores, voltam-se com força e foco para as questões que incomodavam o

⁸ Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc foi um ditador haitiano que herdou a presidência do pai, François Duvalier, o Papa Doc, daí o apelido de Baby Doc. Devido à sua crescente impopularidade e às medidas repressivas e violentas, seu governo caiu sob o poder da insurreição popular (1986), ele fugiu com família e seguidores mais próximos, para Paris, França. Disponível em: < http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Baby_Doc.html >. Acessado em 07 de janeiro de 2013.

⁹ John Simon Ritchie-Beverly, o Sid Vicious, era baixista da banda punk inglesa Sex Pistols. Morreu aos 21 anos de overdose. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Sid_Vicious >. Acessado em 07 de janeiro de 2013.

grupo, que os mobilizava a lançar mão de uma arma que tem potência, alcance, chama atenção, cria adesão e mímica as respostas.

O questionário manifesto mostrou não ser apenas uma brincadeira, uma oportunidade para satirizar. Ele era instrumento importante em uma guerra que os integrantes do Balão faziam uso da ironia como arma de combate, como forma de reagir que encontrou acoplamento perfeito em seu *modus operandi*.

O uso da ironia como instrumento sempre apresenta riscos, como o de não acontecer por falta de compartilhamento de signos com os intérpretes; como a possibilidade de ser entendido como defendendo o que se quer atacar. Entretanto, apesar dos riscos, o uso da ironia é um uso político:

Politicamente falando, o ironista é extremamente difícil de atacar precisamente porque é virtualmente impossível fixar seu texto de maneira convincente. No discurso irônico, toda posição solapa a si mesma, deixando assim o escritor politicamente engajado numa posição onde seu discurso irônico poderia começar a desconstruir sua própria política. (MOI, *apud* HUTCHEON, 2000, p. 35)

Mesmo correndo o risco de ser entendido como ação fútil, banal e sem propósito, o uso da ironia permite ainda a sensação de compartilhamento, o engajamento do outro nos seus protestos, uma vez que para acontecer, depende da ação de atribuir sentido irônico pelo interprete.

As sátiras do Balão só faziam sentido porque havia uma comunidade compartilhando vivências, acontecimentos. Porque havia pessoas que riam, mesmo que fossem poucas.

Mesmo numericamente em desvantagem em face da quantidade de pessoas que transitava pelo campus, o instrumento usado fazia com que suas ações ganhassem projeção, repercutissem, como uma pedra que jogada num lago, consegue formar ondas que alcançam as margens.

3.2 O mais mal comportado dos tropos

A estratégia midiática empobreceria de alguma forma o discurso, o diálogo que o movimento pretendia estabelecer?

Talvez, e digo talvez porque acho difícil dar como certa uma única visão, justamente pela ironia usada nas performances e combinações é que o movimento tenha conseguido chamar a atenção por tempo suficiente para estabelecer um diálogo. Para se infiltrar no discurso que conceituavam como dominante e quebrá-lo por dentro. O inusitado, que pretendia dizer sem dizer, deixou um espaço que era preenchido pela cumplicidade estabelecida, pelo preenchimento do outro, o público.

Ser usada por vários movimentos contra direita, como por exemplo, o movimento gay, feminista, negro, estudantil do Chile torna a ironia arma estratégica nos movimentos anti conservadores, mas a ironia tem um potencial “transideológico” (HUTCHEON, 2000). Ou seja, como uma arma, ela não carrega em si uma ideologia própria, não escolhe quem irá atacar. Ela está a serviço, pode ser usada tanto para dar voz a movimentos radicais e anti-direita quanto para estabelecer o conservadorismo e esmagar discursos discordantes.

A ironia, como instrumento, foi a arma mais utilizada pelo Balão. Entretanto, como funciona esta arma? Quais os riscos e quais as suas vantagens estratégicas? Como a ironia se difere do humor e de outras formas de dizer sem dizer?

Embora os estudos acerca da ironia sejam constituídos por abordagens bastante diversas, possuem em comum a procura de um método que possibilite diferenciá-la de outros discursos que também usam de ambigüidade (BRAIT, 1996).

O interesse pelo tema atravessa campos distintos e também espaços temporais consideravelmente distantes entre si. Dos gregos da antiguidade clássica aos estudos pós-modernos, ela convoca inúmeras visões e entendimentos quanto ao seu uso.

Filosofia, psicanálise, literatura e outros campos do conhecimento atribuem diferentes sentidos, diferentes conceitos, chegando a colocar em dúvida que uma única palavra dê conta de tantas variantes: “a existência de um significante – ironia – nunca deveria cegar-nos à pluralidade de suas funções assim como de seus efeitos”. (HUTCHEON, 2000, p. 73)

A ironia articula atitude com discurso portador de ambiguidade e às vezes humor. Há, na elaboração do discurso, a intenção de produzir ironia (BRAIT, 1996). A dimensão irônica é globalizante, holística. É continuidade, não fragmentação. É

portadora da contradição e duplicidade, presentes no discurso dialético; a distância entre a fala e as interações do enunciador, e a aposta em uma comunicação efetiva entre enunciador e o receptor da mensagem.

Marcando as diferenças entre as concepções da ironia como discurso presente na literatura e como atitude presente na filosofia, na elaboração dos dois conceitos está a ideia da ironia como manifestação de comunicação, relação da pessoa que quer falar com a que ouve (*idem, ibidem*). Há também outras versões de explicação para o fenômeno da ironia que bifurcam do caminho que a descreve como discurso pelo contrário. A ironia pode ser feita sem apelar à antífrase usando três recursos: analogia, argumentação indireta e os sinais emitidos pelo enunciador (BRAIT, 1996).

Entretanto, apesar desta explicação sobre o processo do discurso irônico, dizer que o Balão Mágico usava ironia como arma enunciando uma fala em seus discursos e manifestos pretendendo causar entendimento diverso não é o suficiente para explicar o funcionamento e a potência deste instrumento. Entre o que se queria dizer e o que tomava forma como discurso havia um universo de relações intrincadas, complexas e que foram produzidas naquele contexto de UFES, de Vitória, de Brasil.

A ironia articula a ação de interpretação de forma paradoxal; se, em um tempo, demanda interpretação, um processo de decodificação onde há conhecimento da relação entre signos e significados; em outra mão ela se esvai como fumaça ao vento quando alguém tenta interpretá-la (HTUCHEON, 2000).

Seguindo esta direção, emergem caminhos para pensar a ironia como arma política:

Que a ironia possa ser usada como uma arma, sempre se soube: a humilhação e a farpa satírica têm seus corolários até na autoridade que os críticos exercem sobre os textos (e especialmente sobre leitores precedentes sem muita percepção) através de sua atribuição de ironia (DANE, BOOTH, *apud* HUTCHEON, 2000, p. 26).

Aqui, a ironia é tomada além da questão semântica, como discurso que demanda escopo e local. A ideia é trazer para a composição da cena onde ela se desenrola as dimensões sociais e interativas do seu funcionamento.

E como discurso, a ideia de uma fala unidirecional, direto “do emissor ao receptor” se desfaz. Focando a fragilidade do sentido atribuído, coloca-se em questão a

participação do “receptor” que se torna o intérprete e atribuidor da ironia: é ele quem a atribui a uma fala.

[...] a ironia constitui “um modo de conciliação de subjetividades”, na medida em que o ironista supõe seu auditório capaz de reconstruir convenientemente, e ao mesmo tempo, a citação e a contestação [...] o discurso irônico convoca seu enunciatário, exige dele uma construção interpretativa complexa, sobre a base de uma confiança postulada pelo enunciador [...] (BRAIT, 1996, p. 109).

Assim, a ironia opera como um discurso composto tanto por quem fala quanto por quem ouve, a partir de um campo semântico que chamaremos comunidades discursivas compartilhadas (HUTCHEON, 2000). Até aí, nada de diferente em relação a outros discursos e você poderia perguntar: “mas toda comunicação, todo diálogo não pressupõe que o que tem a intenção de dizer e o outro que interpretará a mensagem de acordo com os códigos comuns utilizados?”

Hutcheon (2000) trata desta questão quando aborda o papel do intérprete da ironia. Ela chega a questionar quem é o ironista de fato quando estabelece que:

[...] a atribuição da ironia a um texto ou uma elocução é um ato intencional complexo por parte do interpretador, um ato que tem dimensões tanto semânticas quanto avaliadoras, além da possível inferência da intenção do ironista (quer do texto, quer das declarações do ironista). Este estudo argumenta que a ironia acontece como parte de um processo comunicativo; ela não é instrumento retórico estático a ser utilizado, mas nasce nas relações entre significados, e também entre pessoas e emissões, às vezes, entre intenções e interpretações. (HUTCHEON, 2000, p. 30)

Desta maneira, a ironia pode estar na intenção do ironista e não ser “pega” pelo intérprete. Como arma nesse caso há o risco de que, ao invés de firmar a posição de ataque, transmita a ideia de que há concordância com o que se pretendia criticar. Há também o risco da ironia ser aludida onde não havia intenção. Ela é uma arma arriscada, que não dá garantias de resultado porque funciona como um jogo que depende de compartilhamento, de relação. A razão está no fato de que os jogadores deste jogo precisam de um campo comum, as chamadas “comunidades discursivas” (HUTCHEON, 2000).

As pessoas relacionadas nestas comunidades partilham formas de atribuir significados, se constituindo no compartilhamento de interesses, vivências, que formam repertório – ou seja, que capacitam para o jogo. Ela só é possível quando

experiências partilhadas, vivências e contextos de conhecimento comum fornecem o campo para que ela aconteça.

Não é que a ironia cria comunidades, então; é que comunidades discursivas tornam a ironia possível [...], quanto mais o contexto é compartilhado, em menor quantidade e menos óbvios são os marcadores necessários para sinalizar – ou atribuir – ironia. (HUTCHEON, 2000, p. 37)

É da interação entre contexto, ironista e intérprete que os marcadores, ou seja, os elementos que sinalizam o uso da ironia são constituídos e permitem a interlocução. Essas comunidades possuem uma dinâmica própria, uma micropolítica complexa atravessada por outras comunidades e pelas intensidades de experiências.

Os termos lançar e pegar, embora possam sugerir uma ironia objetiva, pronta, tal qual uma bola, de forma alguma definem etapas prontas: alguém codifica e outro decodifica, enquanto ela passa incólume. Não é simplesmente não dizer querendo dizer enquanto o outro capta o não dito. Como ato discursivo é mais do que não dizer, deixar para o outro entender:

[...] o processo de participação na constituição do interdiscurso irônico pode reverter não apenas figuras de autoridade, mas relativizar valores estabelecidos, produzindo um efeito humorado graças à apreensão simultânea dos dois planos de enunciação, promotores de investimentos contraditórios. [...] configura uma estrutura que, de alguma forma, depende de referencia contextual, o que elimina a possibilidade de se compreender a ironia unicamente no nível da frase. (BRAIT, 1996, p. 108)

Neste aspecto, há produção de sentido muito maior, relacional e inclusivo neste espaço entre o dito e o não dito. Desta forma, melhor dizer que a ironia “acontece”, ela implica relação, experiências partilhadas, vivências que produzem signos e significados comuns aos pertencentes desta comunidade (HUTCHEON, 2000).

Todavia, como os sujeitos participam de diferentes comunidades, há complexidade no entrelaçamento destas comunidades, sendo necessária uma “zona de interseção”. Nem todas as comunidades das quais fazemos parte estão em consenso, podem ser superpostas. Daí a necessidade de uma zona de interseção mediada por experiências comuns.

O trabalho do intérprete também carrega intenção, agenciamento, requer inferência avaliativa. Isto porque a atribuição de ironia não é um jogo de encaixe, ela possui

“arestas”, bordas cortantes, arriscadas que “[...] é o que faz a ironia trabalhar diferentemente de outras formas com as quais ela parece ter semelhança estrutural (metáfora, alegoria, trocadilhos)” (HUTCHEON, 2000, p. 29).

Esta interação tem uma natureza política quando também hierarquiza: aqueles que “lançam” a ironia, aqueles que “pegam” e aqueles que “não pegam”. A capacidade de se articular com os signos da comunidade a ponto de identificar as sutilezas, trabalhar com elas atribuindo o sentido irônico vem da própria imersão na(s) comunidade(s) discursiva de onde emerge.

E mesmo se tratando de um jogo que tem como pré-requisito o compartilhamento de um campo, de uma comunidade discursiva, não há garantias de que usando a ironia o discurso será horizontal.

Isto porque outra característica da ironia é sua natureza “transideológica”. Ela não tem, intrinsecamente, nenhuma tendência para a inovação radical nem para o conservadorismo. É maleável, cambiável, pode servir a ideologias diferentes. Tanto pode ser usada para reforçar quanto para questionar.

E ainda, ela é dual: convoca o intelecto e também os afetos, envolve motivação e respostas emocionais. A relação entre ironista e intérprete, ou platéia, é política porque instaura relação de hierarquia e subordinação: os que são “capazes” de fazer a ironia, os que não são e o alvo da mesma.

Paradoxalmente, a ironia como “contra-discurso” atua “minando por dentro”: ela demonstra intimidade com seu alvo, faz parte de sua comunidade discursiva, quebra a hierarquia quando consegue ser ouvida e ainda muda as hierarquias anteriormente estabelecidas: “a intimidade da ironia com os discursos que ela contesta – ela usa sua própria linguagem como o seu dito – é a sua força” (HUTCHEON, 2000, p. 54). Mas esta intimidade estratégica também leva a outro risco: o de ser associada à cumplicidade justamente com quem se pretende atacar.

Outra característica da ironia que a torna atraente aos movimentos de contestação é a sua capacidade de desestabilizar, sua força que possibilita aos que estão à margem serem ouvidos e ao mesmo tempo manter distância. Como uma guerrilha, ela trabalha nos fragmentos, por quebras, movimentando pensamentos quando converte o que poderia ser subordinação em oposição, desafio. O não dito

preenchido com muito além do que seria dito, troca de lugar sem reduzir, submeter. Repete os discursos com novo sentido, trabalha criando ambigüidade, tornando complexo o que era simples.

E como não faz declarações de obviedade, deixando esta tarefa a cargo do intérprete, funciona como arma eficiente porque deixa o ironista numa posição difícil de ser atacado, pois seu ataque desconstrói o próprio ironista e seu discurso não é fixo e nem está precisamente demarcado. Para contra-atacar, seria preciso responder concordando com a ironia, deixando claro que ela faz sentido. Em outras palavras: “que a carapuça serviu”.

Entretanto, e aí reside a essência da sua natureza transideológica, a ironia também serve como arma às ideologias conservadoras porque cria hierarquias quanto à sua produção. Ela instaura e separa os que podem trabalhar num campo fechado de produção de sentido e outros para quem ela simplesmente não acontece por não experimentar determinadas vivências. A sua dimensão afetiva também pode envolver sentimentos como medo, humilhação, desconforto, superioridade e controle. Seu sentido implícito torna o autoritarismo difícil de ser combatido, assim como a torna impenetrável para os que não compartilham sentidos estritos.

Embora apareça ligada ao humor, a ironia nem sempre é engraçada. Não há uma relação necessária entre humor e ironia. O humor pode acontecer sem ironia, assim como a ironia pode não ter graça nenhuma. Embora o humor produza o efeito de desarmar, a dimensão afetiva da ironia pode também incorrer pelo sentimento de irritação pela insegurança que a ambigüidade provoca e pelo fato que ela sempre tem um alvo. Qualquer um pode ser o próximo, a ironia é cortante até mesmo para aqueles que não a “pegam”.

3.3 O movimento contra o movimento

É bom você falar de movimento estudantil porque a gente sacaneava o movimento estudantil que existia na época. O movimento formal, o movimento estudantil dos CA's, DCE e tudo o mais. [...] Era uma coisa assim: a gente se divertia muito com o que estava fazendo. No meio do caminho, quando o processo começa a extrapolar a sala de aula e a gente percebe que a gente cria, tem alguma força dentro da universidade, pelo menos de contagiar colegas e tal, a gente começa a se envolver com as instituições, uma delas o movimento estudantil, que a gente sacaneava

muito. Achava careta, achava conservador, a discussão sempre por uma ótica muito marxista de mundo, também oportunista. [...]

Então este movimento estudantil a gente ridicularizava. A gente entrava nas discussões ridicularizando o movimento e fazíamos coisas engraçadas, lançamos a candidatura de um cara folclórico que tinha na UFES à presidência do DCE, um desses malucos, cara louco, alucinado, que não tinha noção de porra nenhuma. E ele se achava. Eram três doidos que tinha na época: Décio, Jardel e Fernando Cocô. E eles discutiam tudo, com um envolvimento... A quantidade de besteira! [...] E a gente lança a candidatura do Décio, faz um folclore para lançar a candidatura do Décio... Ou Delcio... Não lembro mais, não importa o nome. Importa que ele pergunta: “é sério mesmo?”. E a gente faz um discurso; “quem entre nós merece mais?”. Porque a história que rolava na UFES era que ele abriu mão de uma herança que tinha para continuar a ser do proletariado. E a gente cita esta história, ele acha que é verdade... Risos. Muito engraçado. E ele passou muito tempo achando que a gente tava apoiando a candidatura dele. [...]

E aquelas pessoas queriam fazer política e não era exatamente a política que a gente achava bacana então por isso acho que a gente começa a se envolver nas discussões políticas dentro da universidade de uma forma muito irônica, brincando com estes grupos e de alguma forma ridicularizando estes grupos porque era também a única alternativa que a gente tinha. A gente era a minoria da minoria, a gente não era nada. Do ponto de vista da ideia a gente era alguma coisa, mas do ponto de vista da quantidade de pessoas que aderiam aquilo que a gente falava, era muito pequeno. A gente queria que as pessoas refletissem sobre aquele processo que nos parecia antiquado, careta e oportunista principalmente. (Trecho da entrevista de Claudio Rocha)

Em uma batalha, nem todo ataque tem por objetivo o aniquilamento completo do outro lado. Lançando mão de atitudes que chocavam os padrões do “bom comportamento” de aluno da UFES localizada em um espaço (Vitória) e um tempo (anos 80), os sujeitos do Balão vão contra os valores que compõem o modo hegemônico de se conduzir neste espaço e neste tempo; e ao mesmo tempo, expõem e ridicularizam também aquela forma de fazer movimento estudantil. O veneno é sutil, faz cócegas, formigamento. Um ataque que não intenta ser derradeiro, mas minar as certezas do alvo.

O lúdico aqui presente é arma que, brincando, possui aresta altamente cortante. O embate que tem de um lado um instrumento impreciso, de contorno flexível, maleável; de outro lado a dureza, a rigidez que viam no movimento estudantil representado pelo DCE. As estratégias irônicas usadas nos processos eleitorais estudantis apontam uma forma outra de ser estudante ativo, combativo, aponta um caminho outro. E mais: atacam de dentro de um processo constitutivo do DCE.

Ao ironizar o processo de escolha da direção, os membros do Balão compõem um *front* de varias frentes: atacam a hierarquia, o sistema de composição e a forma como o processo eleitoral era conduzido dentro da UFES.

A idéia de usar ironia contra o DCE é uma tática de guerrilha: aparecer onde menos se espera; combater com grande barulho, pouca artilharia e recuar. Não é um ataque fulminante com pretensões de arrasar o inimigo. A idéia é enfraquecê-lo, expor, fragilizar sua ação, suas certezas. Jogar ácido no cimento sólido das suas muralhas.

Disputar as eleições do DCE, como relatam os integrantes, não pelo desejo de assumir aquele lugar, mas de criticar, de tentar de alguma forma transformar, corrigir (HUTCHEON, 2000) os modos de operação daquela instituição.

Como no momento que criam uma história e um personagem para concorrer que era desacreditado pelo próprio Balão e que empunha uma ficção como bandeira de guerra. É um ataque ao DCE, à forma como aquelas pessoas articularam o modo de entrar e de conduzir o movimento estudantil.

Aquele movimento personificava para os balonetes os valores que já eram combatidos em sala de aula: hierarquização, idéia do sacrifício, do desprazer, de um modo de viver que sentiam ainda carregar muito da ditadura militar, mesmo sendo oriundo da luta contra a ditadura:

Na verdade, não era... Desde o inicio nunca foi um movimento político intencional, mas à medida que a gente percebe que vai ganhando alguma força, que a gente ganha alguma popularidade dentro da UFES, e que as relações que existiam e que nos incomodavam em sala de aula, elas não eram em sala de aula, elas eram um reflexo de um todo, nós vamos começar a brincar, e aí com muita ironia, com o movimento político estudantil que era o que se fazia dentro da UFES [...] (Trecho da entrevista de Cláudio Rocha)

Neste combate, ir para a batalha armado com ironia também é uma forma de dialogar, de estabelecer uma comunicação; uma vez que a ironia não é uma mensagem que alguém recepçiona passivamente, há um trabalho de decodificação que estabelece uma relação com o enunciador. É um instrumento que dá visibilidade à mensagem e ao mesmo tempo, necessita que ela seja construída em conjunto para que ganhe sentido.

E o ataque vinha de dentro do próprio sistema de funcionamento do Diretório Estudantil: participar das eleições com brincadeiras, humor, era uma forma de apontar o que havia de errado, ridicularizar para abalar certezas:

Visando a comprovar que a atual diretoria do DCE, empossada ontem, não vai exercer nenhum tipo de patrulhamento ideológico sobre os estudantes da UFES, várias lideranças político-partidárias foram convidadas para participar da solenidade. [...] Solenemente apresentados, alguns foram vaiados e outros receberam fracos aplausos. A única unanimidade ficou para o professor João Batista Herkenhoff, merecendo efusivos gritos do “Balão Mágico”, sugerindo seu nome para reitor da UFES através de um pleito direto. Como o mais vaiado destacou-se o deputado Paulo Hartung, ao prestar um tributo à combatividade dos antigos DCEs, que na sua opinião agora ressurgem. Na verdade, os estudantes do “Balão Mágico”, apoiados pelos integrantes da chapa “Novo Tempo” (ambos perdedores nas últimas eleições), reivindicavam a renúncia da recém-empossada diretoria e abertura do processo para novas eleições no DCE. Na opinião dos membros das duas chapas perdedoras, ocorreram várias irregularidades nas eleições, principalmente no processo de apuração dos votos. [...] Acusou ainda a comissão eleitoral de ser totalmente composta por membros ou simpatizantes da chapa “Pra sair desta maré”, reclamando também que diversas urnas não apresentavam o lacre e nem mesmo as chaves dos cadeados, que estavam com os componentes das mesas apuradoras. Denunciou que os integrantes das duas outras concorrentes (“Novo Tempo” e “Decadência Central dos Estudantes”) foram impedidos de participar do processo de apuração. “As cartas estavam todas marcadas e as eleições foram realizadas de modo cambalacheiro”, assegurou Marcos Barros. (A GAZETA, 1986, p. 23)

Parece que concorda com o modo de operar da organização, quando usa um mecanismo seu para disparar artilharia. Aresta cortante, ironizar é também uma forma de denunciar para corrigir. “[...] é a sátira em particular que frequentemente se volta para a ironia como um meio de ridicularizar – e implicitamente corrigir [...]” (HUTCHEON, 2000, p. 84). As eleições não podiam ser levadas a sério assim como o Décio, por isso o personagem controverso para presidente e o discurso irônico que simula os valores que queriam atacar: o sacrifício em nome do marxismo.

Na eleição em 86, a brincadeira com o nome da chapa salta sobre, desfere golpe no que acreditam que é o DCE, do que demonstra a intenção da chapa: Decadência Central Estudantil. O protesto, como um bolo bonito com calda de cianureto e recheio de ácido, é uma forma de também usar as eleições como um processo que simbolizaria um dos valores apregoados pelo DCE. Comparece à “festa democrática” para denunciar, para saltar sobre (HUTECHEON, 2000).

3.4 O estigma e a tática de bufão

Para aquelas adolescentes, a prática de handball era muito mais que fins estéticos ou de saúde. O handball era campo de batalha onde os grupos inimigos digladiavam, onde uns afirmavam sua “supremacia” e outros amargavam a derrota. Que era temporária, pois sempre vinha o próximo jogo, a possibilidade de mudar o resultado da batalha e o posicionamento da bandeira.

Naquela tarde quente de mormaço e tempo fechado os grupos foram chegando ao ginásio aos poucos, em trios ou em turmas de seis a sete pessoas. Ninguém chega só, pois estar sozinha é como pintar um alvo na testa.

Um apito marca o início. Jogo duro, sangue, suor, marcação. Empurrões, pés que correm sem descanso e mãos que mesmo suadas agarram a bola com firmeza escrita na experiência.

Bola que entra na rede, bate na trave. Bola que pára, é arremessada, agarrada, disputada e lançada. Durante 60 minutos, ela foi o centro da atenção da platéia, não da guerra. Olhares, palavrões, sorrisos de deboche, gritos da torcida, mãos que encontravam um jeito de machucar sem o juiz perceber também faziam parte do arsenal. A bola era mais o resultado destas várias táticas de guerra do que o determinante em si. Onde ela entrava, quem a segurava era resultado de muitas interações destas composições.

O apito marca o final. Após uma vitória penosa, sofrida, com várias baixas sinalizadas por queixo sangrando, joelhos machucados e costelas arroxeadas o time verde se abraça, uma caindo por cima da outra, abraços, beijos, lágrimas; felicidade total.

A bola, que agora não vale mais nada, imediatamente passa a ser interesse de ninguém.

O time azul ainda leva algum tempo se encontrando no campo, sem acreditar. Alguns segundos ainda são necessários para entender que o juiz não vai dizer para continuar, para recomeçar. É a visão da bola sendo guardada por gandulas em um saco que respira a derrota para dentro, a pá de cal na esperança.

Juiz, treinador, quadra, goleira e até a bola são alvo das críticas externadas em olhares venenosos. Mas não adianta, agora é colocar a máscara do “tudo bem, foi um jogo muito bom”, “pô, valeu, não entregamos fácil”.

Orgulhos, máscaras, sorrisos e lágrimas vão se recompondo, se alinhando para o momento da premiação.

“Perder logo para elas é fo...”, ainda amargando a derrota, o time azul chama o treinador, companheiro de ânimos e afetos, para entregar a medalha de segundo lugar.

Luzes acesas, mãos dadas, “não tô nem acreditando”... O time verde no alto do pódio se alinha para o momento mais esperado da semana.

Organizador, sorriso satisfeito no rosto, pergunta à capitã da equipe quem fará a honra de entregar as medalhas de primeiro lugar. O nome, dito com decisão, já estava nos lábios, pronto.

Comoção por todo lado: “que bonito, que espírito esportivo”, elogia o organizador. A voz do locutor ecoando por todo ginásio faz apologias ao espírito esportivo, à cultura da paz, à aproximação e à união que só o esporte leva.

A capitã do time azul não consegue acreditar: “filhas da p... vou enforcar elas com a medalha...”

Sorriso no rosto, olhares de desafio, as meninas do time verde aguardam, uma por uma, a arquiinimiga passar a tira da medalha por suas cabeças. O momento tinha sabor de chocolate belga.

Dentes cerrados, rosto vermelho; a capitã do time azul não deu o braço a torcer. Foi passando as fitas das medalhas pelas cabeças do time adversário com gentileza que custou dor nos seus braços e ombros, tal era a raiva contida: “pior que perder é coroar o inimigo...”

Em uma guerra, as atitudes mais inesperadas e arriscadas às vezes são a única garantia de vitória. E outras atitudes que parecem dizer uma coisa acabam por significar outra completamente diferente.

A escolha do nome, que passou a ganhar sentidos muito diferentes do programa de TV matinal da Rede Globo nos anos 80, foi uma estratégia que diz muito a respeito dos modos de combate empregados pelo Balão Mágico.

Assim como na guerra, a interação com o outro, o embate dos desejos cria um campo onde o uso do ataque ao seu favor torna-se troféu de guerra.

Resistência a um assalto que poderia ter minado suas forças deixando vários corpos espalhados pelo chão; transformá-lo em símbolo do grupo também se constitui num atributo da ironia como instrumento, a defesa como ataque. Transformar o míssil em troféu de guerra é subverter, virar de cabeça para baixo, deslocar a boca da espingarda para o peito do atirador:

A história do Balão começou dentro de sala de aula... A nomeação, o estigma, foi colocado como estigma... A geração Balão Mágico, alienados... Totalmente formados pela televisão... Era a grande crítica, que a nossa geração era formada pela televisão... Que a gente era um bando de criança grande. [...]

(Suspirando) ficamos todos reprovados em Teoria da Comunicação II porque aí que ele denominou a gente de Balão Mágico. Falou que o projeto era ridículo, que não tinha fundamentação e era um projeto realmente típico da Turma do Balão Mágico, que era aquele grupo do Mike, do Tob e da Simony. (Risos). [...]

Aí, depois que ele detonou a gente, assumimos. A gente sentava e conversava muito depois do que a gente fazia. Outro livro importante nessa formação foi o livro do Erich Fromm sobre estigma. E nesse livro que a gente já estava estudando, ele falava que o estigma era usado para desqualificar a pessoa, para diminuir qualquer possibilidade de algum mérito, era usado para destruir o outro. E o Domingos fez isso com a gente. Criou um estigma em cima da nossa turma chamando a gente de Balão Mágico, porque para ele nós éramos alienados, frutos da Rede Globo, porque eles é que eram da geração que sofreu, né? (Um certo deboche, ironia). Risos[...]

E o Erich Fromm nos ensinou a usar o estigma a nosso favor. Transformamos ele em algo positivo e a gente assumiu. Ótimo, é o lúdico, é produto para criança, para o universo da imaginação. É isso mesmo, nós somos a turma do Balão Mágico (risos). Aí criou o nome. [...]

Isso foi proposital, nós assumimos o estigma como identidade. [...] (Trecho da entrevista de Carminati).

Até então, os afetos já haviam criado um grupo, as pessoas que faziam parte do grupo já haviam construído um comum. Mas a interação, atribuição de um nome que fortalece o grupo e que vai facilitar a propagação das suas histórias, a criação de um

corpo é uma composição deste grupo com a atuação e nomeação feita pelo professor.

Como colegas que possuíam afinidades, o grupo tinha delineamento impreciso, fácil de confundir com tantos outros grupos anônimos de amigos na universidade.

Mas atribuir um nome é assumir um corpo, uma face. É impregnar-se, marcar suas características, torná-las visíveis e diferenciáveis dos outros grupos. Ao assumir o nome, o grupo também assume o que os diferencia, levanta uma bandeira:

[...] toda enunciação produz concorrentemente um enunciado e um sujeito. Não há sujeito anterior à enunciação ou à escritura, e em seguida uma enunciação, à maneira de um atributo ou de uma modalidade existencial de um sujeito; mas a enunciação é constitutiva do sujeito, o sujeito advém da enunciação (COMPAGNON, *apud* BRAIT, 1996, p. 107)

A partir desse episódio, a batalha ganha outros contornos, um corpo de guerra, um sujeito Balão Mágico tal como passa a se constituir, ganha um delineamento. O entendimento que, além de afetos, também possuíam desejos, que formavam um corpo desejante, que assumiam uma trincheira:

Nós não criamos uma turma, na verdade quem criou a turma foi o professor. É o Prof. Domingos que cria a turma. É muito engraçado, né? E ele acaba nos dando força; não nos queria, ele não nos queria, mas acaba nos dando força. Ele dá um passe errado, a gente aproveita do passe dele, briga. (Trecho da entrevista de Claudio Rocha).

Fortalecendo o grupo pela sua assunção, o nome em si carrega o que nega. É símbolo da cultura de TV, assim como da inocência infantil, da brincadeira, da diversão. Mas não é com as características do Balão da Simony que o Balão quer se afirmar. Assumir a marca do Balão também implicou em dar a ela outros significados:

[...] as formas de recuperação do já-dito com objetivo irônico não assumem, como tal, a função de erudição, no sentido de invocação da autoridade e muito menos de simples ornamento. Ao contrário, são formas de contestação da autoridade, de subversão de valores estabelecidos que pela interdiscursividade instauram e qualificam o sujeito da enunciação, ao mesmo tempo em que desqualificam determinados elementos. (BRAIT, 1996, p. 107)

A ironia voltada a si mesmo, ao ironista, confere invulnerabilidade. Aparentemente agredindo-se ao assumir o discurso proferido pelo outro sobre si mesmo, os sujeitos do Balão parecem, na superfície, concordar. Entretanto, isto se constitui num mecanismo de defesa, um gesto que brinca com suas próprias características e desautoriza a agressão. Ao mesmo tempo, ao ironizar, o ironista se coloca por cima, toma distância de si mesmo como se não estivesse na cena, ou como se fosse “neutro” o suficiente para olhar de longe. Rir de si mesmo é a garantia de que ninguém o fará. “[...] ver a ironia como autoprotetora é sugerir que a ironia pode ser interpretada como um tipo de mecanismo de defesa” (KNOX, *apud* HUTCHEON, 2000, p. 80).

Quando assume o nome Balão Mágico como sua marca, aparentemente o grupo está se agredindo, está se depreciando: “é lúdico”, “é para criança”. Entretanto, há uma subversão, o que poderia ser um valor ruim atribuído passa a ser bom. *É justamente isto que queremos, mais diversão, menos caretice. Qual o problema em ver TV?* A jogada que simula um auto ataque é um belo passe de defesa que deixa ainda ao outro lado o amargor de ter contribuído para o fortalecimento do grupo:

[...] a ironia autodepreciadora substitui o agressivo com o insinuante: “Ela reconhece a opinião da cultura dominante – parece mesmo confirmá-la – e permite ao falante ou ao escritor participar no processo humorístico sem alienar os membros da maioria” (WALKER, *apud* HUTCHEON, 2000, p. 81)

Reconhecer-se como Balão é afronta. Afirmar o que parece insulto, na verdade acaba se tornando uma forma de mostrar a ideia do grupo que era possível sim uma vida inteligente mesmo assistindo televisão e consumindo cultura pop, contrariando a forma como isto era apreendido então. É quebrar o discurso que se quer combater de dentro, usando seus próprios meios. Se a crítica era contra a cultura televisiva que “emburrecia” e alienava as pessoas; ao assumir o apelido, ou estigma, usa o próprio argumento do professor para desautorizar seu discurso.

É também uma forma de se fazer entender, ser pitoresco e reconhecido em pelas comunidades discursivas que habitavam o campus. Foi uma tática que repercutiu fora da sala de aula, extrapolou a relação aluno professor.

Ao assumir o estigma, o Balão quebra seu potencial ofensivo, transforma o que seria um ataque derradeiro em troféu de guerra: fortalece o grupo, transforma-se em uma marca. Alguém questionou alguma coisa em uma assembléia: foi o pessoal do Balão. Algum grupo de aluno fez manifesto usando ironia: é este povo do Balão.

Na carta manifesto do DCE¹⁰, o próprio Diretório contesta esta atribuição que passa a acontecer na UFES: a marca do Balão em movimentos de contestação que quebram o padrão, que fogem do que é esperado.

De estigma a marca, assumir a ofensa e transformar o nome Balão Mágico em força para o grupo foi uma jogada de ironia com função autoprotetora, assumir o discurso do atacante para se proteger e ainda exercer sua defesa.

3.5 As bordas que não encaixam

Cada historia contada possui um recorte particular. Não seria possível montar as lembranças como se estas fossem um quebra-cabeças, com peças-memória que se encaixam uma na outra perfeitamente, sem sobrar nem faltar.

A ideia então não é montar um panorama, um mapa com cada lembrança contada, mas da análise destas memórias, compor um plano que tem bordas que saltam, não encaixam, mostram a quebra que garante a singularidade da experiência de cada um que vivenciou o momento.

Os diferentes ângulos da historia fazem emergir aspectos que apontam para diferentes vivências de um mesmo espaço e tempo:

Quando vira Balão Mágico era porque na época estava no ar na TV Globo “A Turma do Balão Mágico” e aí, como na época estas coisas eram consideradas alienantes, burrinhas, eram coisas bobinhas e tal... Era coisa para criança, é obvio... Mas a ignorância era tão grande que chega a este nível. Ele faz um discurso num determinado dia na aula, para todo mundo, de que aquela turma era uma turma tão idiota que parecia a Turma do Balão Mágico da televisão. Então aquilo ali provoca gargalhadas, as pessoas morrem de rir, cai no deboche... Aí aquilo ali começa a virar uma coisa de sacanagem, de brincadeira. Então, na verdade... E ele começou a repetir isso de que aquilo ali, aquela turma parecia a turma do Balão Mágico, de idiotas... Então, na verdade era um estigma. Estigmatizou a

¹⁰ Ver página 160.

turma. Então não é um movimento que se auto apelidou. Ele foi apelidado a partir de um estigma.

E as pessoas que eram contra começaram a apontar aquelas pessoas como Balão Mágico. Então nasce daí. Era um processo estigmatizante. As pessoas começaram a ser rechaçadas, aquelas pessoas começaram a ser maltratadas, em determinado momento aquelas pessoas começaram a ser ridicularizadas... Enfim, aquelas pessoas começaram a ser vistas de forma diferente. Ou seja, é o estigma.

Então perdurava a questão do estigma. Toda vez que você queria desqualificar alguma coisa falava “parece aquela turma do Balão Mágico”. Então era o estigma puro. Porque o que estava por trás disso na verdade era uma desqualificação, não era uma pretensão de uma auto denominação de um grupo que resolveu acolher o nome de “não-sei-o-quê”. Depois vai mudar para turma da Xuxa, virava uma palhaçada, então era uma coisa meio idiota. Aquilo ali prosseguiu e a imprensa assimilou também, então foi embora. Até... (Trecho da entrevista de Ernandes)

Há, no espaço entre a fala de Carminati, Cláudio e Ernandes um “entre”, onde as bordas das memórias não se encaixam. Compartilham da experiência, mas cada um compõe diferentes memórias e passam a relatar um modo próprio de acessar o uso estratégico do nome Balão como arma bufa, como instrumento que aparentemente se agride para devolver o assalto.

Na fala acima, está um registro de um espaço entre o apelido e sua assunção, a forma como este estigma circula na universidade e adquire diferentes contornos para cada um.

A atribuição do nome Balão como uma virada irônica planejada e fluida ganha então contornos distintos, cada história tem a lembrança do narrador composta com outras lembranças que também são coletivas. Assim, a ideia de uma reação combinada, de uma resposta ao estigma unívoca não é possível, pois cada uma compõe de forma singular a memória sobre a experiência vivida.

3.6 Arma de guerra na sala de aula

O professor entra em sala sisudo, mal respondendo ao cumprimento de alguns alunos que, talvez para provocar, insistiam no “boa tarde” apesar da tarde aparentemente não estar sendo tão boa para o professor.

Rigidez escolar exposta nas carteiras em fila, quadro verde e um ventilador de teto que parecia oscilar enquanto rodopiava, mal deslocando o ar ao redor. A aula de hoje foi um tormento, não muito diferente das outras, mas um pouco pior. Talvez o calor do dia e o mau humor do professor tornassem ainda mais agudas algumas farpas que estavam presentes nesta relação.

Ao final da aula, sentindo insuportáveis os cochichos, as risadas e a conversa paralela, o professor explode:

- Vocês estão insuportáveis hoje!
- Vixiiiiiee... – é a resposta dos alunos.
- Deste jeito, vai todo mundo reprovar em matemática! – reitera o mestre.
- Vixiiiiiee... – é a resposta dos alunos.
- E eu não suporto este “vixie”! – Olhos esbugalhados, boca torcida, mãos crispadas, é o grito final do atormentado professor.
- Vixiiiiiee... – ainda mais alta e cumprida, é a resposta dos alunos.

Nos vários planos que entrecruzam em sala de aula, a relação professor aluno é sempre alvo de muita discussão, teorias, jogos.

Nesta relação, estão presentes os outros professores, a escola, o momento histórico, a condição social de cada um e inúmeros outros atravessamentos que fazem com que cada aula seja única. Mesmo professor e mesmos alunos produzem, a cada aula, histórias e planos diferentes, singulares.

O tensionamento entre o que o professor espera e elabora para a turma e entre o que esta espera dele e o modo como responde à aplicação do seu planejamento em sala de aula pode promover embates, por vezes cortantes para os dois lados:

Então a gente combatia muito este estudo bancário que o Paulo Freire falava de você chegar, sentar e ouvir o professor. Aquela educação bancária que era a grande crítica dele, de você chegar e não levar consideração a realidade do educando, não interagir com ela, sem considerar o saber dele. Então a gente na nossa arrogância juvenil, a gente perguntava: “e os nossos saberes?” (com ar de ultraje disfarçado, mais gargalhadas). (Trecho da entrevista de Carminati)

A relação professor aluno em sala de aula era um dos alvos mais freqüentes da ironia do grupo, onde esta encontrava ambiente propício: alvo e platéia em contexto co-produzido. É ponto de reivindicação nos manifestos, nos grafites, nos mosquitos, nas performances.

A sala de aula tinha encontro marcado, horário para acontecer, escopo para produzir e pensar atuações, dramas... E ainda uma platéia que poderia até aderir ao questionamento em pauta, dependendo do que se questionava, do dia e da forma como era feito.

E aí, a gente faz coisas do tipo... Quando nós propomos “vamos acabar com esse negocio de chamada” e o Dilvo responde: “não, eu preciso saber o nome de vocês”. Então tá bom. Fomos com uns crachás deste tamanho (faz gesto abrindo bastante os braços) para a sala de aula com nome escrito. Sentávamos na sala de aula com crachás deste tamanho na aula dele. E aí, a universidade ia pra lá... Risos. Tinha um vidrinho na porta, na janela, e a universidade estava ali olhando. Todo mundo queria ver, porque era muito engraçado. (Trecho da entrevista de Claudio Rocha)

A ironia não é intrinsecamente subversiva. Podemos dizer que ela é transideológica, “consegue funcionar e funciona taticamente a serviço de uma vasta gama de posições políticas, legitimando ou solapando uma grande variedade de interesses” (HUTCHEON, 2000, p. 26).

Não sendo arma exclusiva de movimentos contestatórios ou de esquerda, o que torna seu uso um importante material para analisar a formação, o aprendizado por meio da participação no movimento estudantil “Balão Mágico” é o uso como instrumento que se serve de vocabulário e signos característicos da parte contrária. Em combate, faz com que um lado pareça concordar com o outro para atacá-lo. Ou seja, há uma falsa continuidade entre o Balão e o alvo dos seus protestos, que serve apenas para promover o ataque.

O protesto contra o uso da pauta poderia acontecer de inúmeras formas. Todavia, a escolha por uma forma de protesto que faz uma torção nas palavras do professor, que usa o exagero como forma de ridicularizar e também de “[...] aceitar o conjunto das pressuposições que constitui esse mundo, de se colocar em continuidade aparente com ele.” (BRAIT, 1996, p. 70).

Assumindo uma função corretiva, o emprego da ironia aqui pressupõe uma posição avaliadora, de julgamento, que é um dos riscos do seu uso (HUTCHEON, 2000). Com riso escancarado, aberto e provocador, o ironista avalia que é errado fazer chamada; e por meio deste instrumento tenta promover seu acerto.

O uso da ironia em sala de aula quer brincar, divertir, promover adesão sem deixar de apontar para o que julga errado. Trabalha com elementos da cultura popular para contestar uma postura que os sujeitos do Balão consideram rígida:

Chegava na aula e o primeiro livro que a gente abria era “O Capital”, de Marx. E ele parecia um pastor, né. Ele pregava mesmo “O Capital” pra todo mundo, era pregação. [...] Aí teve um dia que a gente resolveu fazer uma *performance* com a turma inteira. Isto foi antes da turma se dividir ainda. Todos nos sentamos de costas pra ele, as cadeiras viradas de costas e todos de máscara, que a gente fazia muita máscara de papel, e começamos a cantar a música “Tim Tones, Glória a Tim Tones...”, porque na época tinha um personagem de Chico Anísio e Tim Tones estava em alta... (Gargalhadas)... Ele ficou tão puto, saiu da sala tão indignado, e a gente cantando “Tim Tones, Glória a Tim Tones”... (Gargalhadas)... Ele ficou tão indignado... (Gargalhadas)... Mas ele era um pastor, né? Comunista cristão. Ele pregava “O Capital”, dava só “O Capital” pra gente. A gente começou a confrontar os professores com este tipo de *performance*... Ou seja, fomos odiados por todos até hoje.

Mas foi muito legal, a *performance* foi boa. Tim Tones Glória. Imagina, quarenta alunos todos virados de costas para o professor cantando a musiquinha... (Gargalhadas). A gente não foi fácil não, vamos reconhecer que a gente não facilitou a vida de ninguém. Ficamos reprovados com ele também. [...]

A gente tinha esta relação com os alunos, às vezes os alunos não nos entendiam, achavam que a gente era baderneiro, e de fato a gente aprontava em sala de aula; e às vezes tinha uma dimensão política, então a gente não ficou afastado da política. (Trecho da entrevista de Carminati)

Nas ações irônicas, há a vontade de dialogar, de estabelecer comunicação, angariar apoio para dar visibilidade às relações que queriam modificar. Em todo ato irônico, pressupõe-se a presença do ironista, aquele que lança a ironia, que “pretende estabelecer relação irônica entre o dito e o não dito” (HUTCHEON, 2000, p. 28) e o interpretador, que longe de desempenhar um papel passivo de receber a ironia, é

quem de fato a atribui, colocando em cheque o entendimento de quem é o ironista de fato (HUTCHEON, 2000):

Eu passei lá um dia, seria na altura na décima segunda aula mais ou menos, e vi a sala toda enfeitada. Penduraram uns baldes, com vela acesa dentro... Risos... Eu não sei dar o nome... Eu não tive arte no meu currículo... Risos... Fizeram tipo um enfeite de carnaval, com papel higiênico pelo teto. E em cima do quadro fizeram um painel com papel e escreveram assim “os últimos dias de Pompéia”... Gargalhadas.

Eu passei lá e vi aquilo. Me parece que foi a ultima aula do professor, depois disso não teria coró porque seria prova... Risos

Depois disso o Flavio Sarlo foi lá e pegou todas as provas... E sumiu... Gargalha novamente... Este aí já não deu aulas mais pra eles. (Trecho da entrevista de Ismael)

A ironia poderia também ser descrita como processo comunicativo, onde os marcadores, ou sinais contextuais, articulam cumplicidade entre ironista e interpretador, ou enunciador e enunciatário. Todavia, como processo comunicativo, não há garantia de que o interpretador, ou enunciatário, vá “ler” da mesma forma ou mesmo simpatizar com a ironia (HUTCHEON, 2000).

Por esta via de pensamento, analisar o uso da ironia como arma permite vislumbrar tanto um processo relacional dos membros do Balão com a turma e também com a comunidade UFES quanto visar à forma como subvertem um modo de ser aluno para afirmar outra forma de agir e de se constituir naquele contexto.

[...] Aí é que está... Ninguém pode pensar assim... Que havia uma turma com 30 e poucos ou 40 e poucos alunos e que todos eram Balão. Mas havia o núcleo do Balão que estava dentro daquela turma e a turma acompanhava, a turma seguia. Às vezes, do Balão, você pensava assim: “esse cara tá ferrado”, mas na hora a turma fica do lado do aluno e não do fato ocorrido. Então se você olhar dentro da turma mesmo que aqui seria o núcleo desta turma do Balão, eles eram uma meia dúzia. (Trecho da entrevista de Ismael)

O desejo de se divertir e também a inconformidade com os modos de condução das aulas renderam episódios onde a ironia é o instrumento de crítica que agrega, que cria uma base comum entre a platéia e o ironista. Embora isso não signifique que esta platéia, por pertencer ao mesmo contexto e interpretar a ironia, vá aprovar ou sempre concordar com ela.

3.7 Ironia, resistência e formação

As estratégias utilizadas pelo Balão para contestar aquela forma de ser aluno de comunicação na UFES, em Vitória, no início dos anos 80, por meio da ironia, humor e deboche estabeleciam um diálogo que só era possível graças ao compartilhamento de vivências que garantiam a inteligibilidade das estratégias.

Os atos irônicos ajudam a compor o plano das experiências, um modo de resistir porque tece subjetividade. É por meio do exercício da ironia como estratégia que se engendra subjetividade, ou seja, que se constitui um processo de subjetivação.

E se o processo de aprendizagem é um processo de produção de subjetividade (KASTRUP, 2005), a prática da ironia como modo de contestação e como expressão de subjetivação também se constitui, no caso do Balão Mágico, em um modo de aprendizagem.

Os exercícios de recusa a um modo de ser aluno naquela universidade, naquele espaço-tempo compõem e ao mesmo tempo são compostos por sujeitos que se reinventam com a adoção de suas estratégias.

O humor, a ironia como arma de enfrentamento faz parte deste jogo de subverter, de articular aquilo que se combate com o que se quer ser.

Não é um processo linear onde os sujeitos se formam passando primeiramente por um processo de subjetivação para então praticar oposição por meio da ironia. Da mesma forma, também não há a prática da ironia como processo anterior, em que somente ao seu término faz emergir novos sujeitos: o processo é simultâneo. Opondo-se por meio da ironia, os sujeitos do Balão atacavam de dentro um movimento estudantil com o qual não compartilhavam valores, um modo de ser aluno que não concordavam, assim como também atacavam a relação professor-aluno que distava do que consideravam ideal.

E ao lançar mão da ironia como estratégia política, reinventam, se divertem, criam, recusam um tipo de individualidade, fazem frente a ele ao mesmo tempo em que reinventam a si mesmos.

A própria escolha da estratégia faz parte deste caminho: o uso da ironia e do humor como arma de combate é o exercício de resistência¹¹; o humor contra a carece que criticavam e a subversão irônica contra um modo de ser estudante que acreditavam passivo. É por meio destas práticas de ironia como modo de oposição que se configura uma prática cognitiva, sendo os sujeitos do Balão efeitos dela (KASTRUP, 2005).

A inventividade nas práticas sociais por meio da ironia permite articular uma nova forma de se opor, que tem como alvo o próprio modo como se constitui o campo do qual o ironista, no caso o Balão, faz parte. A arma escolhida usa aquele modo que criticavam de ser aluno na UFES para produzir fins diferentes, joga com o alvo do ataque: hierarquia, sacrifício, elitismo. A inventividade que articula ironia então inverte posições, produz novos sentidos, exercita a sensibilidade em experiências estéticas.

Assim, a aprendizagem por meio das práticas de ironia não é uma aprendizagem que resulta da solução de problemas. Embora sejam estratégias de guerra em meio a um conflito, o que estas experiências demonstram por meio dos relatos é que não se pode reduzir a aprendizagem dos sujeitos do Balão com o uso da ironia a formas de sobrevivência em terreno hostil, nem a forma de adaptação; porque o uso da ironia consiste em invenção, produção de si.

“O si e o mundo são co-engendrados pela ação, de modo recíproco e indissociável” (KASTRUP, 2005, p. 4) de forma que os manifestos, as performances, a ironia em sala de aula e a assunção do apelido como nome do grupo fazem parte das ações do Balão. É oposição e é constituição simultaneamente; recusa a um modo de ser aluno que não aceitavam e constituição dos sujeitos, uma reinvenção de si mesmos.

¹¹ Sobre resistência e seu papel na construção de subjetividade, leia o capítulo seguinte.

4 RESISTÊNCIA, DESEJO E REVOLUÇÃO

4.1 Voar, voar... Resistência

Apertou mais um pouco o Bombril e desceu da torre. Agora parecia que ia dar certo.

Já tinha gasto a manhã inteira e parte da tarde tentando acertar a antena do rádio no alto do edifício. Não é que gostasse de alturas, estava verdadeiramente apavorada, mas precisava fazer aquilo.

Só assim ia conseguir ouvir o programa de sábado, três horas. Iron Maiden, Megadeth, Black Sabbath, Led Zeppelin, Sepultura... Uau!

Mais uma façanha realizada. O coração batendo em descompasso, a respiração lutando para voltar ao normal e a vista, indo longe nesta planície sem grandes novidades, marcavam uma composição com o sorriso de alívio pequeno, feliz. Destes que vem de dentro e refletem nos olhos. Destes que a gente ri com o corpo todo, mais por dentro do que por fora. Sentia-se a imagem da vitória e estendia o olhar sobre seu reino.

Uau! Um pouco de rock n'roll dos bons para agitar este mundinho. Não era porque morava no interior que tinha de ouvir música sertaneja, que tinha de sonhar com ator brega de novela, que tudo que podia esperar da vida como maior realização era entrar na igreja de branco nos braços do pai.

*Refuse, Resist*¹²! Aquele não era seu lugar. O mundo é tão maior! Tanta coisa para viver, tanta coisa para descobrir, tanto lugar para conhecer. Possibilidades infinitas. Entretanto, tinha de aguentar enquanto não passava no vestibular.

Pelo menos tinha o seu rock n'roll. E agora não ia precisar ficar esperando trocar fitas, pegar emprestado e gravar de novo para ouvir som de péssima qualidade, com fita embolando. Ia ouvir de primeira, saber mais das bandas que gostava, conhecer as novidades, ouvir sem parar. *All I Want*¹³.

¹² Refrão e nome de música do Sepultura. Note: recuse e resista, não apenas recuse ou resista, porque não são sinônimos.

¹³ Refrão e música da banda Offspring. Tradução: Tudo que eu quero.

A mãe enchia o saco, falava que aquilo não era coisa de menina. Com o seu irmão, que aprendeu a gostar de rock com ela, não tinha problema. E por acaso música tem sexo?

Isso e seus livros. Não podia ficar lendo até de madrugada que lá vinha ela, saía da cama para vir perturbar, dizendo que ia ficar com problemas de vista por ler tanto. Até que seria legal usar óculos.

Suspiros. Gostava mesmo daquele tipo de música. Guitarras aceleradas, bateria marcando forte e a voz do cantor ora forte, ora doce. Aquilo mexia, envolvia desde dentro, uma energia enorme.

Mãos para o alto, cabeça balançando; não tinha nada de sinistro ou de revolta. Era alegria pura, brilhante, colorida. O rock tinha tudo a ver com esta vontade de ganhar o mundo, porque era grande demais, força demais para ficar quietinha, parada.

Escolheu um cantinho com sombra, tirou o livro de romance preso na parte de trás do short e sentou para ler. Faltava só uma hora começar o programa.

[...] “danificações ao patrimônio sob a forma de pichações, invasões de salas de aula com interrupção de funções pedagógicas, agressões morais a autoridade administrativa e a membros do corpo docente e discente”. (Ofício nº 02/ 86)

[...]

O que aconteceu foi mais um ato de “desobediência civil”, como defendem os implicados [...]Antonio Chaloub e Cleber J. Carminatti garantiram a irreverência na máscara de monstro, no chapéu de fada – com direito a um véu azul – e na capa lembrando o capeta, e o direito de voz, também, com a dupla indo a Reitoria para saber os motivos da convocação via edital publicado na edição de sexta-feira de A GAZETA.

[...] Após levantar a máscara, mantendo-a na cabeça, Antonio Chaloub sugeriu que fossem investigadas as perseguições dentro da universidade, assim como denúncias de corrupção, o imobilismo acadêmico e lembrou que, enquanto o Brasil discute a Constituinte, a Ufes ignora o movimento e procura, nas pichações, motivos para fazer uma caça às bruxas que estremeçam o **status quo**.

[...]

“O Balão Mágico não pode acabar”, lembra um segurança da Ufes, “pois ele nos defende quando precisamos de ajuda”.

[...]

As pichações no Centro de Artes são, talvez, a ocorrência que mais incomoda aos docentes. “Merde Pour Vous¹⁴”, deseja um grafite – terminologia que provoca repulsa nos mais tradicionais - em uma parede outrora branca do Centro. Boa parte dos ofícios encaminhados ao reitor José Antonio Saadi Abi-Zaid refere-se às multicoloridas inscrições espalhadas pelo campus. Algumas versam sobre o imobilismo em que se encontra a vida acadêmica – “chega de escola morta” – a propriedade do

¹⁴ Tradução: Merda para vocês.

patrimônio público – “universidade tem dono” – as manifestações artísticas – “abra-te sésamos – teatro já” – e trocadilhos com o nome do reitor – “Abu-Zaid lembra Mec-Usaid”. Os dizeres, entre outros, como “e aí, escola velha?” e “abaixo guardadores de chaves”, abrem o ofício de nº 066/85-SEC, de 13 de agosto 1985.

[...]

Cleber José Carminatti, mantendo o improvisado chapéu de fada na cabeça, levantou-se da cadeira, balançou continuamente um frasco de tinta spray amarela e dirigiu-se à parede à sua frente. O que escreveu provou a reação do professor Fernando Assis Ribeiro.

[...]

Cleber J. Carminatti, também aluno-calouro do curso de Educação Artística, diz que, como “pesquisador-crítico”, desenvolve sua manifestação artística de várias formas, desde o musical sarcástico **O Guaranizinho** ao balé surrealista do grupo A Canalhada. “Como artista, dentro de uma função social, gostaria de saber para que serve a Universidade? Estão questionando minhas idéias, quando deveriam discutir a educação na Ufes e uma constituição universitária. Se essa Comissão não tem sentido, por que vou depor?”

[...]

Antonio Chaloub Junior acha “ridícula” a criação de uma Comissão para discutir questões acadêmicas, quando na verdade, “Esta também é uma questão administrativa”. Para ele, chegou o momento de se discutir o que está escrito nas paredes e não apenas o uso das paredes. “Não é uma questão estética. Devemos discutir as idéias: alguém quer dizer alguma coisa”. [...] “Quem discute eleições diretas na Ufes? Temos um reitor imposto que não passou pela comunidade universitária. Gostaria de saber sua opinião sobre a falta de professores, de espaço físico, dos motivos que levam o restaurante a cobrar preços absurdos (**a refeição para os mensalistas custa Cz\$ 2,00**), da moradia estudantil. Enfim, gostaria de saber o que ele pensa da Universidade e se a comunidade está satisfeita com a monarquia Abi-Zaid”. (PEIXOTO, 1986, p. 03)

Lúdico, brincadeira, contestação. Chapéu de fada e spray na mão; é com sua mortalha de guerra que os integrantes do Balão vão para o *front*. Lá, mais uma batalha para não se deixar prender em armadilhas burocráticas. Ofício, Comissão, Defesa... Será que agora iam conseguir “dar um jeito nesse povo do Balão?” Rasgar o roteiro no meio, não topar desempenhar o papel de aluno que responde a um processo disciplinar era um modo de afirmar, de insistir em ser o que se é.

Estar na universidade e negar um modo já constituído, pronto de ser aluno neste lugar por meio da afirmação de um outro jeito de se constituir, de um outro jeito de pensar e se manifestar. Insistir em existir é resistir.

Mais que se opor, resistir como forma de existência que expressa e que afirma, que inventa e constrói.

Em vez de responder, questionar. E o imobilismo na Ufes? E a Constituinte? Eleições diretas para Reitor? E esta forma de conceber educação? Fazer da parede que pressiona suas costas o palco para expor, jogar. Este modelo de atuação da universidade nos atende? Subverter o canhão de luz, usando o excesso de foco que poderia cegar em efeito de destaque para suas ações.

Mais que responder, falar. Deixar o corpo, o spray falar. Afirmar a desobediência a outros como obediência a si mesmo, deixar que sua demanda interna ecoe mais alto, atender a ela insistindo em ser o que é. Resistindo.

Resistência não como sinônimo de recusa, oposição, mas muito mais existindo novamente (ROQUE, acesso em 26 de fevereiro de 2013). Re-existindo. Insistindo. Inventando. A peça não se resume a um ato. A resistência aqui não se tratava somente de driblar uma convocação oficial para responder processos de conduta, mas afirmar esta conduta continuamente. Roteiro em inacabamento, em processo.

A cena, o figurino e as falas não eram nem o início e nem o fim; a resistência não começa ali nem se totaliza no ato. Em vez de reação, ação, produção.

A contrariedade, a oposição na resistência é um momento, uma passagem. Resistir então é um processo, contínuo movimento (*idem, ibidem*). Agora, opõe-se à atuação de uma comissão que questiona o ato de grafitar/pichar, mas não traz para a conversa o que os grafites/pichações querem dizer.

Mas esta oposição não vislumbra toda a ação da resistência; é apenas uma via para afirmar existência que naquele momento, opõe-se ao roteiro do ato apresentado. É apenas um passo numa peça que está sempre inventando novas formas, que está sempre produzindo, o teatro do improviso.

O movimento de resistência, portanto de afirmação, não se encerra em um ato. O movimento está em movimento continuamente, produzindo os sujeitos e sendo produzido por eles “O movimento dos movimentos é necessariamente aberto [...]” (ROQUE, acesso em 26 de fevereiro de 2013, p. 32).

Persistir em uma forma de existência como efeito da constituição do Balão Mágico é produção contínua, efeito da subjetividade produtora, criativa. Então, resistir a um estigma, resistir a negação do direito de expressar livremente, resistir a uma relação

autoritária entre professor e aluno é resistir a um modo de ser aluno insistindo em ser, é produção de subjetividade criadora, “em criação” (ROQUE, acesso em 26 de fevereiro de 2013).

O movimento aqui encontra-se produtor de subjetividade e produzido por subjetividade porque não cristaliza, porque não considera suas demandas internas atendidas ao realizar um ato de contestação. A resistência, a insistência em ser Balão, em constituir:

Quanto a esta contrariedade, ela é apenas uma parada no processo, o qual será imediato e constantemente recolocado em funcionamento por mecanismos interiores ao próprio processo, como dizia Cavaillès, por necessidade. (ROQUE, acesso em 26 de fevereiro de 2013, p. 30)

Resistência como dobra da existência que está menos na oposição ao outro que na produção de sentido para viver (*idem, ibidem*). Mas é que, para sua vida fazer sentido, é preciso produzir, inventar. Para fazer sentido o movimento Balão na vida daquelas pessoas é preciso insistir sendo, indo contra o que chamam “imobilismo”.

Para que um movimento produza diferenças, é preciso que, para além de sua porção constituída, haja outra, que é constituinte do movimento e sem a qual qualquer movimento correria o risco de cristalizar-se, estagnar-se e se deixar capturar. (ROQUE, acesso em 26 de fevereiro de 2013, p. 31)

O movimento estudantil Balão Mágico mostra este caráter processual, o fazer-se, modular-se. Ele não aparece pronto em seus desdobramentos imediatamente após o embate com o Professor Domingos, assim como algo já estava presente na vida daquelas pessoas que articula com a vida na universidade e os acontecimentos daquela época.

4.2 Microfacismo e resistência

Até agora, palavras como embate, jogo, batalha e guerra deixaram entrever uma luta, o que pressupõe lados opostos.

Entretanto, o que é preciso ressaltar é que esta luta se dava por modos de ser e de subjetivar. A reitoria de Abi-Zaid, o movimento estudantil do DCE e as paredes brancas são vias de territorialização do modo de existência produzido pelo Capitalismo Mundial Integrado¹⁵ em um país no final do regime ditatorial militar:

O capitalismo é obrigado a construir e impor seus próprios modelos de desejo, e é essencial para sua sobrevivência que consiga fazer com que as massas que ele explora os interiorizem. Convém atribuir a cada um; uma infância, uma posição sexual, uma relação com o corpo, com o saber, uma representação do amor, da honestidade, da morte, etc. (GUATTARI, 1987, p. 188)

Então, a luta não era somente contra o Abi-Zaid, mas o que ele produzia: a imposição de um reitor que não foi escolhido pela maioria da comunidade acadêmica. Ao mesmo tempo, o mandato não democrático também era efeito da opressão, do fascismo exercido pela ditadura como forma de controlar focos de contestação ao regime.

A luta também não era apenas contra o DCE, mas contra os microfacismos presentes na organização e hierarquização daquele movimento estudantil, que mesmo criticando o capitalismo, perpetuavam seus pilares na constituição daquela forma de fazer movimento.

O combate também não era somente contra paredes brancas, mas contra o enquadramento das formas de comunicação e expressão que não admitiam o grafite, porque este fugia ao molde estabelecido sobre como um bom aluno deveria expressar-se.

Desta forma, o microfacismo da vida cotidiana de Vitória e UFES nos anos 80 está territorializado nas paredes brancas, no modo de fazer movimento estudantil, na relação professor aluno, na política universitária, nos alunos vestidos adequadamente, que se comportam de modo adequado: não transam, não usam drogas, não falam palavrão e não picham paredes.

¹⁵ Guattari refere-se desta forma ao Capitalismo, pois, para ele “O capitalismo contemporâneo é mundial e integrado porque potencialmente colonizou o conjunto do planeta, porque atualmente vive em simbiose com países que historicamente pareciam ter escapado dele (os países do bloco soviético, a China) e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique de fora do seu controle.” (GUATTARI, 1987, p. 211).

Os modos de resistência a esta modelização capitalística são produzidos em um lugar e um tempo. Aqui, o modelo fornecido pelo CMI¹⁶, produtor da ditadura militar, restringia, seccionava, forçava o enquadramento da existência. O spray, a roupa rasgada, as performances, as drogas, a experimentação sexual, as produções de vídeos e outras formas de expressão artística são modos de resistir.

Ainda sob os efeitos da ditadura militar, a universidade no início dos anos 80 vivenciava, por meio dos estudantes, outras formas de existência, portanto, novas formas de resistência:

Então há um momento em que toda esta efervescência mundial, esta brisa, também acaba batendo aqui. Então ela bate num primeiro momento na verdade, entre 81 e 82, que é um movimento que precede tudo aquilo que aconteceu na universidade, que na época a gente chamava de Ócio, que era um movimento que questionava, por exemplo, as imposições acadêmicas ao livre pensar, a busca pela autonomia do pensamento, a busca pela necessidade da pesquisa... Era um movimento extremamente intelectualizado, por isso que ele causava algum estranhismo naquele momento. (Trecho entrevista Ernandes Zanon)

Antes do Balão Mágico houve este movimento chamado Ócio, eles gostavam muito de ficar nas pedrinhas... Era aquele pessoal que estava cansado já de esquerda, eu acredito. Mas também não eram hippies não. Um negócio assim diferente era o Ócio. Que eu lembro eles liam aqueles poetas tipo Antonin Artaud... Liam também... Eu lembro que tinha gente lendo aquele famoso, cunhado do Marx que era anarquista, eu não lembro agora... [...] Então é assim, eles liam alguma coisa de anarquismo, poetas ditos malditos e aí aconteceu isso, esse pessoal entra no curso de Comunicação. (Trecho da entrevista de Ismael Thompson)

Um modo de ser aluno que conteste tanto a ditadura quanto um modo único de fazer movimento estudantil não era novidade. Antes da constituição do Balão, a participação de alguns de seus integrantes na Turma do Ócio já era um exercício de inventividade, de produção de subjetividade que desviava dos modos hegemônicos de ser aluno: ou esquerda ou direita.

Experimentação artística como produção de si, recusa a hierarquia e acentrismo também faziam parte da forma como a Turma do Ócio contestava.

Do mesmo modo, nos depoimentos tanto de Carminati, quanto de Cláudio e Ernandes há relatos de uma história de vida que conduz, que articula, que é o movimento em processualidade. Experiência de um jeito diferente de ser estudante

¹⁶ Capitalismo Mundial Integrado

militante no Ócio, história de participação em movimentos estudantis, história familiar que simpatiza com anarquia e contestação a um modo de ser família, experiência com formas de ensino sem autoritarismo, ambiente de repressão ditatorial... Tudo isso articula para a produção de processos de singularidade que resistem, que se modulam aos acontecimentos nomeação, estigma, relação professor-aluno, leituras.

“A resistência é a dobra da existência” (ROQUE, acesso em 26 de fevereiro de 2013, p. 26). O movimento Balão é a dobra de existências, é dobra do Ócio, é dobra das leituras, é dobra da participação estudantil em outros movimentos. Emerge a articulação da experiência de vida com a produção de um modo de ser que não admite, que não dá escolha para outro caminho. “A resistência é uma dobra que deve mobilizar a existência por completo [...] transformando-a em vida, em retomada da subjetividade como criação, ou melhor, como em criação.” (ROQUE, acesso em 26 de fevereiro de 2013, p. 31)

Sendo então a resistência processualidade que não pode ser capturada, produção de subjetividade que está em movimento contínuo:

Este movimento foi se diluindo também, depois em cinema, em rádio pirata, em artes plásticas... Porque deixou de ser um movimento da universidade e passou a ser um movimento cultural quando, por exemplo, a imprensa começa a cobrir, a fazer cobertura das ações que eram realizadas pelas pessoas. (Trecho da entrevista de Ernandes Zanon)

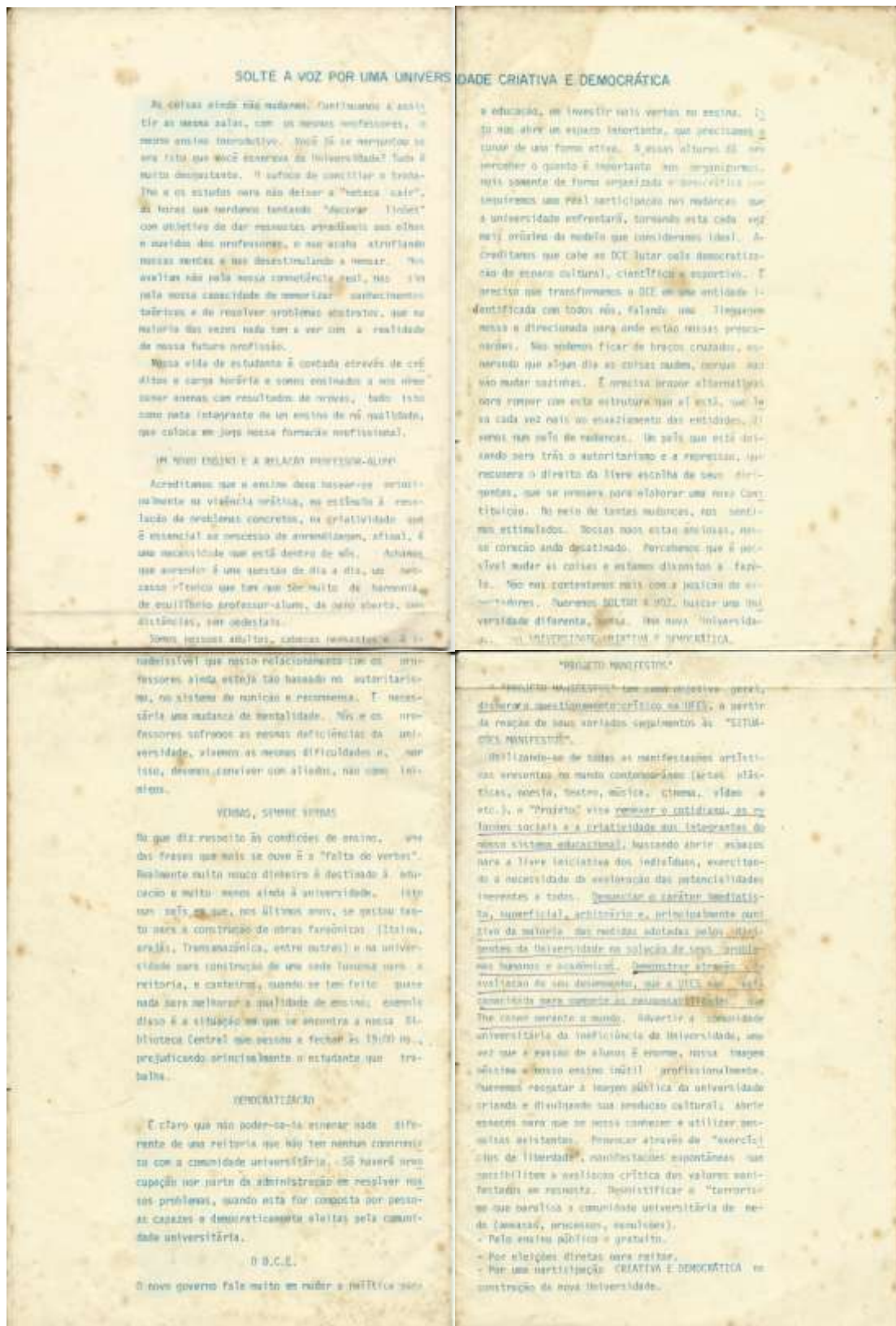
A resistência que se desdobra em manifestações artísticas extrapola os muros da Universidade e, ao afirmar um modo de existência, coloca em cheque a conformação da sociedade capixaba na década de 80.

Nenhuma discussão de hoje poderia dispensar a Turma do Balão Mágico, ostensivamente mal-compreendida em Vitória. Na verdade foi o único movimento contestatório desta década, nesta província Out of África. Acusa-se o movimento de radical, fascista, extrema-direita, etc. Como se a ditadura da década passada não tivesse existido. O que se deveria entender é que a Turma do Balão Mágico usa humor negro e ostensivamente contesta o projeto de Nova República, uma farsa intelectual que obriga as pessoas a exercerem agora o papel de polícia, repetindo as mesmas teorias de “valorização do ser humano”, etc. A Turma do Balão Mágico, evidentemente, não quer a razão e a ordem e sim a possibilidade de transgressão. É radical a ponto de investir no niilismo, numa espécie de revisita a todas as filosofias revolucionárias deste século, que o grupo não teve oportunidade de viver no tempo certo. Ninguém, na verdade, quer aceitar que a ditadura continua nas atividades cotidianas da sociedade, por isso quem contesta tem que ser neutralizado. Todo mundo prefere chorar

com Maria da Conceição Tavares, a rosa não-púrpura de Lisboa, e exercer atividade policial nos supermercados. (ALMEIDA, 1986, p.2)

A produção de vídeos, performances, teatro, roupas é o movimento em processualidade, produção de resistência, produção de si. A imprevisibilidade, a inventividade da arte que faz retornar ao mesmo caminho para produzir outras passagens coaduna com um movimento em movimento, é a recusa da cristalização. Manifestação artística como a parte em ação do movimento, errante, incerta, aberta.

Figura 3 - Projeto Manifestos



4.3 Projeto Manifestos – Desejo de mudança

“As coisas ainda não mudaram” marca, logo no início, que “as coisas” deveriam ter mudado, mas por alguma razão, “ainda” continua “o mesmo ensino improdutivo”. O ambiente de fim da ditadura também registra, ao mesmo tempo, continuidade de práticas autoritárias e o desejo pelo fim destas práticas.

O manifesto sinaliza a preocupação com a forma como os métodos e procedimentos de ensino foram instituídos, o modo como tem funcionado. A crítica se volta para um tipo de ensino que discordam e que está relacionada aos métodos empregados. Logo no primeiro tópico do Manifesto, fica marcada a crítica ao modelo de ensino. O manifesto indaga o modelo instituído, põe em questão o modo de ensino e aprendizagem.

Apontam que a relação professor-aluno deva ser uma relação de parceria para lidar juntos com os problemas que fazem parte da vivência de ambos, que interferem tanto na aprendizagem quanto nas condições de trabalho dos professores. Entretanto, esta relação estaria sendo muito mais de antagonismo que de parceria, como sugere a fala “nosso relacionamento com os professores ainda esteja tão baseado no autoritarismo, no sistema punição e recompensa”. O trecho insinua, abre a possibilidade de mudança de relação. Estende a mão quando diz “devemos conviver como aliados, não como inimigos”.

E em “verbas, sempre verbas”, se as condições estão ruins tanto para alunos quanto para professores, aponta diretamente para a forma como o ensino é desvalorizado nos altos escalões do governo, que direcionam verbas para obras faraônicas em detrimento da universidade; mas também cita a falha na aplicação de verbas na forma local de governo. Aqui, o ataque à administração da universidade é direto: criticam que, enquanto a reitoria ganha sede luxuosa e canteiros, a Biblioteca não funciona mais à noite.

A fala sobre os conflitos de relação e a má aplicação da verba são premissas, antecedem o tópico “democratização”, que traz a conclusão: a administração não se preocupa nem com o modo como o ensino é feito, nem com as condições deste porque não está envolvida o suficiente com a universidade. Nesta linha de pensamento que o Balão traça no Manifesto, esse envolvimento só acontecerá

quando a administração da universidade “for composta por pessoas capazes e democraticamente eleitas pela comunidade universitária”.

Esta forma de expor o raciocínio é uma convocação, visa mobilizar o leitor, engajá-lo nos objetivos de luta do Projeto Manifestos: “ensino público e gratuito”, “eleições diretas para reitor”, “participação criativa e democrática na construção de uma nova Universidade”.

O manifesto tece uma ligação entre qualidade de ensino à democratização do processo eleitoral de forma irredutível: para o modelo de ensino que julgam ideal, só com uma universidade que não seja autoritária, nem nas suas práticas em sala de aula e nem na escolha da sua administração.

“Vivemos um país de mudanças. Um país que está deixando para trás o autoritarismo e a repressão”. O desejo por democratização que contesta a administração na UFES também contesta o movimento estudantil instituído. No tópico “O D.C.E.”, o manifesto denuncia um Diretório que não atua de forma efetiva na luta pela qualidade de ensino e afirma: “precisamos ocupar de uma forma ativa” os espaços de discussão sobre investimento no ensino. De acordo com o manifesto, faltaria ao DCE identificação com a linguagem e a preocupação dos alunos. A entidade estaria “esvaziada”, daí a necessidade de correr por fora, propor alternativas.

Apontando os problemas do DCE e as razões pelas quais ele não luta de forma efetiva, o manifesto convoca, expõe o desejo de mudança, a vontade de transformar:

“[...] no meio de tantas mudanças, nos sentimos estimulados. Nossas mãos estão ansiosas, nosso coração anda desatinado. Percebemos que é possível mudar as coisas e estamos dispostos a fazê-lo.” (Trecho do Projeto Manifestos)

Afetados pelo clima de democratização dos anos 80, era, aos balonetes, impossível perceber o que ia contra este espírito dentro da universidade e permanecer inativo, de braços cruzados:

A introdução de uma energia suscetível de modificar as relações de força não cai do céu [...], ela é determinada pela transformação de uma energia biológica – a libido – em objetivos de luta social. (GUATTARI, 1987, p. 15).

A força para transformar, o desejo que reverbera nos corpos: “nossas mãos estão ansiosas, nosso coração anda desatinado” sinaliza a força deste desejo, a imensa necessidade de agir, a impossibilidade de ficar parado, estático. Energia, emoção, vontade de mudar que atua em profundidade nos escritores do Manifesto, que expõem a convicção de que aquele era o momento para promover as mudanças. “O desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 261).

O “coração desatinado” pela força das emoções, pela força dos acontecimentos e de como tudo isso criava a necessidade de agir é a manifestação do desejo:

[...] desejo a todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores. (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 261)

O desejo de mudar, a vontade de transformar que não é utópica nem distante; antes, quer interferir de forma contundente na vida na universidade estão marcados no Projeto Manifestos.

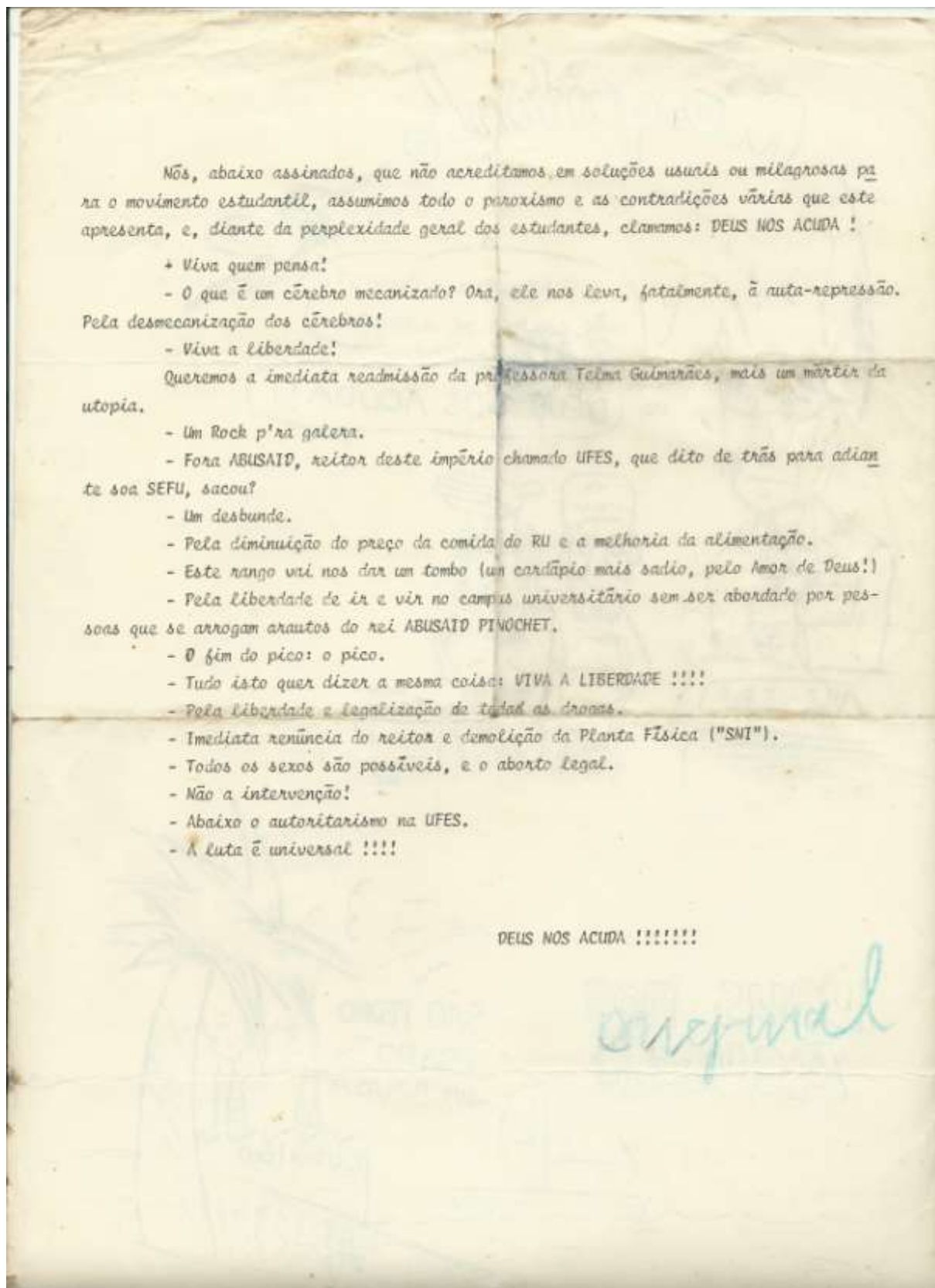
Por meio de produções nas artes plásticas, poesia, teatro, música, cinema, vídeo, o projeto expõe, afirma seu objetivo de “disparar o questionamento crítico”. As propostas de manifestações são propostas de produção, sugestão de caminhos que manifestam novas formas de agir, produção de obras e de si mesmos. Os verbos “Denunciar” e “Demonstrar” chamam a atenção para a necessidade que sentiam de contestar aquela realidade com o fim de produzir outra.

Desta forma, a produção desta outra realidade passaria por mudanças na forma de ensino, notadamente na relação professor aluno; na democratização da universidade e na mudança de atuação do movimento estudantil. A mudança que querem promover localmente é expressão, resistência contra um modo de vida imposto anteriormente, uma forma de resistir que passa pela produção daquele pedaço que mundo que habitam.

Figura 4 - Mosquitinho frente



Figura 5 - Mosquitinho verso



4.4 Deus nos acuda

O mosquito é um bicho que incomoda, que mostra na sua existência em pequeno formato¹⁷ contra o nosso tamanho centenas de vezes maior que ele pode deslocar. Força um movimento para espantar ou coçar, não domina nem apavora¹⁸. Com barulho pequeno, zumbidos próximos ao ouvido, incomoda e desloca, tira do lugar.

Em seu tamanho limitado, ele não quer comer os humanos nem acabar com eles: também precisa deles para existir. Mas desta articulação mosquito em pouca extensão e humano maior, muito maior, que não quer ser incomodado resulta em movimento que deflagra a existência do mosquito: ele existe e força deslocamento.

O “Mosquitinho” afirma um modo de existência que é produção de subjetividade e desdobramento desta subjetividade: “não acreditamos em soluções usuais ou milagrosas”. Assegura logo de início que o grupo toma um caminho outro, recusa o modo de atuação do movimento estudantil naquele espaço-tempo.

E esta “fincada de bandeira” se faz com riso, com alegria, com humor. Esbanja irreverência: “clamamos, Deus nos acuda”.

O exagero, a sátira está presente na expressão “Deus nos acuda”, que não é invocação religiosa, mas recheio de aflição com cobertura de riso, um modo de dar visibilidade ao que incomoda sem perder o tom, com humor.

Da postura cômica “Deus nos acuda” vem o salto: “viva quem pensa”! Recusa a auto-repressão, recusa ao funcionamento uniforme e homogêneo do modo de pensar. O grito de auto-afirmação está entrelaçado, forma uma composição com suas demandas:

- “readmissão da professora Telma”: linha firme, exposição clara;
- “um rock p’ra galera”; linha do humor;
- “fora Abu-Said”: linha firme;
- “um desbunde”: linha do humor;

¹⁷ Aqui é só referente ao tamanho mesmo.

¹⁸ Exceto o *Aedes aegypti*

- “diminuição do preço do RU”: linha firme;
- “Este rango vai nos dar um tombo”: linha de humor;
- “liberdade de ir e vir”: linha firme;
- “fim do pico: o pico”: linha de humor.

Não é que nas linhas de humor não haja demandas sérias, mas o modo de fazê-las se compõe com o outro modo mais incisivo para não fazer do mosquito um elefante. O discurso vai e volta, gira para lá e para cá, ora firmeza, ora linha mais branda. Quer fazer rir, porque o riso também faz parte desta forma de resistir; o riso é resistência ao excesso de formalidade. O riso também é demanda neste mosquito.

E logo após afirmar que toda a fala acima “quer dizer a mesma coisa: viva a liberdade”, retoma o discurso incisivo, contundente contra a subjetividade hegemônica imposta por anos de ditadura e conservadorismo capitalístico. Liberdade para fazer um rock, liberdade para escrever nas paredes, liberdade para viver como estudante na UFES de acordo com processos de singularização.

O movimento desta coreografia entre mosquito e humano é composto pela aproximação causada pelo humor na charge: “e para ele louros? Não, galhos de arruda. Help! Socorro! Deus nos acuda!” compõe com a imagem de um reitor “animalizado” como nas fábulas infantis, com orelhas e ao mesmo tempo solitário em sua mesa, na cadeira que ocupa.

A charge destaca a solidão e tristeza desta figura, perturbada pelos mosquitos à sua volta. Eles ousam quebrar sua solidão, mas não são fonte de alegria ou companheirismo: servem para reforçar seu abandono. Coroam sua posição de escanteio. Querem produzir deslocamento nele afirmando sua existência (dos mosquitos).

Abaixo, a imagem da tranquilidade e felicidade evocada pela praia com barquinho e coqueiro é quebrada pelas chaminés da usina e suas fumaças. A composição com a leitura acima passa a imagem de um paraíso em destruição, poluição, sujeira, perturbação da beleza e da felicidade. Existe um paraíso, mas ele está com problemas.

E da charge que denuncia, que critica fazendo uso do humor, vem o entrelaçamento das linhas, uma composição que pretende ser veemente sem perder as características do Balão: irreverência, humor, ironia.

As críticas ao movimento estudantil que não faz milagres e por isso é preciso agir por outras vias; à falta de liberdade de expressão e de manifestação das diferenças; ao processo de escolha não democrático para reitoria; assim como as críticas ao RU e à mentalidade conservadora que não admite modos diferentes de vida sexual são vias que apontam o envolvimento da Turma com a vida na universidade, sem perder de vista o desdobramento de um contexto fora-da-UFES-dentro-da-UFES: “a luta é universal”.

Figura 6 - Projeto Vitória Cidade Utópica

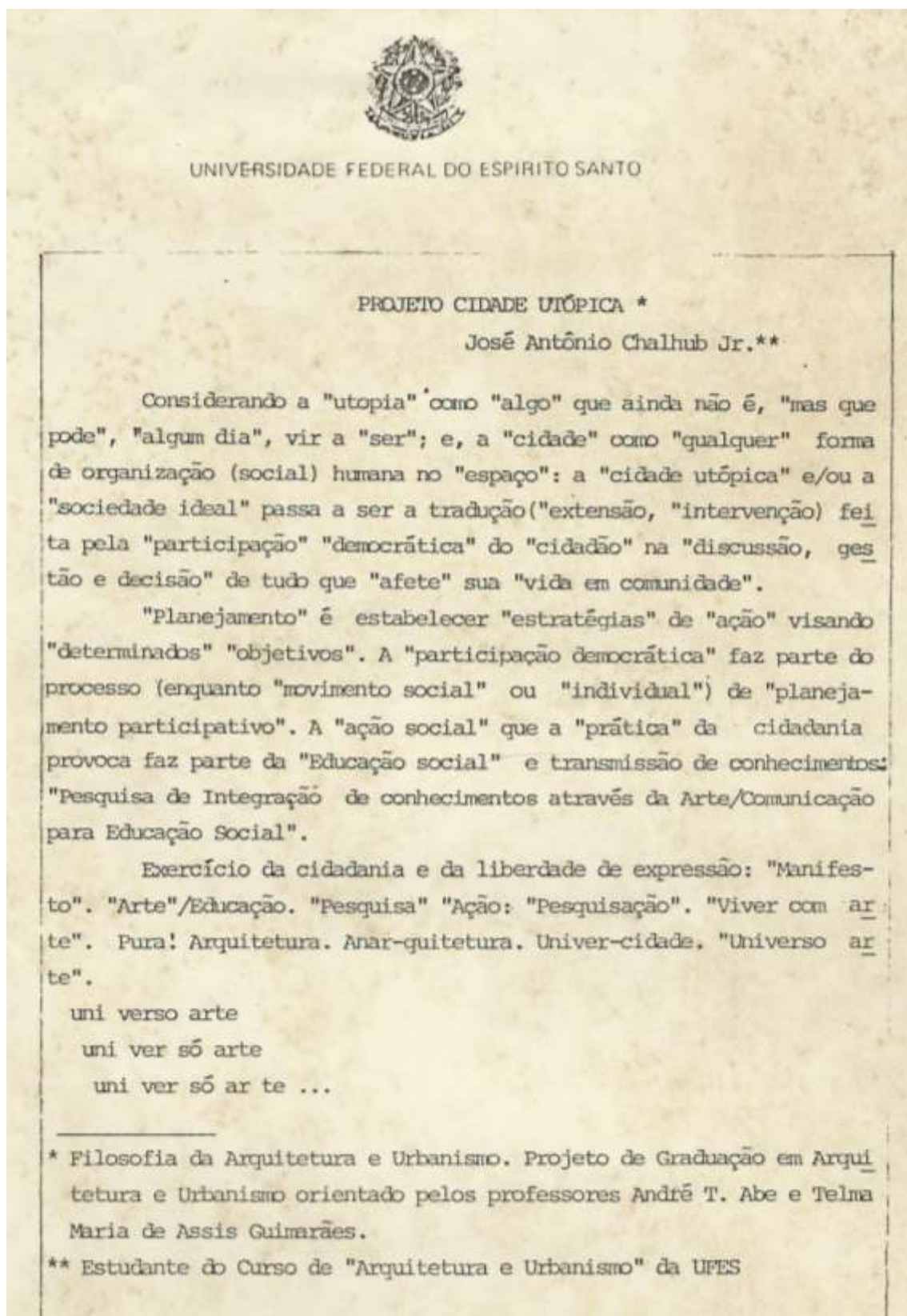
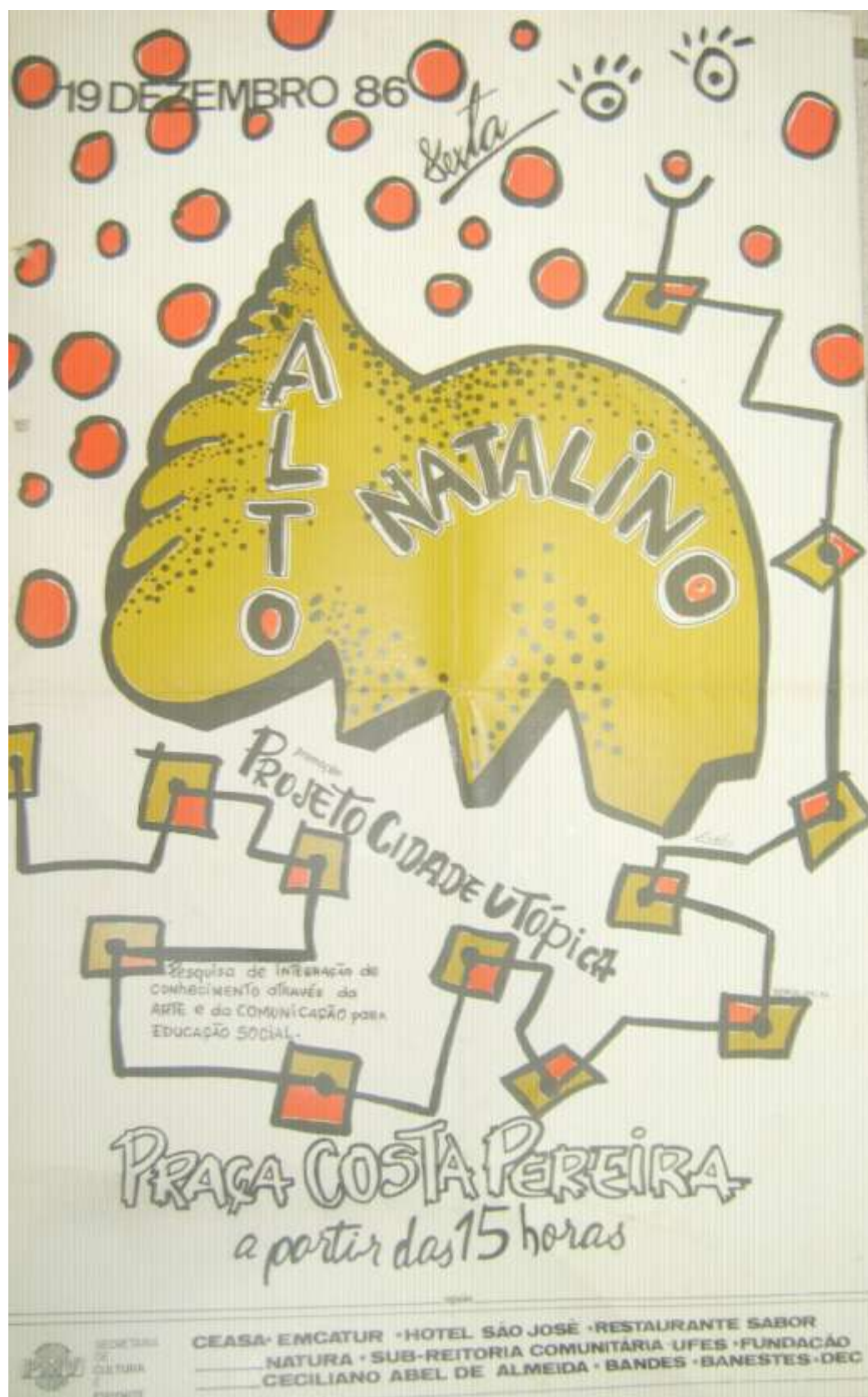


Figura 7 - Alto de Natal



4.5 Transcrição na íntegra: “A ceia da fome e da repressão”

A GAZETA – 23 DE DEZEMBRO DE 1986

CADERNO 2

Doca Batista

A Praça Costa Pereira viveu, na última sexta-feira, um dia diferente dos outros. Durante algumas horas, a sua rotina habitual, marcada pelo passo apressado dos transeuntes e o descanso dos senhores aposentados, que todos os dias curtem, invariavelmente, um jogo de cartas ou damas embaixo de suas árvores, foi alterada. É que ali se promovia um “Alto” Natalino, um encontro cujo objetivo era o de integração através da arte e da livre manifestação. O responsável pelo evento é um grupo conhecido e de nome extenso: Projeto Cidade Utópica, Pesquisa para Integração de Conhecimentos através da Arte e da Comunicação para a Educação Social, que recebeu o apoio da Secretaria de Cultura e Esporte da Prefeitura Municipal de Vitória.

O “Alto” Natalino iria servir também para mostrar aos que desconhecem, que a praça significa uma alternativa a mais, não só para o artista, como também para o cidadão comum. Neste espaço, segundo os promotores, ele pode manifestar suas emoções da forma que achar conveniente. Ou inconveniente. Pode dar sua opinião, discursar, descansar, dançar (...), enfim, fazer o que lhe der na cabeça.

Objetivos à parte, o que se viu na Costa Pereira foi uma prova inegável de que, apesar de o Plano Cruzado ter “colocado mais dinheiro no bolso do pobre”, a fome ainda é uma presença viva entre a população, dada a disputa que se verificou na praça no momento em que foram espalhadas no gramado as primeiras frutas. Mas apesar das quatro horas de atraso para o início da festa, e desta cena insólita, para os organizadores, o objetivo foi alcançado.

Uma série de atividades estava prevista para marcar o dia de “confraternização”. Entre elas, um pouco de rock, teatro, samba, palhaços, performance, mostra de desenhos, distribuição de árvores frutíferas, cinema, vídeo, orquestra sinfônica, artesanato, desfiles de moda, apresentação de grupos de capoeira, tai-chi-chuan e

muitos improvisos. Tudo para fazer a festa acontecer à noite toda numa tentativa de reviver o centro da cidade, para muitos já morto e enterrado.

Política e Repressão

Mas o sonho durou pouco. Às 23h30m, em meio às apresentações dos grupos de rock, a festa foi interrompida pela presença da Polícia Militar. Alegando ter recebido reclamações da vizinhança contra o barulho formado e apoiada, ainda, na Lei do Silêncio, que proíbe barulho após as 22 horas, ela esperou apenas o término da apresentação do grupo punk Detrito Federal, de Brasília, para acabar com a festa. Ficaram sem se apresentar o Combatentes da Cidade e o Heid Star.

Para os organizadores, a interferência da polícia não teve como base a Lei do Silêncio. “Esse foi apenas um pretexto para impedir que o encontro assumisse proporções políticas, pois a apresentadora, Sueli Carvalho Soares, cada vez que se pronunciava falava de democracia, liberdade, do governo Sarney e da Nova República. Para Rita de Cássia Vasquez, uma das integrantes do grupo Projeto Cidade Utópica “o que houve foi o cerceamento da liberdade de expressão”.

Ela mencionou também “a prisão de um jovem que se manifestou contra o governo”, ao microfone. “Nós tivemos informações de que ele foi posto em liberdade ontem, mas não temos certeza”, disseram os organizadores (que desconhecem o nome do rapaz), que não duvidam da prisão pelo fato de a polícia ter ameaçado “prender a apresentadora, caso ela não se calasse”. Não houve violência física, segundo os promotores, mas a ameaça foi feita. “A princípio, tentaram nos intimidar com a presença e a exibição de armas”, disse Rita Vasquez.

Música interrompida

Os integrantes do Projeto Cidade Utópica questionam agora o fato de a polícia só ter chegado no momento em que o grupo de Brasília, Detrito Federal, estava se apresentando. “Eles falaram do quebra-quebra em Brasília e da situação política local. Falaram ainda de liberdade e democracia, num momento em que passava pela praça um desembargador. Por isso, para nós, a repressão teve início pelo fato

de o encontro ter se transformado numa concentração política. A praça funcionava como uma tribuna livre.

Para os organizadores, o que fica claro com o que ocorreu na Costa Pereira, é que, quem disse que a praça é do povo como o céu é do avião certamente não se referiu a ela. “Talvez não tenha se referido a nenhuma praça brasileira (exceto da Castro Alves, na Bahia), pois enquanto não se puder manifestar com liberdade num local considerado público, nenhuma praça vai cumprir seu verdadeiro papel e abrigar o discurso popular”, disse Rita.

Uma outra razão para a interferência policial pode ser atribuída a uma das letras do grupo Detrito Federal, na musica Hino (uma paródia à letra do Hino Nacional). “O vírus do Ipiranga não é mais que um vício/ Salve, Salve/ Pátria Terra: Nossos lindos bosques / têm mais horrores, Salve, salve/ Entre outras mil / o meu coração servil/ Cospe granadas os meninos do Brasil”.

4.6 Utopia no Balão de Vitória

Um esforço final e pronto; estavam lá em cima na caixa d' água de onde olhavam o mangue, a ponte estaiada, o canal. Vitória se estendia a seus pés, linda.

Respirando fundo para recuperar o fôlego depois daquela subida, os dois meninos, sem saber, compunham com a paisagem. O sol de fim de tarde que deixava lastro dourado nas águas e na mata que margeava o canal também dourava seus corpos, fazendo com que as gotas de suor brilhassem como diamantes. Pareciam jóias do mais puro ouro incrustadas em meio à paisagem luxuriosa.

No entanto, a quietude e o silêncio do que mais partilhavam era de tristeza. O amigo que deveria estar li com eles encontrava-se na cama de um hospital, brigando agora pela vida. Era que antes foi inventar de brigar com a polícia. Ainda não tinha entendido que, toda vez que a polícia subia a favela, a senzala descia. Tinha de ficar quieto, com as mãos na parede até que conseguissem provar que não tinham feito nada. A mesma cidade que produzia lindas paisagens para deleite dos olhos, também produzia horrores que marcavam fundo na alma.

- Aquele idiota!... – rompe o silêncio.
- Boca grande. Vai escapar desta, mas um dia ainda vai se ferrar. – Explode o outro.
- Se a gente morasse na Praia do Canto isso não acontecia.
- Tá doido! Se a gente morasse lá com essa roupa, preto e com cara de pivete, tomava “dura” todo dia!
- É... Também é longe da escola...
- Humhum... Já pensou, nem tem um campinho para bater uma bola!
- A gente também não ia ficar sabendo dos rock's, Mané. Sem contar que a mulherada de lá nem ia dar bola pra gente.
- É... É mesmo.

O breve silêncio de cumplicidade também era um intervalo para a dor que sentiam no peito.

- O pessoal da TV tava lá no morro ontem, mas depois passa outra coisa no jornal. É sempre assim: eles vem aqui, só mostram o valão, mostram o lixo da dengue, fala que a polícia prendeu suspeito... Parece que só tem bandido no morro.
- Não fala nada daqui, parece que tá falando de outro lugar.
- Imagine se os bacanas da TV vão querer saber do baile, dos funks que a galera faz, do pastel da Dona Penha... – Riram com gosto. O pastel da Dona Penha só podia despertar sorrisos. Era coisa de outro mundo.
- Pior pra eles...
- É...
- Você tem a nova do Catra?
- Não, você tem?
- Peraê, deixa eu ligar o Bluetooth.

Utopia possível. Estratégias para tornar a utopia o lugar do “já é”. A cidade, que passa a ser pensada não como aço e alvenaria, mas como composição de pessoas, feita por pessoas. A cidade como constituição, construída por sujeitos que discutem, gestam e decidem. A cidade inteira como agora, como praça.

Educação social, por meio da Arte e da Comunicação, pesquisa que é ação; como catalisadora de movimento social e molecular, que move o indivíduo em direção ao outro. E da articulação deste encontro, ação da sociedade, ação em cidade.

Porque na cidade do “já é”, poder se expressar como quiser, em qualquer lugar, também é exercício da cidadania. Emocionar-se, aproximar-se de si mesmo, é estar na cidade, é fazer arte. Arquitetar não ferro e cimento; arquitetar vida, encontro, liberdade, arte.

Era do Balão, mas também era projeto de graduação dele, que ele buscou do Balão. Ele já fazia parte antes e então no trabalho de graduação ele apresentava este princípio utópico de cidade calcado em premissas utópicas de liberdade, autogestão... E ele experimentou isso com a gente. Tanto que nós tivemos uma sala na arquitetura onde nós ficamos um semestre produzindo projetos, em função do trabalho dele. (Trecho da entrevista de Carminati)

Dentro de um contexto, foi um movimento grandioso para uma década, mais de uma década... Você vê que nós estamos falando de coisas que aconteceram quase 30 anos atrás, eu acho, mais ou menos isso, não é? Então as pessoas falam como se fosse a coisa mais atual do mundo. E na verdade a atualidade está porque toda a base de todo o trabalho é filosófica, então ela não perde a força, porque ela repercute, ela continua repercutindo. Você vê, por exemplo, como que a gente trabalhava a questão de Nietzsche nisso tudo, a necessidade da vontade, de querer mudar, de querer revolucionar, de querer trazer coisas novas, então isso tudo era em função da filosofia, literaturas, do pensamento... Então tudo isso era uma coisa quer perdura, que você não perde de jeito nenhum. (Trecho da entrevista de Ernandes Zanon)

Este desejo não é força que sente e deixa passar; é ação, é sentimento em movimento, “[...] sempre o modo de construção de algo [...]” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 261).

O desejo mesmo de mudar, não é só de mudar a UFES, mas transformar localmente, naquilo que se acredita possível, aquelas relações de submissão, de autoritarismo instituídas nos modos de vida da época¹⁹.

A vontade de transformar, de trocar o longínquo “ainda não” pelo “já é” é também um exercício de aproximação, de se deixar tocar pela cidade e se atrever a tocá-la. Transformar a cidade em obra de arte, dentro e fora do artista, perto para sentir e longe para enxergar, para ter uma visão panorâmica deste conjunto de gente organizado em espaço que recebe o nome de cidade. E se a cidade é feita por este grupo de pessoas, é para elas, é nelas, é com elas que se faz produção de uma cidade diferente, singular: única. Uma verdadeira obra de arte. A cidade se constitui nesse processo de coengendramento do sujeito.

Cidade Utópica é produção de desejo, vontade de amar que se enrosca no seu lócus; é aqui que a gente quer operar mudança. Emoção em ativação, emoção que é ação.

E a ideia é fazer arte com /para/ nas pessoas: a praça é o encontro.

A praça é o Centro, a criança, o aposentado, a madame, o vagabundo, o vendedor ambulante. A praça é show, comida, conversa, música, polícia, censura. A praça é do povo, da utopia. Lugar de pesquisa, riso, desfile, dança. Também é lugar de fome

¹⁹ Não que não tenhamos na atualidade modos de submissão e sujeição, mas há tecnologias diferentes empregadas, que modulam com o tempo, com a condição histórica. Aqui, me refiro às tecnologias de raízes ditatoriais do Regime Militar.

que não se sacia. Fome de fruta, de liberdade, fome de confraternização e fome de concretização de sonhos. Fome de palavras, de democracia. Fome de liberdade para falar o que quiser.

Fome que não é saciada porque, para o desejo, que “[...] pode se reorientar para a construção de outros territórios [...]” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 284), não é o prazer ao fim que move; o prazer faz parte do processo. Mas é no fim, o movimento causado pelo desejo que não se encerra no alcance deste prazer, está em contínua ação. Porque se a vida não pára, ela continuamente está se afirmando. Praticar a desobediência à Lei do Silêncio e às regras que tiram a ágora da praça em nome da vontade de fazer arte. Da sua vida e das outras, do conjunto delas que é a cidade, obra de arte.

Aí você vai contextualizar na Universidade Federal do Espírito Santo... (risos) a UFES era no ES, Vitória... Que lugar do mundo é esse? (Trecho da entrevista de Ernandes Zanon)

Se o que o grupo Balão sentia como prática de repressão não se limitava aos muros da universidade e nem a vida daquelas pessoas também se resumia àquele lugar, os “processos de singularização” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 54) também não se limitavam à vida na UFES. Estar na UFES é estar na cidade, então produzir um outro modo de estar na cidade é fazer uso da “[...] capacidade de operar seu próprio trabalho de semiotização, de cartografia, de se inserir em níveis de relação de força local [...]” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 55).

Afirmar outro modo de existência é articular o dentro e o fora, se aproximar o suficiente da vida que está não só na UFES, mas também em Vitória. Deixar se tocar por esta vida para produzir outra que também não está só dentro, ela se expande e age no que está fora: constituição de “novas formas de sensibilidade” que também sentem, desejam, movem processos de subjetivação em direção à cidade que “já é”. Conspirar para que a cidade que “ainda não” é a que queremos passe a ser:

Conspirar quer dizer respirar junto, e é disso que somos acusados; eles querem nos impedir de respirar porque nós nos recusamos violentamente a respirar em seus locais de trabalho asfixiantes, em suas relações individuais, familiares, em suas casas atomizantes. Há um atentado que confesso ter cometido, é o atentado contra a separação da vida e do desejo,

contra o sexismo nas relações interindividuais, contra a redução da vida a uma prestação de salário. (GUATTARI, 1987, p. 59)

O que se quer na praça é alimentar a alma e o estômago, cantar, dançar, abrir o microfone para deixar falar o que vai dentro. Ocupar a praça com práticas de liberdade, exercitando o fazer diferente. Agir conforme o desejo de transformação social, agir com aquilo que afirma, que resiste ao “insistir em estar – em permanecer, em ficar de pé” (ROQUE, acesso 26 de fevereiro de 2013, p. 26). Resistir por meio de práticas que fortalecem, que afirmam a nova forma de existência. Resistir com música, dança, discurso, ocupação.

Na guerra contra a serialização das formas de existência, sitiar a praça é produção de singularidade. A ocupação é aberta, convida, quer fazer rir e chorar, quer promover distanciamento para olhar a cidade do alto, da praça. Mas quer também aproximação com o chão desta cidade: estamos na praça. No exercício da produção artística, longe e perto se articulam para deixar emergir novas sensibilidades; no Balão e nos ocupantes da praça, produzir arte, produzir a si mesmo produzindo cidade.

Figura 8- Manifesto contra a desinformação e a contrainformação (frente)

MANIFESTO CONTRA A DESINFORMAÇÃO E A CONTRAINFORMAÇÃO

Denunciamos as violências sofridas por um grupo de estudantes da UFES e pela professora Telma Guimarães, que foram em -
 purrados brutalmente pelos professores José Antônio Ruschi Bitencourt,
 Tadeu César e outros não identificados, sendo um, Polícia Federal, na
 Assembléia da Adufes de 08.10.86, repetindo-se a truculência manifes-
 tada na Assembléia dos Estudantes do dia 18.09.86, justificada pelo
 rótulo de "Balão Mágico" imputado hoje à qualquer pessoa que lute con-
 tra a opressão e a dominação dos manipuladores dos espaços auditivos
 e visuais públicos, que cassam a voz a qualquer idéia que denuncie as
 suas maquinações escusas. Rótulo imposto à turma de Teoria da Comuni-
 cação II, 83/2, por "se rebelarem contra a programação pré-estabeleci-
 da" (parecer do CEG no inquérito sobre o "Balão Mágico").

Exigimos a divulgação pública por parte da UFES,
 dos resultados dos inquéritos realizados sobre o "Balão Mágico".

Repudiamos a atual diretoria do DCE pela cumplici-
 dade na violência ocorrida e por se omitir na defesa da necessidade,
 manifestada pelos estudantes, de serem ouvidos pelos professores.

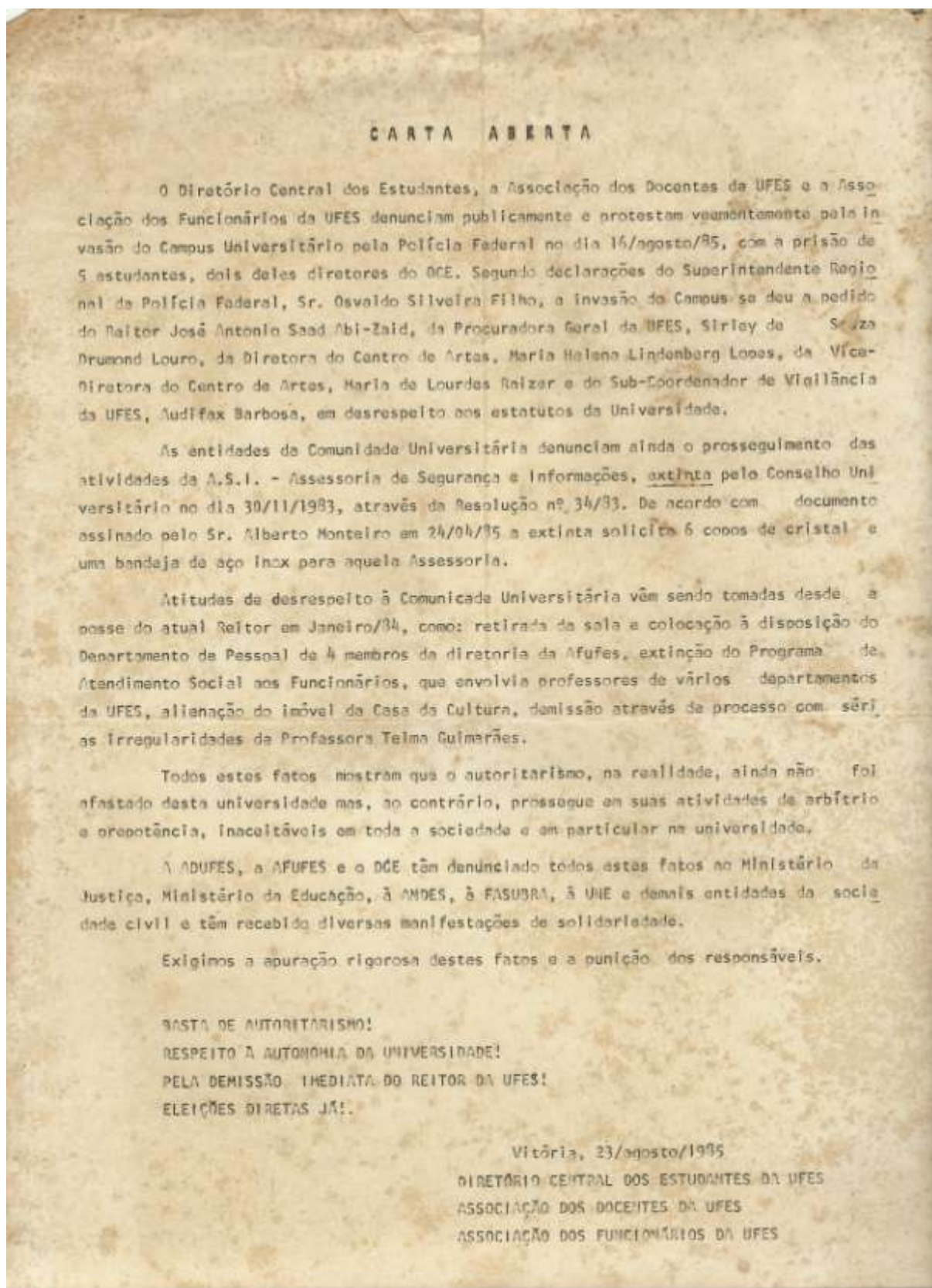
Repudiamos também a atitude da presidente da
 Adufes, Ana Maria Doime, em matéria de "A Gazeta" de 09.10.86, acusan-
 do o "Balão Mágico" de ter "tumultuado" a Assembléia, e por sua con-
 vência perante a violência ocorrida. Queremos saber a quem ela atribu-
 iu o estigma, uma vez que os manifestantes não pertencem à turma 83/2.

Denunciamos a Rede Gazeta por desinformar a opini-
 ão pública, manipulando as notícias através de omissões e distorções
 dos fatos de forma tendenciosa e arbitraria, sem respeitar a Lei de
 Imprensa: o direito à defesa pública às pessoas prejudicadas por fal-
 sas notícias.

Não precisamos de autorização de nenhum tirano pa-
 ra nos manifestarmos em defesa dos nossos direitos

Achamos inadmissível uma assembléia de professores
 negar voz a qualquer pessoa interessada em colaborar nas discussões
 que determinarão decisões de grande importância para a sociedade (por
 que todo cidadão é dono da universidade, já que ela é uma propriedade
 pública), principalmente os estudantes prejudicados pela incompetên-
 cia, má fé e maldade desse corpo docente, desses "representantes" de
 "classes", politiquês profissionais com ambição de governar.

Figura 10 - Carta Aberta DCE e ADUFES



4.7 Revolução para além do Balão

O Balão não era um grupo fechado e com vontades isoladas dentro da UFES. As pessoas aglutinavam-se em torno de acordo com o que estava em pauta, de acordo com a causa em questão. E não estavam isolados em suas lutas porque mesmo as instituições que em determinado momento criticam, como o DCE e a ADUFES, em alguns episódios vão levantar a mesma bandeira.

O teor da Carta Aberta, assinada em agosto de 1985 pela ADUFES e pelo DCE, denuncia as irregularidades do processo de demissão da Telma, a existência de aparelhos de repressão ligados à ditadura e pedem a demissão imediata do Reitor Abi-Zaid, alegando que “o autoritarismo, na realidade, ainda não foi afastado desta universidade mas, ao contrário, prossegue em suas atividades de arbítrio e prepotência, inaceitáveis em toda a sociedade e em particular na universidade”. Ou seja, naquele momento, as mesmas entidades que serão citadas como omissas e conviventes no manifesto mostram incômodo, não aceitação às situações que também o grupo Balão repudiava.

As práticas de opressão e repressão da ditadura militar ainda estavam muito presentes na vida cotidiana das pessoas, no funcionamento da universidade e o desejo de mudar esta situação não era exclusividade dos integrantes do Balão. Em intensidades e velocidades diferentes, este desejo de mudança atravessa vários grupos e instituições dentro da UFES, sendo um dos seus efeitos as articulações do “núcleo duro”²⁰ do Balão com outros estudantes em determinados momentos.

Do meu ponto de vista não dá para se falar em desejo individual. É a produção de subjetividade capitalística que tende a individualizar o desejo [...]. A questão, portanto, não se situa em nível do agrupamento de indivíduos, e sim de uma pragmática de processo de produção de desejo, que nada tem a ver com esse tipo de individuação. (GUATTARI, ROLNIK, 2011, p. 281)

Então, naquele ambiente pós-ditadura, o desejo de experimentar vivências singulares que escapassem à subjetividade produzida pelo capitalismo aliado ao regime ditatorial brasileiro nos anos oitenta, volta e meia fez com que estas pessoas

²⁰ Aqui estou usando a expressão que Ismael fala em sua entrevista para destacar que no grupo haviam pessoas que atuavam de forma mais contínua e intensa.

se articulassem, se movimentassem e causassem “erupções” de desejo de liberdade.

No primeiro parágrafo do “Manifesto contra a desinformação e a contrainformação”, os autores recusam a atribuição indiscriminada do “rótulo Balão”, afirmando que este é atribuído a qualquer um que lute contra a opressão dentro da UFES. Há continuidade, afirmação da ideia que esta era uma luta do Balão e figuram aqui também a oposição à dominação dos espaços, a falta de liberdade de expressão.

O “Manifesto contra a desinformação e a contrainformação” denuncia a violência praticada dentro da UFES contra professores e alunos e apresenta também repúdio ao DCE e ADUFES, instituições que para os manifestantes deveriam posicionar-se contra esta violência, mas ficam omissos porque operam dentro da lógica daqueles que oprimem.

Denuncia também o jornal A Gazeta por publicar informações que não eram a sua versão dos acontecimentos, ou seja, acusam o veículo de comunicação de ferir a ética jornalística, pois este deveria ouvir todos os lados envolvidos na questão.

O Manifesto que questiona a violência ocorrida no campus usa este fato como ponto de partida também para apresentar a sua versão: uma armadilha ao negar voz aos estudantes presentes na reunião da ADUFES. Os “manipuladores” teriam montado uma armadilha “porque sabem que negando o direito à voz [...] a 118 estudantes, alguns se revoltariam”, causando “tumulto”. Aqui também há questionamento quanto ao uso desta palavra, que para os autores naquele espaço-tempo era atribuído a “qualquer reação às ordens”.

O documento também é uma tomada de posição: ao recusar “autorização” para se manifestar, recusam entrar no roteiro e caminhos pré-estabelecidos pelo regime burocrático da universidade, recusam enquadrar-se naquele sistema, fazer a parte que lhe cabe naquela peça.

É um embate direto não apenas a este enquadramento para se expressar, é uma ação que coaduna com o *modus operandi* da comunicação horizontal demandada pelos manifestantes. A intenção é contrariar os caminhos estabelecidos que caracterizam como comunicação vertical, onde não há diálogo e sim imposição.

Por esta via, a declaração do documento quer, além de dizer ao leitor sua versão dos fatos veiculados na imprensa, também despertar possibilidades de quebra desta corrente: busque informação, pesquise a universidade, informe-se. Faz um alerta claro que as informações que o leitor está recebendo tanto da mídia quanto dos canais oficiais da universidade podem ser deturpadas. E para estes canais, também faz uma demanda: exige a divulgação do resultado dos inquéritos sobre o Balão, dando a entender que há inverdades divulgadas.

A intenção é causar desconfiança quanto ao discurso hegemônico, produzir indagação, provocar na comunidade universitária dúvida sobre as informações passadas. É como se dissesse: busque informação e descubra quanta coisa anda acontecendo.

O texto revela movimentos em andamento e apela ao leitor que faça parte deles, pretende angariar adesão. Coloca para o leitor uma escolha: continuar servindo de “óleo lubrificante de estruturas falidas” ou aderir ao movimento que, pretende demonstrar, ultrapassa o Balão.

Dos 37 manifestantes, a maioria assina por extenso, dando mostras que “expomos nossos corpos, nossas vozes, nossos eus, para demonstrar que não temos medo da canalha”.

Não sendo uma turma fichada, catalogada, cadastrada, registrada; o Balão era um grupo de contornos imprecisos. Embora nomes que faziam parte do “núcleo duro” também estivessem ali, a intenção dos manifestantes era dar visibilidade a um movimento de resistência composto por muitas e diferentes pessoas que não concordavam com o que acontecia; e que queriam produzir alternativas de vida dentro da universidade.

É um enfrentamento à apatia produzida pelo capitalismo: qualquer um que não fosse “mero produto da comunicação vertical” e que reagisse contra as ordens causando “tumulto” poderia aderir ao movimento, não precisava ser Balão para se opor àquele modo de funcionamento da universidade, bastava ser “menos cego, surdo e mudo”.

O movimento que o Manifesto deixa entrever é de uma revolução que expande as fronteiras da universidade. O embate travado dentro do campus indaga os efeitos do

capitalismo, que “tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique fora do seu controle” (GUATTARI, 1987, p. 211).

A recusa a uma reitoria imposta pela ditadura militar, a contestação a um movimento estudantil feito pelo DCE que está seguindo às mesmas ordenações e hierarquizações capitalísticas, o protesto pela proibição do uso das paredes para manifestar-se e o questionamento da relação autoritária entre professor e aluno é feito por meio da produção de um modo de existência que se constitui em um caminho outro. Um modo de existência a partir de uma revolução molecular que:

[...] consiste em produzir as condições não só de uma vida coletiva, mas também da encarnação da vida para si próprio, tanto no campo material quanto no campo subjetivo. (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 55)

É por meio da constituição de uma nova forma de relacionar-se com o mundo que escape à subjetividade homogeneizante produzida pelo capitalismo que o sujeito encontrará outra forma de existência, que é produção de singularidade.

Resistir a partir da afirmação da “posição singular que ocupa, que a faça viver, que a articule com outros processos de singularização e que resista a todos os empreendimentos de nivelação da subjetividade” (GUATTARI, ROLNIK, 2011, p. 59).

O que o manifesto pretende com a quebra da verticalização presente na relação emissor-receptor é a subversão deste receptor, que ele quebre o fluxo de produção serializada da subjetividade hegemônica que cria desejos de ordem, submissão e consumismo (GUATTARI, 1987; GUATTARI; ROLNIK, 2011) e seja fonte de sua informação, que este fluxo seja horizontal e não vertical: sem hierarquias na fala.

A luta então vai muito além do que o manifesto anuncia: vai contra experiências de dominação vivenciadas nas práticas cotidianas na UFES, engendradas pelo capitalismo.

4.8 Unidade Subversiva Desejante

[...] está havendo verdade revolucionária quando as coisas não te encham o saco, quando você fica a fim de participar, quando você não tem medo, quando você recupera sua força, quando você se sente disposto a ir fundo, aconteça o que acontecer, correndo até risco de morte. (GUATTARI, 1987, p. 16)

As conversas, as leituras, o conhecer junto faz com que o prazer em produzir a si mesmo, o modo de vida singular produzido na convivência dos membros do Balão fosse atrativo não só para aquelas pessoas mais constantes no grupo, mas para outros que também se incomodavam com as mesmas questões, que viam nas ações inventivas uma forma de escapar à produção serializada do modo de vida. Divertir-se, estar bem em grupo era o que dava forças, o que tornava a participação naquele movimento desejável:

Sabe, as lembranças... É tão bobinha esta discussão da felicidade, que parece tão irreal. Mas eu acho que pouca gente conseguiu viver com uma intensidade e por tanto tempo. Entendeu? A gente torcia muito para o outro dia vir. Para você ver novamente o grupo. "O quê que a gente vai inventar hoje?" "Com quem que nós vamos brincar hoje?" Isto era, isto foi muito bacana, isto foi muito bacana. O Balão Mágico é uma coisa que eu vou lembrar a minha vida inteira. E vou me divertir nas lembranças, porque foi muito divertido.

[...]

A gente não tinha um compromisso que aquilo virasse a verdade das coisas ou que aquilo contaminasse a universidade, nós só tínhamos o compromisso de nos divertir naquele processo, sabe... De ir para aquele processo com divertimento, com alegria. Por isso, se você pegar todo mundo que participou de fato deste grupo, eu diria para você: 95 % das pessoas vão dizer que foi o momento mais feliz da vida delas, porque foi muito divertido. Foi essencialmente divertido. (Trecho da entrevista de Cláudio Rocha)

O desejo aqui é produtor de resistência, produz uma volta para si que não distancia do mundo UFES/ Vitória-E: o faz mais próximo, torna este mundo que se produz vivo, brilhante, faz com que o que aconteça neste mundo afete com intensidade. Divertir com /neste mundo não é alienação: é aproximação. Ao mesmo tempo em que se divertem, sentem, exercitam sensibilidade. E o sentir não é isolado, não é passivo. Sente-se produzindo, agindo:

Eles tinham presença, estavam em todas. Tiveram uma atuação muito grande aqui no Centro de Artes, junto com professores daqui também... E aprontaram... Risos... Aprontaram... E aí se torna um movimento muito

maior, não é mais um movimento dentro de uma turma de comunicação. Porque outros alunos, alunos de outras turmas de Comunicação também se juntaram ao movimento. (Trecho da entrevista de Ismael)

A produção de um modo de vida singular, que foge aos padrões homogeneizantes é uma ação de produção, de um modo de vida com mais força. O desejo intensifica, potencializa a vida, faz com que ela dobre sobre si mesma, torna a existência mais intensa, mas forte. A alegria de conhecer junto é uma passagem, é transformação catalisada pelo desejo, pela vontade de mudar. Agir por eles mesmos, ser autor do processo de conhecimento e dos modos de vida é desejo em processo. Ter prazer em desejar é desejar produzir, impulsiona à ação que é movimento contínuo, que move e não encerra ao obter prazer: tem-se prazer no processo de produzir.

Hervacy: Lá fala... A questão do grupo, mesmo na fala do Zocra, como você chama o Carminati, ele e você falam o tempo todo no grupo, o "a gente", o nós...

Cláudio: É mais forte. Essa é uma percepção muito forte, não seríamos nada individualmente. Engraçado como um grupo tão pequeno, que depois vai crescendo, um movimento de adesão, as pessoas vão simpatizando com aquilo ou não...

Hervacy: deixa eu te interromper com uma curiosidade. Tá, no início eram uns 15 que vão protestar contra o Domingos e aí você fala que isso depois vira um movimento. Porque que estas pessoas se unem? O que elas querem?

Cláudio: Na verdade... Eu vou ser muito honesto. Eu acho que as pessoas se unem pela diversão. Era divertido, era um movimento muito divertido, a gente fazia muita coisa, a gente filmava, a gente fazia muito coisa. Aí as pessoas vão por adesão se juntando aquele grupo engraçado de pessoas. Engraçado divertido, alegre... E, claro, acabam refletindo sobre coisas que a gente refletia e tal. (Trecho da entrevista de Cláudio Rocha)

Produção alegre, produção de desejo, prazer que não se encerra em sua satisfação: tem-se prazer desejando, produzindo. Não basta uma brincadeira, um vídeo... É o movimento contínuo de deixar o desejo produzir. A vontade de mudar as relações de autoridade entre professor e aluno, a vontade de mudar o movimento estudantil tornando-o menos hierárquico e refém do binarismo capitalístico, a vontade de mudar a UFES e o conservadorismo da Vitória dos anos 80 movimentam os integrantes do grupo de uma forma alegre, positiva, afirmando a si mesmos. É estar perto, sentindo, se encantando com sua obra, fazendo com que o desejo de produzir mais fortaleça o movimento. Porque as ações do Balão são a sequência dos

próprios membros do Balão: eles se vêem nas brincadeiras, nas ironias, nos esquemas de luta. É por isso que estão próximos: porque estão contemplando a obra de si mesmos, estão contemplando a eles mesmos e tem prazer no que vêem.

O indivíduo, uno e sozinho, não tem forças para lutar contra a subjetividade hegemônica produzida pelo Capitalismo:

O resultado deste trabalho é a produção em série de um indivíduo que será o mais despreparado possível para enfrentar as provas importantes de sua vida. É completamente desarmado que ele enfrentará a realidade, sozinho, sem recursos, emperrado por toda esta moral e deste ideal babaca que lhe foi colado e do qual ele é incapaz de se desfazer. Ele foi, de certo modo, fragilizado, vulnerabilizado, ele está prontinho para se agarrar a todas as merdas institucionais organizadas para o acolher: a escola, a hierarquia, o exército, o aprendizado da fidelidade, da submissão, da modéstia, o gosto pelo trabalho, pela família, pela pátria, pelo sindicato, sem falar no resto... (GUATTARI, 1987, p. 13)

Entretanto, apesar da produção serializada de indivíduos solitários no modo de vida capitalístico, ainda assim, há milhares de revoluções moleculares acontecendo, produzindo resistência (GUATTARI, ROLNIK, 2011). Sendo o desejo produtor de resistência, o combustível que faz o sujeito ter necessidade de afirmar uma existência:

Então a gente pensou em um trabalho para fazer dentro da Universidade, um projeto de pesquisa-ação e era um projeto de intervenção contra a carece (rimos muito) o autoritarismo... Eu não me lembro dos detalhes... Mas era nesta linha... Ser revolucionário dentro da Universidade, usar a arte por expressão, o grafite em particular, que a gente fazia muito. (Trecho da entrevista de Carminati).

Produzir diversão para os membros do Balão é produção de si, ser irreverente contra a carece, revolucionário dentro de uma universidade que consideravam reacionária, usar como expressão uma forma de arte considerada marginal²¹. É a forma imediata de agir naquilo que está próximo. O prazer em se divertir com o grupo, em produzir protestos, contestação, passa pela produção coletiva de desejo, o desejo como formação coletiva (GUATTARI, ROLNIK, 2011).

²¹ Por incrível que pareça, até hoje o grafite é visto como ação marginal em Vitória e na UFES: “depredação do Patrimônio Público”.

É tomar a questão do desejo e da subjetividade não mais individualizadas, particulares, mas como efeitos de articulações no campo social, efeitos de agenciamentos coletivos de desejo (GUATTARI, ROLNIK, 2011). O desejo não mais como aquilo que move o indivíduo na busca do prazer fugaz e solitário, mas o que contagia um grupo, que move o grupo.

A produção de um modo singular de existência que encontra força no grupo, que é produzida no coletivo, é produção de vida de acordo com o que se quer:

Acho que a gente se contaminou um com o outro, se encontrou. Aquele povo assim “opa, acho que vai ser divertido isso”. Não tem quando você vai para um lugar dançar, a boate é chata e quando você chega num bar, tem espaço, as pessoas começam a dançar, pessoas que você gosta e todos os seus amigos vão começando aos poucos e quando você vê tá todo mundo na pista dançando...? Acho que é um pouco disso. Acho que a gente se tirou para dançar. E se divertiu muito. (Trecho da entrevista de Cláudio Rocha)

Claro que tinham os outros que foram se identificando, que viram no Balão um espaço de liberdade. (Trecho da entrevista de Carminati)

O Balão é o resultado, é o encontro que deflagra movimento, produz resistência, produz outros processos de subjetividade. É movimento em movimento. A atração, que é sintonia de ritmos e intensidades não planejada, indica alta densidade de afetos. E é na forma como articulam novas sensibilidades.

A atração exercida pelo Movimento Balão resulta em energia. Criando um coletivo que como indica Guattari:

Num grupo de base, pode-se esperar recuperar um mínimo de identidade coletiva, mas sem megalomania, com um sistema de controle ao alcance da mão; assim, o desejo em questão poderá talvez fazer valer sua palavra, ou estará mais em condições de respeitar seus compromissos militantes. (GUATTARI, 1987, p. 17)

O movimento dentro do Movimento Balão exerce uma atração que puxa, que desestabiliza, que não modela atitude, mas que a constitui em conjunto, que forma uma zona de incerteza, de caos, de possibilidade criativa de existência. No grupo, os membros experimentam e compartilham, suspendem e põem em questão aquele modo de funcionamento da vida engendrado pelo Capitalismo Mundial Integrado-

Brasil-Vitória-UFES. Sem chefe, hierarquia, modo pré-definido de operar, o Balão funciona por atração, é fluxo de desejos:

Não era uma coisa orquestrada, uma coisa muito pensada, o que você quer fazer como movimento, virava um movimento. A Turma do Balão Mágico tem muito disso. Risos. A Turma tem mesmo esse traço, ela surge do nada, a gente não tinha uma proposta fechada, a coisa vai acontecendo. É um movimento anárquico, obviamente, embora boa parte da turma nem soubesse, nem tinha a consciência disso. Nós éramos todos muito meninos, mas era um movimento anárquico, né. (Trecho da entrevista de Cláudio Rocha)

Um movimento maior. Porque não tinha direção central. Não era assim: “vamos organizar um evento, então você fulano vai fazer isso”. Não. Quem teve a idéia que a organize (Risos). Era autogestão mesmo. Então se as coisas saíam, era porque o grupo tomou conta. Muitas e muitas vezes ficava só na fumaça. (Trecho da entrevista de Carminati)

A recusa às hierarquias, controle, centrismo, enfim; a recusa daquele modelo de movimento que já conheciam é uma das formas de funcionamento do Balão. O movimento é fluido, imprevisível, variando ritmos e intensidades, ações contundentes com ações de humor. O acentrismo e a imprevisibilidade abrem espaço para bifurcações: “O que vamos fazer hoje? Com quem vamos brincar hoje?” é abertura, é deixar se afetar e permitir que estes afetos, estas sensações que abrem novos caminhos levem a novos movimentos, um movimento que se segue fluxos, ora deixando-se capturar, ora abrindo-se às bifurcações.

Coreografia sem coreógrafo, a dança convida porque todos se encontram no meio do salão, sem bailarino principal, sem coadjuvante. Cada um faz a sua coreografia, a beleza de não forçar o ritmo é que todos estão atraídos, todos os que estão ali na pista de dança querem entrar no ritmo do movimento. Uns em ritmos mais intensos, outros em gestos suaves, a coreografia também é marcada pela variedade de ritmos e intensidades no meio do salão.

Ação do movimento, movimento em movimento, resistência, produz subjetividade, aprende-se. Nesse processo de aprendizagem via Balão, ele funciona como “atrator caótico” (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013). Ele puxa, atrai, produz problema. Seu modelo acêntrico de funcionamento é também processo “inventivo e imprevisível, que ele é irredutível a um método ou “modelo” (*idem, ibidem*):

Contavam muitas histórias. Tinham coisas que aconteciam e falavam que a gente tinha feito e a gente ficava assim “como? Quem fez?” Não tinha

controle. Não era uma organização centralizada onde você tem uma direção, como os partidos, o diretório, os CA's. A partir daí você tem a plataforma, o grupo e as ações. Então as coisas aconteciam, falavam que você fez alguma coisa que você nem sabia. "como? Eu nem tava lá naquele dia". Mas tinha alguém do grupo e às vezes tinha uma pessoa só, mas tava com a roupa rasgada, grafitada, que a gente fazia também muita customização do figurino. Risos. O figurino era sempre trabalhado. Risos. As camisetas eram tiradas as golas, marcas, eram grafitadas. [...] Quando tinha alguém (assim) "era Balão!" quando alguém fazia alguma coisa assim, contestava um professor ou falava numa palestra e fazia uma pergunta meio fora de sentido: "era do Balão!". Risos. Isto virou um movimento mesmo. Não tinha a pretensão, a intenção de ser um movimento e ao mesmo tempo a gente não tinha o menor talento para controlar nada, porque a gente já tinha vindo de um movimento estudantil que tinha esta hierarquia e a gente não queria. (Trecho da entrevista de Carminati)

O Balão como atrator caótico produz movimento, mas não produz a coreografia de antemão, os passos vão se inventando, produzindo. O movimento é aberto no presente e no futuro, todos os passos são possíveis e todos podem ser Balão por um dia, ao menos em um evento, uma aula. Qualquer um podia fazer diferente e ser "Balão".

Sem estatuto no papel e sem coordenação hierarquizada, a trajetória errante e incerta é abertura contínua de possibilidades. Não há lição, comportamento, atitude a ser aprendida no Balão; há exercício de sensibilidade, convocação para liberdade de criação. Aprendizado por atração. "O atrator é uma função: defini-se por seu poder de atrair, de arrastar consigo." (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 26).

A atração que o movimento exercia não era para o Balão, mas para o mundo de possibilidades que ele abria, para o querer explorar, para o movimento de descobrir, de sentir, de olhar, de produzir mundo e se produzir, "[...] não há programa ou método de trabalho para a aprendizagem inventiva [...]" (*idem, ibidem*), há o convite à experimentação, convite à autoria de si, das suas ações, produção de resistência e produção de si. A atração aqui é o convite ao desvio do modo de vida "padrão", chamado para atender às demandas do desejo, de produção de novo modo de existência:

Naquele momento, acho que a gente estava aprendendo a ser jovem e aprendendo a romper com tudo aquilo que nos colocaram, quer seja tradicionalmente com o projeto de país que foi interrompido pela ditadura, que colocou a ordem dos militares dos setores conservadores, quer seja pela Universidade numa formação muito fechada, mesmo que vindo da

esquerda, uma formação muito fechada, muito ressentida. Pouco tolerante com as diferenças ou então muito ciente do seu papel, da sua importância na sociedade e ao mesmo tempo muito frustrada de ser tão negada. (Trecho da entrevista de Carminati)

Aprender aqui é atender a este chamado, exercitar “[...] a liberdade de fazer diferentemente, de ser diferentemente, de inventar a si e também a um mundo.” (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 26). É aprender pela colocação de problemas, pela invenção de novas formas de se relacionar com um mundo que se constrói conservador. É outra UFES, nova forma de estar na universidade e na cidade nos anos 80 pós ditadura militar. Ampliar os sentidos, desenvolver outros olhares sobre o mundo que o cerca e atuar neste mundo constituindo-o, se encantar com sua ação.

5 A FORMAÇÃO VIA BALÃO

5.1 De Felisdônio²²: “As coisas que não existem são mais bonitas”

Deitado à beira do rio, sentia o frescor e a umidade chegando pela roupa, passando na pele. Naquela tarde quente, o rio falava com ele.

Braços dobrados por trás da cabeça, comia as nuvens com os olhos, perdendo-se nelas. Desmanchava para se fazer nuvem, naquele céu tão azul, tão grande, tão perto. O azul do céu cantava; ritmo e sonoridade que não se grava, que não vira mp3. Era um som que desfazia o moço e ele se fazia céu, nuvens, azul.

Era céu e era rio, porque o rio também se fazia céu nele. A música do rio, que não era o barulho da água nas pedras, mas o ritmo agudo que o rio fazia no seu corpo; compunha com as notas de frescor que produziam naquela tarde de sol, na imensidão do céu azul; uma melodia, uma sinfônica, uma ária, uma ópera. Ópera sem voz, ópera sem violino e sem piano. Essa ópera era de sensação de azul. Ele se fazia no azul que o invadia.

Na mansidão do movimento das nuvens, uma intensidade que ocupava todos os cantos do pensamento, que carregava notas de delicadeza e de força. Harmonia, música rara, que não repete nota. Elas eram todas uma música, onde uma é o movimento da outra, uma está na outra: harmonia e variação. A beleza da harmonia não é sua completude nem sua ordem, é o enlevamento que produz.

Nesse mundo de sensações, o mesmo céu azul que estava à disposição de muitos era intensamente experienciado pelo moço, entrava nele, era ele também. A sonoridade do azul e as notas de frescor do rio produziam nele uma música que reverbera dentro, destas que faz a gente esquecer que tem intestino, pulmão, coração e vira só música, sensação.

E o céu azul, com suas nuvens, tal qual o artista que sente sua obra apreciada empregava ainda mais ânimo ao seu movimento virtuoso, intenso, único. Filarmônica de improviso, ópera de surpresa. E o rio, companheiro de espetáculo,

²² Referência ao personagem criado pelo poeta Manoel de Barros.

seguia ali produzindo cenários agudos de umidade, imagem de frescor, sem deixar espaço para o vazio.

Os arrepios que atravessavam o corpo do moço eram o “clap-clap” dos aplausos emocionados com tanto talento, tanto sentimento. Aplausos-arrepios sinceros, profundamente emocionados.

O calor do sol tem sabor prolongado de chocolate meio amargo que atravessava o corpo. Denso, encorpado; se curvava aos arrepios do moço, cobrindo, aquecendo, fazendo o céu mais azul e o rio mais fresco.

O moço fecha os olhos, tocado na alma pela magia de ouvir azul, ver o frescor do rio, saborear o calor do sol. Não sendo mais ele, sem pensar em pai, mãe, trabalho, carro... Neste momento, é só sensação. Estava ali e o ali estava nele, era ele.

5.2 Aprendizagem Inventiva e Autopoiese

Em meio a vários caminhos possíveis, pensar como se aprende por meio da participação em um movimento social articula as nossas idéias sobre o que é aprender com uma disposição, modo de estar na vida que pensa o vivo como o aprendiz de arte de que fala Deleuze (KASTRUP, 2007): errante, experimentador, inventivo. É a partir desta ideia que se tem de aprendizado que traçamos um caminho para analisar o que se aprende participando do movimento Balão Mágico.

Assim, a concepção da aprendizagem inventiva que Kastrup (2005, 2007, acesso em 09 de abril de 2013) elabora articulando o pensamento de Deleuze, Guattari, Bergson, Maturana e Varela sobre cognição é o conceito que guia esta caminhada. Tomando a aprendizagem inventiva como um processo de produção de subjetividade que não se esgota, que não fecha, porque está voltado para a constante invenção de problemas, para a circularidade que envolve o aprender a aprender; este conceito faz movimentar a ideia de um aprender que não está restrito aos bancos de escola, mas um aprender que é inerente à vida.

Maturana e Varela (2011) defendem que viver é estar em constante processo de aprendizagem. O que se aprende vivendo, por sua vez, não é um conhecimento pronto, acabado, adquirido em atitude passiva, mas sim de interação com o meio, o mundo, os vivos. Eles “[...] traduzem esta ampliação num aforismo: conhecer é viver” (KASTRUP, 2007, p. 176).

Então, pensar como um movimento social forma por esta via implica pensar que aprendemos e conhecemos durante toda nossa vida: nas nossas relações com os grupos dos quais fazemos parte, também como os meios, as instituições, a indústria da mídia. Aprendemos na escola, na família, no trabalho, com os amigos, com a televisão e com a internet: “Todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer”. (MATURANA; VARELA, 2011, p. 31).

Mas este conhecer não se relaciona com um saber que já está dado, em um mundo pronto e exterior, nem de um sujeito do conhecimento que também seja prévio ao ato de conhecer. A aprendizagem inventiva não parte de sujeito e objeto do conhecimento anteriores ao ato de conhecer, mas de “uma invenção de si e do mundo” (KASTRUP, 2007, p. 129). Sujeito, objeto e mundo se constituem no processo de conhecer continuamente.

Assim, viver, estar na vida é continuamente inventar a si mesmo e o mundo. No processo de cognição inventiva, não cessamos de aprender ao chegar à solução de um problema, ao contrário; a invenção de problemas se constitui em uma das principais características da aprendizagem²³.

Isto significa dizer que apresentar uma solução criativa para um problema distancia da ideia de invenção de problema. Para Kastrup (acesso em 09 de abril de 2013) a invenção distingue da criatividade pelo seu caráter imprevisível, livre de regras. Daí que falar em aprendizagem inventiva pressupõe falar em desviar da composição de princípios, regras e mecanismos para ordenamento da invenção. O caráter inventivo da aprendizagem se dá exatamente pela sua inconstância, pela sua abertura para o novo, contínuo exercício de bifurcar, tornar-se sensível às novidades.

Kastrup (2007) propõe então que política da invenção consiste em uma atitude de abertura, de experimentação incessante, de aventurar-se por outros caminhos.

²³ Kastrup cita esta ideia de Deleuze em vários trabalhos: 2005, 2007, acesso em 09 de abril de 2013.

Processo de aprendizagem constante, que implica o exercício de práticas concretas de abertura para o novo.

Entretanto, o exercício de bifurcação constante, de inacabamento e errância não implica sempre em cognição inventiva. “Há que haver uma produção dessa subjetividade, sua conquista política, que faça frente à política da reconhecimento” (KASTRUP, 2007, p. 225). Ou seja, a abertura para experimentação, para o novo não é suficiente: aprendizagem inventiva também é caracterizada pela circularidade e pela disposição em manter a produção de subjetividade um exercício de produção de singularidade.

Constituir política da invenção que dê conta deste caráter construtor de singularidade no processo de produção de subjetividade é, então, exercitar, trabalhar ações que acionem a circularidade, o inacabamento do processo de invenção de problema. Atuar para que este esteja sempre em recomeço e não finde com a emergência da solução. É cuidar para que o processo de aprendizagem esteja sempre voltando novos olhares para si mesmo, sempre reinventando também o sujeito²⁴ da aprendizagem, para que este esteja sempre se reinventando.

Se para Maturana e Varela (2011) o que caracteriza o vivo é sua capacidade de produzir a si mesmo continuamente, a autopoiese; Kastrup (2007) amplia este conceito biológico da invenção: a produção de si se faz em processos de produção de subjetividade. Aprender é, então, ser capaz de colocar para funcionar o processo de produção de subjetividade que modula, muda, diferencia de si mesma.

A partir das idéias de Deleuze e Guattari, Kastrup aponta que:

A aprendizagem também não tem no sujeito o seu centro, mas ocorre numa zona adjacente, situada ao lado das formas subjetivas existentes, trata-se de um plano impessoal e múltiplo, denominado plano de produção de subjetividade (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 20).

Sujeito e mundo são efeitos da aprendizagem. Ela envolve os planos, as forças, os afetos, o que é múltiplo e se move, coexistindo. É neste encontro, no desmanchamento dos limites, na zona de intersecção, de interação que a aprendizagem opera, transformando o sujeito e o mundo que é co-engendrado a

²⁴ A questão do sujeito não indica que a aprendizagem esteja centrada em um indivíduo, como veremos a frente.

partir do encontro. O sujeito se autoproduz e se reinventa continuamente, nos encontros, nas relações e várias interações com outros sujeitos, com os sistemas grupais, institucionais, com a indústria midiática.

A produção de si então é a produção de subjetividade. É no plano de produção de subjetividade que são engendradas novas sensibilidades, novo modo de pensar, de agir. Plano movente, atravessado por fluxos contínuos, “composto por saberes e coisas, por elementos materiais, sociais, etológicos, políticos, tecnológicos e econômicos” (KASTRUP, 2007, p. 205). É daí que emergem sujeito e mundo, onde a aprendizagem opera.

Maturana e Varela (2011) vão chamar esta relação de troca entre meio e sujeito, que dá origem às perturbações que causam mudanças tanto no meio quanto no sujeito de acoplamento estrutural. É por esta linha de pensamento, de forças que agem, de fluxos e multiplicidades entre sujeito e meio que a noção de acoplamento tem seu sentido ampliado: “nosso acoplamento com o mundo externo não é uma relação entre formas ou termos pré-dados, mas um agenciamento, uma comunicação entre fluxos ou forças heterogêneas que possui duas faces (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 22). O agenciamento é mais que atração: é comunicação, ida e vinda, troca entre mundo e sujeito sempre em transformação, movimento que compõe e é composto pelo mundo e pelo sujeito.

Esta troca, esta comunicação que se realiza nos limites, nas bordas, implica sempre também em um movimento que atravessa o sujeito. Esta troca em movimento acontece em meio a territórios moduláveis, em meio a processos de dessubjetivação e desterritorialização. A aprendizagem envolve uma desconstrução para a construção de outro corpo, formado na “assiduidade com que se habita um território”. É um movimento de desmanchamento e construção, flexibilidade e fixação. O exercício de abrir-se para o novo, de deixar-se tocar por novas formas de sensibilidade é o desterritorializar-se, dessubjetivar-se. Mas esta ação possui dupla face: em algum momento o novo demanda uma atenção, um trabalho sobre si a fim de aperfeiçoar, afinar. É quando a desterritorialização e dessubjetivação, a errância diminui sua intensidade para formação das habilidades e competências, que constitui também em uma forma de brear a eterna errância. A dupla ação da aprendizagem então implica uma abertura para o novo, para a experimentação, mas

também um momento de intensidade, de fixação, de trabalho e aperfeiçoamento do novo aprendizado. O ritmo desta dupla ação é alternante, variante, para que não caia nem no desvanecimento, nem na cristalização.

Em uma analogia do aprendiz e da flauta, Kastrup (2007) fala que ele agencia-se com a flauta e se, num primeiro momento, tem uma relação rígida de normas e partitura; a partir do momento em que se torna sensível ao seu diferencial, que chama de signos, deixa a leitura mecânica e a repetição para desenvolver com a flauta uma relação de criação, de invenção incessante: “Aprende verdadeiramente aquele que cria permanentemente na relação com o instrumento, reinventando-se também como músico de maneira incessante” (KASTRUP, 2007, p. 173). É de Deleuze que Kastrup (2007, acesso em 09 de abril de 2013) traz a ideia de objetos portadores de signos: signo é o que fala no objeto, é o que ele possui de diferente, marcante. E somente pelo exercício da sensibilidade conseguimos “ler” o signo. Em outras palavras, aprender é ser sensível ao signo, é desenvolver a habilidade de conhecer suas texturas, seu sabor, sua nota, seu aroma em uma relação de agenciamento, ou de comunicação direta, sem mediação com o instrumento de aprendizagem.

Assim, se o signo afeta e perturba, é ele quem interroga, que breca o pensamento e o leva em outra direção: “O signo põe o problema, força a pensar e exige decifração e sentido, produzindo uma reconfiguração permanente dos limites da subjetividade e do território” (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 24).

O movimento da aprendizagem inventiva é circular porque não conclui, não se fecha no exercício de deixar-se tocar. Envolve dupla ação: deixar-se afetar, ir ao encontro da experimentação de novas sensibilidades e a capacidade de abrigar estas sensibilidades em exercício, ação, práticas. Envolve dupla temporalidade: abertura para novidade pela perturbação, breakdown²⁵, estranhamento e sedimentação em um campo estável onde as experiências, a ação que decorre do exercício de deixar-se afetar são acolhidas. É a habitação de um território, disciplina, exercício. Da virtualidade de algo que já estava lá, em uma base, abre-se com o breakdown uma nova sensibilidade que envolve a prática atenta, sensível, que naturaliza a ação,

²⁵ Sobre perturbação e breakdown conferir página 187.

mas não cristaliza. Atitude de refinamento, de aprimoramento, de esforço que é abertura para novas perturbações.

“Aprender é fazer a cognição diferenciar-se permanentemente de si mesma” (KASTRUP, 2005, p. 10). A emergência da solução não cessa o movimento, não impede a dinâmica do processo de estranhar o que já era certeza. Voltar o olhar para o que já se sabe a partir de novas perturbações, de novas leituras semióticas e lançar-se novamente em experimentações, a modulação constante, o trabalho contínuo sobre a cognição produzida: “aprender a desaprender”. Inventar permanente o mundo e a si mesmo por meio da invenção de problemas.

Feitas estas considerações acerca da circularidade e do caráter imprevisível da aprendizagem inventiva, é importante ressaltar que este trabalho se volta, então, não para a busca de regularidade ou regras da aprendizagem por meio do movimento Balão Mágico; “não consiste em buscar, na investigação do sujeito, uma causa ou os mecanismos da invenção, mas em encontrá-los ao final, efeito de um processo inventivo” (KASTRUP, 2007, p. 180).

5.3 Transcrição na íntegra: “Dono da Usina impede pichação”

A GAZETA – 13 DE JUNHO DE 1986.

Caderno Dois

Por Tinoco dos Anjos

A abertura da exposição de Jorge Guinle Filho na galeria de arte Usina, quarta-feira à noite, foi perturbada pela tentativa de uma integrante do grupo de universitários denominado “Balão Mágico” de realizar uma pichação na parede. O proprietário da galeria Márcio Espíndula, evitou que a manifestação tivesse início, arrancando o spray das mãos da estudante.

O episódio, acompanhado à distância por Jorge Guinle, não trouxe prejuízos materiais, mas provocou apenas uma interminável discussão entre Márcio Espíndula e alguns participantes do Balão Mágico, representado no vernissage por cerca de 15 pessoas.

O mais caro

Ouvido ontem pela manhã, por telefone, Márcio Espíndula contou o que aconteceu. “Ainda na terça-feira, Jorge Guinle havia feito uma palestra na Ufes e entrado em contato com alguns integrantes do chamado Balão Mágico. A seu pedido, eu abri a galeria naquele dia à tarde especialmente para que o artista pudesse mostrar e conversar sobre seus trabalhos com os estudantes universitários. Normalmente, a galeria não é aberta nos dois dias anteriores à abertura de qualquer exposição”.

“No dia do vernissage – continua Márcio – estava correndo tudo bem, eu já havia visto na galeria pessoas que imaginei serem do Balão Mágico, pois eu não as conheço muito bem. Comportavam-se como todo mundo, tomando seu vinho e apreciando os quadros. De repente observei uma menina balançando um spray. Percebi que ela pretendia fazer uma pichação, corri e tomei o objeto da mão dela, com certa rispidez. O máximo que conseguiu foi fazer um risco vermelho na parede de uns quinze centímetros, ao lado do quadro mais caro da exposição: Cz\$ 70 mil”.

Segundo o relato de Márcio Espíndula, logo em seguida começou o tumulto. O pessoal do Balão correu para cima dele, exigindo direito a pichação. Amigos e

convidados de Espíndula ofereceram sua solidariedade, sugerindo chamar a Polícia e até partir para a agressão física. Márcio afirma que evitou tudo isso e procurou resolver a situação através de conversa. Só que ele mesmo confessa que a tentativa de diálogo não deu certo. “Não houve, absolutamente, consenso”.

“O pessoal do Balão queria me convencer de que eles tinham o direito de fazer um trabalho na parede, que a galeria era um espaço de arte e que eles também faziam arte. Eu não concordei, evidentemente, pois a galeria é uma casa privada e quem manda no espaço é o proprietário. Disse que era para eles fazerem pichações lá na universidade, não na minha casa”, relata Márcio. Diante da falta de entendimento, agravada por argumentos tipo “a loucura não tem limite”, da parte do Balão, segundo consta o proprietário da galeria, o episódio foi encerrado.

Márcio Espíndula nega que os estudantes foram retirados da galeria pela segurança. Garante que a Usina não conta com qualquer segurança e que procurou resolver o problema através de conversa. Quanto a Jorge Guinle, a sua posição foi a de não se envolver. “É uma pessoa muito fina e elegante. Eu acho que ele se sentiu até meio traído por esse pessoal”, afirma Márcio Espíndula.

Estudante acha que pode pichar galeria de arte

Um dos integrantes do Balão Mágico, José Challoub Júnior, ouvido ontem também por telefone, acusou Márcio Espíndula de “falta de educação artística” e de “ter uma visão cultural equivocada”.

“Formação cultural não é ter nome e dinheiro, como é o caso dele. Uma galeria de arte não tem dono. Ela representa muito mais para a arte do que uma mera visão de proprietário. Se ele tem essa visão comercial e não cultural, porque não cobra ingressos para se entrar na galeria? Nós gostaríamos de questionar a função cultural da Usina para a arte em vitória. Eu, pessoalmente, não vejo nenhuma”, afirma Challoub.

O estudante universitário (curso de Arquitetura) defende com bastante entusiasmo o direito de manifestação artística livre e, portanto, o direito de pichar as paredes da galeria Usina. Chama de “mediocre” e “equivocado” quem toma atitudes visando cercear esse tipo de atitude. Quanto ao episódio em si da tentativa de pichação, ocorrida quarta-feira, Challoub fala da violência:

“Nós fomos lá com o objetivo de gravar uma entrevista e de filmar o Jorge Guinle (usando equipamento do Curso de Comunicação da Ufes). Em determinado momento, a Sáskia pegou uma lata de spray e chegou perto de uma parede com o objetivo de grafitar. De repente, o Márcio pulou em cima dela, usando de muita violência, quase quebrando o braço dela e jogando no chão. Uma coisa absurda. Depois começou a gritar que a galeria era dele”, afirma Challoub e acrescenta: “Em seguida apareceram quatro pessoas, que pareciam mais uns leões de chácara; seguraram a bolsa de Archimino e disseram para ele pegar no outro dia na Polícia. Quem pode dizer isso a não ser um policial? Chegaram ainda a pegar uma máquina fotográfica que estava com Mauro Paste (jornalista recém-formado pela Ufes) e só devolveram depois que a Sandrinha começou a gritar que tinha havido um roubo e de uma forma grosseira, jogando o objeto sobre ela”, conclui José Challoub.

5.4 Paredes Brancas

Pegou o cartão, aguardou a cancela subir e entrou na universidade. Ao seu lado, sua filha *between*²⁶ olhava tudo bastante atenta.

Dentro do carro o silêncio de cumplicidade era daqueles que não remetem a vazios, mas sim à amorosidade, calor, espaço; que mostra a gente completamente à vontade. Era a trilha sonora para o olhar curioso da menina, que varria as paredes. Os muros, as árvores e os outros carros.

Não muito distante dali, elas estacionam e a mãe aguarda alguns instantes, enquanto a menina contempla uma parede.

Em um mundo paralelo multicolorido e intensamente sonorizado, a menina lembrava-se das aulas de artes da escola, quando a professora mostrou várias fotografias de grafites em diversos lugares do mundo. Foi a aula mais maravilhosa do ano, ficou dias na internet buscando aquelas imagens que mostravam a arte na rua surpreendendo as pessoas. Lembrava da imagem de um grafite de um imenso buraco na rua e das pessoas se desviando dele, se esgueirando nos cantos. Era como se fosse mágica, como se Harry Potter e Hermione²⁷ (que é muito mais mágica que o Harry) tivessem conjurado um buraco na rua. Muito maneiro!

E ali, na sua frente, tinha um grafite. Não achava que ia ver um bem ali, onde tudo era chato, lugar de gente grande chata, que só sabe ler livros chatos. A vida de adulto é muito monótona, com tudo certinho, tem de trabalhar, deixar tudo arrumadinho, limpinho, com hora certa... Será que algum artista invadiu a UFES e pichou? E como ele conseguiu entrar e fazer isso sem ninguém atrapalhar?

- Pode pichar na UFES? – emergindo do seu mundo, interroga à mãe.

Em lugar de responder sim ou não, a mãe fez uma cara engraçada, que misturava alegria, confusão, medo.

Correndo os olhos na imagem do muro, olhos saudosos, apreciativos, a mãe ainda respira fundo umas duas vezes e responde com o olhar ainda preso na imagem:

²⁶ Gíria que os adolescentes usam para designar fase entre a infância e adolescência, 8 a 12 anos.

²⁷ Personagens da série de livros infanto-juvenis da autora inglesa J.K. Rowling que tinha o bruxinho Harry Potter como personagem principal. Hermione é a amiga de Harry na série.

- Não, não pode. Mas era um não pode diferente. Achou estranho, porque geralmente quando ela respondia com estas palavras era falando firme, quase gritando, como se quisesse ter certeza que a menina não faria isso. Mas desta vez era diferente, parecia triste por responder que não podia pichar na UFES.

- Que absurdo! Grafite é arte!

A mãe ri para ela, balança a cabeça concordando. Com o braço em torno dos seus ombros, as duas lançam um último olhar para o muro e caminham juntas para seu destino.

É claro, aquele monte de parede branca, para quê que serve isso? (Trecho entrevista Cláudio).

Então a gente pensou em um trabalho para fazer dentro da Universidade, um projeto de pesquisa-ação e era um projeto de intervenção contra a carece (rimos muito) o autoritarismo... Eu não me lembro dos detalhes... Mas era nesta linha... Ser revolucionário dentro da Universidade, usar a arte por expressão, o grafite em particular, que a gente fazia muito. Não é como o grafite é hoje, uma arte. Era quase pichação, “porque a gente não era artista” (em tom de ironia, imitando talvez o tom de voz dos críticos da época) então era pichação mesmo. A gente usava muito, nos muros todos. O spray era uma arma e a gente fez este projeto. (Trecho da entrevista de Carminati)

Alguém²⁸ já disse que o maior desafio da tela em branco é que ela não está vazia, mas sim repleta de possibilidades. Tudo cabe ali.

Paredes brancas, vazias, estéreis podem tornar-se espaço para expressão, experimentação, comunicação. Diferentemente da arte dos liceus franceses, o grafite ou a pichação não é inaugurado para o público com vernissage. É arte corrida, feita na pressão, que comunica de forma contundente, que breca muito antes da parede.

E se ali nas paredes cabia tudo, agora cabem palavras e imagens que querem perturbar e que querem aliviar também. O agenciamento da mão com o spray produz indignação com a parede “suja”, produz encantamento com a imagem que evoca paisagens não visitadas, produz homenagem e produz ofensa. Entre a mão e o spray, os sentimentos sobre a vida, o campus, as eleições e os métodos de ensino. Cor e forma a partir de um jato de tinta revelam a habilidade de sentir a

²⁸ Mister Google responde.

textura da parede, a escolha da localização estratégica para dar visibilidade, a composição da tinta com o sol e com as sombras.

O jogo de aproximação / distanciamento da parede, a pressão da mão sobre o aerossol apontam a imprevisibilidade do gesto. Em cada traço, um pouco do grafiteiro-pichador. E, ao mesmo tempo em que ele deixa um pouco de si na parede, no muro, também se constitui com a sua obra.

A parede e o muro que fazem parte da paisagem habitual falam, convidam o grafiteiro-pichador. Instável e imprevisível, o muro perturba, seduz, atrai.

A arte da rua, o grafite e a pichação querem mais do que contemplação: querem ser um modo de expressão, um modo de agir que se converte em um exercício concreto de cognição, do qual emergem sujeito que picha-grafita, o grafite – pichação e um mundo com parede grafitada.

Grafite não é cartaz que se cola aos montes do mesmo em pontos de ônibus, nem obra que se aprecia em museu.

O grafite é da rua, é intervenção de um sujeito em si mesmo e no mundo. É compor com o mundo, com a parede, com o spray e com as pessoas que fazem parte desse mundo de parede grafitada.

Da hesitação inicial da mão sobre o spray, a atenção ao jato de tinta, com a prática, passa pela atenção para as cores da alma no encontro com as cores da rua. A cor da assepsia, cor da monotonia, cor da revolta, cor do desejo de mudança, cor do humor cáustico. O que pinta no coração pinta na parede. O agenciamento mão e spray produz outro caminho, produz possibilidade de criação, produz um território onde a conversa se instala com uma mensagem.

A parede branca produz estranhamento, uma nova experiência, produz o rearranjo sobre o que já estava cimentado (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013). Movendo, recolocando, desaprendendo. Para aprender a grafitar tem de desaprender o *modus operandi* aluno bonzinho, cidadão civilizado, gente que “não tumultua”. Compor com o calor do sol ou o brilho da lua uma obra que não leva pra casa, que não pendura na parede e nem pode ser convenientemente guardada no armário.

O grafite, como exercício de cognição, é arte, mas “não é um alvo, um ponto fixo a ser atingido e que orienta o processo de aprender” (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 19). Mão e spray agenciam-se em:

[...] comunicação sem subordinação, hierarquia ou determinismo. Não opera por causabilidade, mas por implicação recíproca entre movimentos, processo, fluxos heterogênicos, por dupla captura. (KASTRUP, 2007, p. 172)

Não é reprodução, como na lanternagem automotiva padronizada pela indústria. Não há ponto de volta, textura a ser copiada, ausência de autoria.

Numa leitura do signo como tudo que fala, marca e diferencia um objeto ou uma superfície, comunicamos com os signos quando somos capazes de lê-los, escutá-los, ser sensível a eles (DELEUZE, *apud* KASTRUP, 2007). É experimentar a partir deste exercício de sensibilidade, de estranhamento. É também um trabalho de produção de si e de mundo, porque o artista grafiteiro-pichador está em seus traços, compõem-se no ritmo que compõe sua arte. Mas a sua obra ele não carrega para casa, não vende, não troca. Está nele e no próximo desenho ou mensagem que são uma releitura, uma bifurcação, uma nova experiência. “Aprender é experimentar incessantemente”. (KASTRUP, 2007, p. 174)

As experimentações no grafite, no vídeo, na dança, no teatro e na rádio TX apontam uma micropolítica de cognição processual que os membros do grupo assumem como exercícios de experimentação:

Claro que nós não éramos, não somos gênios e tão talentosos quanto eles, mas num nível micro a gente buscava estas experiências e as leituras disso ajudavam bastante. (Trecho da entrevista de Carminati)

Dadaísmo²⁹, Antropofagia³⁰ e as leituras funcionavam ajudando a constituir outras paisagens, outros territórios. Os questionamentos que emergem a partir do agenciamento com estas idéias interrogavam, numa primeira visada, o modo de ser aluno, o modo de fazer movimento estudantil, a relação professor aluno. Mas em um

²⁹ Movimento artístico da chamada vanguarda, que tem início em 1916. A idéia do Movimento Dada é protestar contra a postura lógica, ordenada e racional do mundo e das artes. Se, em meio às Guerras e às desordens do mundo, nada tem sentido, porque a arte tem de ter? Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dadaísmo>. Acesso em 01 de maio de 2013.

³⁰ Movimento Antropofágico foi uma manifestação artística brasileira na década de 1920, que pregava uma brasilidade por meio da “deglutição” do que vinha de fora. Não negar a cultura estrangeira, mas também não imitá-la. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento-antropofágico>>. Acesso em 01 de maio de 2013.

plano mais amplo, colocavam em questão o modo de vida e as relações de hierarquia e autoridade presentes na UFES e em Vitória nos anos 80.

Ao interrogar estes modos, colocar estas questões em desarranjo é produzida uma nova maneira de sentir, uma nova forma de olhar, de se colocar neste mundo e nestas relações.

5.5 Telma, atrator caótico

Na aprendizagem inventiva, a invenção de problema em lugar da solução é o que move, gera cognição (KASTRUP, 2007). De caráter processual, a aprendizagem inventiva implica em movimento constante, exercício de desaprender e aprender de novo a partir das perturbações. Implica em um aprendizado que se faz na vida, que não é estático, mas que se constitui em uma postura de abertura para o novo.

A política dessa aprendizagem fala então de um processo de cognição que se faz em processualidade “por meio de agenciamentos, acoplamentos diretos, imediatos com aquilo que faz diferença” (KASTRUP, 2007, p. 224).

A aprendizagem assim pensada não se faz com objetivo de aquisição de um saber que visa solução para um problema, mas sim uma aprendizagem que se faz na vida, em sua processualidade, em sua imprevisibilidade e em meio a vários fluxos. Aprendizagem que não dá para separar: é da escola, é de casa, é do movimento, é da TV. É tudo isso e que age no sujeito e faz com que ele volte para si, num trabalho do sujeito sobre ele mesmo para produzir existência. A aprendizagem envolve desconstrução, dessubjetivação e desterritorialização para constituição de outro corpo, formado na “assiduidade com que se habita um território” (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 24).

Esta desterritorialização reduz sua intensidade quando da formação das habilidades e competências, que se constituem também em um meio de brecar a eterna errância, o desvanecimento (KASTRUP, 2007). Mas longe de por fim à processualidade, este movimento a retém, ajuda a compor uma atitude de trabalho constante sobre si em um ritmo que possibilite tanto uma intensificação do

aprendizado adquirido quanto uma abertura que garanta a modulação do conhecimento, habilidades ou competência diante da imprevisibilidade da vida e dos acontecimentos.

De problematização para Kastrup, perturbação para Maturana e Varela até chegar ao conceito de breakdown desenvolvido por Varela (KASTRUP, 2007, p. 150) o termo fala de uma quebra, uma bifurcação na “continuidade cognitiva”, uma “hesitação ou problematização que precede toda ação [...]” (*idem, ibidem*). Ele aponta para o momento em que o sujeito estranha o processo, o caminho já conhecido e passa a conversar com signos que comunicam de dentro do que quer conhecer; e que não eram visíveis até então. É o momento da desconstrução, bifurcação, onde o sujeito pára e interroga, põe em questão. É a desarrumação dos sistemas sujeitos, do seu território seguro e conhecido, rotineiro. É a articulação com os signos que passam a compor um novo território que vai se desenhando, interagindo, de modo que eles tenham que se movimentar, se reinventar e se produzir novamente em novos planos.

É pensando neste conceito de uma não linearidade que a invenção de problema, a inventividade ganha corpo na aprendizagem inventiva. São as perturbações, breakdowns, as hesitações que abrem espaço para a invenção no processo cognitivo. A interrogação que questiona um processo linear de problema-resposta, que bifurca, abre outro caminho. Põe em relevo e ajuda a constituir nova sensibilidade, novas formas de olhar a paisagem que se torna outra ante os olhos.

Diante de uma perturbação, de uma invenção de problema, o que pode ser engendrado a partir daí? Em meio a novos caminhos, às bifurcações, como se processa a aprendizagem?

Para Kastrup, no processo de aprendizagem também se faz presente o atrator caótico:

O atrator é, de modo geral, um tipo de estado ou regime que orienta a evolução temporal de um sistema [...]. Ele é alguém que exerce a função de conduzir o processo, a expedição a um mundo desconhecido, de fazer acontecer o contato, de possibilitar a intimidade, de acompanhar, e mesmo de arrastar consigo, de puxar. Não para junto de si, mas para a matéria [...] (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 25-26).

O atrator, então, pode ser o professor, pode ser uma leitura, um amigo ou mesmo o processo de produzir um conhecimento.

Pensando o processo de aprendizado no movimento Balão Mágico a partir destes conceitos de aprendizagem inventiva e atrator caótico, e lendo os relatos é possível notar que aparece com bastante intensidade o que poderíamos chamar de alguns atratores caóticos: a alegria da vivência em grupo, as possibilidades de experimentação com produção de vídeos, fotografias, danças e outras expressões... E também a Telma.

Nesse processo todo nasce uma proposta renovadora também no Centro de Artes, que foi até uma professora que foi penalizada por isso que foi a Telma Guimarães, não sei se você tem esta informação?

Balanço a cabeça que sim, não querendo interromper sua fala.

Ela foi simplesmente penalizada porque ela introduz uma metodologia nova no ensino de arte. Ela pega, por exemplo, todo o trabalho que a Faiga Ostrov faz, na releitura da obra de arte que a Ana Mae faz e ela faz uma inovação no ensino da Arte, ela começa a ensinar diferente.

É a partir de uma disciplina que ela ministrava que era Plástica, e a Plástica era a que conceituava toda a linha de visual das Artes Plásticas, era uma matéria do ciclo básico. Então ela começa a introduzir nesta matéria uma série de pensamentos, uma série de procedimentos no ensino da arte. Então isso, no Centro de Artes, provoca também uma reação muito forte, que também era um ensino tradicional, né? Era a forma tradicional de ensino. Eu fazia inclusive, Artes. Eu não cheguei a ser aluno dela, eu fui monitor dela. Aí ela implanta uma metodologia que era revolucionária, que acaba contagiando outros setores da universidade, outros cursos, principalmente cursos da área de humanas, como Psicologia, Comunicação...

E ela começa a atrair alunos para a disciplina de Artes em busca desta metodologia inovadora. Porque não era só ensinar Educação Artística, era todo um processo de debate, ela tinha uma biblioteca pessoal muito grande, ela adquiria muitos livros, ela emprestava para todo mundo. Acaba criando um círculo de amizade dentro da universidade muito grande e isto foi espalhando, espalhando...

[...]

Quando a Telma foi demitida sem justa causa porque em um determinado momento ela faz um trabalho... Em 84, 85... Ela faz um trabalho na sala de aula de grafite. A sala tinha estas divisórias de Eucatex, e elas estavam todas carcomidas, iam ser trocadas, iam ser reformadas... Então ela aproveita este processo e ela faz um trabalho na sala de aula de grafite. Nesse momento, o conselho e a chefia, as pessoas do departamento (de Artes) reagem contra e falam que ela estava depredando a universidade. Então tem um processo administrativo contra ela pedindo a demissão dela, que já era perseguição. Eles precisavam de um motivo para banir ela da universidade. E, no meio deste confronto todo, ela acaba sendo demitida sem justa causa em 85. E aquilo foi um marco divisor do processo, causou uma ruptura fortíssima. (Trecho da entrevista de Ernandes Zanon)

A gente provocava muito o universo das artes porque com o Balão teve uma situação com uma professora das Artes, que era a Telma Guimarães, que nos acompanhou e foi uma espécie de mentora mesmo, no sentido de que ela tinha muitos livros de artes. Na época, o salário de professor era muito bom, então ela comprava muitos livros. E ela se envolveu, em 82, paralelo ao que estava acontecendo (no nosso movimento) teve aqui um congresso de Arte e Educação. E foi um congresso muito importante, porque tinha os pensamentos da Ana Mae Barbosa, uma série de pensadores importantes que viam educação na arte como elemento fundamental na educação... Enfim e a Telma, como professora de Artes Plásticas se encantou com a ideia porque isto estava confluindo com a ideia que a gente foi trazendo no Balão. E isto fortalecia... [...] O Centro de Artes era o cartão postal da Universidade, tudo muito bonitinho. E a Telma quebrou isso, literalmente. Ela quebrou até parede, aquela divisória assim (mostra com as mãos)... E ela acabou sofrendo um processo muito forte, ela foi demitida e depois readmitida num processo muito complicado juridicamente. [...] Eles justificavam que ela estava enlouquecendo, que estava enlouquecida e fizeram todo o processo assim, coisa de Kafka. Aquilo daria uma tese do poder da tradição de massacrar um indivíduo.

É claro que nesse tempo foi além, mas ela mesma não fez muita coisa, ela dava liberdade para os alunos. Era um grupo, um coletivo e ela tomou a defesa e acabou recebendo todas as cacetadas. E ela foi demitida e depois readmitida. (Trecho de entrevista de Carminati)

A relação Telma e Balão vai além de uma professora que ensina uma disciplina. A imagem do atrator caótico que é “menos um modelo do que um ponto de interrogação [...]” (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 26) fala de agenciamento, da constituição da “habitação compartilhada de uma zona de neblina, a zona molecular (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 25). Fala da constituição conjunta de território de atuação por meio de experimentações artísticas, leituras, composição de idéias e modo de vida. Telma era Balão e o Balão também era Telma. Participava dos eventos, debates, compunha em co-autoria manifestos, movimentos, idéias. Telma atrai, interroga e constitui. E também é interrogada, atraída e constituída.

Questionar os métodos de ensino, questionar as relações de autoridade e de possibilidades de expressão dentro da universidade, além de questionar a função da arte, o modo homogeneizante como a sociedade na época classificava o que era e o que não era arte são ideias que estão na “zona de neblina” (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013) entre Telma e os demais membros do grupo. As ideias que atravessavam e constituíam o modo Telma de pensar exercem atração sobre os demais membros do Balão, as leituras que faz e os livros que empresta co-

engendram a constituição de um território, de um lugar para exercitar, um espaço-tempo para a cognição no movimento.

É pelo encantamento que produzem na relação que Telma encontra um grupo onde se constitui como professora de artes e como membro do movimento. E ao mesmo tempo, ajuda a conduzir o processo de construção de ideias, um processo de exercício de conduta.

Telma não foi a professora que ensinou o Balão a ser Balão. Sua relação como o movimento não era de alguém que já tem um saber e emprega técnicas para que os alunos apreendam este saber. O saber, o movimento e Telma se fazem em um encontro.

Não há neste processo informações prontas e dadas que são transmitidas, nem relação professor-aluno onde o professor que é detentor do saber o transmite aos alunos, mas sim “habitação compartilhada de uma zona de neblina, a zona molecular” (*idem, ibidem*). As fronteiras-muros se liquefazem, perdem contornos nítidos com a constituição deste território. Telma funciona como “atrator de afetos”.

Sua relação não é de transmissão, mas de propagação. Tal como na metáfora do vírus usada por Kastrup (acesso em 09 de abril de 2013), o que constroem juntos não se esgota em transmissão, mas ganha vida, emerge em processualidades coletivas. Em vez de ensinar a fazer, o fazer junto.

O atrator caótico desestabiliza, interroga, suspende e põe em questão. O sistema é acêntrico, Telma não é o centro, mas faz circular ideias e atitudes em agenciamento. Ideias, afetos, fluxos sócio históricos, fluxos midiáticos compõem território a explorar. O atrator Telma ajuda a produzir encontro, conduz processos de exploração, de práticas questionadoras para a época e o lugar, mas não está no centro. O atrator arrasta “Não para junto de si, mas para junto da matéria [...]” (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 26). Não há programa, métodos, plano e leituras ordenadas, selecionadas. Cada encontro, cada ação, cada performance e manifesto produzido pelo movimento podem ser bifurcações, multiplicação, novas propagações.

O atrator puxa para um processo, mas o caminho não é pré-determinado, o desenrolar é imprevisível. Ele é uma força que atrai, mas não determina, não impõe. Os resultados são imprevisíveis e intermináveis: cada acontecimento gera novo

movimento de circularidade no processo de aprendizagem. De constância, abertura para o novo e a diferenciação constante de si mesmo.

Pensar nestes processos de aprendizagem pela força disruptiva do atrator caótico, entretanto, não significa pensar que eles estão presentes em todo o processo, que não há momentos de captura pelo discurso hegemônico capitalístico ou que em certos momentos processos de aprendizagem recognitiva não tenham vez.

A ideia de aprendizagem inventiva implica em exercícios, em atenção para o que se constitui coletivamente em certos momentos. Justamente pela sua imprevisibilidade, não há garantias que o atrator caótico esteja conduzindo na “direção certa”. Até mesmo porque nem a ideia de uma “direção certa” que esteja aquém e além dos sujeitos, pronta, bastando alcançá-la coaduna com aprendizagem inventiva.

Abrir para o novo é também abertura para errar, tentar de novo, exercitar, fazer movimentar. Nenhuma perturbação, encontro ou arrasto pelo atrator caótico tem como certos momentos de produção singular o tempo inteiro, de garantia de potencia do sujeito para agir, se produzir e produzir o mundo em que vive a partir destas práticas.

Mas a fala a respeito da vivência com Telma, o tom de voz, o carinho, a forma como guardam cuidadosamente estas lembranças presentes na fala de Carminati e de Ernandes levam para a ideia de que o encontro com Telma foi forte, movente, produtivo.

5.6 Balão em produção

Se aprendizagem não está nos sujeitos, mas nas bordas, no limite do território, Carminati aponta como territórios-limite em seu relato as leituras e a experimentação artística que tem lugar não só em sua participação no Balão Mágico, mas também nos outros movimentos estudantis que antecedem o Balão e também nos movimentos culturais que derivam dele.

As leituras o atraem, exercem um magnetismo que o envolvem e o levam para uma atitude de conversa com os autores. O que se passa na vida entra em comunicação, é agenciado pelo que apreende das leituras. É com os livros que constrói estratégias para as situações vivenciadas no Balão e na vida. Conversa com os autores, trocam ideias, sentimentos, experiências. Agenciamento coletivo, não só porque a leitura é partilhada com os colegas da turma, mas porque esta troca não é a troca de um ou dois parafusos entre máquinas distintas e sim porque o movimento se dá entre os livros e o leitor. Neste “entre” estão os fluxos políticos, ideológicos, familiares, multiplicidades. É abertura dos limites que engendra produção de si e de outros mundos que passa a habitar.

Em cada momento que julga importante ou de virada, de decisão estratégica, aponta leituras como orientadores, como direção que se constitui. Ainda na Engenharia, quando participa do movimento estudantil do DCE:

E com isso a gente começa a ler (faz gesto indicando muitos livros)... Uma formação mais marxista, a que eu tive. “A história da riqueza do homem”, “O socialismo científico utópico”... Uma série de livros que vem da tradição da formação estudantil, uma formação mais marxista. Com isso, comecei a pensar em fazer outro curso. (Trecho da entrevista de Carminati)

As leituras de caráter marxista que faziam parte da vivência naquele movimento estudantil de 1980, na Engenharia, constituem parte do que provoca um estranhamento do curso que fazia e apresenta outro caminho que bifurca, põem em relação afeto pelos livros e ideias que o faz pensar em outro curso. Ou seja, as leituras perturbam, ajudam a constituir o desejo de mudança. Elas apresentam novidade, desviam, provocam.

O território da participação no movimento estudantil é esse lugar de aprendizagem que não está no sujeito, mas nas bordas, no seu entorno. E é nesse território que emerge um movimento contra o movimento, a Turma do Ócio. Também as leituras articulam, co-engendram com o agrupamento de estudantes que não se encontravam em um movimento estudantil hierarquizado, instituído de um modo que não concordavam:

[...] começou a questionar esta estrutura muito em função também de algumas leituras que a gente vai receber [...] e a gente acabou indo também por esta experiência de terapia reichiana. E aí montamos um grupo de estudos sobre Reich com ele e um grupo de estudos sobre Nietzsche e

outro sobre Artaud. Olha bem a trilogia que a gente resolveu pegar. Todos juvenzinhos de 18, 19 e 20 anos, né. (Trecho da entrevista de Carminati)

As leituras articulam com o momento vivido para produzir mudanças, bifurcações. O que chamava de estudos paralelos aparece constantemente em sua fala como formação importante porque constituem, entre outros fluxos, com o momento político e também com o momento de descoberta da juventude, o aprendizado que tem lugar na participação no movimento: “Esta formação foi muito importante para eu largar a Engenharia. Deixei o curso de Engenharia e fui fazer vestibular para o curso de Comunicação.” (Trecho da entrevista de Carminati)

A mudança de curso sinaliza uma transformação radical, a autoconstrução de sujeito que volta o seu olhar para outras experimentações, que permite em si a tessitura de expectativas diferentes pelas leituras e pelas práticas que toma parte nos movimentos estudantis. As leituras e as práticas que ajudam a provocar o estranhamento do próprio movimento estudantil do DCE. O que os livros e os exercícios no movimento estavam construindo em si e no seu mundo já não se adequava ao projeto de vida que vinha experimentando, ao modo como até então estava conduzindo sua vida:

Achei muito mais interessante a atuação na cultura. Fiquei conhecendo Artaud, Ramboldt, Nietzsche, Reich... E aí esta formação foi quebrando um pouco daquela formação que eu tava recebendo, mais marxista, clássica, mais no sentido de projeto revolucionário, da ditadura do proletariado, mais no sentido do socialismo, do comunismo... Então esta formação começou a ser quebrada com esta formação que colocava o humano, combatia o racionalismo, o *strictu sensu*, colocava os afetos como grandes transformadores ou como grandes entraves. E aí agente vai descobrindo que o mundo não muda só por nossa vontade. Risos. (Trecho da entrevista de Carminati)

As leituras são peças que fazem parte de uma engrenagem. Articulam-se com as redes políticas, econômicas, com as forças, as práticas e os saberes para produzir estranhamento, dessubjetivação e nova produção de subjetividades. É a partir das situações que vivenciam que a leitura ganha novo sentido. Já no Balão, após a situação vivida com o professor Domingos em que este nomeia o grupo, para Carminati a leitura serviu de base, apontou um caminho, uma estratégia: “E o Erich

Fromm nos ensinou a usar o estigma a nosso favor. Transformamos ele em algo positivo, e a gente assumiu.” (Trecho da entrevista de Carminati).

O livro articula-se com a situação, ajuda a pensar como superar o estigma, como desenvolver uma estratégia para lidar com ele. A resposta a um problema não está pronta no livro e também não é o fim da aprendizagem no Balão: é a emergência de toda uma rede de articulação, de sensibilidades que são postas para funcionar, de conversa e negociação com outros sujeitos, de preparação e atenção ao presente. A tática de bufão para fugir do estigma é resposta inventiva, foge de mecanicismos e cria outras perguntas, estranhamentos. Volta o olhar para o grupo: somos um grupo? O que fazemos como grupo? O que nos diferencia de outros grupos de estudantes? “Ótimo, é o lúdico, é produto para criança, para o universo da imaginação. É isso mesmo, nós somos a turma do Balão Mágico (risos). Aí criou o nome.” (Trecho da entrevista de Carminati)

Também são as leituras que articulam com as situações vividas, com outros saberes e com a convivência com outras pessoas para produzir subjetividades, para desterritorializar e constituir outros territórios. Desterritorializar é desmanchar territórios existenciais instituídos, é transformar o plano em que se habita. Abandonar o que já está ali e criar outras paisagens. Repensar a universidade, as suas práticas, a forma como se produz conhecimento. E propor outra universidade, outro modo de produzir conhecimento:

A gente propôs uma pesquisa-ação, que é um método do Michel Thiollent, que era um livro bom pra gente, que a gente amou quando leu, porque não separava esta relação da pesquisa e a ação. Para ele as duas coisas estão ligadas, as orientações acadêmicas são fundamentais para sua atuação no mundo, não dá pra separar... E nós adoramos ele. A gente andava com o livrinho debaixo do braço... A gente era dos tipinhos que aprontava muito, mas a gente andava com os livrinhos e lia. (Trecho da entrevista de Carminati)

No movimento circular da cognição inventiva, a abertura para o novo, o deixar-se perturbar se articula com as experimentações, com a matéria-prima, é o presente vivido, no cotidiano. Testar, tatear este território inexplorado que vai se mostrando neste processo de constituir-se. Transformar a estrutura não é apenas visar, perceber-se sensível, é também trazer para o plano da experiência, do manuseio, intensificar e apostar na percepção das novidades. É no exercício, trato com a

matéria que o aprendiz exercita, adquire refinamento, articula e agencia sensibilidade. Deixar se tocar por uma sensação, pelos signos que emanam dos objetos:

Tinha relação também com uma certa liberdade, com experimentação de drogas, o mundo das festas, isto foi entrando com muita força no dionisíaco, vou chamar de dionisíaco que fica mais fácil, mais interessante. Mais conceitual (risos). Este mundo do dionisíaco começou a aparecer muito forte, e a gente usava estes conceitos, o apolíneo... A gente entendia a necessidade da forma, era fundamental. E claro, o dionisíaco... [...] Porque tem isso, perceber o lado de uma certa desconstrução, de uma certa percepção de mundo... (Trecho da entrevista de Carminati)

A produção de si e produção de mundo são indissociáveis. Desconstruir a si mesmo, dessubjetivar, abandonar um território e passar a habitar outro criado, se constituindo, é também reconstruir os seus limites e os limites desse território. Carminati aponta em sua fala para a força das experimentações que atravessam vários campos constituintes do sujeito: experimentação de outro jeito de se colocar em relação com os professores; experimentação de substâncias; experimentações artísticas de teatro, dança, produção de vídeo. Experimentar é o processo de errância, de exploração. Implica uma conduta, uma atitude que corporifica o conhecimento, que realiza movimentos, se faz em agenciamentos.

Experimentar também é uma atenção, uma disciplina que pode ser pensada para além de habilidades manuais. É disciplina de testar, de por em prática, de exercitar o que é composto no plano que não está dentro do sujeito, mas compõe com ele em seus limites, nas bordas entre o sujeito e o movimento. Ler livros sobre arte dramática e produzir mais que peças: produzir atitude e a si mesmo.

As leituras, os encontros, os fluxos políticos, ideológicos e econômicos, os agenciamentos que co-engendram este novo sujeito e lançam também outras aprendizagens que são, elas mesmas, caminhos para novos inventos, novas problematizações:

Então fui fazer teatro. Depois a gente montou um grupo que não era dentro do Balão, mas era um projeto paralelo que era o “Éden Dionisíaco”, com o Celso Adolfo, a Saskia, o Edu Pazolini, a Rosana Paste depois. [...] Era uma afirmação da nossa brasilidade... E a gente fez durante uns quatro anos, fizemos umas quatro peças... Mas aí era um projeto paralelo. [...] Era um período bacana, gostava muito, era muito disciplinado. Ensaio três vezes por semana... A gente ia e montava as peças. Esta parte me realizou

bastante. Não era necessariamente ligado ao Balão, uns faziam parte e os outros não. (Trecho da entrevista de Carminati)

A invenção, a busca por um modo de fazer diferente vai muito além da participação em peças teatrais. Artes cênicas, leituras e produção de vídeos não são um lugar de experimentação que fica do lado, acionados em determinados momentos. O improviso, o exercício de fazer diferente permeia, invade, agencia com as diferentes práticas, nas ações cotidianas. Nos protestos do Balão o uso de ironia e performances, o modo como se colocavam em suas formas de protestar é também experimentação, atitude de agir em acordo com o processo de produção de subjetividade:

Fazia parte do CA, ia pras reuniões de Departamento, só que dentro de uma proposta de intervenção mesmo, que o manifesto tinha nos pautado e a gente tinha aquelas orientações. Era arte, então a gente fazia figurino para ir às reuniões. A gente se grafitava todo, a roupa era toda grafitada, fizemos varias coisas deste gênero. (Trecho da entrevista de Carminati)

Mais que pintar uma tela, ou montar uma peça teatral, fazer da vida uma obra de arte, agir em composição com processos de subjetivação singularizantes, inclusive nos protestos, no modo de ser aluno na UFES em 1980. A roupa, o grafite, as máscaras são marcas que diferenciam, comunicam esta postura e também pretendem, em movimento de contaminação, perturbar, levar adiante as diferenças e causar estranhamento. É o exercício de ser diferente em cada gesto, aproveitar cada oportunidade para inventar.

Em composição com as idéias de Telma sobre arte e as leituras que ela fornecia, a experimentação artística também produz estranhamento sobre o mundo das artes, provoca uma reação a mundo composto por universidade e Centro de Artes que consideram provinciano, conservador. No relato de Carminati, o exercício de desterritorializar e dessubjetivar se constitui também em recusa deste mundo. O que as leituras de vanguarda e sobre o Dadaísmo estavam construindo nele e com ele era uma forma diferente de fazer artes plásticas, de pensar o papel de um Centro de Artes e da universidade na vida das pessoas.

“Mas foi fundamental para minha formação. Tanto o Cineclubes quanto no campo das artes, de você vivenciar os conhecimentos que você lê nos livros, ver ali.” (Trecho da

entrevista de Carminati). Não se trata de conhecimentos estéticos apenas relacionados à produção de vídeo ou uma crítica de arte que vira nota e não produz mudança na vida do sujeito, mas da produção de subjetividade que “constitui matéria-prima de toda e qualquer produção” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 36).

A aprendizagem que se constitui em produção de subjetividade não é apenas do Carminati e nem uma somatória das mudanças no e do Carminati com as mudanças nos e dos integrantes do Balão. Esta produção é um processo coletivo que confrontava a multiplicidade dos modos de ser institucionalizados.

A ruptura e seus efeitos são imprevisíveis no momento da mudança. Mudança na formas de perceber e trabalhar na sensibilidade, mudanças radicais de vida, da forma como conduzir a vida:

Eu vim para fazer escola técnica, por isso que eu fui para a Engenharia. Escola técnica e Engenharia, filho garantido. Emprego garantido na CST. Isso é o que construíram para mim. Eu rompo isso e foi muito bom, mas a família não aceitou muito bem não. [...] Acho que isso é que foi tão intenso, minha (ênfase nesta palavra) mudança foi muito grande. E eu só agradeço ao Balão. Por que eu acho que seria muito infeliz sendo Engenheiro na CST. [...] Ah, eu tô tão bem! Tenho tanta coisa para descobrir, para conhecer que eu não conheço [...] Foi muito importante em relação à paciência, para descobrir que a paciência não é só paciência racionalista. As Artes foram fundamentais, as Artes e a Literatura. [...] Eu tenho que ser tão obediente a estes preceitos de esquerda e direita? Tenho que estar de acordo, que em enquadrar dentro de um destes dois modelos? [...] Hoje eu dou aula de estética. Estética e linguagem do audiovisual. Então eu vejo que muito da construção de uma sensibilidade passou por este caminho do Balão. E de uma possibilidade de ver beleza onde no conceito tradicional você não vê, no feio. Ver o belo no feio ou naquilo que não é proporcional, não tem aspecto e formas proporcionais. Então isso é um aprendizado. Eu tenho certeza que a gente aprende, desenvolve uma sensibilidade, não é dada. (Trecho da entrevista de Carminati)

Na fala de Carminati, dessubjetivação e desterritorialização. Ruptura com os padrões da época, com a subjetividade capitalística homogeneizante e intensificação de processos de produção de subjetividade singularizante, aberta às experimentações, produção de um modo de vida e construção de novas sensibilidades. As experimentações nos protestos, nas produções artísticas, nos modos de relação com os professores e com a universidade são exercícios de ruptura com a subjetividade homogeneizante que classifica e atribui papéis fixos: ou direita ou esquerda. Os efeitos apontam outra relação com o mundo que é produção

de outro, outra forma de se relacionar com família, universidade, carreira, sexualidade, produções artísticas.

No relato de Carminati os agenciamentos, a força caótica da convivência com as pessoas que estão no movimento Balão Mágico, das leituras e das experimentações co-engendram outro Carminati. Produção singular de si mesmo e de mundo.

5.7 O Abraço

Uma relação afetiva de encontro em que um se abre para o outro, toca e se deixa tocar. Uma relação de confiança que possibilita a formação de um plano de intensidades afetivas. Este encontro, por sua vez, produz uma desestabilização do que já está “arrumado” para promover uma nova arrumação, uma nova disposição ou modo de pensar, de produzir. É no contato com o outro que o sujeito se percebe, se faz: “nós só éramos o que éramos coletivamente.” (Trecho da entrevista de Cláudio)

Então eu chego com uma essência mais anárquica e encontro com este grupo que para mim foi muito mais importante que qualquer professor que tive. Eu aprendi mais com estas pessoas, com as experiências que estas pessoas viveram, muito maiores que as minhas. (Trecho da entrevista de Cláudio)

No relato de Cláudio, a narrativa de um abraço. Gesto de abrigar, acolher, de afeto. É no encontro, na convivência, que ele se percebe e se constrói. Na troca, nos acoplamentos com o grupo e com as forças do mundo; a transformação que não segue ordenamento, não exige sequência nem regras para acontecer. No limite, nos meios, nas bordas entre um e outro, a produção de processos subjetivantes. Os sujeitos do Balão e o plano onde a ação toma lugar são constituídos pela própria ação. As experiências passadas e os afetos tensionam, indagam, inventam: “eu acho que eu entro na universidade com uma essência muito própria do que aquele grupo discutia [...] meu pai é a força que me contamina primeiro. Eu chego com o contágio dele [...]” (Trecho da entrevista de Cláudio)

A disposição para contestar, questionar a forma como certos processos se constituem ganha força, agencia plano familiar com a vivência do grupo. Um encontro, comunicação destes fluxos, cumplicidade e recebimento do outro. Há neste encontro, movimento, circularidade, invenção de problema e produção de si: Cláudio se produz neste encontro e também produz um mundo, produz uma nova forma de pensar a universidade e as instituições que a constituem. Neste encontro emerge a possibilidade de perceber que o que se produzia na sala de aula estava em composição com o pensamento homogeneizante e hierarquizante que atravessa o mundo universidade:

[...] as relações que existiam e que nos incomodavam em sala de aula, elas não eram em sala de aula, elas eram um reflexo de um todo. Nós vamos começar a brincar, e aí com muita ironia, com o movimento político estudantil que era o que se fazia dentro da UFES, entendeu? [...] queriam fazer política e não era exatamente a política que a gente achava bacana [...] (Trecho da entrevista de Cláudio)

No encontro, na aproximação, afinidades que geram perturbação, que propõem problema, que forçam o pensamento. O prazer em estar junto, em descobrir junto que não acomoda: desarruma, perturba, provoca uma volta para si e também para a outra temporalidade da cognição, que envolve trabalho. Exercício a partir das leituras e percepções provocadas pelas novas sensibilidades em agenciamento com as forças presentes:

[...] este grupo me motiva demais a estudar, porque era um grupo muito forte, de pessoas muito cultas. [...] E eu vou absorvendo um pouco do que aquelas pessoas falavam, vou procurar (saber) do que eles estavam falando quando não entendia... [...] Esta turma me incentivou muito mais a correr atrás do auto-aprendizado [...] (Trecho da entrevista de Cláudio)

Na sua fala, o agenciamento com as leituras, com o momento político do país e da universidade desconstrói uma universidade e outra se constrói. Na relação de amizade e afinidade com o grupo, passa a lançar outro olhar sobre a universidade, a questionar o seu papel e a produção do conhecimento que nela se efetiva. Nos debates e nas leituras com a turma o estranhamento do mundo, sua desconstrução. Estar no mundo com intensidade, fazê-lo próximo, pensar nos seus problemas. Volta o olhar para o mundo universitário, desterritorializa e territorializa outra UFES. É esta

a universidade que queremos? Qual o papel da universidade e da produção de conhecimento? E o DCE, só pode ou tem de funcionar desta maneira?

Na vivência no Balão, a universidade com seus prazeres e seus problemas se amplia, cresce, ganha espaço e se produz como um mundo e um campo de exercício. A UFES que constroem é cheia de afazeres, de oportunidades, de cores, de tons. Outros cursos, outras pessoas, outras idéias... Repleto, denso e com mais movimento. É o território que habita, onde exercita suas práticas com o grupo. É o lugar de produção coletiva de subjetividade que atrai, que demanda trabalho:

[...] o divertido destas coisas, que é o coletivo da universidade. Que é muito divertido, muito bacana. A gente ia para todas as palestras, todos os filmes... Tudo que a universidade produzia a gente ia, discutia, participava, brigava. E às vezes falava besteira. Logo, se lembrar de algumas coisas que disse e fiz fico com vergonha, mas naquela idade era um barato. Era essencial que a gente passasse por isso. (Trecho da entrevista de Cláudio)

As dimensões que a vida na universidade tomam na sua fala se relacionam, de forma irremediável, também com o que acredita ser o papel da universidade e de quem a faz. Daí decorre uma sensibilidade aos problemas que inventa, não no sentido que estes problemas não existem, mas inventa no sentido da força com que emergem na sua fala e de como se modula, junto com o grupo, para produzir resistência, para produzir outras tramas de subjetividade.

E se “A prática da felicidade torna-se subversiva quando ela é coletiva” (GUATTARI, 1987, p. 58), justamente por subverter, por produzir torções, ela também produz processos de subjetivação e sujeitos outros em suas relações:

[...] nós só tínhamos o compromisso de nos divertir naquele processo... De ir para aquele processo com divertimento, com alegria, sabe? Por isso, se você pegar todo mundo que participou de fato deste grupo, eu diria para você: 95 % das pessoas vão dizer que foi o momento mais feliz da vida deles, porque foi muito divertido. Foi essencialmente divertido. E por isso talvez tenha sido tão importante para a nossa formação como ser humano, para formação de caráter, para uma idéia de vida que eu acho que ainda é da maioria das pessoas, diferente do mais tradicional. Eu acho que isso, por ter sido tão bem humorado, tão divertido, e por a gente ter sido tão feliz nesse processo... (Trecho da entrevista de Cláudio)

O Balão é o território da exploração, da experimentação, do imprevisível que perturba e lança o grupo em invenção de novos problemas. Na fala de Cláudio,

experimentos de vídeo, de sexo, drogas e rock n' roll. Experiência de viver a sua juventude com divertimento, alegria e abertura para o novo. Se para Kastrup (2007, p. 180) mesmo que “a fórmula do aprender a aprender envolve a contínua invenção contra a rigidez dos hábitos”, ainda assim a cognição inventiva nem sempre está garantida. Quando os sujeitos enrijecem regras, condutas; limita-se a capacidade de se sensibilizar com as perturbações e também de inventar meios de saída para suas angústias.

Mas eu acho que pouca gente conseguiu viver com uma intensidade e por tanto tempo. Entendeu? A gente torcia muito para o outro dia vir. Para você ver novamente o grupo. “O quê que a gente vai inventar hoje?” “Com quem que nós vamos brincar hoje?” Isto era, isto foi muito bacana. O Balão Mágico é uma coisa que eu vou lembrar a minha vida inteira. E vou me divertir nas lembranças, porque foi muito divertido. (Trecho da entrevista de Cláudio)

Então, pensar no grupo que se reinventa em diversos momentos, que deriva em outros movimentos e também que se diverte junto, que transforma cada dia em uma aventura a ser explorada indica não para um resultado final, mas para os meios, a circularidade que só se faz em processo de invenção contínua. O Balão se revela, na fala de Cláudio, espaço para produção incessante de si e do mundo.

5.8 A Experiência

Se para Kastrup (acesso em 09 de abril de 2013, p. 20) “aprender marcenaria é ser sensível aos signos da madeira”, então, em um movimento social, um movimento estudantil, ativar processos de aprendizagem também é ser sensível aos signos do contexto que o cerca. Desenvolver novas sensibilidades para os processos de cognição da vida na universidade, da vida na cidade, estar sensível aos fluxos políticos, econômicos, culturais, às produções da máquina heterogênea de subjetividade.

No relato de Ernandes, o exercício que fixa a atenção no presente, que traz para perto dos olhos e das mãos o desenrolar da vida na universidade e na cidade de Vitória nos anos 80:

Era uma universidade estagnada, era uma universidade reprimida, recalcada. Nós tínhamos, por exemplo, todo um corpo docente e discente recalcado, reprimido, resguardado no seu medo natural de afrontar qualquer tipo de pensamento vigente.

[...]

Porque a cidade também era uma cidade reacionária, uma cidade provinciana, atrasada...

[...]

Então nós tínhamos uns processos de ensino muito repressores em algumas disciplinas. E eram processos muito pesados, que você não tinha condição de debater, você não tinha condição de criticar, você não tinha condição de fazer nada. Era impositivo, você tinha que assimilar e aceitar. Principalmente em Teoria da Comunicação. Era uma matéria muito difícil também, os professores muito pesados. Então esse processo todo começa a provocar nas pessoas uma necessidade de reagir. (Trecho da entrevista de Ernandes)

Ser sensível aos signos do objeto de aprendizagem implica uma atenção ao que fala, o que mostra diferença, que interroga e demanda um trabalho. Em sua participação no Balão Mágico Ernandes percebe diferenças, lê ondulações, fissuras e frestas tal qual o marceneiro que se depara com a madeira. O marceneiro conversa com a madeira, lê ali qualidades e essências que o levam a trabalhar nela, a atuar nas diferenças. Porque atuando sobre elas, atua sobre si também. Perceber a cidade e a universidade como atrasadas e repressoras demandou uma leitura dos fluxos, do contexto, do momento de vida e de lugar. A leitura não gera atitude passiva: há que se trabalhar nestas diferenças, com elas. O trabalho é articulação, jogo em conjunto, produção heterogênea.

Perceber a cidade e revelar a universidade em suas diferenças é ser capaz de ler os signos que indicam esta situação. Leitura precedida por um encontro, um momento de desviar o olhar, de quebra de continuidade, de problematização. O momento em que o pensamento de naturalização da vida na cidade e na universidade é perturbado.

Em seu relato, Ernandes aponta as leituras, o contágio com as ideias de Telma e a participação em movimentos estudantis de outros tempos como fontes de perturbação, como aquilo que bifurca e indaga, causa estranhamento no olhar que lança não só para a UFES, mas para a cidade de Vitória. Os livros e as experiências anteriores compõem articulados com o momento histórico, político e social de

democratização, de ruptura e questionamento da ditadura. Formam um campo, um território que não está dentro, localizado apenas nele, mas em um entorno, um entre que articula e o constitui simultaneamente ao processo de agenciar-se às leituras e aos fluxos que atravessam sua época:

Tem naquele momento a volta de Gabeira que traz todo um contexto novo para os movimentos de esquerda, os movimentos políticos, sociais. Então tudo isso provoca uma mudança... Em termos de referências literárias, de referências cinematográficas, de referências filosóficas... Então entra, por exemplo, Guattari com a Revolução Molecular que foi uma base para dar consistência a estes movimentos. Então nesse momento, o que é interessante é que há uma sintonia na Universidade... Aí você vai contextualizar na Universidade Federal do Espírito Santo... (risos) a UFES era no ES, Vitória... Que lugar do mundo é esse? Então há um momento em que toda esta efervescência mundial, esta brisa, também acaba batendo aqui. (Trecho da entrevista de Ernandes)

Agenciamento com as modulações dos movimentos de esquerda, com as novas ideias no campo da filosofia e também do cinema. Também entra em cena o contágio com as ideias de Telma, no Centro de Artes, que funciona como atrator caótico, envolve e puxa para pensar os processos de aprendizagem e a função da arte de uma forma diferente. O envolvimento com Telma também passa pelas leituras que ela proporciona, pela amizade e pela disposição de deixar-se guiar, de abraçar um modo diferente de ser aluno, um modo que bifurca a relação professor aluno. Todas estas experiências e vivências se articulam, são indissociáveis, no processo de cognição via Balão Mágico.

Ernandes traz para o Balão uma bagagem em movimentos estudantis, mas estas experiências modulam, articulam com outros fluxos e fazem lançar novos olhares sobre elas:

Na verdade, eu participei do movimento porque eu já fazia militância tanto cultural quanto estudantil, então na verdade foi uma coisa que passou na vida da gente. [...] Então ela bate num primeiro momento na verdade, entre 81 e 82, que é um movimento que precede tudo aquilo que aconteceu na universidade, que na época a gente chamava de Ócio, que era um movimento que questionava, por exemplo, as imposições acadêmicas ao livre pensar, a busca pela autonomia do pensamento, a busca pela necessidade da pesquisa... Era um movimento extremamente intelectualizado, por isso que ele causava algum estranhismo naquele momento. (Trecho da entrevista de Ernandes)

As experiências de movimentos estudantis anteriores comparecem, mas não se repetem. A experiência dobra sobre si mesma, se contrai e modula, está em processo de mudança, pois o meio perturba. As novas questões, as novas leituras e encontros forçam o pensamento a deslocar e, no novo modo de fazer parte do movimento estudantil, há desvios, deriva, outros caminhos e outras formas de lidar com as questões que emergem: “O hábito, na medida em que introduz a diferença na repetição, é a condição da experiência e da subjetividade” (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 18).

A experiência anterior comparece para se articular, para compor com as interrogações, as bifurcações, as diferenciações que são propostas. Tal qual o músico está sempre inventando, buscando novas composições e harmonias que são derivas também da experiência musical anterior, no movimento estudantil Balão Mágico Ernandes compõe a experiência em outros movimentos com os agenciamentos humanos e maquínicos, pois “A *performance* não é repetição mecânica, ela implica num agenciamento com fluxos, aprendizagem sempre envolve devires paralelos” (KASTRUP, 2007, p. 175). E desta composição, entram em campo experimentações, exercício de transformar, de agir em acordo com o que a participação no Balão propõe.

A sensibilidade ao contexto, ao que se passa na Universidade e no restante da cidade de Vitória não se reduz ao ato passivo de sentir, mas também implica em ação. É por meio das práticas, pelos exercícios e ações que o sujeito se produz, produz subjetividade. A prática orienta, ajuda a definir o processo de cognição também criando limites, determinando ritmos e intensidades. Contraindo hábitos, também há contração de subjetividade (KASTRUP, acesso em 09 de abril de 2013, p. 19).

Se “A subjetividade não é um dado, um ponto fixo, uma origem.” (KASTRUP, 2007, p. 204) e ela é processual, acontece em meio a processos; é na prática, no exercício, na ação que ela tem lugar: em meio a processos de produção de novas formas de ser sensível, de pensar, de interrogar e de agir. Este processo de contração de subjetividade, que é a cognição, também não centra no sujeito, mas tem lugar no coletivo, entre as composições com outros sujeitos cognoscentes, as instituições, os agenciamentos maquínicos. A prática é coletiva, é exercício de

composição, de se ater e ao mesmo tempo seguir em frente. Na prática coletiva, as respostas aos problemas derivam e apresentam outros problemas:

Então houve milhões de situações, milhões de atos que foram... Teve o baile de máscaras, que também foi legal. Teve a passeata nazista. Porque eles acusavam a gente de ser um grupo... Porque a gente fazia tudo junto, então parecia uma tropa de choque nazista. Então nós fizemos uma passeata nazista uma vez para mostrar o quê que era um grupo nazista. Todo mundo fantasiado... Então era assim, era um deboche, tinha um processo que também era muito aliado ao escárnio, ao deboche, à ironia. Porque era a época também disso, então se debochava muito... Em determinados momentos nós fizemos... Enterros, a gente fazia um atrás do outro. Enterrava, enterrava... (Trecho da entrevista de Ernandes)

A prática tem dupla função: fixar o aprendizado e interrogar a si mesma, não se bastar. Ao mesmo tempo em que a mão do marceneiro vai se agenciando à forma da madeira e das ferramentas para transformá-la, vai caminhando em um tempo por sensibilidade e imprevisibilidade e não só por regras. Para que o processo da aprendizagem não cristalize, não se reduza a reconhecimento é preciso interrogar seu gesto, a forma como toma os instrumentos e, em agenciamento com o meio, com novas sensibilidades e desejos produzir movimentos diferentes para produzir novas formas com a madeira, novos entalhes.

É a sensibilidade, a capacidade de dirigir a atenção ao que diferencia, ao que interroga e que também demanda do grupo proposições, soluções para os problemas que os tocavam: mudança do espaço do curso de Comunicação do CCJE para o CEMUNI, demandas por mudança de equipamentos no curso, criação de uma rádio universitária, mudanças no cardápio do RU e até mesmo a ideia do centro de vivências.

A aprendizagem no movimento estudantil então não pode estagnar nas mesmas formas de contestação, no mesmo discurso, na repetição. É preciso estar atento aos signos da cidade, da universidade, do que ocorre no mundo. Em outras palavras, é preciso atitude de abertura, de experimentar, de abraçar também novas causas, revigorar o movimento.

Este movimento foi se diluindo também depois em cinema, em rádio pirata, em artes plásticas... Porque deixou de ser um movimento da universidade e passou a ser um movimento cultural quando, por exemplo, a imprensa começa a cobrir, a fazer cobertura das ações que eram realizadas pelas pessoas. Então isso começa a ter uma repercussão na cidade, uma

repercussão grande... E isso começa também a causar na cidade um certo desconforto. (Trecho da entrevista de Ernandes)

A deriva do Balão é constante: de movimento que nasce na sala de aula em contestação aos modos de produção da relação professor aluno até se envolver nas questões da universidade e daí, bifurcar para movimento artístico em composição, em agenciamento com os fluxos que atravessam a vida no campus, mas estão para além deles.

Há envolvimento, aproximação que não fecha o processo de aprendizagem, que também envolve sensibilidade ao contexto, em círculos cada vez maiores. O processo interrogativo, inventivo, de produção de problemas neste movimento estudantil implicou em ampliação, em movimento paradoxal: a aproximação cada vez maior com o que se faz leva a ampliação, a uma visada de distância. Duplo movimento: aproximação e distanciamento. Aproximação para deixar-se tocar, sensibilizar, ler o que o contexto fala, demanda. E distanciamento para ampliar a visada: de onde isso vem? Como estas coisas que nos tocam, estes problemas que percebemos dentro da universidade dialogam com a vida além dos muros da UFES?

Os processos homogeneizantes e hierarquizantes do Capitalismo Mundial Integrado apresentam seus efeitos em sala de aula, mas ali está a ponta. Seguindo “a pista” do problema, chega-se aos modos de relação e conduta instituídos dentro da universidade. Continuando a exploração, o desdobramento das bifurcações, chega-se a uma constituição dos modos de vida na cidade.

Produzir artisticamente era a forma de resistir ao modo de existir em Vitória nos anos 80 que encontraram. E como resistência, também era a forma de produzir a si mesmos, de produção de mundo e de produção de subjetividade. O movimento artístico era a forma de re-existir na cidade. Fazer filme, teatro, rádio e artes plásticas como deriva do movimento que nasce em sala é ação circular: desaprender-aprender-desaprender e aprender de novo. Contestar por meio da arte, contestar por meio de novo modo de vida, porque o que incomoda a cidade não são apenas as peças de teatro ou filmes ou quadros; o que incomoda a cidade é o modo de ser Balão.

O ser irremediavelmente ligado ao fazer: eu sou o que eu faço, eu faço o que eu sou. Fazendo e sendo:

E na vida cultural de Vitória foi um movimento de antes e de depois. Foi um movimento que redefiniu um monte de coisas, porque havia exposições, havia lançamentos de... Na época a gente retomou toda a produção de audiovisual do estado, que estava parada, com vídeo. Quando a gente retoma com vídeo na década de 80, a produção de áudio visual do estado estava parada desde a década de 60 para 70. Nós retomamos na década de 80 a produção com vídeo como referencia, não película que era muito caro, mas voltamos a produzir longa metragem. (Trecho da entrevista de Ernandes)

Cognição como movimento circular não é sinônimo de gesto fechado, redundante, que volta ao mesmo. O movimento circular é de ampliação, a volta que dá é para se indagar, para olhar para si e abrir os braços, ampliar o gesto, o olhar. A deriva do movimento Balão Mágico de estudantil dentro da UFES para artístico em Vitória não é apreendida da mesma forma por todos os componentes. O sentido coletivo da aprendizagem não implica que todos apreendem da mesma forma, se produzem no mesmo molde. Coletivo tem sentido de co-engendramento, de composição, de algo que acontece no contorno, na borda, nos limites onde os sujeitos se tocam.

Assim, se a bifurcação não implicou em caminho que o movimento toma em agenciamentos, em resposta às perturbações para todos do Balão; para Ernandes foi a ampliação da aprendizagem, oportunidade de se engajar em novas invenções, novos problemas, de constituição de si e do mundo. Implicou em nova produção de subjetividade.

5.9 Conexão Balão

Processados nas bordas, nos limites, na “zona nebulosa” que há entre o sujeito e os outros sujeitos, os processos cognitivos, em seu caráter coletivo, acontecem no território que é compartilhado.

Na fala do Prof. Ismael, que é professor do curso de Comunicação da UFES e foi professor da turma da qual emerge o Balão Mágico, aparece sua vivência com o movimento Balão, o modo como este encontro perturba, causa breakdown e o

convoca a experimentações, novos olhares sobre si mesmo e sobre os processos de ensino e aprendizagem:

[...] eles já falavam “é, vocês se preparem que a turma que vem aí é barra pesada”... Risos... Que é a turma do Balão. Aí eu dei a matéria de... Se não me engano a matéria chamava Sistemas de Comunicação. No início tivemos algumas desavenças, mas depois houve uma aproximação. [...] Algo que eu percebi e de certa forma, por ser novo também, estava com 29 anos, fui também cedendo...

[...]

Comigo, nunca houve maiores embates com eles. E nessa época era casado com uma professora de Psicologia e ela era terapeuta Reichiana... Então havia também um clima de abertura para estas idéias, né... E eu, influenciado por ela e pelas leituras que eu fazia também... Eu tinha um olhar diferente para este comportamento deles. (Trecho da entrevista de Ismael)

No encontro entre os membros do Balão e Ismael uma relação de cumplicidade vai se constituindo. Uma disposição para habitar um território em que a relação entre professor e aluno é diferente do que até então, de acordo com seus relatos, viam como instituídas na Universidade. Há compartilhamento de um plano comum onde professor e aluno não precisam estar em relações de hierarquia, onde não há necessidade de processos duros, rígidos. Este encontro, este território comum que vão criando implica agenciamento, comunicação direta de fluxos, aproximação.

Esta zona de vizinhança que é engendrada, espaço para trocas, é modulada, é um espaço onde as experiências comparecem provocando, perturbando, fazendo com que o professor também volte o olhar para si e resgate experiências do passado, ressignificando-as, dando a elas outros contornos e demandando, em função destas modulações, uma relação de apoio:

A ideia deles era a relação professor-aluno... Eles reivindicavam muito a liberdade. E o que me fez aproximar deles, que de certa forma me fez dar mais atenção a eles... Eu fui muito inspirado por alguns professores em São Paulo, na PUC, que prezavam muito... Principalmente um professor argentino, que não sei se é vivo ainda, chamado Leon Pomer, um historiador. Eu fui fazer a matéria dele no mestrado de História. E ele colocava a liberdade acima de tudo. Ele achava que um clima de liberdade, mesmo com algumas falhas, era melhor do que as certezas de negócio autoritário... Risos... Assim, autoritário, fechado, travado... E eu me encantei muito com as aulas deste professor, com a metodologia dele, o jeito dele de trabalhar. [...] E como este núcleo do Balão trazia estas questões, então eu me interessei e de certa forma dei corda também. (Trecho da entrevista de Ismael)

A reivindicação do Balão por uma relação menos hierarquizada em sala de aula se agencia com a vivência e sua relação com outro professor, desperta sensibilidade para o se passa dentro do curso e faz com que tenham um campo compartilhado, um território onde não precisa fazer parte do Balão para que estejam em uma relação de apoio, de confiança.

Criar uma relação com o movimento estudantil Balão e deixar-se tocar por ele, deixar que ele provoque alterações na sua conduta, abalo na sua rotina, não implica necessariamente customizar roupas e andar junto o tempo inteiro. Mas, a partir do encontro, onde há compartilhamento de visão sobre os modos de ensino, criam um campo comum, um território, um lugar onde trocam experiências e tecem aprendizados:

Havia uma repulsa por aqueles métodos tradicionais. Aliás, eles estavam certos. Em relação a alguns professores eles estavam certíssimos. Um certo espírito de caserna que eles foram aos poucos derrubando.

[...]

Tinha que mudar, tinha que fazer algo. Era por aí, eu tenho certeza de alguns deles devem pensar assim com relação àquilo, mas realmente, foi uma reação a um modelo que já estava esgotado na minha humilde opinião. Tinha mesmo que reagir, tinha muita chatice sim.

[...]

Eu lembro (do grupo) “desancando” com um professor do curso de Direito. Eles pegaram muito pesado, mas estavam certos. Aquilo ali era certo. Realmente, você não podia tolerar professor... Os alunos de Direito tinham feito um painel acusando as faltas destes professores. Professores hipócritas, gente que faltava demais e depois reprovava aluno por falta. E eles pegaram pesado com essa gente também. (Trecho da entrevista de Ismael)

Da simpatia inicial ao esforço para que as idéias do Balão fizessem sentido, Ismael relata um esforço, tentativas para criar um plano de trocas. Afirma que não era parte do movimento, mas este o convoca, força deslocamentos, exercício e trabalho para lateralizar, para compor junto.

É neste espaço de troca, de experimentações, de compartilhamento de entusiasmo e dificuldades que nasce uma relação que não insere Ismael no Balão da forma ativista tradicional, mas que insere o Balão em seu mundo e o faz bifurcar, voltar o olhar para si e interrogar, produzir problemas:

Eu me lembro que eles fizeram um seminário aqui nas Pedras... Eu participei do seminário! Uns dois dias ou três... Risos... Seminário feito por eles. E eles traziam leituras... Lembro que por indicação deles fui ler um livro... “Porque os professores fracassam...” Algo assim, eu tenho quase certeza que o título é esse. [...] Aliás, até como forma de compreendê-los eu comecei a ler uma série chamada “Encanto Radical”. Não era da Ática não, era desses livrinhos pequenos de bolso. Encanto Radical, o nome da coleção. Assim, se a gente entrar no Google recupera ainda. Eu não lembro direito, mas eu li procurei ler. (Trecho da entrevista de Ismael)

Errância, tateamento, busca. Sensível às questões que o Balão trazia sobre a relação professor aluno, Ismael também volta o olhar para suas práticas. A ação de buscar leituras para compreender as ideias que o Balão trazia, de participar do seminário e também de ler livros sugeridos por eles sinaliza abertura, disposição para experimentar esta relação, investimento no que estavam construindo e no que poderia emergir a partir daí.

É com riso no rosto que Ismael lembra o que a turma aprontava:

Eu passei lá um dia, seria na altura na décima segunda aula mais ou menos, e vi a sala toda enfeitada. Penduraram uns baldes, com vela acesa dentro... Risos... Eu não sei dar o nome... Eu não tive arte no meu currículo... Risos... Fizeram tipo um enfeite de carnaval, com papel higiênico pelo teto. E em cima do quadro fizeram um painel com papel e escreveram assim “os últimos dias de Pompéia”... Gargalhadas. (Trecho da entrevista de Ismael)

A ironia, as performances, a irreverência da turma produz efeito. A relação de cumplicidade que se estabelece também tem efeitos no Balão, como aparece em alguns momentos no relato de Carminati. Os integrantes do grupo, sentindo-se apoiados vêem na figura de Ismael um companheiro e juntos, vão experimentar ações em causas comuns: aparelhamento do curso, mudança de espaço dentro da universidade e também a própria eleição de Ismael para chefe de departamento:

Nós tínhamos uma sala de redação, um estúdio razoavelzinho de televisão e tínhamos umas duas salas de pranchetas. Na época se usava pranchetas. E todo este espaço foi do trabalho desta comissão com o reitor Abi-Zaid, que deu uma “acomodadazinha” à Comunicação. [...] E isso foi um trabalho depois de toda esta revolta que o Balão armou, várias as ocupações... Risos.

[...]

Aí vai ser de fato no ano de 86 que eu vou ser chefe de departamento. E o apoio deles foi decisivo... Ninguém quis enfrentá-los... Risos e Gargalhadas... Foi graças ao Balão... (Trecho da entrevista de Ismael)

Há um problema, um projeto compartilhado pelos integrantes do Balão e por Ismael: o curso de Comunicação. O modo de ser aluno e ser professor no curso. Estar junto do movimento em ações e experiências específicas desloca não só quem está no movimento, mas também o entorno, os limites que habitam tanto balonetes quanto Ismael e outros professores. O aprendizado é do modo de estar na vida, no modo de abertura para novidades, para questionamentos, para experimentar ações de resultado imprevisível, onde quatro não é a certeza de dois mais dois.

Este aprendizado também é exercício, se faz na prática, não tem resposta dada nem poderia usar a analogia do computador, que mudamos suas configurações e ele passa então a operar somente da nova forma programada. Este novo modo de estar, de olhar para, de pensar em um modo de estar no território é exercício, é processual, volta sempre para questionar e produzir novos olhares:

Às vezes eu tinha uma recaída, ficava um pouco na defensiva, mas não havia tanta estranheza para mim. E isto de certa forma facilitou o relacionamento. O professor de Comunicação, no resultante, é um professor liberal. (Trecho da entrevista de Ismael)

Na fala de Ismael, composição entre ele e o grupo. Agenciamento, comunicação sem intermediação. Acoplamento: encontro das idéias sobre metodologia de ensino, relação professor aluno, fluxos e multiplicidades. O acoplamento não é encaixe de peças de quebra-cabeça: ninguém é tão incompleto a ponto de só fazer sentido junto e nem tão fechado em sua forma que só cabe em lugares pré-determinados. O acoplamento é o ajustamento, troca, um modificando o outro. Na relação que estabelecem, se completam e se transformam.

O agenciamento implica um território que habitam, modulações. Na produção de subjetividade coletiva que partilham, há “recusa de um certo tipo de ordem social” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 36). Recusam o modo instituído de ser aluno e de ser professor, recusam o espaço e a atenção que o curso ocupa dentro da universidade bem como recusam também modos hierarquizantes e fechados, sem espaço para trocas e diálogos.

Nesta composição, nesta articulação e circulação de afetos, um ajuda a constituir o outro: por meio das perturbações, das problematizações que o Balão traz Ismael deixa-se tocar e se põe em exercícios de reinvenção. E os sujeitos do Balão, por sua vez, se fortalecem como movimento estudantil quando o apoio de professores abre um espaço para as falas e reivindicações, abre espaço para práticas e potencializa as modulações e demandas do movimento.

6 1994

1994. A rua da Lama estava lotada. Playboys, patricinhas, hippies, surfistas, malucos... Todo mundo se encontrava ali. Quer dizer, todo mundo que também freqüentava o outro lado da Av. Fernando Ferrari: a UFES.

Os bares da Lama também eram de várias tendências; rock, GLBT, copo-sujo e padrão Praia do Canto. No canteiro que dividia a rua em duas mãos Woody Allen, o hippie que na verdade parecia mais com John Lennon, vendia artesanatos e contava histórias de graça. Nas calçadas e também dividindo o canteiro com Woody, jovens rindo, flertando ou apenas de olho no movimento não ligavam muito para estas demarcações e ocupavam democraticamente o canteiro.

O canto do rock n' roll era o Argentino's, o bar e pizzaria do Argentino (claro!). Lá, figuras lendárias da Lama batiam cartão, meninas bêbadas usavam o banheiro e, ocupando a preferência dos freqüentadores, a jukebox reluzia.

O grupo de estudantes que entrou no Argentino's era calouro e embora não tenham sofrido nenhum trote, sentiam como se estivessem entrando sem permissão no templo sagrado dos veteranos. Parecia que a palavra "calouro" estava tatuada na testa.

- Tá vendo aquele cabeludo ali, com camisa indiana azul? Ele é veterano do curso. Fornece as explicações para as amigas sem tirar os olhos do rapaz.

- Ouvi dizer que já está quase jubilando. A amiga não agüenta e solta.

Sem jeito, titubeantes, elas arrastam cadeiras e sentam em uma mesa. Ainda incertas sobre como proceder, como agir. Batalharam muito, estudaram, enfrentaram maratona de vestibular e tinham o direito de estar aqui, no meio deles. Mas saber e sentir isso eram coisas distintas. Afinal, como calouras, elas não seriam consideradas abusadas? Ou será que esta era a atitude padrão? Como entrosar?

Jimi Hendrix pendura no ar as últimas notas de Foxy Lady e as conversas ficam mais altas. A cerveja, que a estas alturas já estava na mesa das meninas, dá coragem para iniciar a discussão: quem vai na jukebox? O quê vamos colocar?

- Pô, põe a Janis.

- Não, acho melhor algo mais moderno, tipo Nirvana.
- Tá louca? Olha a cara do pessoal! Nirvana grita que somos adolescentes, vamos ser enxotadas daqui. Vão chamar a gente de “menor”, chamar o conselho tutelar...
- Gente, vamos decidir logo. Daqui a pouco alguém vai lá, põe uma briga de porco e pronto, não vai dar nem para conversar.

Uma das meninas toma coragem, porque tomou mais copos, levanta e vai até o caixa. Compra a moeda e se dirige à máquina. As conversas altas indicavam que as pessoas não estavam observando atentamente o que ela fazia, mas o coração batia tão alto dentro do peito que a sensação era de estar caminhando em uma passarela extremamente iluminada e que acima da jukebox localizavam-se canhões de luz ao invés das velhas lâmpadas incandescentes com seu brilho amarelo pálido.

Inseriu a moeda, apertou vários botões e esperou. O som das vozes diminui à medida que Jim Morrison pede que alguém acenda seu fogo³¹. Ela fica ainda alguns segundos em frente à máquina, só para estar de prontidão aos primeiros gritos de “tira esta porcaria daí”. Nenhum grito. Nenhuma vaia.

Girando lentamente, observa os rostos das mesas próximas como que pedindo aprovação. O veterano cabeludo pisca e sorri.

Com o sorriso atravessando o rosto e também cantarolando “Come on baby light my fire”, ela volta para mesa aliviada. Feliz.

Agora sim, era estudante de Comunicação da UFES.

³¹ Light my fire – música do The Doors

7 REFERÊNCIAS

- A GAZETA. **Denúncias não impedem posse no DCE**. Vitória, p. 23, 12 jun, 1986.
- ALMEIDA, Amylton. **O melodrama cultural e a fúria do Balão Mágico**. A Gazeta, Caderno Dois, Vitória, p.2, 25 mar, 1986.
- ANJOS, Tinoco dos. **Dono da Usina impede pichação**. A Gazeta, Caderno Dois, Vitória, p. 3, 13 Jun, 1986.
- BATISTA, Doca. **A ceia da fome e da repressão**. A Gazeta, Caderno Dois, Vitória, p. 2, 23 dez, 1986
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 11. ed. rev. - Petrópolis: Vozes, 2011.
- HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Trad. Julio Jeha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo de cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007
- _____. **Aprendizagem, arte e invenção**. Psicol. estud., Maringá, v. 6, n. 1, June 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Apr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722001000100003>.
- _____. **Políticas Cognitivas na Formação do Professor e o Problema do Devir-Mestre**. Revista Educação & Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. 9. ed. - São Paulo: Palas Athena, 2011.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010.

Por uma política da narratividade. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010.

PEIXOTO, Cícero. **A desobediência civil na Ufes**. A Gazeta, Caderno Dois, Vitória, p. 03, 30 abr, 1986.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. **O homem sem qualidades. História oral, memória e modos de subjetivação**. Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, ano 2, N. 2, 2º semestre de 2004. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v4n2/artigos/ARTIGO2V4N2.pdf>>. Acesso em 27 de março de 2012.

ROQUE, Tatiana. **Resistir a quê? Ou melhor, resistir o quê?** Lugar Comum - Estudos de Mídia, Cultura e Democracia. Nº 17, setembro 2001- abril 2002, PP. 23 a 32. Disponível em <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120949Lugar%20Comum%2017_compelto.pdf>. Acesso em 26 de fevereiro de 2013.